

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
DOUTORADO EM LITERATURA COMPARADA
LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA CULTURAL

Volume II
Anexos

A LÍRICA DE IMIGRANTES
PORTUGUESES NO BRASIL MERIDIONAL
(1832-1922)

Artur Emilio Alarcon Vaz

Prof^a Dr^a Maria Zilda Ferreira Cury
Orientadora

Belo Horizonte, 12 de maio de 2006

SUMÁRIO

Volume II - Anexos

1. Relação de obras, bibliotecas consultadas e modo de transcrição	3
2. Relação de periódicos, bibliotecas consultadas e modo de transcrição	7
3. Biobibliografia dos poetas	11
4. Normas para transcrição fidedigna dos poemas	18
5. <i>Coleção das poesias ao muito alto d. Pedro II</i> , de Antônio José Domingues	20
6. <i>O suicida salvo pelo amor e pela amizade</i> , de Antônio José Domingues ...	43
7. Poemas de Antônio José Domingues em periódicos e antologias	64
8. <i>Aquarelas</i> , de Silvino Vidal	86
9. Poemas de Silvino Vidal em periódicos e antologias	91
10. <i>Frisos de luz</i> , de Azevedo Júnior	139
11. Poemas de Azevedo Júnior em periódicos	167
12. Poemas de Pinto Monteiro em periódicos	198
13. Poemas de Rocha Galo em periódicos	204
14. Poemas de Joaquim de Almeida em antologias	227
15. <i>Cedrim</i> , de Albino Costa	229
16. <i>As epopéias da raça</i> , de Albino Costa	239
17. Poemas de Albino Costa em periódicos e antologias	251

1. RELAÇÃO DE OBRAS, BIBLIOTECAS CONSULTADAS E MODO DE TRANSCRIÇÃO¹

⇒ *Coleção das poesias ao muito alto D. Pedro II*, de Antônio José Domingues. Pelotas, 1852²

O livro foi fotocopiado a partir do único exemplar encontrado, no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS). Alguns poemas foram publicados anteriormente em jornais rio-grandinos e pelotenses e em fólios avulsos impressos em 1852 pela “Tipografia Imparcial de Melo”. Cópias desses fólios estão reproduzidos no livro *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* e foram cedidos pelo autor Mário Osório Magalhães.

⇒ *O suicida salvo pelo amor e pela amizade*, de Antônio José Domingues. Rio de Janeiro, 1858

Encontrado somente na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Rio-Grandense. A edição da biblioteca carioca foi microfilmada. Após digitalização pela empresa GERIFOR (Belo Horizonte, MG), o poema foi digitado e revisado.

⇒ *Mausoléu levantado à memória da excelsa Rainha de Portugal, D. Estefânia*, de Bernardo Xavier Pinto de Souza (org.). Rio de Janeiro, 1860

A fotocópia, para posterior digitalização e digitação do poema de Antônio José Domingues, foi feita de um dos dois volumes idênticos existentes na Biblioteca Rio-Grandense³. A Biblioteca Nacional de Portugal possui outros dois exemplares. Não consta do acervo da Biblioteca Nacional, nem na Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo, SP) e também não é citado pelos pesquisadores da obra da poetisa Beatriz Brandão.

¹ *Musa antiga*, de Joaquim de Almeida, foi o único livro não encontrado em nenhuma das instituições procuradas.

² Esse título é uma simplificação que mantém o sentido do título original: *Coleção das poesias que ao muito alto e muito poderoso senhor D. Pedro II Imperador defensor perpétuo do Brasil oferece, dedica e consagra Antônio José Domingues*. Essa simplificação é comum em títulos dessa época, como feito na obra mais conhecida de Delfina da Cunha, geralmente referida como *Poesias* e não o título original *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses por Delfina Benigna da Cunha*.

³ O mesmo processo foi feito com o poema “Lágrimas do Brasil”, de Beatriz Francisca de Assis Brandão, do qual foi fornecida uma cópia à pesquisadora Eliane Vasconcelos (da Casa Rui Barbosa), pois ainda não tinha tido acesso a nenhum exemplar dessa obra.

⇒ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, 1869-1879

Os exemplares foram consultados na Biblioteca Rio-Grandense. Fez-se cópia fotostática das páginas de interesse, para posterior digitação.

⇒ *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, abril de 1875 a fevereiro de 1877

Só foram encontrados alguns exemplares no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS) e um na Biblioteca Rio-Grandense (n° 3, ano II, junho de 1876). Os poemas foram coletados *in loco* em ambas as instituições.

⇒ *Revista Literária*. Porto Alegre, 6 de fevereiro a 20 de novembro de 1881

As composições de Silvino Vidal foram coletadas a partir dos arquivos digitalizados da Biblioteca Nacional, que possui os mesmos 38 exemplares do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre, RS).

⇒ *Frisos de luz*, de Azevedo Júnior. Porto Alegre, 1884

Há diversos volumes idênticos na Biblioteca Rio-Grandense, de onde foi fotocopiado um exemplar para digitação dos textos.

⇒ *Aquarelas*, de Silvino Vidal. Rio Grande, 1885

A edição da Biblioteca Rio-Grandense está encardenedada junto com o livro em prosa *Margarida*, do mesmo autor. Há outro exemplar na Biblioteca Pública Pelotense (Pelotas, RS). A cópia manuscrita *in loco* foi feita em ambos exemplares para posterior digitação.

⇒ *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1885-1891

Houve somente uma consulta esporádica nas edições desse anuário, que ainda pode conter produções dos autores selecionados.

⇒ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. Rio Grande, Pelotas, 1889-1917

Os anos pesquisados foram consultados na Biblioteca Rio-Grandense. Fez-se cópia fotostática das páginas de interesse, para posterior digitação.

⇒ *Almanaque do Estado*. Porto Alegre, 1892-1914

Houve somente uma consulta esporádica nas edições desse anuário, que pode ainda conter poemas dos autores selecionados.

⇒ *Almanaque Popular Brasileiro*. Pelotas, 1894-1908

Foram pesquisados os anos 1895, 1897, 1899, 1900, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 - sem que se tenham obtidos poemas de interesse - na Coleção Guilhermino César da Biblioteca Pública Estadual do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS). A edição de 1907, que também existe na PUCMinas (Belo Horizonte, MG), contém um texto em prosa de Albino Costa.

⇒ *Almanaque Bertrand*. Lisboa, 1900-1970

A maioria dos anos pesquisados foi consultada na Biblioteca Estadual Luiz de Bessa (Belo Horizonte, MG). Alguns exemplares foram consultados na Biblioteca Central da PUCRS (Porto Alegre, RS) e outros no Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ). Em todos, houve a coleta *in loco*.

⇒ *Flores do campo*, de Lobo da Costa. Pelotas, 1904

O poema de Pinto Monteiro, inserido originalmente na obra de Lobo da Costa, foi copiado da edição *Obra poética*, organizada por Alice Campos Moreira.

⇒ *Cedrim*, de Albino Costa. Lisboa, 1915

As produções poéticas foram transcritas de um exemplar da segunda edição, ainda disponível para venda, que reproduz a parte poética de forma *fac-similar* e, posteriormente, comparou-se com a primeira edição do acervo do Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ). A Biblioteca Nacional de Portugal e Real Gabinete Português de Leitura possuem exemplares das duas edições e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP possui um exemplar da primeira edição.

⇒ *As epopéias da raça*, de Albino Costa. Rio de Janeiro, 1922

Há na Biblioteca Rio-Grandense dois volumes idênticos, um dos quais foi fotocopiado. O Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ), a Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo, SP) e a Biblioteca Nacional de Portugal catalogaram seus exemplares com o nome da folha de rosto: *A epopéia do azul*. Houve a conferência *in loco* nas três bibliotecas brasileiras, cujas edições diferenciam-se somente por dedicatórias, autógrafos e carimbos.

2. RELAÇÃO DE PERIÓDICOS, BIBLIOTECAS CONSULTADAS E MODO DE TRANSCRIÇÃO

⇒ *O Mercantil do Rio Grande*. Rio Grande, 1835-1840

Conforme Francisco Neves das Alves (2005, 95), há exemplares no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, RJ), Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Pelotense, Biblioteca Rio-Grandense e MCSHJC. Não foi feita nenhuma busca nesses jornais, que podem conter poemas de Antônio José Domingues.

⇒ *O Rio-Grandense*. Rio Grande, 1845-1858

Os textos de Antônio José Domingues foram coletados no acervo do Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ), que tem a maioria dos exemplares entre 1847 e 1856. Não foram realizadas pesquisas na coleção existente na Biblioteca Rio-Grandense e outras bibliotecas gaúchas.

⇒ *Diário do Rio Grande*. Rio Grande, 1848-1910

A pesquisa de poemas de Antônio José Domingues nos exemplares de 1862 no acervo do Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ) foi sem sucesso. Não foram realizadas pesquisas na coleção existente na Biblioteca Rio-Grandense e outras bibliotecas gaúchas.

⇒ *Brado do Sul*. Pelotas, 1855-1861

Houve a pesquisa entre os anos de 1859 e 1861 no acervo da Biblioteca Nacional, não sendo identificado nenhum poema de Antônio José Domingues, embora tenham sido encontrados dados sobre seu falecimento nos números de setembro de 1860.

⇒ *Eco do Sul*. Rio Grande, 1855?-1934

Houve a pesquisa entre os anos de 1859 a 1890, embora o acervo da Biblioteca Rio-Grandense seja praticamente completa no período republicano. A pesquisa se estendeu também a outras bibliotecas: Biblioteca Pública Pelotense, MCSHJC, IHGRGS, Biblioteca Nacional, Arquivo Edgard Leuenroth (Campinas, SP) e Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro, RJ). O detalhamento atualizado dos exemplares encontrados em cada biblioteca pode ser visto em www.dla.furg.br/ecodosul/colecao.htm.

⇒ *Álbum Semanal*. Porto Alegre, 2 de junho de 1872 a dezembro de 1873

Os poemas do Silvino Vidal foram coletados *in loco* nos poucos exemplares encontrados: três exemplares de 1872 (n° 18, 20 e 22) no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e outros dois de 1873 (n° 34, ano I e n° 28, ano II) na Biblioteca Rio-Grandense.

⇒ *Mercantil*. Porto Alegre, 1874 a 1898

Há muitos números avulsos espalhados por diversas instituições: IHGRGS, MCSHJC, BRG e BN. Os poemas de Azevedo Júnior foram coletados *in loco* nas instituições gaúchas, não havendo acesso aos exemplares da BN.

⇒ *O Mosquito*⁴. Porto Alegre, 1° de fevereiro a 18 de outubro de 1874

Os textos de Silvino Vidal foram transcritos a partir das pesquisas nos exemplares da Biblioteca Rio-Grandense (n° 23, 5 de julho), MCSHJC (n° 28, 9 de agosto) e, posteriormente, da Biblioteca Nacional, com 38 números. Não houve consulta na coleção do IHGRGS, que possui o único exemplar conhecido do número 39 (18 de outubro) em sua coleção, devido à restrição de acesso pelo mau estado do material.

⇒ *Social*. Porto Alegre, 1874

Foi coletada *in loco* uma produção poética de Azevedo Júnior no exemplar existente na Biblioteca Rio-Grandense (n° 5, de 4 de outubro), o único exemplar conhecido desse periódico.

⇒ *O Ferrão*. Porto Alegre, 20 de agosto a outubro (?) de 1876

Os poemas de Azevedo Júnior foram coletados nos únicos dois exemplares encontrados, um na Biblioteca Pública Pelotense (n° 1, de 20 de agosto) e outro na Biblioteca Rio-Grandense (n° 9, de 17 de outubro).

⁴ Conforme Athos Damasceno, “*O Mosquito* circulará como folha autônoma até 2 de agosto de 1874, data em que passa a ser órgão oficial da sociedade *Ginásio Literário*, resultante da fusão de dois grêmios locais - *Culto às Letras* e *Amor à Literatura*” (p. 74).

⇒ *O Trovador*. Pelotas, 1876 a 1877(?)

O único exemplar encontrado desse jornal (o n. 3, ano II, de 29 de abril de 1877), com um poema do Pinto Monteiro, foi digitalizado a partir do acervo do Arquivo Edgard Leuenroth.

⇒ *Álbum Literário*. Porto Alegre, 1877

Nesse jornal, que não tinha sido citado por nenhum autor, foi coletada *in loco* uma composição de Azevedo Júnior no número 5 (de 15 de abril) existente na Biblioteca Rio-Grandense, o único que se teve conhecimento.

⇒ *O Colibri - Periódico joco-sério*. Porto Alegre, 15 de abril de 1877 a 1878(?)

Houve a pesquisa somente em dois exemplares, um da Biblioteca Rio-Grandense e outro da Biblioteca Nacional. Provavelmente há mais poemas de Azevedo Júnior entre a coleção quase completa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que não foi pesquisada devido à restrição de acesso pelo mau estado do material.

⇒ *Álbum de Domingo*. Porto Alegre, 7 de abril de 1878 a 1 de abril de 1879

A busca aos textos de Azevedo Júnior ocorreu *in loco* nos jornais do ano de 1878 existentes no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e na Biblioteca Rio-Grandense e, via cópia digitalizada, nos números de 1879 existentes na Biblioteca Nacional. Não houve acesso a alguns números de 1879 existentes somente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, devido à restrição de acesso pelo mau estado do material.

⇒ *O Caixeiro - Periódico joco-sério*. Porto Alegre, 1878 a 1879(?)

Foram coletados *in loco* poemas de Azevedo Júnior nos quatro exemplares existentes no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (de 02 de junho de 1878) e na Biblioteca Rio-Grandense (15 de setembro de 1878 e 02 de fevereiro e 8 de setembro de 1879). Posteriormente, houve a pesquisa na coleção da Biblioteca Nacional, que possui o exemplar de 3 de novembro de 1878 e a quase todos exemplares do segundo ano do jornal (de 27 de abril a 8 de setembro de 1879).

⇒ *O Telefone*. Porto Alegre, janeiro de 1879 a 1882

Os poemas de Azevedo Júnior foram coletados *in loco* nos exemplares da Biblioteca Rio-Grandense, os únicos encontrados: n° 3, 6 e 23 (de 1880) e n° 1 de 5 de fevereiro de 1882.

⇒ *O Lábaro - Semanário Científico e Literário*. Porto Alegre, 1880 a 1883⁵

Há a coleção completa dos anos de 1880 e 1881 na BN e no MCSHJC, além de exemplares de 1882 e 1883 da Biblioteca Rio-Grandense. Os textos foram transcritos a partir da digitalização do acervo da Biblioteca Nacional e os exemplares do MCSHJC foram consultados para esclarecer dúvidas em algumas palavras. Dos exemplares da Biblioteca Rio-Grandense (n° 32, de 1882 e n° 7, de 17 fev. 1883), a transcrição foi realizada *in loco*.

⇒ *O Contemporâneo*. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1886 a março de 1888(?)

Os poemas de Azevedo Júnior foram coletados nos únicos dois exemplares encontrados (n° 30 de 15 de agosto de 1886 e n° 9 de 18 de março de 1888), ambos existentes no acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

⇒ *Kaleidoscópio*. Porto Alegre, 10 de março a agosto de 1887(?)

Os únicos três exemplares - n° 1, 2 e 19 - desse periódico foram encontrados na Biblioteca Rio-Grandense, de onde foi transcrita uma composição de Azevedo Júnior.

⇒ *A Gazeta Portuguesa*. Rio Grande, dezembro de 1903 a fevereiro de 1904

Apesar do sugestivo título, esse semanário rio-grandino, editado por Armando Apolinário da Costa Neves, não contém nenhum poema produzido no estado sulino nos quatro números (n° 1, 5, 9 e 10) encontrados na Biblioteca Rio-Grandense.

⁵ O jornal *O Lábaro*, fundado em 10 de outubro de 1880, de propriedade de Azevedo Júnior, era publicado ao domingos e se anunciava como um “semanário científico e literário”, possuindo quatro páginas. Embora a maioria da bibliografia sobre periodismo gaúcho cite o término do jornal em 25 de dezembro de 1881, a Biblioteca Rio-Grandense possui exemplares de 1882 (n° 32, ano III, de 20 de setembro) e 1883 (n° 7, ano IV, de 17 de fevereiro), modificando assim a data de término geralmente estabelecida

3. BIOBIBLIOGRAFIA DOS POETAS

O poeta **Antônio José Domingues** nasceu em 23 de julho de 1791 em Lisboa, onde fez os estudos primários e secundários. Emigrou para o Brasil em 1808, passando pela Bahia, Rio de Janeiro (onde cursou Farmácia e atuou por alguns anos) e posteriormente no Rio Grande do Sul (Santo Antônio da Patrulha, cerca de 1812-1822; Pelotas, 1823-1844 e 1844-1860 e Rio Grande, 1842-1844). Na região sul do estado, destacou-se como poeta, latinista e professor público e como defensor da monarquia.

Conforme Magalhães (1993, p. 264), Antônio José Domingues declamou alguns “elogios poéticos” em 7 de abril de 1832 (na instalação da vila de Pelotas), mas só fez imprimir “seus versos a partir de 1852”. Foi, junto com Carlos von Koseritz, um dos primeiros a publicar em Pelotas durante a década de 1850, colaborando n’*O Pelotense*, o primeiro jornal dessa cidade.

Além das obras poéticas, foi encontrado de sua autoria o livro *Discurso recitado em 06 de março de 1856*, publicado pela Tipografia Berlink, em Rio Grande, em 1856 (atualmente encontrado somente na Biblioteca Rio-Grandense). Caso único na presente tese, foi encontrado um poema manuscrito seu no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

O jornal *O Rio-Grandense* de 30 de janeiro de 1856 cita o pianista Sebastião José Domingues como filho do “ancião Antônio José Domingues”. Sua morte em Pelotas, em 5 de setembro de 1860, foi confirmada em exemplares do jornal *O Brado do Sul* microfilmados na Biblioteca Nacional, desfazendo as dúvidas de diversos autores sobre sua morte⁶.

⁶ O jornal *O Brado do Sul* de 11 de setembro de 1860 é publicado no “dia em que terá lugar a missa de sétimo dia” e no dia 16 é reproduzido um discurso feito nessa missa. A data correta era indicada somente pelo *Almanaque do Rio Grande do Sul de 1904* (p. 115), que reproduz o discurso pronunciado por Antônio de Vasconcelos Vieira Diniz na missa de trigésimo dia e publicado originalmente no jornal *Diário do Rio Grande* de 11 de outubro de 1860. A obra de Inocêncio (1867, p. 199) não faz referência à sua morte, mas Blake (1883, v. 1, p. 213) faz referência ao ano de 1865 como o da morte do poeta, sendo copiado por Guilhermino César (1971, p. 165), Ari Martins (1978, p. 187), Osório Magalhães (1993, p. 265) e Afrânio Coutinho (2001, p. 609).

Inocêncio Silva menciona que Antônio José Domingues teria sido ‘colaborador do *Liberal*, folha política, que por algum tempo se publicou na referida província’ (1867, p. 199). Tal jornal foi publicado no ano de 1863 em Rio Grande, sendo portanto impossível a participação do poeta. Fica aberta a possibilidade de ser outro jornal gaúcho, como *O Liberal Rio-Grandense* (1835-1836), o que é improvável.

A maioria dos dados biográficos de Francisco Guilherme **Pinto Monteiro** ainda permanece desconhecida. Nasceu em Portugal, provavelmente no ano de 1845 (conforme certidão de óbito), mas não se tem conhecimento de quando emigrou para o Brasil e se veio diretamente para o Rio Grande do Sul. É provável, no entanto, que tenha passado sua infância nesse estado⁷.

Em janeiro de 1874, publica seus poemas com a indicação de que moraria em Pelotas. O *Eco do Sul* de 12 de março de 1875 traz uma notícia que poderia indicar sua atividade e que já estaria morando em Rio Grande: “F. G. Pinto Monteiro compra escravos de ambos os sexos e todas as idades. Saca também à vista, por todos os vapores, sobre a praça do Rio de Janeiro. Rua dos Príncipes, 130”. Em 21 de outubro de 1876⁸, casou-se com a poeta Julieta de Melo Monteiro, co-fundadora do jornal *Corimbo* (1883-1943).

Em setembro de 1879, era agente do jornal *O Caixeiro* (n° 11, ano II, p. 8). Vera Teixeira de Aguiar (2004, p. 65), identifica-o, a partir de uma nota retirada do jornal *A Ventarola*, em número não-identificado, como sendo o proprietário do jornal ilustrado *Comédia Social*. No entanto, Francisco das Neves Alves (2005, p. 57) afirma que o jornal, lançado em 2 de outubro de 1887, não identificava o responsável pela sua publicação.

Conforme Alice Campos Moreira (1991, p. 271) e Elvo Clemente (1953, p. 165), Lobo da Costa dedicou o poema “Minha terra” (publicado em *Flores do Campo*, 1904) a Pinto Monteiro, autor de outro texto elogiando Portugal com o mesmo nome, “Minha terra”. Conforme notícias de jornais da época, faleceu em Rio Grande, em 23 de janeiro de 1889, sendo constantemente lembrado em poemas pela viúva, principalmente no *Corimbo*. Sua esposa Julieta lhe dedica um poema em vida no *Corimbo* (número 18, dezembro de 1886), descrevendo-o como “Filho da terra bendita/ Onde Camões despertou,/ Su’alma toda se agita/ Pelo torrão que deixou”.

⁷ O eu-lírico do poema “Ao meu amigo Filinto Perry” fala que passou sua infância com o rio-grandino do título, nascido em 1844 e que se mudou para o Rio de Janeiro aos 15 anos.

⁸ Essa data foi confirmada pela certidão de casamento obtida em Núcleo de Documentação de História da FURG. A data foi calculada a partir da publicação do poema “Cantos e flores”, dedicado “À minha esposa” e publicado em abril de 1877, no qual o eu-lírico relata que “há seis meses que vivo ditoso”. A data coincidia com a mudança do nome de Julieta de Melo (assinando um poema no *Álbum Literário*, de 10 de maio de 1875) para Julieta de Melo Monteiro (na lista de colaboradores do *Progresso Literário*, de 11 de fevereiro de 1877). A partir desse documento, foi possível a localização da certidão de batismo de Julieta, em que fixa a data de seu nascimento em 21 de outubro de 1855, contrariando todas as referências bibliográficas existentes até então. Informações disponíveis em www.dla.furg.br/sl.

O poeta, romancista e teatrólogo João Gualberto **Silvino Vidal** nasceu na cidade portuguesa de Albergaria Velha, em 22 de março de 1850. Já em Porto Alegre, publicou seu primeiro poema conhecido no jornal *Álbum Semanal*, em 1872. Em 1874, editou o efêmero jornal *O Mosquito*, juntamente com Damasceno Vieira e Múcio Teixeira. Foi membro do Partenon Literário (cuja revista publica três contos e diversos poemas) e da Sociedade Ensaio Literários, em cujas revistas publicou diversos textos em prosa e poesia entre os anos de 1874 e 1877. Também assinava usando suas iniciais S. V.

Após, mudou-se para Rio Grande, onde atuou nos jornais *Diabrete* (1878? - 23 de março de 1879), *Eco do Sul* e *Diário de Rio Grande*, além de publicar os livros *Margaridas* (prosa, 1880) e *Aquarelas* (poesia, 1885). Silvino Vidal participa, ainda, como colaborador, da *Revista Literária*, de Porto Alegre entre os anos de 1881 e 1882. Não se obtiveram dados biográficos pós-1885⁹, nem se sabe se continuou produzindo ou publicando. Morreu em Pelotas, em 9 de agosto de 1937¹⁰ e sua certidão de óbito confirma 87 anos de vida.

Joaquim Carlos de Almeida nasceu em Segadais, a 1^o de dezembro de 1865, vindo para o Brasil em 1877, residindo sempre na cidade de Rio Grande. Usava o pseudônimo de Quim d'Al. Poucos dados foram obtidos além dos fornecidos por Ari Martins (p. 27), que se refere a poemas dispersos em jornais de Rio Grande, que não foram encontrados, assim como seu livro poético *Musa antiga*. Os únicos poemas coletados estão publicados no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*.

O jornal, *A Discussão* de 4 de maio de 1887, traz a lista da nova diretoria eleita na Sociedade Congresso Português D. Luís I, sendo Joaquim Carlos de Almeida designado como bibliotecário. No jornal *Rio Grande*, de 29 fev. 1928 (ano XV, n. 47, p. 1), há a prosa “Falar, ler, escrever, contar”, assinado por Quim d'aAl. Não se conhecem, entretanto, a data e o local de seu falecimento.

⁹ A única exceção é o *Almanaque do Comércio* de 1894 (p. 12), que indica João Gualberto Silvino Vidal como Escriturário da Alfândega, deixando vago se o escritor está estabelecido em Rio Grande ou em Uruguaiana.

¹⁰ Hessel (1976) informa erroneamente a data de falecimento em 04 de julho.

José Antônio da **Rocha Galo** nasceu na cidade do Porto, provavelmente em 19 de março de 1852¹¹, vivendo desde criança no Brasil. Através dos textos publicados no jornal *Eco do Sul*, sabe-se que Rocha Galo viveu em Rio Grande (entre 1874-1876), Jaguarão (1877-188?), Montevidéu e novamente em Rio Grande.

Foi colaborador dos jornais rio-grandinos *Eco do Sul* (1874 - 15 de janeiro de 1876; 1880 - 1890) e *Diabrete* (abril de 1876 - 187?) e do pelotense *Progresso Literário* (1877). Foi redator do *Atalaia do Sul* (Jaguarão, 187?), *Onze de Julho* (Jaguarão, 187?), *Pátria* (Montevidéu, 188?-1885), *Diário Mercantil* (Rio Grande, 1889) e *Eco do Sul* (Rio Grande, agosto de 1888 - 9 de janeiro de 1889).

É considerado, por João Pinto da Silva (1930, p. 44), como um dos primeiros críticos e biógrafos de Lobo da Costa, tendo publicado o prefácio da primeira edição das *Dispersas*, do autor pelotense. O *Eco do Sul* de 30 de abril de 1886 mostra-o como sendo eleito como primeiro orador do Clube Saca-Rolhas, antigo clube rio-grandino.

Em 25 de março de 1890, morreu afogado na praia do Cassino, em Rio Grande. Como exemplo do apreço que Rocha Galo tinha no meio jornalístico e literário, o jornal rio-grandino *Corimbo*, nos meses seguintes, publica diversas manifestações em poemas e elogios fúnebres e registra a publicação póstuma de *Algumas peças de teatro*, livro que não encontrado em nenhuma biblioteca.

De sua autoria, encontrou-se somente o libreto *Discurso proferido nas exéquias de D. Luís I, mandadas celebrar pela colônia portuguesa na Igreja da V. O. Terceira de N. S. Carmo na cidade do Rio Grande*, na Biblioteca Rio-Grandense. Não consta que haja publicações em livro da produção poética, crítica ou teatral de Rocha Galo.

¹¹ A data é baseado no texto do *Eco do Sul*, de 25 de março de 1890 (p. 2): “José Antonio da Rocha Galo era português de nascimento, natural de Porto, e muito criança tinha vindo para o Brasil, cuja nacionalidade adotara há cerca de um ano. Contara apenas 38 anos completados no dia 19 do corrente. Tinha enviuvado há meses, e deixa 5 filhos, que se acham em companhia de sua avó, em Jaguarão”. Esse trecho confirma dados obtidos na sua certidão de óbito e em outros jornais da época.

Joaquim José Teixeira **Azevedo Júnior** nasceu em Póvoa do Varzim, provavelmente em 17 de outubro de 1856¹², mas não se obteve informações sobre sua imigração. Foi diretor e proprietário de diversos jornais em Porto Alegre: *O Colibri* (1877 e 1878), *O Caixeiro* (1878 e 1879), *O Lábaro* (1880 a 1883) e *O Contemporâneo* (1886 a 1888), tendo trabalhado também em *O Mercantil*. No jornal *O Lábaro*, publicou editoriais e traduções, como da prosa *Um drama social*, do escritor chileno Alberto Blest Gana (1830-1920). *O Contemporâneo* (18 de março de 1888) mostra que traduziu o romance *A filha do assassino*, do francês Xavier de Montepin (1823-1902).

Azevedo Júnior era sócio da *Sociedade Partenon Literário*, tendo publicado em diversos números da revista em 1884 e posteriormente reuniu alguns de seus poemas no livro *Frisos de luz*. Na contracapa do volume, há uma lista de traduções feitas por ele: *Um amor inalterável*, *Um casamento parisiense* e *Um drama social*, além da publicação, em “quatro volumes”, de *A filha maldita*, feita em conjunto com Clarimundo dos Santos. Constam ainda, os livros de poesias *Galvanismos* e *Fulgurações*, além de *Esferóides*, livro de contos, que estariam “a publicar”. Essas obras “a publicar” provavelmente ficaram inéditas, pois não se encontrou nenhum exemplar, nem referências suas em dicionários ou periódicos.

Não se obtiveram dados biográficos do período em que viveu em Pelotas, embora essa presença seja provável pela publicação de poemas seus no *Diário de Pelotas* (em 1883) e pela confusão de alguns autores de que era pelotense. Faleceu em São Leopoldo (RS), em 12 de abril de 1888. Sua certidão de óbito informa que era casado, português e que faleceu aos 31 anos.

¹² Essa data é calculada a partir da certidão de óbito. Athos Damasceno Ferreira e Ari Martins (p. 57) fornecem o ano de 1863, considerada improvável pois Azevedo Júnior teria que ser proprietário do jornal *O Lábaro* com 17 anos incompletos. Hessel (1976, p. 118) informa o nascimento como em 17 de outubro de 1840, na cidade de Pelotas; dados repetidos na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Blake apenas afirma que o autor “faleceu no Rio Grande do Sul, sua pátria, em abril de 1888, no verdor dos anos”.

O poeta e jornalista **Albino Costa** nasceu na cidade portuguesa de Cedrim da Vouga (concelho de Sever de Vouga), em 28 de fevereiro de 1858¹³, desembarcando em Recife a 30 de dezembro de 1869 (cf. COSTA, 1992, 23), aos onze anos¹⁴. Na cidade de Pelotas, publicou poemas e diversos textos em prosa, além de fundar e dirigir diversos jornais (*Diário de Pelotas*, 1881; *Tribuna Literária*, 1^o de janeiro a 23 de abril de 1882; *A Pátria*, 1887- 15 out. 1888).

Nessa década, morou em Santana do Livramento (entre 1882 e 1885, cf. COSTA, 1992, 179-180) e Montevidéu (onde dirigiu o jornal *A Pátria*, em 1885-1886). Nessas cidades, respectivamente, nasceram seus primeiros filhos: Mário (provavelmente no ano de 1883) e Esther (cerca de setembro de 1886).¹⁵

Após a proclamação da República, torna-se cidadão brasileiro “pelo áureo decreto com que a grande república neo-lusitana da América do Sul, logo ao nascer, incorporou na sua poderosa nacionalidade os estrangeiros então residentes em seu vasto e opulento território” (COSTA, 1922, 39). Esse decreto¹⁶, editado em 26 de novembro de 1889, autorizava “conceder naturalização a todo o estrangeiro que a requerer, independente das formalidades”.

Após a morte de seu filho Mário, retorna para a cidade gaúcha de Livramento, onde liderou um movimento, tornado popular através da

¹³ N’A *Pátria*, de 28 de fevereiro de 1888, consta que o dia marca o trigésimo aniversário de Albino Costa, então diretor do jornal pelotense. Essa data também combina com sua declaração de que “em 30 de dezembro de 1869, aportei ao Recife. Tinha onze anos e dez meses de idade.” (COSTA, 1992, p. 23). Na ficha da sua obra no acervo da Biblioteca Mário de Andrade, consta o ano de 1858 como nascimento. Na *Enciclopédia de literatura brasileira*, de Afrânio Coutinho, a data consta como 17 abr. 1857.

¹⁴ Eulália Lobo mostra que garotos eram enviados em busca de fortuna no Brasil e “como uma forma de diminuir a despesa e de obter um seguro para o futuro quando o emigrante enriquecido retornaria à terra natal e poderia servir de arrimo aos pais” (2001, p. 21).

¹⁵ Esses dados são calculados a partir de poemas seus. O poema “Mário” é dedicado ao filho morto de cinco anos (cf. *Eco do Sul* de 19 de maio de 1888). O registro de nascimento deve ter sido feito na igreja, pois o cartório local mais antigo data somente de 1889. A busca pela certidão de óbito nos cartórios pelotenses também foi infrutífera. Através do poema “Quinze anos”, publicado no livro *Cedrim* e datado de 23 de setembro de 1901, chega-se ao nascimento da filha, ocorrido quando o poeta morava na capital uruguaia (cf. COSTA, 1915, p. 190).

¹⁶ Esse decreto é o de número 13 do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, sendo incorporado posteriormente à Constituição de 1891. A *Revista do Brasil*, de jul. 1922, assim como outras fontes do início do século XX, informa que se tornaram cidadãos brasileiros todos “os estrangeiros que se achavam no Brasil a 15 de novembro de 1889 e não declararam dentro de seis meses da proclamação da Constituição o ânimo de conservar a nacionalidade de origem” (p. 305), mas não se obteve confirmação da lei (artigo 69 da Constituição de 1891) com esse teor.

imprensa, que obteve o alfundamento de produtos trazidos do Uruguai, na intenção de acabar com o tradicional contrabando na fronteira. Na busca desse objetivo, mudou-se para o Rio de Janeiro, com a esposa e filhas (Ester e Jacira), onde ficou até 1897 (cf. COSTA, 1992, 181). Nesse ínterim, publica *Memorial sobre alfândega* (Livramento, 1899) e *A indústria do charque* (Rio de Janeiro, 1905), ambos disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense¹⁷.

A 12 de agosto de 1902 (cf. COSTA, 1992, p. 23), embarcou pela primeira vez para Portugal, numa viagem que demorou dezoito dias, tendo visitado a cidade natal e a casa paterna, além de escrever vários poemas publicados posteriormente no livro *Cedrim*.

Múcio Teixeira, no jornal carioca *O Imparcial* de 13 de abril de 1914, dá como sendo em 13 de abril de 1904 a mudança definitiva de Albino Costa para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, Albino Costa publicou poemas nos jornais locais, além de enviar constantemente poemas e textos em prosa para periódicos gaúchos, demonstrando assim que ainda mantinha uma ligação com o estado sulino.

Documentos que constam no final de *As epopéias da raça* e relatos constantes em *Cedrim* demonstram que Albino Costa esteve em seu país natal mais duas vezes. O primeiro retorno teria ocorrido em setembro de 1912, quando doou um avião para Portugal (cf. COSTA, 1992, p. VII). O último retorno seria em novembro e dezembro de 1913 (cf. COSTA, 1992, p. VIII-117). Não há certeza se esteve novamente em 1915, quando é publicado seu livro *Cedrim*.

Com certeza, Albino Costa estava novamente no Rio de Janeiro em agosto de 1920, quando publicou um texto sobre a obra de Fernando Costa, falecido no mês anterior, e que foi reproduzido no *Almanaque Bertrand* de 1922. O ano de 1939 desse almanaque traz a única informação sobre sua morte, que teria ocorrido “em novembro de 1937 no Brasil” (COSTA, 1938, p. 58).

¹⁷ Essa instituição possui ainda o livro *Albino Costa e a criação da Alfândega*, de Ivo Caggiani, publicado em Santana do Livramento em 1961.

4. NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO FIDEDIGNA DOS POEMAS

Antônio Houaiss, em seu *Elementos de bibliologia*, define edição fidedigna como aquela que é calcada “sobre um único exemplar-fonte” e “com indicação prévia do critério que presidiu ao seu estabelecimento” (HOUAISS, 1967, p. 274). É com base nesses parâmetros que realizei a edição dos anexos, onde busquei facilitar a leitura dos poemas ao esclarecer as citações e as alusões de ordens geográfica, histórica e mitológica, tornando-os inteligíveis para os leitores atuais, conforme recomendação de Segismundo Spina (1994, p. 86).

Já que o contexto da publicação dos poemas e dos autores alude a contextos particulares da História do Brasil e de Portugal, foram criadas notas identificadoras dos nomes próprios usados pelo poeta, “para facilitar ao leitor interessado o acesso a mais informações sobre eles” (MIRANDA, 1997, p. 19). Destaca-se, também, a intenção de fazer coincidir o fim de estrofes com o fim das páginas para evitar dúvidas na divisão de estrofes, que ocorre muitas vezes na leitura dos originais. Os casos em que a dúvida persistiu estão destacados em notas de rodapé ou com um asterisco à esquerda do último verso da página original. Outra forma de impedir esse problema foi a inclusão da forma do poema (soneto, quadras etc.) junto à indicação bibliográfica.

A seguir, os critérios na reprodução dos poemas constantes no volume II, principalmente os casos em que houve mudança dos originais.

1. Houve a atualização da **ortografia** e da **acentuação** (inclusive a crase) conforme as normas vigentes, tomando como referência os dicionários - inclusive eletrônicos - Aurélio e Houaiss. Aqui, incluem-se os nomes próprios e o uso de apóstrofes na época (d’esta). As exceções ocorreram nos casos em que haveria mudança no metro poético, deixando assim as formas arcaicas dicionarizadas.
2. **Erros tipográficos** evidentes foram corrigidos. Em caso de dúvida na intenção, optou-se pela inclusão de uma nota explicativa.
3. A **pontuação** foi corrigida nos casos em que contraria a norma atual. Nos demais casos, permaneceu conforme o original.

4. O uso de **maiúsculas** ou, em raros casos, minúsculas em início de verso foi mantido. Mantiveram-se também, pela expressividade, palavras com inicial maiúsculas normalmente grafadas com minúscula.
5. Uniformizou-se sempre em **maiúsculas** após ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação. Uniformizou-se também o uso de minúsculas após dois pontos e nos casos em contraria a norma atual, como, por exemplo, nos meses e dias do ano.
6. Os **estrangeirismos**, em geral, foram mantidos com a grafia e a forma de destaque originais. Nos casos em que se optou pela mudança na forma de destaque (maiúscula para itálico, p. ex.), foi incluída uma nota de rodapé.
7. O **destaque** de certas expressões - com itálico, maiúsculas ou com aspas na fonte original - foi uniformizado com a adoção de aspas para todos os casos.
8. Mantiveram-se os numerais; as interjeições (exceto entre *oh* e *ó*); o uso de pronome pessoal reto e erros de sintaxe.
9. As **notas de rodapé** originais foram incluídas com o símbolo * e a indicação inicial *Nota original do autor*, exceto pelas notas do livro *As epopéias da raça* que, pelo número excessivo, foram colocadas ao fim da seção. As notas incluídas na tese seguem numeração a cada divisão por obra e autor.
10. As **epígrafes** foram mantidas e uniformizadas sempre para a direita e em fonte 10, com o texto em itálico e sempre sem aspas. Sempre que possível, foi feita a indicação sobre o autor e a obra de onde foi extraída. Somente num caso, destacado em nota de rodapé, o cotejo com o original serviu para corrigir o texto usado na epígrafe.
11. As **notas finais**, presentes principalmente nos periódicos, foram unificadas à direita. A abreviação dos nomes dos autores foi mantida no intuito de demonstrar as mudanças no uso do nome pelo poeta.
12. Nos casos em que as **diferenças das versões** são mínimas, publicou-se a posterior. Nesses casos, uma publicação serviu para corrigir gralhas evidentes da outra, sendo destacado em nota explicativa. Em quatro poemas¹⁸, optou-se pela inclusão de ambas versões coletadas pelo excesso de mudanças.

¹⁸ Os anexos contêm as duas versões coletadas de “Nênia” e “À minha irmã”, de Silvino Vidal, e “Dormindo” “A cortesã”, de Azevedo Júnior. As variantes encontradas entre as duas publicações do poema “Ao hospital da Caridade”, de Antônio José Domingues, foram colocadas em nota de rodapé.

5. COLEÇÃO DAS POESIAS QUE AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR D. PEDRO II IMPERADOR E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL¹

Ao Conde de Caxias Ode

Inda o Anjo do Império, Ilustre Conde
Inda o campo da Glória Te reclama,
 O campo em que plantaste
A bendita oliveira vicejante,
Que de frutos alastra o chão da Pátria.

Inda brilha outra vez a Tua estrela
Sobre augusta missão que, armando os bravos
 A prol da humanidade,
Vai seus foros vingar, varrer da terra
Monstros, que folgam co gemer dos tristes.

Não veremos falanges aguerridas,
Nas aras da ambição depondo as palmas,
 Nem veremos, ó Pátria,
Para obter o sorriso de um tirano,
Com sangue humano mitigar-lhe a sede.

Não cora ante a Razão o audaz guerreiro,
Que ao brado da Justiça acode, e voa
 Ao bélico certame,
Para arrancar as vítimas ao crime,
E de atroz servidão reivindicá-las.

Nobre, augusta missão, Egrégio Conde,
A Teu gênio o Brasil comete afoito,
 Ante o pendão, que arvoras,
Indignado ressurgue o pátrio brio,
E no márcio fragor arrosta Erinis.²

Já vejo, nem m'íludo, recuando,
Bárbaras hordas, que teu raio acatam;
 Vejo no pó desfeita
De tartárea opressão a férrea vara,
E abafados ais dar campo aos hinos.

A paz, e sempre a paz é Tua empresa;
Esta mesma Te clama, que desarmes
 Esses rábidos³ tigres,
Que, cevados no sangue, em sangue tingem
Do Prata majestoso as turvas ondas.

¹ DOMINGUES, Antônio José. *Coleção das poesias que ao muito alto e muito poderoso senhor D. Pedro II, Imperador e defensor perpétuo do Brasil*. Pelotas: Typografia C. A. Melo, 1852.

² Erinias são divindades infernais (Tisífone, Aletto e Megera), cuja missão era vingar os crimes dos homens. Há citações Ésquilo, Virgílio (*Eneida*) e Fernando Pessoa.

³ Rábido é aquilo cheio de raiva, de cólera; raivoso ou que provoca reação de medo, horror; violento

Ela mesma Te clama, que, na frente
 D'invencíveis legiões, na marcha ovante
 Derribes⁴ venturoso
 Esses torvos ciclopes, que lhe vedam
 Sobre os povos reinar, e as Leis com ela.

No presente, e porvir as nações cultas
 Hão de, ó Conde, saudar-Te jubilosas;
 Da vera Liberdade
 Verdadeiro Campeão, lá tens a História
 Que há de em páginas d'ouro eternizar-Te.

Tens o Céu, que Te envia, e Te sustenta;
 A causa das nações é causa sua;
 Hão de cantar Teus feitos
 Ditasas gerações, é Teu destino
 Deixar Teu nome em corações gravado.

Aos bravos do Império ⁵

Armavelit poscatque simul rapiatque juventus.
 Virgílio, livro 7º verso 34.

*Corra ao grito da pátria a juventude
 E co'as armas na destra a pátria vingue.*
 Tradução livre do autor.

Finalmente raiou, desfeita a nuvem,
 Este dia imortal, em que os guerreiros
 Do brasílico império, à voz de Temis⁶,
 Vão da pátria indignada os sacros foros,
 Pela audácia em demência conculcados,
 Impávidos vingar. A humanidade,
 Farta de ultrajes mil apenas críveis.
 Do antro da opressão soltando acentos,
 Que na tortura dor exasperada
 Arranca delirante; a humanidade,
 Dos bravos invocando a espada, o raio,
 Vê mavórcios⁷ leões com garbo ovante
 Ir-lhe a causa pleitear, e em lide honrosa
 Levar a canibais lição terrível.

Nunca viram mortais mais santa empresa;
 Nunca o gênio marcial deu sons de alarma
 Mais dignos da razão e da justiça.

⁴ O verbo derribar significa, no contexto, derrubar, privar alguém do poder ou comando.

⁵ O poema tem estrofes irregulares. O asterisco à esquerda mostra a quebra de página na fonte primária.

⁶ Provavelmente Ártemis, equivalente a deusa romana Diana, deusa grega da caça e da competição.

⁷ Mavórcio, relativo a Marte, é um adjetivo sinônimo de belicoso, guerreiro, marcial.

Onde as águias do Sena, onde o leopardo
 Tem o jus das nações deixado inulto,
 O auriverde pendão fará que as bordas
 Do tigre assolador às leis se curvem,
 Ou que sintam na frente rebentar-lhes
 O raio vingador.

Missão sublime.

Missão digna d'heróis, livrar a um tempo
 De jugo aviltador um povo em ferros,
 Dar-lhe de novo a cara independência,
 Trocar-lhe a vida de amargura e pranto
 Pela vida sem par do homem livre,
 Arrancar-lhe do peito lacrado
 O abutre do terror, soprar-lhe o fogo,
 Que acende em corações valor superno,
 Restaurar nesses campos tão formosos,
 Tão fecundos outrora a grata indústria,
 Que de messes recubra lourejantes
 Os ossos que das vítimas alvejam.
 Missão digna d'heróis, quebrar o cetro
 Da satânica fera, cujo sopro,
 Do cólera rival, derrama ao longe
 O caos, a escravidão, o roubo, a morte;
 Que no acesso do orgulho, que demência!!!
 Julga ver as nações temer-lhe os roncões.

Missão digna d'heróis, fechar o abismo,
 Dar ingresso à moral religiosa,
 Essa filha do céu, em cujo seio
 As leis e a doce paz repousam, folgam.

Que prodígios, ó Deus, se os bravos pugnam,
 Para os foros manter da sã justiça,
 E erguer do aviltamento a humanidade!!!
 Solene, como nunca, a voz da pátria
 Nos chama, cidadãos, ao márcio jogo.
 Sobre a base da força a paz assenta
 A planta majestosa; a torpe ignávia
 Ao brio nacional extirpa o gérmen,
 É mãe do vil temor, chama o desprezo,
 E com ele a protérvia, e logo o insulto,
 O descrédito infame, o grupo imundo,
 Cortejo de vergonha e seu flagelo.

*

Fraço e livre repugna; um povo forte,
 Que ingênito ressentido pulular-lhe
 O do solo natal amor sagrado,
 Que às plantas sotopõe o vil egoísmo,
 Morte e sepulcro das nações que o monstro
 Descuidosos no seio acalentaram;
 Um povo tal repele sobranceiro
 Aviltante desdém, mordaz afronta;
 A destra insultuosa escalda, ou corta,
 Que o jus lhe quebra e lhe profana os lares;
 Só pode um povo assim, um povo unido
 Chamar-se com razão um povo livre.

Abri, concidadãos, o negro livro,
 Onde em letras de ferro estão gravados
 Esses males, que a gélida indif'rença
 Aos povos infligiu; assaz dormiram
 No leito encantador do Sibarita⁸;
 Acordaram, que dor!!! Acharam ferros!!!

Longe vá do Brasil tão triste fado.
 Que veja sempre o sol, e sempre o mundo
 Acudir pressuroso o Brasileiro,
 Quando às armas o chame o pátrio grito;
 E em cada cidadão um Cúrcio admire;
 Beba a infância no leite o ardor sagrado,
 Que aferra às leis o amor, o acatamento,
 Que inspira a defesa da integridade;
 D'imenso antemural orlando o império,
 À sombra da oliveira aprenda o jovem
 A vibrar, quando cumpre, a espada, o raio.
 Só destarte⁹ o triunfo se prepara;
 Só destarte o desar¹⁰ de nós se alonga
 De ser de audaz estranho espólio, ou mofa.

Tais idéias concebe, ao ver-te à frente,
 Invicto general, a juventude.
 Enviado outra vez ao Sul aos campos
 Pelo anjo visível deste império,
 O teu astro aparece rutilando,
 Para abrir-te um futuro imensurável,
 Qual se deve a varões que, ao jus votados,
 No conflito, na arena do descrime,
 Para sangue poupar o sangue vertem;
 Qual se deve aos heróis que não se deslumbra
 Essa glória fatal, envolta em crimes,
 Que as gerações, os séculos praguejam.

Teu gênio, a par da colossal empresa,
 Enche os votos de PEDRO, em Cujo peito
 Arde inextinto da virtude o facho,
 E cintila perene a Paz celeste;
 De PEDRO, a quem somente a dignidade
 E da honra o clamor em duro ultraje
 Pode o grito extorquir irresistível,
 Que proclama aos heróis - *vitória ou morte!*
 Na cidade, ou no campo o Teu soldado
 No chefe encontra o pai, se é digno dele;
 Se da senda o desvia o vício, o crime,
 Tem no chefe um juiz inexorável.
 Que dom Te faz o Céu, egrégio Conde!
 Transmudados por Ti, não mais os ecos

⁸ Conforme Houaiss eletrônico, diz-se de ou pessoa dada aos prazeres físicos, à voluptuosidade e à indolência, a exemplo dos antigos habitantes de Síbaris (antiga cidade da Magna Grécia, perto de um rio com tal nome) que, muito ricos, tinham fama de cultivar esses hábitos. O dicionário mostra que o primeiro registro de tal acepção ocorreria num dicionário de 1858. Em contato com os editores, esse trecho do poema será registrado como o mais antigo na próxima edição do dicionário, já em preparação.

⁹ Destarte significa por esta forma, deste modo, assim.

¹⁰ Desar é revés da fortuna, desgraça.

Hão de às auras mandar os sons da morte
 Nessa plaga infeliz, horror das gentes,
 Onde o pálido susto os ais reprime;
 Não mais há de inspirar terror ao mundo
 Esse quadro de escândalos sem termo,
 Que tem feito gemer famílias tantas,
 Que fugindo do lar que as viu ditosas,
 Ora comem, chorando, o pão do exílio.
 Lançada na balança dos destinos
 Desses povos, que o Prata vê curvados
 Poluir-lhe com sangue a margem imensa,
 Há de a espada que cinges, com seu peso,
 Na concha gravitar da liberdade,
 Dar-lhe o ganho da causa. Os vis tiranos,
 Desferrando da presa, vão no lodo,
 Onde surgir à luz jamais deveram,
 Todos cobertos d'ignomínia e sangue,
 Terríveis maldições, fulmíneas¹¹ pragas,
 Aos povos ensinar que da anarquia
 Ressalta furibundo o despotismo,¹²
 E com ele do inferno os crimes todos.
 Que destino Te aguarda, ilustre Conde!
 Vais erguer a Ti mesmo um monumento
 Que o céu, a humanidade, os povos cultos
 Defendam sempre a roas inveja,
 Monumento onde o tempo a foice quebre,
 Onde a pátria levante agradecida
 O mais nobre troféu que deve a filhos.

*

Aos bravos defensores da integridade do Império
Soneto

Brasileiros, a pátria às armas chama,
 Ela tem de vingar atroz insulto;
 Será crime sem par deixá-lo inulto,
 Seus foros restaurar o jus reclama.

Arda elétrico fogo em viva flama,
 Que rápida fulmine o monstro estulto; *
 Vingada a humanidade exalce o vulto,
 Onde sangue inocente o algoz derrama.

Nessa imensa questão de vida ou morte
 A justiça do céu, bradando à terra,
 Nos manda um general prudente e forte.

Dos povos a ventura a empresa encerra;
 Fixar cumpre aos heróis a dúbia sorte;
 O que a razão não fez, decida a guerra.

¹¹ Fulmínio é o relativo ao raio. No caso, é destruidor como um raio.

¹² Despotismo é o poder isolado, arbitrário e absoluto de um déspota e qualquer manifestação de autoridade tendendo à tirania e à opressão,

* Nota original do autor: “O *humaníssimo* Rosas”.

Aos heróicos defensores da Praça de Montevidéu
Soneto

Embora aclame herói vendida pena
Atroz devastador, algoz nefando;
Ao chão cozido, e sustos devorando,
Aplauda o medo o que a Razão condena;

Quantas vezes há visto o Tibre, e o Sena ¹³
Dar culto o povo, os ferros arrastando,
A quem lhe dera luto miserando,
Pelos dias gentis da Paz serena?!

Honra cubra imortal, d'heróis o nome
A varões, que, arrostando¹⁴ o monstro insano,
Sabem fortes sofrer nudez, e fome.

Caia o tigre cevado em sangue humano;
Ouça o Mundo esta voz, que presto assume,
Pode mais a CONSTÂNCIA que o tirano.

Auxiliares do despotismo
Soneto

Tudo aceso em furor, e todo flama,
Rábido espuma o torvo Despotismo;
E da terra baixando ao tétro abismo,
Solta a voz horrorosa, as fúrias chama.

Mingua, sofre, lhe diz, meu cetro, e fama;
Repara meu poder, fiel egoísmo,
Hipócrita sutil, falaz civismo, *
Entre os povos o sangue, e o fel derrama.

Querem ter sem virtude a Liberdade;
Vai sobre eles, Licença, e o Caos ao lado,
Dar terrível lição à Humanidade.

Dai garrote à Moral, serei vingado;
A Impostura suplante a sã Verdade;
Só destarte recobro o meu reinado.

¹³ O verso refere-se a dois famosos rios: Tibre, que banhava Roma, e Sena, que banha Paris.

¹⁴ Arrostar é afrontar.

* Nota original do autor: “Lançai um vover d’olhos sobre os quadros históricos, que nos legou, para instruir-nos, a sábia antiguidade. Olhai para o Sul da América, e, quem o crera?! Para a Europa de século XIX. Que degradação!!! Que lástima!!! Dos excessos da democracia tem emergido uma nova raça de tiranos, que nunca são tão formidáveis, como quando invocam os Direitos do Homem e os foros imprescritíveis da Liberdade Social.”

Hino Marcial
Estrilho

Provocaram vis tiranos
O Brasílico Leão;
Brasileiros, restauremos
Os direitos da Nação.

Quando a paz é decorosa
Felizes os povos são;
Quando a paz desonra os povos,
Vale a paz à escravidão.¹⁵

Ir à guerra, quando justa,
É dos fortes o brasão;
A fraqueza mata o brio,
E sucumbe à férrea mão.

Cubra o Anjo da Vitória
O auriverde pendão;
Ele a causa representa
Da Justiça, e da Razão.

Nas armas de nossos bravos
Os olhos fitos estão,
A Glória jurou segui-los
Nem seus louros murcharão.

Viva PEDRO, Pai da Pátria,
Viva o Nobre Capitão,
Quem não segue a voz da Pátria
Deixa de ser Cidadão.

Aos bravos rio-grandenses *

Os bravos Rio-grandenses
Dignos são do General,
Que, o Brasil desafrontando,
Nome conquista imortal.

Manda o Conde, que da tuba
Chame à guerra o som terrível;
Voa logo a juventude,
Seu fervor se torna incrível;

Qual empunha a forte lança,
Qual o medonho fuzil;
Todos querem, juram todos
Desagravar o Brasil.

¹⁵ Aqui, provavelmente existe um erro tipográfico e o verso seria “Vale a guerra à escravidão”. Outra leitura para os versos é que “Quando a paz desonra os povos, a paz vale igual à escravidão”. Por falta de outras fontes impressas, deixou-se como coletado no original.

* Nota original do autor: “Nos versos que dediquei a todos os bravos do império, lhes tributei justos, e bem merecidos louvores. O valor não tem pátria exclusiva.”

Como o sanhudo leão,
Indo o tigre debelar
Ruge, espuma, eriça a coma,¹⁶
Faz os ecos retumbar;

Já s'antolha¹⁷ a cada bravo
Feras hostes arrostar,
E de cruezas enormes
A humanidade vingar.

Chora o velho, porque os anos
O prendem junto do lar,
E lhe vedam, como outrora,
As fileiras engrossar;

No geral entusiasmo
Mães, esposas dignas são
Dos guerreiros, que de Esparta
Os feitos renovarão.

Ide, pois, ilustres bravos,
Generosos corações,
Dar à pátria um testemunho,
Venerado das nações.

Vós não ides nesses campos
As famílias enlutar,
Nem da cruenta ambição
A fome eterna cevar.

Vós não ides, como tantos,
A prepotência imolar
Triste povo, que recuse
As cadeias arrastar.

É nobre, augusta, brilhante,
É santa a vossa missão;
A mais digna, que ser possa
Da Brasileira Nação.

É a Justiça, que implora
A proteção da coragem;
A bravura, que reprime
A rapina, e a carnagem;

Contra os tiranos do Prata,
É dos povos o clamor,
Que vos faz vibrar a feras
O raio exterminador;

Tiranos todos cobertos
Do sangue, que hão derramado,
Que tem enchido de horror
O mundo civilizado;

¹⁶ Coma, no contexto, é a juba de leão.

¹⁷ Antolhar, sinônimo de antojar, é pôr diante dos olhos.

Tiranos que se recreiam
Das vítimas na tortura,
Que inda o cadáver insultam
Privado da sepultura;

Tiranos, que esterilizam
Um solo ameno, e fecundo,
Que nos estragos excedem
Todas as pragas do mundo;

Que onde a vida borbulhava
Plantaram a solidão;
Que no sopro deletério
Respiram devastação.

Tiranos... Porém que digo
Como se língua mortal
Retratar pudesse monstros,
Que não tem original!!!

Urquiza d'heróis na frente,
Os Orientais denodados,
Em nossos bravos encontram
Intrépidos aliados.

Ide pois todos ovantes
Ultimar a vasta empresa;
Dos emissários do inferno
Libertai a natureza.

Ide, e logo a aleda Fama,
Extinto o bando perverso,
Há de pôr os vossos nomes
Entre os grandes do Universo.

Vereis presto ante o valor
Como fogem celerados,
Ou das vítimas nas campas
Como jazem fulminados.

Sobre vós já, refulgindo,
Paira o Anjo da vitória,
E brada ao Anjo, que o segue;
“Abre o templo da Memória.”

Ide, bravos, nesses campos
A doce união plantar,
E com ela da Oliveira
A árvore salutar;

Alce a frente a sã Justiça,
Das virtudes a primeira,
E seu culto, e predomínio
Deva à Nação Brasileira.

Verdadeira Liberdade
Seja o fruto heroísmo,
Verdadeira, porque a falsa
Traz licença, ou despotismo.

Do Prata imenso nas margens
Os seus valorosos filhos.
Para serem, quais ser devem,
Sigam leis, e não caudilhos.

Verão logo, como a terra,
Novas riquezas brotando,
Da Paz o divino influxo
Lhes vai os fados dourando;

Como unidos, quanto fortes,
Longe indiscreto furor,
A par de agrícola folga,
Canta seguro o pastor;

Como o astro benfazejo
Da SANTA RELIGIÃO,
Inspira, ilumina, e forma
O perfeito cidadão.

A segurança dos bens,
A pessoal segurança
Fará que de mágoas tantas
Se apague a mesta lembrança;

Hão de ver como o comércio,
Como a gente industriosa,
Multiplicando seus filhos,
Faz a nação venturosa.

Que glória, ó Conde, sem mancha!
Debelar a tirania,
E firmar vitorioso
A social harmonia!

Que glória, ó Conde, sublime,
Que prazer para o guerreiro,
Fazer que a benção de um povo
Cubra o povo Brasileiro!

Que contraste, ó Céus, presenta
O feroz conquistador,
Que no pranto, e sangue instala
O reinado do terror.

Não vale à virge' o pudor
Delira a mãe no tormento;
A monstros a natureza
Nega o pio sentimento.

A palidez tinge os rostos
Perde o verdor a campina,
Por toda a parte a desonra,
A morte, o luto, a ruína.

Reduz a pó monumentos;
O vulcão, a peste iguala;
Mas não passa de assassino
Que degola em grande escala.

O medo lhe erige altares,
E lhe sagra adoração;
Mas sobre a frente lhe pesa
Sempiterna maldição.

Só o egrégio cavalheiro,
Da Justiça o Campeão,
Entre no Alcáçar da Glória
Pelos votos da Razão.

Por isso, ó Conde, Te adorna
Imarcescível laurel;
És o raio deste Império,
E deste Império o broquel.¹⁸

Antemural és do Trono,
Onde PEDRO, o Pai do Povo
Da terra de Santa Cruz
Faz o Éden do Mundo Novo.

De Teu Nome afasta Clio¹⁹
Devorante esquecimento;
A gratidão Te prepara
Indelével monumento.

Eis os frutos do heroísmo,
Da Justiça a recompensa;
Glória aos bravos, que Te imitam,
A Ti honra, e glória imensa.

Aos bravos do exército aliado

* Prestante General, que da Vitória
Sempre os mimos da luta recebesTe,
O laurel, que Te adorna a invicta frente,
Ao bardo inspira o canto;

Quando afoito assomaste nestes campos *
À tua voz os bravos acorreram;
Como que armados esquadões a terra,
Abrindo-se, arrojava!

Brasílicos leões conTigo à frente
Vão juntar-se a leões, que a pátria em ferros
Juraram libertar; o medo lavra
Na sanguívora turba;

¹⁸ Broquel é originalmente um escudo antigo, redondo e pequeno. Amplamente, é tomado como proteção, defesa ou amparo.

¹⁹ Clio é a musa da História. Como todas as musas, é filha de Zeus e de Mnemósine (memória).

* Nota original do autor: "O Exm. Sr. Conde de Caxias".

* Nota original do autor: "Do Rio Grande de S. Pedro".

Ei-la treme, baqueia²⁰, e rende as armas;
Misérrima porção da humanidade
Ergue o pálido rosto mecerado²¹
Por lustros de agonia.

Eis Teus bravos ainda além do Prata;
Eis hórridos trovões, e o raio aceso,
Detonando nas frentes dos verdugos,²²
De um povo miserando;

O grão tigre estremece, a fuga o salva;
É vingada a Razão, e a Humanidade;
Da Aliança os heróis a Glória aclama
Por excelência - Bravos -

Das vítimas os ais não mais s'escutam;
O cutelo do algoz desaparece;
Nem rola ao mar o Prata espavorido
O sangue d'inocentes.

Que cena, Grande DEUS! Eu vejo um povo,
Que inda ao mundo assombrado ontem mostrava
Os pulsos, das cadeias roxeados,
E o colo ao jugo afeito;

Que entre o medo, e o sepulcro colocado,
Na mudez devorava os mil ultrajes,
Que na história sem par lhe propinava
Aspérrimo tirano;

Hoje eu vejo esse povo, alçando a frente,
E as desopressas mãos aos céus erguendo,
Uníssonos soltar a voz imensa,
Nos hinos modulada,

Nos hinos ao SENHOR, que acende o raio
Nas destras dos heróis, quando fulminam
Monstros, que os erros das nações geraram
No cabo da anarquia;

Hoje eu vejo esse povo, que remido,
Auras de vida respirando livre,
Dá vivas imortais ao nosso AUGUSTO,
A PEDRO, Cujo trono,

Pela virtude em corações firmado,
Da Justiça vingando as leis eternas,
A vera liberdade e a paz celeste
Pelos povos difunde.

Desse trono partiu, transpôs os mares,
Teu astro luminoso, Egrégio Conde,
A Vitória jurou segui-lo, e presto
Cumpru-se o juramento;

²⁰ Do verbo baquear, tombar ao chão subitamente; vir abaixo, desmoronar, desabar.

²¹ Provavelmente, variante de macerado, machucado, alterado.

²² Verdugo, no contexto, é o indivíduo cruel, que inflige maus tratos a alguém (aqui "ao povo miserando"), responsável pela execução de castigos corporais; carrasco, algoz.

Assoma Urquiza, as hostes se apavoram,
Sem que ronque o trovão, a sacra oliva,
Num solo pelas fúrias devastado,
Da vida os dons esparze.

A honra, a humanidade além do Prata
As falanges brasílicas reclama,
Por teu * Gênio inspiradas como afrontam
O ferro, o fogo, a morte?!!!

Novos louros a Urquiza a Glória cinge;
Entre márcios trovões o Ilustre Marques
Ganha um nome, um fulgor, que sempre vivo
Na pátria reverbera;

Nem de César a palma rutilante
Pode o tempo murchar; da Glória a destra
Tece c'roa imortal aos Chefes todos,
Dos tiranos assombro.

Tece c'roa imortal a cada bravo,
Que o bárbaro Moloch²³ americano
Do trono derrocou, no sangue tinto,
De vítimas sem conto.

No seio dessa Glória, que t'inunda,
Dessas nuvens d'incenso, que te obumbram,²⁴
Permite, Urquiza ao vate justiceiro
Endereçar-te um verso:

Como Washington²⁵ a pátria libertaste;
Como Washington, levanta, herói modesto,
A ti mesmo uma estátua, que repouse
Na base da Virtude;

Os filtros da ambição inebriantes
De teus lábios repele; abate, esmaga
As pululantes serpes, que a Discórdia
Semeia infatigável;

Teu renome consagra, e diga o mundo,
Que em ti revive o herói americano,
Que sem mancha atravessa, refulgindo,
Dos séculos a noite.

* Nota original do autor: "Do Exm. Sr. Conde de Caxias".

²³ Moloch é o nome dado a uma divindade malévola adorada por culturas antigas e um símbolo pagão ligado a sacrifícios humanos.

²⁴ Obumbrar significa tornar(-se) sombrio, escuro; sombrear(-se), escurecer(-se), toldar(-se).

²⁵ George Washington (1732-1799) foi o general comandante das tropas americanas na Guerra da Independência, e primeiro presidente dos Estados Unidos da América (1789-1797), e posteriormente nome da capital federal. No original, está grafado "Wasington" nos dois versos.

E vós, povos do Prata, que bebestes
 A largos sorvos de absinto o cálix²⁶,
 Que sabeis quanto importa, quanto custa
 Perder a liberdade,

Pelas dores do exílio, pelo sangue,
 Que inda o solo natal vos avermelha,
 Pelos ais desses órfãos, que se arrastam
 Em torno dos sepulcros.

Pelo crepe lutuoso, que negreja
 Nas matronas, que heróis à pátria deram,
 Desses ossos, que alvejam insepultos,
 Erguei um monumento.

Nesse fúnebre altar jurai terríveis,
 À sombra dos troféus, que levantastes,
 Qualquer fronte abater, que às leis infensa²⁷
 No ferro o jus proclame;

Incessantes velar cõ gládio em punho
 Sobre os ímpios que assustam, que perturbam,
 A cívica união, e a não do Estado
 Nas rochas espedaçam.

Na divina moral, e na constância
 Assentar o edifício majestoso,
 Onde reine a Equidade, a Paz, e a Glória
 Em vínculo insolúvel.

Ao Barão de Porto Alegre e à briosa divisão brasileira
Soneto

O louro, ó Marques, que Te cinge a fronte,
 Altissonas canções ao vate inspíra;
 Os ecos repetindo os sons da lira,
 De CASEROS Teu raio ilustra o monte.

Vitória ingente, de prodígios fonte,
 Do monstro mais feroz, que o Prata vira,
 Os povos libertando, o mundo admira
 O grão feito imortal, que aos netos conte.

Exala a fera os roncões derradeiros;
 Da LEI ressurgue o ótímo reinado;
 A Glória enloura os Bravos Brasileiros.

Parabéns, ó Brasil! Estás vingado;
 Pois com MARQUES à frente os teus guerreiros
 Tem a HONRA da PÁTRIA eternizado.

²⁶ Cálix é sinónimo de cálice, espécie de vaso usado durante a realização da santa missa, para a celebração do vinho ou de qualquer copo de forma aprox. No original estava calis.

²⁷ Infenso, no contexto, é estar em oposição a; inimigo de; contrário, hostil.

Ao Conde de Caxias,
por ocasião do seu regresso a esta cidade ²⁸

Eis-Te ainda entre nós, Egrégio Conde,
Os ingênuos acentos escutando
De um povo gratibundo, que Teu nome
Nos hinos soleniza;

De um povo, que Te vê no Teu regresso,
Sobre os louros, que a Pátria Te cingira,
Novo louro imortal, que a Humanidade
Remida Te entretece.

Se eterna maldição denigre os feitos
Desses falsos heróis, que levantaram
Sobre sangue d'irmãos escravizados
Do despotismo o trono;

Quantas bênçãos Te devem esses povos,
Que arrancas Te dos tigres, que implacáveis
As mais férteis campinas do Universo
De túmulos cobriram?!

A verdade, rompendo as densas trevas,
Que a torpe ingratidão forceja embalde
Sacrireja arrojando sobre Teu nome,
A verdade proclama.

Que, se a espada, que cinges, não lançarás
Na balança fatal, ind'ora o ferro,
Das vítimas no sangue sempre tinto,
O Prata avermelhara.

A verdade proclama, que Teus bravos,
Inspirados por Ti no márcio jogo,
Os raios afrontando do tirano,
Os povos libertaram.

Libertaram... que digo! Acaso pode
De um Tácito o buril traçar²⁹, quais foram,
Esses quadros de horror, e de ignomínia
À crença inacessíveis?!!!

Mil vezes na tortura a Humanidade
Invocara do franco belicoso,
E do britano³⁰ audaz o férreo braço
Para trocar-lhe os fados;

²⁸ Com o nome de “Ode. Oferecida a S. Exc. o sr. Conde de Caxias, por ocasião do seu regresso a esta cidade, depois de terminada sua gloriosa empresa”, esse poema foi publicado anteriormente nos jornais *O Pelotense* (Pelotas, 16 jun. 1852) e *O Rio-Grandense* (Rio Grande, 20 jun., 1852, p. 3, que cita o primeiro jornal como sua fonte) e em fólio avulso, com diferenças restritas ao uso de maiúsculas e minúsculas em algumas palavras internas dos versos. A chegada de Caxias à cidade pelotense ocorreu no dia 16 de junho.

²⁹ Pelo verso, entenda-se assim “Acaso pode, de um silêncio, descrever quais foram esses quadros de horror”. Tácito, no contexto, é um local onde não há som, secreto, oculto. Buril é uma ferramenta com ponta oblíqua cortante, usado na gravação em metal, madeira ou pedra.

³⁰ Variante de britânico.

E mil vezes o tigre conseguira
 Leões adormecer; assoma o dia
 Em que a sanha o Brasil domar-lhe jura,
 E decotar-lhe³¹ as garras.

Urra o monstro às falanges, que o circundam;
 O auriverde pendão refulge, e troa;
 Pavoroso tremor invade a fera,
 Desaparece, e foge!

Aos arrancos da dor sucede um grito,
 Um grito universal “A Pátria é salva;
 Foi vingada a razão; ei-los no abismo
 Os seides do tirano”.

Entre nuvens d’incenso os céus transcendem,
 Sobre as asas flamígeras dos hinos,
 Graças imensas ao SENHOR dos mundos,
 Das almas desprendidas.

Glória a DEUS, que os exércitos dissipa,
 Ou lhes dá, se Lhe praz, vitória, e palmas,
 Glória aos bravos do Prata, que na lide
 Urquiza eternizaram.

Glória aos bravos do império generosos,
 Que com Marques à frente se ostentaram
 Impávidos leões irresistíveis
 De Ti, da Pátria dignos!

A severa Razão te sagra, ó Conde,
 Encômio, que desteme o fel dos zoilos.
 De preço imenso a jóia Tu cravaste
 De PEDRO no diadema!

A Justiça me brada, que em meu canto
 Tu, intrépido Grenfell³², apareças
 Entre hórridos trovões, envolto em fumo,
 As hostes fulminando.

O grão rio apregoa, que ele vira
 Essa heróica Marinha Brasileira
 Levantar um troféu no Tonelero,³³
 Que os evos desafia.

Honra, e glória sem par ao nosso AUGUSTO,
 Que por Ti nos mandou a vitória, e fama;
 Glória ao sábio Governo, que de firme
 Deu prova insuperável;

³¹ No verso, decotar significa aparar, podar, decepar.

³² John Grenfell (1800-1869), militar brasileiro nascido na Inglaterra, era o comandante da esquadra brasileira na penosa passagem de Tonelero no rio Paraná, em 17 de dezembro de 1851.

³³ A passagem refere-se à passagem de Tonelero, no Rio Paraná, efetuada por uma Divisão Naval brasileira, no início de 1852.

Glória ao sábio Leão, do nome digno,
 Que deu honra, e relevo ao pátrio brio,
 Que, escudado por Ti, sobre a Justiça
 A paz firmou ditosa.

Recebe, Ilustre Conde, os dons sem mancha
 Da justa gratidão, que os pelotenses³⁴
 Entre os vivas da Pátria extasiada
 Ingênuos Te consagram.

Saudação ao Conde de Caxias, ³⁵
 por ocasião do seu regresso para a corte

Sempre o Anjo invisível, que protege
 De Santa Cruz o majestoso Império,
 Te guia, ó Conde, da batalha ao campo,
 E sempre Ele Te guia aos doces Lares,
 Que Te almejam, Senhor, que Te suspiram,
 Entre os vivas do povo, que na destra,
 Com que arvoras troféus, vê rutilando
 O sacro ramo, das nações encanto,
 Da gratíssima oliva, rociada
 Pelo orvalho do céu, donde nos chovem
 Bênçãos, que o gérmen da ventura encerram;
 Que acendem nos mortais o santo fogo
 Do amor fraternal, que o sopro infesto
 Da voraz ambição no sangue apaga;
 Sempre a Paz nos trouxeste em Teu regresso,
 E com ela o fulgor da márcia Glória,
 Que dos Bravos em Ti de Ti nos Bravos,
 Refletindo, converge em foco imenso,
 E o festim genial da Humanidade
 Ilumina, qual Sol, quando dardeja,
 Da abobada celeste a luz, e a vida.
 Já não sobem vapores ominosos,
 Que o Cruzeiro do Sul embaciavam;
 Brônzeo selo recata o negro livro,³⁶
 Que, de horror sobre horror pejado, aguarda
 Da História o buril, do Mundo o assombro;
 Já seus fastos exalam, que ventura!
 Esses povos do Prata em letras d'ouro!
 Como assoma, Senhor, de nuvens limpa,
 Nesse novo horizonte a linda aurora,
 Que faustíssima brilha, anunciando

³⁴ Nos originais consultados, pelotenses está em maiúscula.

³⁵ Publicado inicialmente nos jornais *Pelotense* (Pelotas, 22 jun. 1852) e *O Rio-Grandense* (Rio Grande, 23 jun. 1852, p. 3-4) e em fólio avulso, com mudanças insignificativas no uso de pontuação e de maiúsculas entre as publicações, exceto a descrita na nota na página seguinte e o trecho em colchetes. Outra mudança é a referência final de escrita “16 de junho de 1852”, que consta nos periódicos e no fólio. O poema é constituído de uma única estrofe, sem divisões.

³⁶ Na edição d'*O Rio-Grandense*, consta recala. No verso seguinte, o livro grafa “do horror”. Em ambos, o fólio confirma a forma escolhida na transcrição.

O reinado da Lei, da Liberdade!
Como fazem as mães desassustadas
Aos tenros filhos repetir Teu Nome!
Quão melífluo³⁷ dos lábios se desliza,
E vai dos corações pousar no centro,
Entre a Saudade, e a gratidão sem termo!
Vai, Conde Ilustre, o Anjo vá conTigo,
Que baixará do céu para trazer-Te
A fronte desenrugue o triste Inverno
Na marcha triunfal de Teu regresso;
E vós, inquietas, mugidouras ondas,
Ante a Glória alisai-vos pressurosas;
Tréguas tais vos implora a Humanidade;
Vosso império transpõe o herói, que a deixa
Desopressa, remida, ovante, e leda!
[Vai depor, Conde Ilustre, aos pés de Trono,
O mais nobre Laurel³⁸, que mãos guerreiras
Pela Glória esmaltadas lhe ofertaram!!!] ³⁹
Vai beber esse néctar, que transfunde
Um sorriso de PEDRO, a Quem transmite
O auriverde Pendão desafrontado.
Vai nos braços, ó Conde, carinhosos
Da amantíssima Esposa, e meigos filhos
Matar saudades, que por ti curtiram.
Verás, como lhes cumpre, os fluminenses,
Que escutam da Justiça os são ditames,
Nos transportes ferver do entusiasmo,
Dar-Te encômios, Senhor, não dos q'expiram
Nas auras, ao subir, mas dos que duram
Nos padrões, que a Verdade erige, e guarda.
Bem quisera, que, a par da Tua empresa,
Em meus versos T'erguesse um monumento;
Mas as almas sublimes, como a Tua,
Oblação, por exígua, não rejeitam,
Quando o cunho d'ingênuo a dignifica.
Tu nos deixas, ó Conde, mas não penses
Que os gratos corações dos pelotenses
Hão de nas ondas submergir do olvido
O tributo de amor, que Te consagram;
Sobre a flama sagrada, que acendeste,
Velando a Gratidão, cintila eterna;
Correspondido amor jamais s'extingue.

³⁷ Melífluo é, no contexto, aquilo que tem a doçura do mel; que impressiona agradavelmente, harmonioso.

³⁸ Laurel é coroa de louros; láurea, lauréola e figurativamente prêmio, honraria que se concede a alguém em reconhecimento a seus mérito, virtude ou talento; galardão, láurea, lauréola ou julgamento favorável; elogio, louvor, homenagem.

³⁹ Esses três versos foram coletados da edição dos jornais e no fôlio e não constam no livro. Novamente, não há como saber se o corte foi feito pelo poeta (e portanto intencional) ou foi gralha da tipografia.

Saudação ao Imperador ⁴⁰

Exímio Protetor, amparo, e norma
 Dos que das letras o domínio estendem,
 Ó Monarca sem par, augusto Pedro,
 Permite à Musa minha, que, depondo
 O pejo acanhador, transpondo os mares
 Sobre as asas do amor, que jamais cansam,
 E pairando submissa aos pés do trono,
 Festival Saudação Te oferte, e cante.
 Onde estão os tiranos, que fizeram
 De horror estremecer a humanidade?
 Que de raiva tigrina arrebatados
 Na demência do orgulho imaginavam
 O Teu cetro insultar impunemente?
 Que é feito dos tiranos[, que por verem
 O Leopardo, fechando] a boca enorme, ⁴¹
 As garras encolher, e até sorrir-lhes;
 Por verem que do Sena as águias tinham
 Quase, quase a seus votos anuído, ⁴²
 E largar-lhes a presa, que um novênio
 De pasmoso heroísmo lhes vedara,
 Já supunham, SENHOR, inebriados
 Teu Sólido derrocar? Eu ouço apenas
 Lá do fundo do abismo vir surgindo.
 Mal distintos arrancos dos que soltam
 Fulminados mortais, que inda respiram.
 A medida dos crimes transbordava;
 A recrescente audácia desses monstros,
 Quando as raias transpôs que lhes marcava
 A Honra do Brasil, então disseste
 À Paz, ídolo Teu: "Injúria enorme
 Ó Anjo, Te repele; em breve a Glória
 Há de ao solo, que deixas, conduzir-te
 No carro triunfal." Disseste, e logo
 O Anjo da Vitória, o céu deixando,
 Vem-Te presto inspirar, que o seu Mimoso
 Para a Pátria vingar de novo elejas.
 Chega aos campos do Sul o Ilustre Conde,
 E de ardor marcial prodígios fervem;
 A Pátria dos Abreus, e dos Bandeiras, ⁴³
 Prevenindo da tuba os sons horrendos,
 Acorre pressurosa ao grito heróico
 Do Chefe animador: alguém diria

⁴⁰ Esse poema, com mudanças poucas significativas, foi publicado inicialmente no jornal *O Pelotense*, de 28 jun. 1852 (n° 97, ano II) e em fôlio avulso, em ambos há a nota final "Pelotas, 17 de junho de 1852". No jornal, antes do poema, aparece o aviso "Para satisfazer a nossos assinantes, publicamos em seguida a derradeira produção do Sr. Antonio José Domingues, relativa à questão do Prata". O poema é constituído de uma única estrofe, sem divisões.

⁴¹ Esse trecho foi coletado da edição do jornal e dos fôlios, mas não consta no livro. Aqui, pode pressupor que foi gralha da tipografia.

⁴² Anuir é consentir com gestos ou palavras; estar de acordo; aprovar, assentir.

⁴³ Não obtive dados que confirmassem a referência a "Abreu" e "Bandeira". Talvez refira-se ao militar e político José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), ligado ao Partido Caramuru, que pretendia - em 1832 - a volta de D. Pedro I ao trono. Mais tarde, incentivou a Revolução Praieira (1848).

Que Circe, a maga, propinara os filtros,
Pois todos em leões se transmudaram.
O Uruguai espantado avista apenas
Os Teus Bravos, SENHOR, e logo as hostes,
Sem que as armas medissem, se renderam.
Pelo intrépido Grenfell conduzidos,
Os líneos torreões, com garbo ovante
Frustram planos do imigo, e o Tonelero
Nos fastos do Brasil imortalizam.
Ouço novo estampido além do Prata;
É de Marques⁴⁴ o raio que denota
Nas fronteiras dos verdugos, que somente
Nas vítimas punhais cravar souberam:
Cessa a fera de urrar, quem tal dissera?!
E nas sórdidas roupas encoberta,
Inda vai poluir c'o bafo horrendo
As cerúleas campinas, que surpresas
Retrocedem de horror. Eu ouço gritos
Muito mil jubilosos, que transcendem
Etérea imensidade, e vão no trono,
No seio do SENHOR, Que rege os mundos,
Expirar gratibundos: vejo um povo,
Que parece surgir dentre sepulcros,
Inda pálido todo, e todo sustos,
Perguntar "Onde a fera?". E quando a fama
A fuga vergonhosa lhe assegura,
Eis nas faces, nos lábios pululando
Os assomos da vida renascente,
Que só teu sopro, ó Liberdade, acende;
Ei-lo nas asas, que o fervor lh'empresta,
Apinhado voando ao sacro Templo,
E, prostrado ante o SER OMNIPOTENTE,
Donde desce a Vitória, ou baixa o raio,
Que os guerreiros fulmina em pó desfeitos,
Majestoso TE-DEUM à PROVIDENCIA
Modulando num tom, que as auras vibram
Na abobada estrelada, e sobe envolto
Em turíferas nuvens de um perfume
A par da gratidão que, ardendo, o solta.
Ei-lo inda nas praças, e nas ruas,
Erguendo para o céu os roxos pulsos,
Entre bênçãos sem conto, ao som dos hinos,
No transporte vivaz, que as almas funde,
Quando sobem do abismo à luz celeste,
Vezes tantas, ó PEDRO, repetindo
Teu Nome Salutar, que ainda os ecos
Pelas margens do Prata estão soando.
Dos sexos ambos um trovão de aplausos,
Chovendo sobre os Teus, os Teus aclamam
Por excelência seus libertadores.
Tanto auxílio, SENHOR, os Teus prestaram!!
Uma voz, sibilando, as auras fere!
"O sepulcro dos vivos restitua
Aos braços maternais da LIBERDADE

⁴⁴ Referência ao brigadeiro Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre.

As vítimas da fera; a LEI e a PÁTRIA
 Vá seus ferros quebrar, indenizá-las
 Desses ais, desse horror, desse heroísmo,
 Que prefere da morte o transe extremo
 A ter parte nos crimes de um tirano"
 Ali vem, miserandos! Os proscritos,
 Transpondo a passo incerto, e vacilante
 O horrível liminar do calabouço,
 No macerado rosto contraído,
 Esquálido, convulso aos olhos dando
 Um desses quadros, que se fixam n'alma,
 E nela brônzeo cunho imprime eterno:
 Ei-los, ei-los ao lar restituídos!
 Como correm tão doces, tão do peito
 As lágrimas do pai, que abraça o filho,
 Sem temer, que os algozes o desprendam!
 Como correm tão doces, tão do peito
 As lágrimas do esposo, que ressentido
 O palpitar do coração da esposa!
 E que direi da mãe, que vê, sem crê-lo,
 O filho, que chorava inconsolável!
 O do materno amor extremo incrível
 Não é dado ao mortal, qual é, traçá-lo.
 Inda escuto outra voz, a da Verdade,
 Que pregoa às nações em frase limpa,
 Escoimada do mel insidioso,
 Que a lisonja lhes verte em taças d'ouro:
 Diz a Filha do Céu "Povo Argentino,
 Não te queixes dos crimes do tirano;
 A ti mesmo te acusa, os teus tribunais
 Tem mil vezes aos pés as leis calcado;
 Eles mesmos cavaram no delírio
 Horrível boqueirão, por onde veio
 Do inferno a vós o monstro da Anarquia,
 Que, as satânicas asas sacudindo,
 Com chuveiro de pragas mimoseia
 Os que a vão evocar, os que a cortejam.
 Tu, que deste d'heróis fulgente grupo
 À cara Independência, tu deixaste⁴⁵
 O colo submeter por vis caudilhos,
 Que de ultrajes à Lei se ufanam, dando
 Garrote à Liberdade, à Pátria ferros!!!
 Assaz dura, terrível, espantosa
 Foi tua expiação; o Mundo há visto
 Atônito, surpreso, horrorizado
 Teus funéreos anais com sangue escritos:
 As masmorras d'espectros atulhadas;
 Das mães os corações, os das esposas
 Por feros canibais anavahados;
 Pelas praças, e ruas se cruzaram
 Das vítimas os gritos ao caírem
 Dos punhais da Mazorca⁴⁶ transpassados!!!

⁴⁵ No fólho, consta "deixar-te", considerado como erro tipográfico.

⁴⁶ Mazorca é um tumulto, desordem.

Anomalia sem par, que até um Nero⁴⁷,
Com ter férreas entranhas, espantara!!!
Qual o sono, me dize, que dormiste
No reinado da fera, que não fosse
Por ltuosas visões interpolado?
Qual o Sol, que teus olhos desvairados
Com júbilo sincero tu saudasses?
Mas que dura, de certo, e sem modelo
Foi tua expiação; os teus suspiros,
O teu pranto, que as pedras escavara,
Os teus fervidos votos, que furtivos
No silêncio da noite articulavas,
De ti mesmo assustado, ou dos fantasmas,
Que nos ares o medo improvisava;
Esses votos, ó povo, o Foco Imenso
De piedade escutou, favor celeste
Exaltou nos heróis o pátrio brio;
Da vigorosa ressoa o juramento;
Da cruzada às fileiras, reforçadas
Pelos Bravos de PEDRO, já deslumbram
O tigre em desacordo e logo o Prata
Vê nas margens luzir-lhe o fausto dia,
Que os séculos porvir, que a humanidade
Há de sempre marcar a par dos dias
Que tem dado às nações as leis, e a vida.
Esse abismo insondável, que a Vitória
Inda, há pouco, fechou, sepulte os ódios,
A sanha dos partidos, as vinganças,
E o reinado ominoso dos caudilhos,
De bárbara, cruel, negra memória;
Dá só ocultos à lei, remido povo.
Nos degraus de seu trono de granito
Incessante velando, a espada quebres,
Que aspire a vulnerar o pacto santo,
Teu paládio, teu jus, e teu futuro.
Jura pois pelos manes dos que viste
Imolar a teu lado, enrubescendo
C'o sangue em borbotões os teus vestidos,
Jura pois ante o céu por esses manes
Nobrememente calcar no livre solo
A indiferença, o temor, que ao jugo estende
O colo mulheril, e armar a destra,
Avezada na paz da guerra ao jogo,
Contra as hordas infames dos tiranos,
Que a sólida união desmonta, e pune.
Quando o cívico ardor, o patriotismo
Na flor dos lábios, trovejando, expira,
O egoísmo fatal isola as destros,
Que deverão vibrar na lide o raio;
A favor da moleza a audácia avulta,
E morte, ou servidão pregoa, inflige.
Venha o gênio da indústria, o Prata veja
O estrangeiro sentar-se nos teus lares,

⁴⁷ Imperador romano de 54 a 68 d. C. famoso por colocar fogo em Roma, tornando-se símbolo de loucura e insensatez. Determinou o exílio de sua esposa e é acusado também de tramar a morte da mãe, acabou suicidando-se com 30 anos.

Sem que o susto jamais lh'enfeze a vida,
Sem que honrada fortuna lhe arrebate
Dos mandões a cobiça ao crime afeita.
Esse trono de PEDRO, que parece
Anômalo no Sul, abriga, escora
A vera Liberdade a que se deve
Doar aos povos, que, no berço ainda,
Só no lácteo sustento a vida encontram,
Esse trono de PEDRO abriu com glória
Época fausta, que promete, e agoira
Um ditoso porvir, e o doce império
Da moral, que do Céu descendo aos homens,
No amor fraternal se apura, e reina.
O grão rio já vê após a noite
Que as águas lh'enlutou, raiar donosa
A rósea luz da purpurina Aurora,
Que é do Sol da União a precursora,
Almo⁴⁸ Sol, que desterre os preconceitos,
E traga ao grêmio teu regenerado
C'o a Paz, c'o a doce Paz vivificante
Artes, ciências, o bem ser, e a fonte
Da grandeza de um povo, a confiança."
Tal foi a alocução, AUGUSTO PEDRO,
Que a Verdade soltou dos lábios d'oiro.
Os séculos jamais, SENHOR, tem visto
Vitória, que mais desse à Humanidade
Honra, culto, fulgor, vingança e glória.
Desprendeste Leões sobre verdugos,
Mas Leões generosos, que o despojo
Desdenharam tocar; nem um dos Chefes
Dos soldados nem um aquém ficaram
Da raia, que o dever prescreve aos bravos;
Bem merecem de Ti, da Pátria, e Mundo
Lá vai o invicto Conde, como sempre,
A Teus pés arvorar resplandecente
O auriverde Pendão, que Lhe entregaste,
Deixando a Liberdade em vez dos ferros;
Deixando ao povo Teu, e a seus vizinhos
A suspirada Paz, que assenta agora
Na base do triunfo as áureas plantas.
Glória a DEUS, q'os tiranos, cedo, ou tarde,
No báratro sepulta, e manda aos povos
Espantosas lições por seus errores:
Glória a PEDRO, Que a Honra Brasileira
Assaz reivindicou perante o Mundo,
E a cruzada imortal formou, que a vida
Onde a morte reinava, ergueu ditosa.
Essa glória, SENHOR, que Te circunda,
Teu prestante Governo eleva, e cobre;
Ela estende, radiando, o brilho imenso
Sobre o Conde, e Teus bravos, cujo esforço
Nos hemisférios dois suscita encômios.
Dure a Paz, que nos deste, e dure tanto
Quanto os povos, SENHOR, a necessitam.

⁴⁸ Apesar do livro estar grafado como "alma", optou-se pelas versões do jornal e no fólho, que anota a palavra "almo", que significa "adorável, encantador, bom, santo".

6. O SUICIDA SALVO PELO AMOR E PELA AMIZADE¹

Imagem da capa do livro

¹ DOMINGUES, Antônio José. *Suicida salvo pelo amor e pela amizade*. Rio de Janeiro: Tip. Brasiliense de Maxiliano Gomes Ribeiro, 1858.

Este livro é composto de um texto em prosa intitulado “Ao leitor” (p. 3-63), onde o autor explica ter escrito o livro influenciado pelo suicídio de um vizinho que, “crendo-se abandonado por Deus”, cortou “a carótida, inundando de sangue a digna e amantíssima esposa, que ao lado lhe dormia” (p. 3). Inocêncio Silva (VIII, 199) define-o como uma “larga introdução filosófica-cristã em prosa”. Intercalado nessa prosa, há vários versos, sendo um trecho (p. 22) descrito explicitamente como sendo uma parte inédita de uma ode de Antônio José Domingues sobre a cena do calvário. Sem divisão de estrofes e com 1073 versos, o poema-título, “em versos hendecassílabos” (cf. SILVA. *Ibidem*), aparece ao final, entre as páginas 01-31.

Sunt lacrima rerum, et mentem mortalia tangunt.
Virgílio, *Eneida*

São misérias humanas, são desgraças;
Dai-lhe pranto, mortais, gemei comigo.
Tradução livre do autor

Que projetas, Aurélio, aonde o passo
Diriges, infeliz, qual é o teu rumo?!
Mas, que atroz intenção o teu semblante
Medonho me revela! Há pouco ainda
Mandada pelo céu amiga destra
Te arrancou esse ferro, com que a vida
A ti mesmo roubar determinavas.
Genuflexos então a esposa, os filhos,
Prostrados a teus pés, e o pé bebendo,
Abismados na dor rogar-te viste,
Uma vida nas suas embebida,
O teu sangue que anima o sangue deles.
Que lhes disseste então, quando esse quadro
A tu'alma abalou? Que prometeste?
Eu mesmo vi correr desses teus olhos,
Ora secos, sombrios, pavorosos,
Lacrimosas correntes, que engrossaram
As que as faces dos tristes inundavam.
De teus lábios então, nunca m'esquece,
Tais palavras soltaste: "Esposa, filhos,
Acalmai vossa dor, o pranto cesse
Amargo que verteis; o fado adverso
Vou por vós arrostar, e superá-lo.
Conservar-vos prometo o pai, o esposo.
Levantai-vos, folgai, já não detesto
Uma vida em que vós sentis a vossa."
Tu disseste, e que viste? O regozijo,
Vibrando à face elétricos assomos,
Jubilosa explosão por termo à cena
Da dor, dos ais, das lágrimas de sangue!
Inda tenho no ouvido, inda retine
Da magoada consorte na minh'alma
O sublime improvisado, que devera
Esse cancro extirpar, que te devora.
"Aurélio, caro esposo, assaz conheces
Que é dádiva do Eterno a vida tua,
Que d'Aquele, que a deus seu fim depende.
Ele à minha a prendeu, à deus teus filhos.
Que sinistro pensar, que torva idéia
Os teus lábios me fecha, e não consente
Que reveles a mim, a esposa tua,
Tu'amiga sem par, tua metade,
As razões, que te movem e te abalam,
Que dominam a tu'alma, que t'impelem
Ao mais negro, ao maior dos crimes todos?!!!
Desabafa comigo os teus pesares,
Co'a consorte divide as mágoas tuas;
Neste peito só teu envasa, afoga
As dores, que te pungem, que te ralam.
Retira os olhos teus do ingrato mundo,

Fita-os sempre no céu, verás fugindo
Esse gênio do mal, que no sepulcro
Só t'indica o repouso, antes que venha
Do Ser Onipotente decretado.
Quebra o prisma falaz, que t'enegrece
Das cenas, que tu vês, os quadros todos;
Segue o trilho aos heróis por excelência,
Que a si mesmos s'impugnam, que a si mesmos
Se arrancam no triunfo aos preconceitos;
Sou mulher e que vês, ou que tens visto?
Já cem vezes te hei dito que a fortuna
Que a teu lado gozei, jamais poderá
Minh'alma inebriar; fugiu, deixou-nos,
Mas não pôde abater-me; tu julgavas
Da trega os dons, os bens inauferíveis;
Eu julguei que os seus dons, o seu sorriso,
Seu prestígio fascina os que se olvidam
Da humana condição, os que por cegos,
Lhe rendem culto qu'em baldões termina.
Muitas vezes na mente eu vi subindo
De teus loucos festins atos eflúvios,
Que, adensados em nuvens ominosas,
Em medonho bulcão se desprenderam
Sobre ti, sobre mim, e num momento
Nos lançou neste abismo, onde a ventura
Nem sequer um sorriso nos outorga.
Negra fase da vida, horrenda queda!
Mas não m'entonteceu; não pôde a sorte
Despojar-me do senso, da cordura,
Que sempre sustentei, quando a fortuna
Da opulência ao fastígio m'elevava.
Da vertigem do orgulho, e da vaidade
Imune reputei, como um flagício,
Soberba ostentação que, eivando a mente,
Riso ao sábio motiva, os ódios gera,
Donde rompe depois, detona o raio.
No calvário fitei constante os olhos,
Fui dos tristes a mãe, sempre me acharam
No peito amor, nos lábios o sorriso.
Do remorso não temo o negro abutre;
Da medalha o reverso encaro afoita;
Nestes braços que vês, recursos tenho,
Quais talvez não presumas. Caro Esposo,
Hás de ver-me a teu lado industriosa
Ganhar o negro pão, mas nobremente;
Gozo em ti dum tesouro, e tu nest'alma
Tens um trono de amor: se ao céu provesses
Que no teu coração o meu reinasse,
Como imperas no meu, veria o mundo
O infortúnio a teus pés ceder, quais cedem
Da rocha à base as bramidoras ondas.
Nunca esqueças, Aurélio, crê deveras
Qu'em ti gozo, em ti sofro, em ti suspiro;
Mas se o ferro embeberes nas entranhas,
No jorro de teu sangue eu bebo a morte.”
Isto disse, o palor a desfigura,
Um frio glacial lh'enrija os membros

E a teus braços se atira esvaecida.
Longo tempo depois e assaz a custo
O senso lhe voltou: revalidaste
A solene promessa entre soluços.
“Somente para ti, para meus filhos
Eu te juro viver.” Disseste, e Eulina
Creio ter vindo do Céu teu juramento;
Tão contente, serena, e jubilosa
Nunca a vi, nem na quadra, em que a fortuna
Em taças d’ouro o néctar lhe vertia.
Tão seguro julgava o seu tesouro!
Agora, quando saiba o teu perjúrio,
Quando saiba que Aurélio o fementido
Inda ao plano infernal não renuncia,
Que seu fervido amor, os seus suspiros,
A cena desses órfãos miserandos
A carpir na penúria, na saudade,
No luto, na aflição, no desamparo,
Acha em teu peito um coração de ferro,
Dize-me, Aurélio, que será d’Eulina?!
Responde-me perjuro... ah! Meu Fidêncio!
Este convício atroz é mais que a morte!
Atende, escuta um homem, que desnuda
Todo o seu coração ao vero amigo:
Infanda turbação, que esta minha alma
Em remoinho tortura, sem que tréguas
Noite, e dia lhe dê, levou-me ao crime:
Réu confesso me tens, mas ouve, Aurélio,
Tu sabes, como eu sei, assaz tens visto
O papel que já fiz na sociedade;
Vive no grande tom, meu ouro a muitos,
A não poucos meu nome tem valido;
Entre os ricos da praça era contado,
O meu crédito então inalterável
Até no velho mundo refulgia.
Ah! Quantos eu remi, salvei de opróbrios!
E quantos que no lido vi submersos,
Ergui, refocilei, fiz que olvidassem
Os agros dias de ignomínia, e pranto!
No culto da amizade sempre extremo,
Por vampiros à espreita assediado
Que Pilades julguei embevecido,
Bebendo a largos, deleitosos sorvos
As salemas, os filtros da lisonja,
Pelas nuvens d’incenso atordoado,
Dei largas à filáucia², e, sem cuidá-lo,
Cavei profundamente o negro abismo,
Onde angústias sem termo estou curtindo,
Somas, e somas dissipando estulto
Em pompas, e festins, sempre cercado
D’infames histriões, de parasitas,
Essa raça polífaga, e daninha,
Que tem feito esquecer a das harpias,
Dos encômios ao som, ao som dos hinos,
Da flor com que a fortuna me brindava

² Conforme *Aurélio eletrônico*, filáucia significa egoísmo, vaidade, presunção.

Quis sugar todo o mel, o Éden fruía;
Minha fé não foi mais a fé d'Eulina;
Posterguei seus avisos, seus conselhos,
Só nela vi consorte amante, e fida,
Qu'entregue a devoções minuciosas
Estragava o seu tempo ante os altares;
Mas a triste implorava, agora o creio,
Juízo, e discricção para o consorte,
E o tesouro da fé, que me roubaram:
Era um anjo, que o céu me reservara,
E nela, que cegueira! Eu divisava
Um tropeço a meu gozo, uma importuna
Que me aguava o prazer, que mo turbava:
Qual a serpe faminta em mar de leite,
Inundei-me em delícias, ah Fidêncio!
Hoje amarg'aversão, que m'envenena.
Do gozo no fervor tu viste Aurélio
Do primeiro revés o golpe horrendo
Sofrer sem murmurar; ind'eu supunha
Ver o rosto à fortuna, e nunca o dorso;
Insensato julguei domar-lhe a sanha!
Quase sempre feliz no mar, na terra,
As empresas dobrei, e em novos lances
Quis da perda que tive, indenizar-me:
Um sobr'outro revés jogou-me a fera;
Eis do sócio a traição, o roubo, e logo
Uma chuva de fogo, que tu viste
A cinzas reduzir-me os bens, e a fama.
Do palácio à pocilga arremessado,
Ind'assim não verguei, mas, quando aqueles,
Que do pó levantei, e que me deram
De amigo o doce, respeitável nome,
Em vez de virem bálsamo prestante
Nas chagas me verter, que aberto haviam,
Um chuva de afrontas me cuspiram,
Quando eu vi dos parentes, que fagueiro
A meu peito acheguei, e a quem mil vezes
Munífico³ vali, o tão pungente
Sorriso do desprezo, e dos ultrajes,
Quando ervados farpões a mim vibraram,
Recuando de horror, estremecido,
Todo fel, todo raiva, e todo chamas,
Contra o céu blasfemei, e disse ao mundo:
"Pestífera sentina⁴, onde só medra
A mentira, a lisonja, a hipocrisia,
Onde a pura amizade, as almas puras
São pela ingratidão enegrecidas;
Açoite, escolho, inferna da virtude,
Para sempre, ó maldito, eu vou deixar-te."
Tais vozes proferi do centro d'alma,
O punhal aguicei, e fui da selva
Nas sombras mais profundas embrenhar-me.
Titubante, furioso, e deslembado
Dos filhos, da mulher, e do universo,

³ Conforme *Aurélio eletrônico*, munífico é alguém generoso, magnânimo, liberal, munificente.

⁴ Pode-se entender a expressão "pestífera sentina" como um lugar pestilento, imundo, corruptor, nocivo.

A cada passo meu como que a terra
Cuspia-me de si vipéreos grupos;
Rasgando o negro seio a horrenda nuvem,
Uma vez veio então, ou cri que vinha
O lance acelerar: “Aurélio, o mundo
Não tem mais para ti senão tormentos;
Vai na terra dos mortos asilar-te.”
Lá vou já, lhe respondo, e o braço alçando
la o ferro encravar, quando outro braço
De piedoso mortal o meu deteve,
E com voz de trovão gritou-me: “Aurélio!...
Que fazes, insensato?!!! A esposa, os filhos
São zero para ti? Responde, ingrato”
Tal convício me abala, e me transforma,
A névoa de meus olhos se dissipa,
Minha língua recobra o movimento,
A minh’alma a razão, e assim lh’exclamo:
“Eu dos monstros horror!!! Aurélio ingrato!!!
Que dizes, insolente? Eulina! Eulina!
Onde está minha esposa, onde meus filhos?
Quem de vós me arrancou?” Disse, e volvendo
Sem detença a meu lar, a veloz fama
Já tinha difundido a infausta nova.
O que então prometi à esposa, aos filhos,
Já num quadro fiel mo repetiste,
Esquecido do mundo, e de seus crimes
No seio da família em paz meus dias
Senti por algum tempo deslizar-se,
Quando horrível doesto pela imprensa
Veio ainda outra vez enfurecer-me:
Ó vil, mil vezes vil; a quem meu ouro
Fez do nada surdir, feito verdugo
De seu mor benfeitor, inda meu nome,
Inda o crédito meu enegrecendo,
As presas aferrou na honra minha,
Meu único Paládio, e só tesouro
Da fortuna ao capricho inacessível;
Este atroz assassino achou comparsas;
De calúnias meu urdiu tecido hediondo,
Que acabou por aturdir-me, de perder-me
No conceito dos bons. À esposa encubro
O conluio infernal, procuro as sombras;
Das fúrias pelo açoite fustigado,
Em ti vendo um censor mais qu’importuno,
Corro, e fujo de ti, requinta a sanha,
O delírio recresce, exclamo: “Ó manes
De Bruto, e de Catão⁵, vinde a meu braço
Dar impulso, e valor, eu vou seguir-vos:
Preferistes a morte ao servilismo,
Eu a morte prefiro à vida infame.
Nisto eu ia açodado, e já sem tino
O feito consumir, quando o meu nome
De teus lábio saiu, fendendo as auras;
Conheci de Fidêncio a voz amiga,
Um gélido suor então me corre

⁵ Catão (234-149 a.C.) era um censor romano, tido como de costumes ou princípios austeros.

Dos membros a tremer, e já me lembram
A fidíssima Eulina, os tenros filhos,
A solene promessa, o juramento.
Eis o senso outra vez, eis me rendido,
Fiel ao que jurei, viver resolvo,
Aí tens esse ferro, vai quebrá-lo.
Só reclamo de ti, ah! Não me faltes!
Que recates no peito eternamente
O que te revelei, o que tu viste;
Nem por sonhos jamais suspeite Eulina
Que a promessa trai, que fui perjuro.
Fidêncio, aqui me tens. Calou-se, e logo
Foi nos braços do amigo arremessar-se:
As lágrimas dos dois, descendo em fio,
Unindo-se ao correr se confundiram:
Seus gemidos, seus ais, os seus suspiros
Os ecos do contorno repetiram
Dando tréguas à dor, Fidêncio rompe
O lúgubre silêncio, Aurélio, cumpre
Que m'escutes um pouco, mas sereno,
Repousado, tranqüilo, e qual te querem
Ditames da razão; vamos, amigo,
Longe deste lugar a nós infesto,
Sacudir este pó, e doutras auras
O sopro respirar. Aurélio o segue
Cabisbaixo, mas dócil, mas calmoso,
Como quem de Fidêncio, o vero amigo,
Inda espera um porvir menos pejado
Das sombras infernais, que a luz lhe roubam.
Num rochedo se assentam, mar em frente,
Estrugindo a seus pés cerúleas ondas,
Uns sobr'outros erguendo embravecidas
Medonhos escarcéus, e logo espumas.
Os céus, a solidão, e o mar, que sítio
Propício a discorrer! Fidêncio invoca
O Ser donde nos desce a luz imensa,
Já sente a inspiração, e assim começa:
"No físico, e moral um erro é fonte
Doutros erros, que vêm, minando a vida,
Aos infernos trazer mortal desfecho.
Houve um tempo, em que tu inda inocente
Professaste feliz a fé d'Eulina;
O mundo t'a roubou, tu creste nele;
Que tens visto depois, que tens palpado?
Por um gosto sem dores; mão ferrenha
As chagas do infortúnio envenenando,
Os palácios de Armida, e logo a furna
A lôbrega mansão onde se deixam
Solitários a cismar esses, que outrora
Ouro, fama, e juízo te roubaram.
De que horrores é fonte o sensualismo! *
Est'ídolo fatal, inexorável,
Que preferido à cruz insano a ultraja,
Dos escravos exige, que lhe emoldem

* Nota original do autor: "Na acepção da sensualidade".

A inocência, o pudor, a sã virtude,
O íntimo viver, e a paz celeste,
Dando em prêmio as orgias da licença,
A coorte dos vícios, que a cortejam,
E logo a enervação, o abatimento,
Enojo, estupidez, desesperança;
Os inúteis remorsos, os terrores
Que funestam do ímpio o passamento!
Retiremos os olhos deste quadro,
Noutro vindo do céu os repousemos.
Pelo verbo de Deus aos homens dado,
Sabemos que na vida transitória
Para a vida imortal nos preparamos.
Do Cristo do Senhor, o Mestre, o Guia
Dos míseros mortais qual a doutrina.
Qu'exemplo nos legou, ou que disse Ele
Aos filhos do trovão, quando pediram
No reino eterno seu ficar-Lhe ao lado?
Beber, como eu, podeis o acerbo cálix? *
Lê, repassa esse livro, que as palavras
Do vero Preceptor contém divinas;
O Paráclito⁶ invoca, e logo, Aurélio,
Terás a convicção de que no mundo
O homem no sofrer se purifica;
E que não há virtude sem combate,
Nem prêmio sem virtude. Se na terra
És frágil, és mortal, és dependente
Do ser donde emanaste, por que esperas
De mortais, como tu, ventura extreme?
Se do céu te não desce, embalde atentas
Haver dos entes que também a imploram.
De um mundo, que te mente, que te foge,
Esperá-la é não crer no teu destino;
Às sombras pedir luz, ao ar castelos,
Às flores duração, ao mar constância,
Festins à fome, fruições ao nada!
Da triste humanidade a história triste
Desconheces, Aurélio, e seus horrores?!
Se oriunda do inferno atroz calúnia
No veneno furial farpões embebe,
E, raivando, os dardeja à fama tua,
Se a feia ingratidão por benefícios
A taça te propina, em que transbordam
Hórridos sucos de tártareas plantas;
Se essa turba voraz que foi, qual dizes,
Infausta origem de ruína, e luto,
Ao ver-te no infortúnio, te abandona,
As mágoas te redobra, e mais carrega
Medonhas sombras, que teu fado enoitam,
És acaso no mundo o que mais sofre?!
Quantos mais do que o teu horrendo cálix
Esgotam na nudez, no acatamento
Aos decretos do céu, sem qu'imprudentes
Houvessem, como tu, no devaneio

* Nota original do autor: "S. João Evangelista, e São Tiago Maior".

⁶ Conforme o *Aurélio eletrônico*, Paráclito, ou paracleto, é uma das denominações dada ao Espírito Santo.

Formado a nuvem, que te vibra o raio!!!
Erros teus, a traição, cruéis revezes,
Teus haveres a cinzas reduziram;
Mas piedosa deixou-te a Providência
De uma esposa fiel o amigo seio,
Onde a face repouses, onde escutes
Um coração só teu por ti pulsando,
Um anjo tutelar, um grão tesouro
Que as dores, que te pungem, neutralize.
Sou mais teu na desgraça, na pobreza,
Do que fui, quando os Judas t'incensavam,
Um amigo em Fidêncio reconhece,
Que a teu lado há de ver até que venha
Da morte o frio regelar-lhe o sangue.
Do céu desesperar, só ver nos homens
Refúgio, e salvação, pôr termo à vida,
Quando s'encontram corações de ferro,
É só próprio de fracos, de covardes,
D'incrédulos, d'estultos, que não sabem
O espírito elevar ao Pai Celeste,
Ao Pai Universal, pedir-Lhe esforço,
Na provança valor, e à desventura
A frente apresentar, e nunca o dorso.
Olha o pai que, traído pela infida,
Pela adversa fortuna, espavorido,
Na consorte, nos filhos, nos amigos
Encontra maldições, desdém, sarcasmos,
Rebeldia, traições, furor, infâmia,
Olhos fitos no céu, do lar deserta,
Onde horror sobre horror lh'incutem n'alma
Os entes, que o dever, que a natureza,
Que a Lei de Jeová por seus lhe dera;
Ei-lo aí qual proscrito, mendigando,
Por estranhos penates, mas da sorte
Com superno vigor na luta heróica
As setas corajoso despontando;
Que lição neste exemplo! Tu deploras
Não ser hoje, qual foste; mas ainda
Não veio a negra, descarnada fome
Sentar-se no teu lar, horrorizar-te.
Olha a mãe repassada de amargura, *
De faminta ao marasmo reduzida,
Extinta a voz, sem lágrimas seus olhos,
De tanto que as verteu, no desamparo,
Dando ao triste infantinho, que amamenta,
O sangue que lhe resta em vez de leite;
Ind'assim não murmura, não blasfema;
Arquejando estirada em pobre leito,
Que féretro vai ser, a cruz aberta
Contra o peito já frio, e muda espera
Em Jesus, tipo seu, lhe mande presto
Dos tormentos o fim no golpe extremo,
E diadema imortal, que cinge as fronte

* Nota original do autor: "Durante a seca horroríssima, que assolou o Ceará, quantas destas cenas tão profundamente dilacerantes contristaram e enegreceram os corações sensíveis!!! Nunca permita Deus que elas se reproduzam."

Dos que a dor resignados suportando,
Constantes no sofrer da dor triunfam.
Quero ainda mostrar-te no leproso
Um misérrimo irmão, que seqüestrado
Dos filhos, da mulher, dos seus amigos,
Todo chagas profundas, ascorosas,
Arrastando a gemer os podres membros,
Pela morte é cem vezes mutilado,
E cem vezes o túmulo o devora!
Talvez penses que o triste assim proscrito,
Abandonado assim vai dar-te a morte;
Enganas-te, ele crê, no aberto lado
Do imolado Cordeiro o esforço bebe,
Esse heróico valor, essa constância,
Que de mártir a palma lhe assegura,
Olha est'outro, que horrendo o fez o cancro!
Qu'estragos nessas faces, nesse rosto
Outrora tão gentil! Como esse monstro
Os olhos carcomeu, deixando as cavas,
Para dar-nos de horror tremendo quadro:
Já sem lábios, sem língua, e quase extinto,
Inda a vida suporta; a fé somente
Na tortura o sustem, até que venha
Desatar-lhe as prisões da morte o anjo,
E vá na eternidade indenizar-se.
Assombra-te essa idéia pavorosa
Do que foste, do que és, nesse contraste
Vês horror, que t'enfia, e desassisa?⁷
Abre os olhos, Aurélio, os olhos d'alma,
E crava-os em Luís, o rei dos Francos,⁸
O virtuoso Luís precipitado
De um grande trono em báratro profundo,
Arrancado dos braços da consorte,
Por horríveis calúnias assaltado,
Devorando as afrontas, os convícios
Qu'ind'ao réu mais feroz poupar-se devem,
Conduzido a final ao cadafalso
Por homens que ele amou, como seus filhos,
Ind'os ama, inda roga à Divindade
Que lhes desça do céu a Luz imensa,
Amplíssimo perdão, e nunca o raio.
Acaba, como herói, e à fé só deve
A morte do cristão, e o reino eterno.
Eis ainda outra frente coroadada,
Esposa de Luís, e sócia dele
No cálix, que esgotou atroz vingança,
Requintada sevícia, que do cafre
E até do canibal transcende a sanha,
Pelos paços reais trocou-lhe um antro
Infecta habitação de sevandijas,
Pelas vestes, e manto de rainha,
Andrajos de burel a desfazer-se,
Por leito pobre colmo; aqui não pára

⁷ Desassisar, tomando o dente siso como sinal de responsabilidade, significa perder o juízo.

⁸ Provável referência ao rei francês Luiz IX (1215 - 1270), que lutou na VI Cruzada (1248-1254), falecendo no início da VII e última Cruzada. A rainha Margarida retirou-se, então, no Mosteiro de Santa Clara.

Da vítima o penar, escuta, Aurélio,
Rugidos de leão, do tigre os urros,
Que lhe dão noite, e dia os seus verdugos,
Escuta esses baldões os mais infandos,
Que a calúnia em furor, quando escaldada
Pelo influxo infernal, tem vomitando
Na fama da mulher!!! Vês tu acaso
Desmaiar-se na provança os dos ultrajes
Acurvar-se, tremendo, ao peso enorme?
Sempre digna de si naquele abismo,
Sobranceira ao pavor, à covardia,
Repele os vitupérios, os sarcasmos,
Qual desponta o diamante a seta, o dardo.
Lá vai ela ao suplício maniatada,
A rainha que foi de um grande povo!
Lá vai ela a morrer! Oh Deus! Que cena!!!
Qu'espantosa lição!!! Ao cadafalso
Sobre intrépida, e firme, expira, e deixa
Sem pesar uma terra, onde su'alma
Foi num mar de amargura submergida;
Da fé lhe veio a força, a majestade,
A nobre impavidez, heróis não podem
Ir-lhe avante em valor, em dignidade.
Sangrar-me o coração eu sinto, Aurélio,
Não menos sangra o teu; d'exemplos basta.
Mais que assaz o que vemos nos convence
De que o homem sem fé, quando a desgraça
Lhe fecha os corações, onde esperava
Dos tormentos do seu lenitivo,
Esmorece, fraqueia, desespera,
Perde o tino, blasfema, e... tremo, amigo,
Do mais qu'ia dizer. Se bem refletes
O mundo é mar inquieto, aparcelado,
Em vórtices fervendo inumeráveis.
Ai do nauta que o sulca, sem que d'alma
O célico farol lhe varra as trevas!
Se, desfeita em bulcão irresistível,
A desgraça o surpreende, e o colhe incauto,
Ou rápido soçobro o sorve, e abisma,
Ou num dos mil escolhos naufragando,
Da terra, ídolo seu, lhe surdem monstros,
Do céu, em que não crê, não há qu'espere;
Que será dele então?! Dize-me, Aurélio,
Gelada de terror morre a palavra,
Quando quero exprimir miséria tanta!!!
Estuda agora o crente: quando azares,
Qual granito sobr'ele vem chovendo,
Quando dor sobre dor o dilacera,
Quando a fome, a nudez, o desamparo,
Noite, e dia o torturam, quando os homens
Em saciá-lo d'ultrajes s'encruecem,
Fita os olhos na cruz, vê nela o Justo,
Suplica, sofre, espera, e resignado
Vai seu cálix bebendo, até que a morte
Lhe traga a redenção, e o seu triunfo.
Curvou-se, obedeceu, à cruz pôs ombros,
Ao Gólgota a levou, e foi na glória

Atleta vencedor de Cristo ao lado
 Empunhar entre os seus a palma eterna.
 Estúpida indiferença qu'ominosa,
 Deixando as almas em perpétua noite,
 Onde nem de uma estrela a luz divisam,
 Vai hoje os corações petrificando,
 E, supondo na terra o bem supremo,
 Só do túmulo alguém estende os votos.
 Deve ser bem mesquinho, e andar no lodo
 Disputando ao réptil o instinto, o gosto,
 Ou d'estirpe suína vir-lhe o sangue, *
 O que encontra nos mimos de volúpia
 Dos sentidos escravo o Éden perdido.
 Culinária ciência, e seus primores,
 Palácios e jardins, e as fadas neles,
 Opíparos festins ao som dos hinos,
 Áureo coche, que o vento iguale, ou vença,
 Do palco as sedutoras filomelas,⁹
 As quadrilhas, a valsa, as Lais, o jogo,
 Eis os votos, e o céu do epicurista.
 Vai a um destes falar da lei divina,
 Da crença do cristão, da luz que o guia
 Nesta estância de trevas, de fantasmas:
 À justiça, à moral encômios sagra;
 Da verdade instigado vai dizer-lhe
 Qu'este vale é do pranto, e não do gozo,
 Que o louco nele folga, o sábio chora,
 Que é breve a transição, que o tempo grita
 Às consciências o alarma, e vai levando
 Os míseros mortais à eternidade.
 Que o perdê-lo é perder-se, e nos aguarda
 Juiz omnividente, incorruptível,
 E prêmio, ou punição interminável.
 Fala a um desses assim, terás em troca
 Sorriso que se dá somente aos parvos,
 Ou talvez que te julgue admissível
 Onde os loucos se curam, se azorragam. *
 O que achou neste mundo o bem supremo
 Quem do ventre fez Deus, que morte espera?!
 Descrevê-la recuso, extremo assombro
 A mente m'engreça, a voz m'embarga,
 Ei-lo à terra dos mortos já descido,
 E na campa uma cruz: oh lá! Transponde
 Esse augusto estandarte da virtude,
 Antítese da crença do finado,
 Que olhou sempre através, e com desprezo;
 Algum Fídias lh'eriça oficioso
 Um marmóreo padrão à glória dele,
 Um cerdo luzidio, e bem cevado.
 Tal era o rumo teu, assim pensavas,
 Tal seria o teu fim, se a Providência
 Pela voz do trovão te não fizesse

* Nota original do autor: "Horácio, ainda que censor severo dos vícios de seu tempo, não hesitou em declarar-se um *Epicuri de grege porcum*. Um dos porcos do rebanho de Epicuro!"

⁹ Filomela, também presente na obra do árcade Cláudio Manoel da Costa, é sinônimo de rouxinol.

* Nota original do autor: "Alude-se ao bárbaro tratamento, que outrora se dava aos alienados."

Carreira arrepiar. Foste um de tantos
Sobre quem o fatal filosofismo *
Idéias imprimiu, qu'inda tu'alma,
De nuvens tolda pela error formadas,
E da verdade o sol inda t'escondem,
Que grandioso programa em letras d'ouro
Desenrola aos mortais?! Que temos visto?
Sempre a luz em promessa, e sempre a noite!!!
Em pedaços a cruz, a cuja sombra
Divina inspiração instiga o rico,
Para ao pobre ir levar o pão, e a vida;
Divina inspiração visita o triste
Para achar nesse fel, que o amargura,
Se resignado o beber, o penhor certo
Do néctar que o Senhor no céu lhe guarda;
Essa fúria sagaz, esse demônio,
Que dando-nos o caos, por luz o vende,
Nos trouxe, prole sua, o ceticismo,
E com ele a descrença, e após esta
Essa infrene licença, que se ufana
De haver dado ao pudor ferrete, exílio,
De haver dado às paixões incendiantes
Que mais tem denegrido a humanidade,
O cetro, que arrancara da virtude.
O deletério sopro da descrença
Da celeste esperança animadora
Veio o facho apagar; para o descrido
Nos prazeres sensuais consiste a vida,
Em saciar apetites a ventura,
E gozar ou matar-se é seu programa.
Quem pôde o homem nivelar ao bruto,
E degradá-lo assim, quem pôde tanto?
Apelide o suicídio um feito heróico
O cético orgulhoso que, a seu grado,
Faz um Deus, como o quer, embora o siga
D'estólidos a cega, ignóbil turba;
O vero pensador, o que sisudo
Crê no Deus do cristão, vê no suicídio
Peripécia a mais negra, a mais infame
Que pode terminar da vida o drama.
Quem decide, e dispõe da própria vida
Erige-se em Senhor, rescinde, e calca
O decreto do Eterno, e logo à face
O dom, que recebeu lhe atira insano!!!
Como são tão pesadas, tão medonhas
As sombras, que negrejam sobre a urna,
Que as cinzas do suicida nos recata!!!
Nunca fausto clarão de luz celeste
Há de o seio romper naquela noite.
Aos votos da piedade inacessível,
Nunca as preces do amor, as da amizade,
Nem ais, nem dor, nem lágrimas de sangue
Hão de o céu penetrar a bem do triste,
Que sacrílego, alçando a ímpia destra,

* Nota original do autor: "Alude-se ainda ao tal filosofismo; o leitor inteligente sabe, sem dúvida, que estamos longe de confundir com a genuína e verdadeira filosofia."

Sobre si dardejou fulmínea chama:
Ele mesmo exarou no férreo livro
A sentença fatal, não mais recurso?
A esperança deu fim, morreu com ele!!!
Tu citas-me Catão, citas-me Bruto?
Melhor fora que heróis da Liberdade
De seus braços na frente à pátria dessem
Da vitória o laurel, ou que na lide
Sucumbissem, pugnando, mas fizessem
Cadáveres hostis sepulcros deles.
Se a consciência te acusa, e te remorde,
Quando os homens a taça de amargura
Te saturem de fel, dos homens foge,
Corre aos pés de Jesus, do peito solta
Um gemido, um suspiro, um ai contrito,
Verás, como t'estende amiga destra,
Como t'ergue do pó, como t'imprime
O ósculo de paz na face tua,
E como de seu lado sempre aberto
Inefáveis delicias te franquea:
Eis de morte num réu um grande exemplo!
É Dimas, que na cruz de Cristo ao lado,
Contrito os crimes seus reconhecendo,
Logo pede ao Senhor consigo o leve
A gozar no seu reino a paz, e a glória.
Grava bem na tu'alma estas palavras
Do Piedoso Jesus: "*Serás comigo
Hoje mesmo no Empíreo*". Que bondade!
Que grandeza, que amor naquele peito,
Inda quando de mágoas inundado!!!
Quão férreo deve ser o ingrato peito
Que não sente no amor do Pai Celeste
Pronto sempre ao perdão, incendiar-se!!!
Uma lágrima, um ai do penitente
Se vem do coração, lhe apaga o nome
Dessa lista dos réprobos tremenda;
Uma lágrima, um ai do penitente,
Se vem do coração, se a dor o vibra,
Do Pai onipotente abranda as iras,
E co'a destra imortal em letras d'ouro
Lá no livro dos seus lhe escreve o nome.
Se a calúnia denigre a fama tua,
Se t'inflige baldões, que não mereces,
Se te vês atrozmente perseguido
Por culpas, que não tens, não desesperes;
Fita os olhos na cruz, de lá te venha
Broquel, consolação, esforço e glória.
O Senhor ante quem espavorida
A descarnada, pálida doença
As vítimas, fugindo abandonava,
Aquele, a cujo aceno o mar furioso,
As ondas montuosas alisando,
Submisso, e respeitoso emudecia;
Aquele, cuja voz onipotente,
Pelo império da morte reboando,
Os finados no túmulo acordava,
Que súbito quais foram, ressurgindo,

As auras respirando, recobravam
Com pasmo do universo a luz, e a vida;
O Deus, o Redentor, o Pai, o Amig
Que nas almas dos pobres, dos aflitos
Compassivo a su'alma derramava,
Não sofreu paciente desse monstro
Os convícios, que a raiva enfurecida
Pelo inferno inspirada, inventa e vibra?
O inocente varão caluniado,
Matando-se, que faz? Escuta, Aurélio;
Em si mesmo não crer, fugir de sombras,
A sentença de iníquos, de perversos
Aturdido asselar co'próprio sangue,
Mas temer de mortais o gesto a sanha,
Que o poder do Senhor dos céus, da terra,
De um pai todo bondade, à voz amiga
De todo ensurdecer, e seus preceitos
Protervo espezinhar, desconhecê-los,
Ir de chofre entre os réus mais execrandos,
Às chamas infernais dar pasto eterno!!!
Matando-se que fez aquele jovem,
Cujo cérebro viste horrorizado
Nas paredes esparso? Heróico feito!!!
Defraudar a fortuna dos amigos,
Fugir à expiação, não dar um passo
Para a nódoa lavar, que o deturpava,
Do céu desesperar, de si, de todos,
E co'manto cobrir de cobardia
Essa infâmia, que o triste atormentava!!!
Seu cadáver lançado na balança
Pode ele equilibrar o peso enorme,
Que acurvava a cerviz ao desgraçado?
Ou viram pressurosos seus credores
Para as contas saldar beber-lhe o sangue?
Matando-se que fez o adolescente,
Que nos fogos ardendo do ciúme
Por Maria, ídolo seu, que o desprezava,
Cravou no coração o agudo ferro,
E da mãe entre os braços expirando,
O seio lhe cobriu de quente sangue,
Que do golpe jorrando, lhe golfava?
Matando-se que fez? A bela ingrata
Da fúria libertar de um importuno,
E dar a seu rival triunfo, e gosto;
Deixar aos tristes pais, e aos seus um luto,
Uma dor, um tormento, uma agonia,
Que só pode ter fim na eternidade!!!
Que dizes do piloto, que aterrado
Por súbita procela temerosa,
Ao ver de horrendo véu cobrir-se os astros,
As nuvens a vibrar granizo, e raios,
A noite a negrejar, e o mar em serras,
O baixel a fender-se assoberbado
Dum sobr'outro escarcéu, e já sem leme,
Em vez de conjurar a tempestade,
Os sócios animar, e corajoso
Ir com eles salvar o lenho, e a vida,

Por temer o sossobro, ou nos rochedos
Iminente naufrágio, esmorecido,
Sem tentar salvação, ao pego imenso
Julgando-se perdido, se arremessa!!!
E crês tu menos vil, menos cobarde
O que a morte antecipa, e vai nas sombras
Da noite sepulcral acobertar-se
Por não ver à miséria o vulto horrendo,
Para furtar-se à dor, ao vitupério,
Quando o céu, a razão, e a natureza,
Unânimes lhe gritam - Resistência,
Valor, impavidez, perseverança!
O vagido do infante, ao vir ao mundo,
Não nos diz que a miséria, a dor, e o pranto,
Os azares, o mal, e mil contrastes
São, como vemos, condições da vida?
Aurélio, amigo meu, três vezes caro,
Deixa em fétido lodo revolver-se
O que ao bruto, em que monta, se anivela.
Não degrades tu'alma, não profanes
A porção divinal, enobrece,
Que te fez imortal, que te assegura
Nos combates da vida vencedora,
A palma dos heróis do sofrimento
Um laurel, um destino, uma ventura,
Que só do serafim concebe a mente,
Que só do serafim a língua exprime.
Um átomo de fé do céu te venha;
Essa luz sempre viva, a cruz em frente,
A fronte para o alto, e no teu peito
Fulgindo como um astro impérvia malha,
A quem deves temer, que mal te pode
Murchar-te o coração, amedrontá-lo,
Em densas trevas submergir-te a mente,
Entregar-te ao furor, ao desespero,
À blasfêmia, ao suicídio, à morte eterna!!!
Um átomo de fé, que te renove
Ígneas preces ao Pai, que expande o seio
Aos filhos que na dor seu Nome invocam,
E verás esse monstro, que te afronta,
Sotoposto a teus pés, pulverizado.
Aurélio, amigo meu, três vezes caro,
Suporta nobremente a sorte adversa;
És feitura do Eterno, imagem d'Ele.
Resignado em teu posto humilde aguarda,
Te venha desprender da morte o anjo
A tu'alma imortal da vil argila
Para à destra do Imenso a paz, e a glória
Por séculos sem fim gozar ditosa.
Cumpre, amigo, que tu não mais respires
O venéfico ambiente da cidade,
Esse foco d'intrigas, d'imposturas,
D'imoral sordidez, de proteísmo,
De satânicas artes deslumbrantes,
Que a virtude tisonando, o vício douram;
Onde tantos perversos, que julgavas
Devotados a ti, quando a fortuna

O dorso te mostrou, de ti fugindo,
Nesse abismo, em que gemes, te deixaram;
Desse infecto paul retira o passo,
Onde o mago algarismo auripotente
Aos homens o bom senso transtornado,
Agiganta pigmeus, dá vulto a nadas! *
Onde muitos, qu'insânia!!! Que miséria!!!
O tem feito seu deus, e seu tirano!!!
E só nele sem pejo confiados
Para obter honras vãs, e vãs salemas,
A honra verdadeira lh'imolaram;
Ond'inquieta ambição insaciável
De riqueza, e poder, roubando aos homens
O íntimo viver, a paz, e o sono,
Os traz como de rojo, antes que subam,
Os faz antes que o néctar os deleite,
Tragar escorpiões, e sevandijas,
As consciências lhes vai marmorizando,
A ponto que o mais acre dos remorsos
Desespera de entrar, ou quebra o dente.
Foi dado aos corações de seus escravos
Do tonel das Dánaides¹⁰ o destino.
Foge dessa Babel, onde a virtude,
O mérito, o talento, a probidade,
Se a fortuna os não doura, os não protege,
Se patronos votados à justiça *
Da nuvem da modéstia, que os esconde,
Lhes não fazem romper a densidade,
Sempre dignos de si, por não mancharem
Co'a frase da lisonja a língua, a pena;
São por nomes ignóbeis, poluídos,
Nas sombras do retiro postergados,
Ond'o ardil, a cobiça, a hipocrisia,
A filáucia, o ciúme, a impiedade
Travam dédalo imenso, em cujo centro
O ferrenho egoísmo, o minotauro
Da pátria nas entranhas palpitantes,
E até no coração da humanidade
Se a fama por cevar, porém debalde,
Desse abutre que róí, a fome eterna.
Foi lá que os usurários impiedosos
Não contentes de haver-te reduzido
A marasmo horroroso, de recursos,
Os últimos, que tinhas, t'esbulharam;
Falece-me o pincel dos grandes mestres
Para dar-te do avaro um breve quadro;
Mas não me há de ficar de todo impune
Um monstro pelos monstros detestado.

* Nota original do autor: “Alto lá, temos exceções a deduzir; a fortuna não é tão cega, como a supõem. Não poucas vezes tem enchido os cofres de varões mui notáveis, igualmente caros à Religião, e a humanidade. Honra e glória aos que assim s'imortalizam.”

¹⁰ Na mitologia grega, Danaide eram as filhas de Dânao que, “tendo assassinado os maridos na noite de núpcias, foram condenadas, no Tártaro, a encher de água um tonel sem fundo” (AURÉLIO. 1999).

* Nota original do autor: “Felizmente não são raros neste Império tais patronos, e S. M. o Imperador é um dos soberanos dos nossos dias que mais preza, e que de melhor grado agracia a virtude, e o mérito em todos os gêneros.”

Mais que a rocha, infecundo, é sorvedouro,
Onde a sonda jamais o fundo encontra.
Quando a triste viúva, circundada
Dos míseros filhinhos macilentos,
Vai lançar-se a seus pés, e lacrimosa
Uma esmola lhe pede ao ver-lhe logo
No gorgônio¹¹ carão o gesto horrendo,
Precursor de repulsa fulminante,
Repassada de gelo, asfixiada,
Se mortal caridoso a não socorre,
E do transe a não salva, aos pés do tigre,
Opressa do terror de medo expira.
Quando o vires alegre, e até sorrir-se,
Crê de certo que vítima de preço
Tem co'as unhas grifanhas escorchado.
Quando ao cárcere o leva algum dos crimes,
Que não soube capear, os presos temem
Qu'ele venha em reforço à dura fome
Redobrar-lhes jejuns, e lhes devore
O pouco, e negro pão, que lhes atiram.
Insigne caçador não erra um tiro;
Um mimo, um favor seu, se o não conhecem,
É prelúdio d'espólio, de rapinas,
Nas sombras do mistério calculadas.
Quando a morte, seus votos escutando,
Vem dos filhos, da esposa exonerá-lo,
Com que júbilo abraça a prenhe burra,
Por não ter cada dia de sangrá-la,
Para dar-lhes, gemendo, e suspirando,
Mesquinho, e negro pão que por tão pouco,
Nunca a fome dos tristes mitigara!!!
Só do túmulo a vista o indeniza
D'ansiedades sem conto, que da mesa,
A cena aterradora lh'infligira.
De sentina tão sórdida, e medonha
Foge ao campo comigo, e dessas auras
O sopro salutar quando respíres,
O negro sangue teu despoluído,
Verás como os fantasmas, que te assustam,
Vão nos antros sumir-se tenebrosos
Das fúrias infernais, que os vomitaram.
Leva ao campo comigo a esposa, os filhos,
E entre os mimos do amor, e da amizade
Retempera a tu'alma na d'Eulina,
Sobre as asas da fé librado ascende
À sublime região donde ela observa
Aos vaivens da fortuna sobranceira
Os prestígios do mundo, e seus escravos
Por fosfórica luz de fátua chama
Deslumbrados, fechando os olhos d'alma
Ao fulgor imortal da luz superna.
Acharás entre o povo campesino,
Docemente reinando a paz celeste,

¹¹ A acepção original refere-se às três personagens mitológicas - Medusa é a mais conhecida - que tinham serpentes por cabelos. No contexto, "gorgônio" significaria um "repulsivo rosto". Na época, somente a palavra "carão" já significava "rosto feio".

Acharás nesses homens do trabalho,
E de honrado suor, de pó cobertos,
Com raras exceções, na singeleza,
No rosto, no sorriso, nas maneiras,
Nas palavras, no trato, nos costumes
Impressa, como um cunho, a vera imagem
Do reto coração, onde a perfídia,
A ironia, a filáucia, a hipocrisia
Não tem ainda o veneno inoculado.
Não temas que te venha o torvo espectro
Da pálida indignância, a mãe da fome,
A vida funestar; os meus haveres
Já desd'ora são teus, sou livre, e solto
Do laço conjugal, nem prole tenho,
A quem deixe por jus fortuna, e nome.
Oprime-te este dom! Empalideces!
Não sabes que de há muito o teu Fidêncio
Te deu seu coração? O mundo inteiro
Que vale ante este dom! Tu'alma nobre,
Teu magnânimo peito, que os amigos,
Na crise aterradora da penúria,
Sempre acharam sublime, e generoso,
Surpreender-se não deve de no amigo,
Sempre digno de ti, quando no abismo
Forceja por lançar-te a desventura,
Tu veres, como cumpre, a imagem tua.
Onze lustros já conto, iremos juntos
Sob um teto comum gozar felizes
O íntimo viver, o só que pode
Neste vale do pranto consolar-nos
De uma vida tão curta, e dolorosa.
Tenho às letras amor, serei por gosto
O mestre, o pedagogo de teus filhos.
Verás sempre a teu lado o teu Fidêncio,
Invocando o favor da Providência,
Empregar esses dias, que lhe restam
Em fazer os teus dias, os d'Eulina
No seio da amizade venturosos.
Leva ao campo comigo a esposa, os filhos;
Lá tens em sítio ameno, e pitoresco
Uma herdade já tua, um pingue solo,
De pequena extensão, mas onde a messe
Os trabalhos do agrícola compensa;
Nas colméias o mel, a rês no prado,
Uma virgem floresta majestosa,
Pomares, e vergéis por mim plantados,
Verdejantes colinas, donde gozes
De belo panorama o quadro imenso,
Um modesto casal, onde moremos.
Sobre leito arenoso semeado
De nevados seixinhos, lá murmura
Uma límpida fonte, que vos fica
Não longe da morada; a rama umbrosa
De frondoso chorão, d'embus soberbos
Do fogo abrasador dos sóis estivos
A defende, e protege, sem que nunca
Às águas o frescor altere a calma.

Sobre riba que a margem lhe domina,
 De relvoso tapiz alcatifada,
 Nós ambos docemente recostados,
 Nas horas em que o sol referve, e queima,
 Em recita alternada à tua Eulina,
 Em voz pela ternura modulada,
 De Teócrito¹², e Gessner os idílios
 Leremos, e depois, de quando em quando,
 Os versos imortais do grão Virgílio,
 De Delille, de Thomson, de Castilho,
 O inspirado cantor da primavera.
 Quando as galas m'exibe a natureza,
 Quando o seio me ostenta majestoso,
 De flores, e de frutos adornado,
 Quando o raio, o bulcão, o cataclismo
 De luto a recobriram, transfendida
 Nos cantos, que o talento lhe consagra,
 Desses quadros gentis, ou lutuosos
 As graças, os encantos, os horrores
 Eu sinto na minh'alma redobrar-se.
 Presentai-me a beleza, se lhe falta *
 Inspirado cantor, de seus encantos
 A impressão sobre mim perdeu metade.
 Tu sabes que do Eterno imagem somos
 Qu'este mundo é desterro, a vida um sopro,
 Que o céu, onde não reina o crime, a morte,
 É dos anjos a pátria, e pátria nossa;
 Para sermos, Aurélio, dignos dela,
 Será de preferência o livro nosso
 Esse livro, em que Deus aos homens fala,
 Que as eternas verdades nos revela,
 Que unindo-nos ao ser, donde emanamos,
 Já do túmulo aquém nos diviniza.
 Nunca o tédio no campo me contrista;
 Não temas esse mal, nem que de novo
 As noturnas vigílias te macerem;
 O lidar, o passeio, a caça, a pesca,
 Das águas a pureza, o ar tão livre,
 De fragantes eflúvios perfumado,
 Dentro d'alma a inocência, a paz serena,
 Hão de um sono trazer-te, que repare
 Da diurna fadiga os lassos membros.
 É Deus, que fala, em mim, Aurélio, vamos.
 Nisto Aurélio gritou, Fidêncio, pronto:
 Do túmulo m'ergueste, és mais que um anjo,
 Em ti vejo encarnada a Providência!
 Embalde a gratidão, que m'incendia
 Que o fido coração me afoga em sangue,

¹² Teócrito, poeta grego nascido em 310 a.C., é considerado o criador da poesia pastoril e Salomon Gessner (1730-1788) é um escritor e pintor suíço, autor de *Idylles* (1756, 1772), que anunciaram a sensibilidade romântica. Nos versos seguintes, há referências a outros poetas, como Virgílio (70-19 a.C.), autor latino de, entre outras obras, *Eneida*; Jacques Delille (1738-1813), autor francês muito conhecido então; James Thompson (1700-1748), autor escocês vitoriano da chamada fase pré-romântica européia e Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), poeta português conhecido também pelo *Método português Castilho*. Na fonte primária, constava Gésner.

* Nota original do autor: "O belo em todos os gêneros."

Quer do fogo em palavras exprimir-se;
Meu silêncio diz mais; somente um voto
Vai de dívida imensa exonerar-me:
Deus me fala por ti, por ti me salva,
Deus te dê, qual te devo, a recompensa,
Para Eulina, o meu anjo, que notícia!!!
Que júbilo sem par!!! Fidêncio, vamos.
Da tardança do esposo estremecida
Em fervente oração estava Eulina;
Eis escuta uma voz, era a de um filho:
Meu padrinho, e meu pai, estão na sala,
Ei-la Aurélio abraçando, e ao ver-lhe o rosto,
Afeito a revelar tormentos d'alma,
D'alegria radiando, e o fido amigo
Deslizando dos lábios o sorriso,
Ergue as mãos para o céu, absorta exclama:
Que prodígio, meu Deus! Então Fidêncio
Lhe diz: Eulina, o céu te ouviu propício.
Aurélio o mais t'explane. Adeus; e foi-se,
O que Eulina sentiu, quando o consorte
De Fidêncio lh'expôs os dons, e o plano,
Imagine o leitor, não nos foi dado
Descrever comoções, inexprimíveis.
Eis no campo este par transfigurado,
Já fruindo no seio da amizade
Em perene abastança a paz, e a dita,
Preparando o futuro desses filhos,
Que da fé pelo sol iluminados
No físico, e moral robustecidos,
Com Fidêncio por guia, da virtude
Bebendo a inspiração, já desde os anos
Em que amena lição a infiltra n'alma.
Hão de a gélida quadra da velhice
Com digna gratidão amenizar-lhes.
Por milagre do amor honesto, e santo,
Por um rasgo sublime da amizade,
Onde luz como um sol, a Providência,
Chovem bênçãos do céu lá onde o inferno
Aferrara o pendão: ressurge um morto,
Sai do abismo um mortal, recobra o siso,
A crença, a contrição a paz interna,
O pão certo, as delícias sempre novas,
Que a ventura dos seus lhe vertem n'alma,
E por cúmulo ainda o antegosto
Dessa glória imortal, que Deus ao justo
Pela cruz vencedor no céu reserva.
Por que, sendo os Aurélios numerosos,
Os Fidências no mundo são tão raros!!!!

Pelotas, 21 de junho de 1858

7. POEMAS DE ANTÔNIO JOSÉ DOMINGUES EM PERIÓDICOS E ANTOLOGIAS

Ao hospital da Caridade ¹

No dia de sua instalação no Rio Grande, em 24 de junho de 1832

Respeitável asilo, à dor erguido
por solícitas mãos da Humanidade,
em teu seio gentil a Caridade
acolhe os ais do pobre e seu gemido.

Não temas que te abisme injusto olvido
das sombras do porvir na escuridade;
em ti mesmo contém a eternidade,
respeitável asilo, à dor erguido.

Celeste, divinal Filantropia,
em teus braços recebes com ternura
os mortais que arrancaste à foice ímpia!

Triunfas do pavor da sepultura,
restituis à tristeza a luz do dia,
já não chora, não geme a desventura.

Antônio José Domingues (Pelotas)

Tirania ²

Pátria minha gentil, que num momento
vingar soubeste a tua liberdade,
e ficando sem par na heroicidade,
ergueste à glória eterno monumento;

Monstro, de horror e lágrimas sedento,
jurou roubar-te a imensa claridade;
não demores, ó pátria, a impunidade
a lei juraste e cumpre o juramento.

Quando um povo delira e se enfurece
escreve seus anais com sangue humano,
da virtude, de si, das leis se esquece.

Da anarquia, ó Brasil, repele o dano,
vê que ao cetro da lei, se a lei fenece,
quase sempre sucede o de um tirano.

1832 Antônio José Domingues

¹ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1901, p. 204. Esse poema foi republicado na antologia *Rio Grande nos versos dos poetas*, que indica o jornal *Diário do Rio Grande* do ano de 1898 como fonte (não confirmado por mim). A versão desse livro têm duas diferenças importantes que não incorporei à versão final: há a variante “pobre, o seu” (v. 4) e a ausência da palavra “te” (v. 5). Considerei ambos como erro, sendo que o segundo caso deixaria o verso com nove sílabas poéticas. A terceira variante - a presença da vírgula do verso 8 - foi incorporada para criar um paralelo com o primeiro verso do poema.

² *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1904, p. 84. Após a abdicação do trono de D. Pedro I (fato também denominado como ‘revolução’ por alguns historiadores), houve - entre 1831 e 1832 - várias rebeliões e tentativas de golpe provocados pelos grupos de oposição à Regência Trina Permanente, liberado pelo ministro da Justiça Padre Antônio Diogo Feijó, como a Abrilada e a “Revolução dos Padres”.

À saudosa memória do
Cor.^{el} Albano d'Oliveira Bueno³

Aguarda ó caminhante! Aqui repousam
As cinzas imortais do grande ALBANO,
Que abrasado no amor da Pátria chara
Veio a guerra fazer a um vil tirano.

Inda quando apagado o raio ardente
De Leônidas rival o HERÓI prestante⁴
Co' braço vingador assusta o crime,
Que inerme o teme, e o reconhece ovante⁵:

Teu nome, ALBANO, os monstros apavora,
Treme a mão do assassino ao dar-te a morte,
Recolhe a Pátria o teu final suspiro,
Faz a traição o que não fez Movarte.

A honra brama, a Natureza ulula;
A Justiça indignada ao Céu voando
Implora a Jeová, dardeje o raio
Sobre o ímpio, traidor, horrível bando.

Caríssimo despojo! À glória tua
Tributa encômios sólida verdade;
Homenagem te rendem gratibundos
Invencíveis Leões da Liberdade,

Mereces mais que mármore de Paros;
Do Tempo a foice mármore consome;
Enquanto o Sol dourar a Natureza
Em gratos peitos reinará teu nome.

O luto, o pranto, os ais o HERÓI reprova;
Rejeita com desdém funérea rama;
Das sombras do sepulcro triunfante,
ALBANO vive na perpétua fama.

³ Esse poema foi coletado num recorte obtido no Arquivo Histórico do RS, onde consta no verso sobre morte do Coronel Albano de Oliveira Bueno, ocorrido durante prisão em Camuoran (?). Ao final, aparece "Cidade do Rio Grande, Typografia do Mercantil, Rua Direita, 1836". Junto há um manuscrito em que há o título acima e as notas finais: "Por A. J. Domingues/ Cópia p^a. Entregar/ Ao Il^{mo}. Int. Tito de Sá".

⁴ Leônidas, rei de Esparta, preferiu morrer em combate, em 480 a. C., do que se render.

⁵ Ovante é sinônimo de "triunfante, jubiloso, vitorioso".

Soneto ⁶

Saúda, ó Musa, o general prestante,
 Que, de fidos heróis marchando à frente,
 Sustenta com seu braço armipotente
 Do jovem Pedro o trono vacilante.

Celebra, ó musa, em metro altissonante
 Dos guerreiros a flor, a honrada gente,
 Que, salvando do abismo o continente,
 O auriverde pendão sustenta ovante.

Vingadores das leis, da integridade,
 Promete-vos o céu esta vitória
 Sobre a negra cerviz da iniquidade.

De vós a pátria espera imensa glória,
 Vossos nomes enloura a humanidade
 E em tarjas de ouro os eterniza a história.

Hino ⁷

Quando a Pátria, Ilustre Conde,
 Teve injúrias a vingar,
 Eis-Te em campo, e logo vimos
 Os tiranos baquear.

Viva PEDRO, que os direitos,
 Fez do Cetro respeitar;
 Viva o Conde, que de PEDRO,
 Soube o Nome eternizar.

Tua espada conseguiu
 O nó terrível cortar;
 Tu fizeste o que as potências
 Não puderam consumir!

Viva PEDRO, que os direitos,
 Fez do Cetro respeitar;
 Viva o Conde, que de PEDRO,
 Soube o Nome eternizar.

⁶ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1903, p. 143-144.

O soneto sem título foi coletado em meio a um texto sobre Bento Manoel Ribeiro em que o autor Alfredo Rodrigues cita o poema como exemplo do “entusiasmo dos legalistas” para esse militar. Durante a Revolução Farroupilha, Bento Manoel esteve ora do lado farroupilha, ora do lado legalista e atuou, como general (como citado nos versos) do lado imperial (ideologia do poeta), entre nov. de 1842 e 1845, período em que o poema deve ter sido escrito.

* No dia 16 do corrente a sociedade *Recreação Pelotense* realizou um baile em homenagem ao Conde de Caxias. As salas estavam todas enfeitadas com as cores das bandeiras do Brasil e da província. Havia faixas saudando o conde e no topo da escada, 16 meninas vestidas de branco com fitas celestes nos cabelos, nas quais se lia: Conde de Caxias. Quando o Conde entrou na sala após saudar a todos, a Sra. D. Henriqueta Gomes, filha do cirurgião Gomes, cantou um hino posto em música pelo hábil Sr. J. Teixeira Reis.

⁷ *O Rio-Grandense*. Rio Grande, 20 jun. 1852, p. 3. Foi republicado no jornal *Pelotense* de 22 jun. 1852 e em fôlio avulso. Há diferenças insignificantes (maíuscula em “potências” e minúscula em “paz”) entre as publicações.

Foi dos tiranos a empresa
Os povos escravizar;
Foi, ó Conde, a empresa Tua
Esses povos libertar.

Viva PEDRO, que os direitos,
Fez do Cetro respeitar;
Viva o Conde, que de PEDRO,
Soube o Nome eternizar.

Sobre a base da vitória
Tu a Paz foste firmar;
É por isso a glória Tua,
O Teu renome sem par.

Viva PEDRO, que os direitos,
Fez do Cetro respeitar;
Viva o Conde, que de PEDRO,
Soube o Nome eternizar.

Ao jovem monarca D. Pedro V⁸
(trechos)

Brilhe o zelo em varões que generosos
Do pátrio brio nos incêndios ardem,
Salutar instrução renove as almas;
Qual dos astros o rei fulgindo a prumo.
Na brenha mais profunda a luz dardeje,
‘Té da ignota cabana exterminando
A fatal ignorância, a mãe das trevas.

.....

Ignorância deprime, avilta o homem
Qu’imerso em sombras de perpétua noite
Pouco acima do autômato s’eleva,
Nem do eloto, qu’horror! Enjeita o fado!
Fácil presa do astuto e do perverso,
Festejando de rojo seus tiranos,
Canta ao som do grilhão, prefere ufano
Ao regime da lei, e da vontade,
Que s’um Tito lhe dá, lhe impõem cem Neros!

.....

⁸ *O Rio-Grandense*. Rio Grande, 02 jul. 1856, p. 1-2. Esses trechos do poema constam no interior de uma notícia: “Saiu enfim do prelo do Sr. Cândido Augusto de Mello mais uma flor (...) do distinto literato o Sr. Antonio José Domingues. É um poemeto épico expressamente feito para solenizar a exaltação ao trono de Portugal do jovem monarca D. Pedro V e dedicado ao mesmo Augusto Senhor pelo seu autor”. D. Pedro V (16 set. 1837 - 11 nov. 1861), após dois anos de regência paterna, foi aclamado rei de Portugal em 16 set. 1855 e em 18 maio de 1858 casou com D. Estefânia (1837-1859), cuja morte também foi tema poético no Brasil.

De ventura e grandeza os elementos
 Só reclamam de vós a consciência
 Dos dons que vós há feito a Providência,
 Só reclamam de vós heróico esforço
 Essa férrea vontade, que indomável
 Arrasa os montes, os abismos cerra
 Os rochedos fecundos, o espaço encurta,
 Os óbices⁹ derriba, e sempre firme
 Todo o estádio percorre, nem repousa.
 Até que solta da vitória o grito.

.....

Do sono te desprende, ó luso, acorda;
 Abre os olhos à luz, evoca as sombras
 Dos heróicos avós, e erguendo as lousas
 Desse pó, pela glória consagrado
 Sublime inspiração teu peito inflame

.....

No árduo, no difícil nunca vejas
 Como os fracos, e os vis, o impossível!

.....

Às empresas te arroja, tudo creio
 Tudo espero do céu, quando no trono
 Refulge um sábio rei, qual Pedro V.

No faustíssimo e memorável dia Sete de Setembro ¹⁰

Salve o dia imortal e rutilante,
 És dos dias da Pátria o mais formoso;
 Por ti pode o Brasil a régia fronte
 Entre as livres nações erguer donoso¹¹!

Por ti, q'és dom da SÁBIA PROVIDÊNCIA,
 Ele cresce em poder, e majestade,
 E com PEDRO na frente irá mostrando,
 Que é digno de fruir a liberdade.

Neste vasto país independente,
 Neste império da cruz o mundo veja
 Qu'em triunfo entre nós a LEI DIVINA,
 Faz q'a nossa união eterna seja.

Neste dia sem par juremos todos
 Insultos repelir; ou vil tutela;
 Quando a PÁTRIA agredida nos invoque,
 A seu brado acudir, morrer por ela.

⁹ Óbice, conforme *Aurélio eletrônico*, é um “impedimento, embaraço, empecilho, obstáculo, estorvo”.

¹⁰ *O Rio-Grandense*. Rio Grande, 13 set. 1856, p. 1. O poema provavelmente é reprodução do jornal *O Pelotense*, no dia 7 de setembro.

¹¹ Donoso é no sentido de “gracioso, galante, bonito, formoso, belo”.

Neste dia sem par juremos todos
 Nas aras imolar do patriotismo
 O monstro, q'as entranhas nos devora,
 O torpe, asiago, estólido¹² egoísmo.

Banir sempre de nós o ócio infame,
 Em brio nacional ir sempre avante,
 Progredir, progredir, mas indo aceso
 O facho da razão sempre adiante.

Só destarte¹³ as nações robustecem,
 Só destarte s'exalta um grande povo;
 Só destarte o Brasil pode elevar-se
 Do seu destino ao par no Mundo Novo.

Por A. J. Domingues
 Setembro 1856

Quadras oferecidas às órfãs ¹⁴

Vós que sois de vossos pais
 Esperanças, e delícias,
 Que aqui vieste beber
 As literárias premícias.

Por vosso fervor no estudo,
 E louvável proceder,
 Nestes versos, que recito,
 Encômio vos vou tecer;

Os meus sinceros emoras
 Prazenteiras aceitai,
 E nos vossos corações
 Minhas palavras gravai.

No vosso exame primeiro
 Como nós, reconhecestes,
 Que vosso espírito ornando,
 Vosso tempo não perdeste;

E que os dons da inteligência,
 Sobretudo apreciáveis,
 Vos fazem sempre mais belas,
 E cada vez mais amáveis;

Que a santa RELIGIÃO,
 Pela virtude ensinada
 Às almas dóceis, lhes fica
 Perpetuamente gravada;

Que dela os atos preceitos
 Dão glória, paz, e ventura,
 Que tudo acaba, e só ela
 Triunfa da sepultura.

¹² Estólido, no *Aurélio eletrônico*, é igual a “tolo, parvo, estúpido”.

¹³ A forma destarte, sinônimo de “por esta forma, deste modo; assim”, estava com apóstrofo no original.

¹⁴ *O Rio-Grandense*. Rio Grande, 22-23 set. 1856, p. 1. O poema é composto por 27 quadras. Antes do poema, há a indicação que o poema foi extraído do jornal pelotense *O Noticiador*, sem precisar a data.

Por vosso estudo constante,
Vosso talento e memória
Cultivai, para que a fronte
Vos cinja a mão da vitória.

Não podereis, ficai__cetas,¹⁵
Sem perfioso estudar,
Nestas lutas literárias
A triunfos aspirar.

Ó donzelinhas, não vedes.
Crescer no vosso jardim
Quando lhe falta o cultivo
O cardo, o espinho, o capim?

Quando inulto, abandonado¹⁶
O vedes assim jazer,
E nem sequer uma flor
Já nele podeis colher.

Inda na quadra pueril
Vos costumais a pensar,
Que sem trabalho, e cultura
Nada se pode alcançar.

Mas se de novo o alvião¹⁷
For a terra preparar,
Se das ervas importunas
A for de todo expurgar.

Ireis ver as lindas flores,
Disputando a precedência,
E como a purpúrea rosa
Vos merece a preferência.

Sempre foi às virgens cara
Por seu perfume, e rubor;
Perfeita imagem daquele
Que à face manda o pudor.

À rosa aberta, onde a gala,
Odor e graças estão,
Não vos esqueça juntar
Uma rosinha em botão;

Nesse emblema tão fiel
Da vossa idade, e pureza,
Como é grata a vossa imagem
Num primor de natureza!

¹⁵ No exemplar consultado, havia uma falha que impossibilitou a leitura.

¹⁶ No original, há um espaço e não a letra t no “inulto”.

¹⁷ Alvião é um instrumento semelhante a enxada ou a picareta.

O lírio, o níveo jasmin
Nessa alvura acetinada
Vos lembrem vossa inocência
Neste Asilo conservada.

Nunca, nunca desprezeis
Estas simbólicas flores,
Que além de serem mimosas,
Merecem vossos amores.

Vosso jardim descrevi
Quando inculto abandonado,
É como, pelo cultivo,
Ficou de flores ornado;

O vosso espírito assim,
Deixando de progredir,
Vereis a feia ignorância
De triste sombras cobrir;

Estudiosa rival
Vos há de o prêmio colher;
Ireis então no retiro
Vossa derrota esconder;

De vossos pais no semblante
Le_eis acerbo pesar,
Quando podíeis de gosto
Suas almas inundar!

Longe vá tão negro quadro
Desta mansão venturosa,
Nenhuma de vós conheço,
Que não seja estudiosa.

Quando o círculo anual
For outra vez completado;
Que novos conhecimentos
Tereis então conquistado!

Se o supremo Autor da vida
Os dias me conservar,
Hei de vir, qual venho agora,
Meus cantos vos ofertar;

Celebrar novos triunfos
De bom grado aqui virei;
Vossas frentes loureadas
Com gosto imenso verei.

Setembro 1856
por Antônio José Domingues

Ode dedicada ao asilo de órfãs e às religiosas que o dirigiram, em 1856¹⁸

Já do estádio da vida a meta extrema
Vejo perto de mim. Da morte o anjo
De lá me acena e brada:
“Não basta de ilusões? Pendura a lira
N’algum destes ciprestes, que te aguardam,

Ou desfere-lhe sons, que vão, rompendo
A noite do porvir, dar inda encantos
A geração que veja
As estrelas caindo, o sol de luto,
O mundo em fogo, as ilusões em fumo!

Longe os fantasmas, que o prestígio doura,
A virtude t’inspire, e nela absorto,
Os cantos lhe consagra.”
O anjo disse, e logo eu sinto n’alma.
Ferver-me o estro em turbilhões de flamas.

Onde a virtude, exclamo, que mereça,
Os cantos imortais? Eis que de chofre
Venerabundo avisto
O sacro asilo, às órfãs desvalidas
Pelas mãos da Piedade consagrado

Como as vi, quais as vejo! Serão essas
Que arrastando os andrajos da miséria.
Em torno dos sepulcros,
N’amargura a carpir, bebendo o pranto,
A chamar pelas mães enrouqueciam?!

Que prodígio, contai-me inocentinhas,
Tão profundo infortúnio superando,
As sombras da tristeza
Do rosto vos banuiu, ao transmudar vos
O crepe em gala, o suspirar em cantos?

A voz da Providência, me respondem,
Nas almas generosas ecoando,
O fado nos remiu:
Eis as portas do Asilo a nós abertas,
A dor, o luto, as lágrimas extintas!

As virgens do Senhor, que de Maria,
A mais terna das mães e a mais sublime,
Ao coração votadas,
Nesse foco sem par de amor divino
Para inflamar-se os corações acendem.

¹⁸ *Pelotense*, Pelotas, 01 maio 1887, p. 2. Conforme propagandas no jornal *O Rio-Grandense* de 1856, as atividades do asilo começaram em 07 fev. 1856, provável data de escrita e publicação inicial da composição. Magalhães (1992, p. 71) data a fundação em 1855, sem detalhar a fonte.

Chegando-nos a si, no casto seio
Lhes sentimos calor, qual que outrora
 No peito nos coava,
Quando aquelas, que os túmulos escondem,
Na frígida estação nos bafejavam.

Desafeitas¹⁹ aos mimos da ternura
Só nestas virgens escutando havemos,
 Quando a si nos apertam,
O palpitar do coração materno,
Que os ouvidos filiais distinguem tanto.

Logo os véus cor da noite nos mudaram
Nestes que vedes de nitente²⁰ alvura;
 Os hórridos espectros
Que ao triste o sono com visões perturbam,
Aos conjuros de amor se dissiparam.

Já não somos as órfãs desvalidas,
A que tem, como temos, calorosos
 Exímios benfeitores,
À quem, vindas do céu tais mães couberam,
D'órfãs ditosas nos designe o nome.

Das vias à voragem conducentes,
Onde a inocência despenhada expira,
 Salvou-nos pressurosa,
Da par nesta mansão a cavidade:
Eis seus feitos em nós, eis o prodígio!

Donzelinhas gentis, lhes digo, avante:
Sede sempre quais sois as dignas filhas
 Das irmãs de Maria,
A rainha do Empíreo; sem constância
A ninguém do triunfo há vindo a palma.

Acesso em gratidão os olhos volvo
Às virgens do Senhor, e exclamo: Salve
 Modelos de virtude,
Veneráveis irmãs; a humanidade
Por mim de graças vos consagra um voto.

Vasto incêndio de amor, que de Maria
Abrasa o coração, no vosso em chamas
 Intenso reverbera,
E nos semblantes das filhinhas vossas,
Entre sorrisos, encantando esplende.

Para as lamas trazer-lhes saciadas
Desse amor divinal, ides, nas asas
 Da oração libradas,
Sugar o mel no coração da Virgem,
Sem nunca o verdes nesse peito exausto.

¹⁹ Desafeito significa desacostumado.

²⁰ Nitente, no contexto, é algo nítido, brilhante.

Nos bicos sequiosos das pombinhas,
 Que rijo vendaval vos arrojara,
 Sobre o virgínio grêmio,
 Instilais noite e dia, ao som dos hinos,
 Esse néctar que os anjos saboreiam.

Venerais irmãs três vezes salve!
 No jardim que regais, onde rescendem
 As imurcháveis flores,
 Vem sempre um anjo a recolher odores,
 Para com eles perfumar o Empíreo.

Como Clara e Teresa, tipos vossos,
 Tendes sempre aguardando o esposo eterno,
 As lâmpadas acesas.
 Oh! Que ricos florões para a coroa
 Que vos deve cingir na eternidade!

Vós lhe sagrastes o melhor da vida,
 A quadra juvenil, em que os prestígios
 Pululam, fascinando
 Tantos mil corações, e mundo há visto
 Os vossos sempre a repelir-lhe os filtros.

Ao virgíneo o brasão, virgínea palma
 A glória associas de mais fecundas.
 Maternidade augusta
 Que na prole gentil vai transformando
 Amor supremo, aspirações celestes.

Neste canto à virtude tributado
 Um só verso não há, que da verdade
 O selo não consagre.
 Embora os évos lhe acumulem sombras,
 Ela é filha da luz não teme a noite.

Se do tempo voraz a fúria deve
 Meus outros cantos submergir no olvido,
 O anjo que protege
 Contra os profanos este sacro asilo
 Só este salve, tudo mais se abisme.

**A despedida do guerreiro
 ao partir para o campo de combate²¹
 Dedicada aos bravos do Império de Santa Cruz**

Eis o dia de marcha! A voz augusta
 Do país tantas vezes insultado,
 Das tubas o clangor, o pátrio brio
 Ao mavórcio conflito os bravos chama;
 O despeito os incende, os bravos fremem
 Por vingar-se e vingar, como lhes cumpre,
 As vítimas que não sido pelos seides

²¹ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 27 out. 1858, p. 1. O poema não possui estrofes, exceto pela divisão da fala dos personagens e nas quadras finais. Inocêncio Silva diz que é um “poemeto entre Alfredo e sua esposa Elvira, em versos hendecassílabos soltos” (VIII, 199).

Nas aras do terror sacrificadas
 Dos mártires da honra venerandos
 Sobre as ósseas relíquias insolutas²²
 Deve o sangue correr dos homens feras,
 Antes que as hordas do tirano venham
 O solo poluir da pátria nossa,
 E trazer às famílias brasileiras
 A desonra, a pilhagem, a fome e a morte,
 Cumpre elas arrostar lá onde os urros
 Ao leão brasileiro os tigres soltam;
 É forçoso partir, adeus, Elvira!
 Aqui vais neste peito, aqui te levo
 Neste meu coração, que ao teu pertence;
 Nesse fruto do amor, que nos inflama,
 Tens ausente de mim o esposo e o filho,
 Nunca a pátria vibrou, quando ofendida,
 Tão forte, como agora, o márcio grito;
 Quando a honra este brado escuta imenso,
 Todas as vozes nesta voz se abismam!

ELVIRA

Não verás abismar-se a voz potente,
 Que por línguas de fogo a natureza
 Da mãe, da esposa ao coração dardeja.
 Se amo, como tu, a pátria nossa,
 Nele mal reconheço e no meu peito
 De puro amor filial lhe rendo cultos;
 Anheio, como tu, que, vindicando
 Repetidos ultrajes do tirano,
 Sobre o colo lhe imponha a invicta planta;
 São teus votos os meus, ardo em desejos
 De ver os campeões da liberdade
 Ir vingar a razão, a humanidade;
 Mas, se para vencer cumpre que Alfredo,
 O caro esposo meu, pereça e seja
 Dos abutres e feras devorado,
 Se, para que a vitória enlaire os nossos,
 Do leito nupcial as rosas devem
 Em uma cinerária converter-se,
 Adeus, pátria, adeus, glória, adeus, triunfo,
 Adeus, ó natureza! Uma só prece,
 Um só voto, uma súplica há de ouvir-me
 O Pai Celestial mandar ao anjo,
 Que da vida mortal liberta os tristes,
 Me transporte à mansão, onde tu'alma
 No mundo dos espíritos repouse;
 Por milagre do amor que te consagre,
 Tu lá mesmo hás de ver a tu'Elvira
 Ir de novo contigo unificar-se.
 Exalte embora o mundo as heroínas,
 De que Esparta se ufana, por mostrarem
 Pela morte dos filhos, dos esposos
 Em defesa da pátria sangue-frio,
 Estóica impavidez, ledó semblante;

²² No original, está grafado “inssoultas”. Pelo contexto, conclui-se que é variante de dissoluto (desfeito).

Inda quando festivas modulavam
 Ao triunfo dos seus mavórcios hinos,
 Abrissem-lhes o peito, então veriam
 De gala o rosto, o coração de luto!
 Ora vou revelar-te, esposo, um sonho
 Que me traz assombrada, estremecida;
 Sonhei que o meu Alfredo num combate
 Mortalmente ferido e rebolcado²³
 No próprio sangue, às auras transmitia
 Estas vozes já frio e moribundo:
*“Onde estás, minh’Elvira, acode, esposa,
 Vem nas asas do amor, não tardes, voa
 A recolher meu último suspiro”*
 Nisto um grito soltei; acordo e sinto
 O sangue ao coração angustiado
 Em ondas refluir e sufocar-me;
 Com fé viva invoquei, nem foi de balde,
 A mãe do Eterno, e logo da minh’alma
 Veio um raio de luz banir as sombras.
 Teu noturno repouso perturbasse
 Sei que não devo acreditar em sonhos,
 Mas o presago coração me incita
 A pedir-te que ao campo de combates
 Me permitas que eu vá contigo e possa
 Vencido ou vencedor acompanhar-te.
 O amor quando ardente quando forte,
 Corage infunde que os mortais surpreende,
 Esses márcios trovões, esses pelouros²⁴
 Que vão nas filas semeando a morte,
 Não temas que de susto me regelem.
 Eu só da longa ausência temo as dores,
 Só da saudade me apavora o vulto!
 Para os amantes d’aflições fecunda
 A cruel incerteza não me venha
 Os dias funestar, fazer das noites
 Mais pesadas as sombras, mais terríveis
 Os fantasmas que o medo aos tristes forma.
 De tais monstros me livra e possa Elvira
 Dar-te aos restos mortais sepulcro honroso;
 Endereçar ao céu por ti suspiros
 Que presto à glória do Senhor t’impetrem.
 S’intacto e salvo os louros da vitória
 Propícia te destina a Providência.
 Sócia tua fiel eu mesma quero
 Ao som dos hinos enrugar-te a fronte;
 O destino do esposo é meu destino.

ALFREDO

Não cuidei, minha Elvira, que sisuda,
 Que atilada, qual és, o amor de esposo
 Tão errôneas idéias t’inspirasse!
 Por teus votos Alfredo viveria

²³ O verbo rebolcar (ou revolver) significa, no trecho, “revolver, virando”.

²⁴ Aqui, o termo toma um sentido em desuso, que é o de “bala esférica de ferro ou de pedra, empregada antigamente em peças de artilharia”.

Sempre ao lado d'Elvira, embora o lodo
 Que os cobardes recobre o submergisse.
 De teus lábios ouvir quando esperava
 As ígneas expressões que à mulher forte
 Do pátrio brio as explosões sugerem,
 Quando o ardor, que m'inflamas, tu deveras
 Mais ainda incender, tu vens falar-me
 D'infaustos sonhos, de funéreas urnas,
 De morte, de sepulcro, e tudo quanto
 Até d'hercúleo peito acanha impulsos!
 Não sabes que o guerreiro quando jura
 A pátria defender, de Deus à face,
 À face do país lhe faz heróico
 A solene oblação da vida sua?!
 Ignoras qu'esta vida tão mesquinha,
 Tão curta, miseranda e fugitiva,
 Só quando ativa a rica de virtudes
 A vida sempiterna²⁵ nos prepara.
 E nela a glória d'inefável preço?!
 Egoística inércia, mui nefanda
 Da sórdida indiferença, encerra, inflijo
 Essa morte moral que os homens torna
 Ambulantes sepulcros recheados
 D'ascorosos reptis, de sevandijas²⁶!
 Trocar vida mortal por fama eterna,
 Quando a pátria a reclama, quando invoca
 Dos filhos o valor, a espada, o raio,
 É timbre de varões, qu'inda na terra
 Tem a mente nos céus, e lá divisam
 O título imortal, o grão sublime,
 Que no Empíreo lhe guarda o rei dos fortes,
 Tens dos quadros históricos da Grécia *
 Revisto a galeria: lá fulgura
 D'herói, chefe d'heróis, do grão Leônidas
 O vulto majestoso! Em frente aos bravos
 Intrépido, arrostando a hoste imensa
 De bárbaro invasor, no posto firme
 Pela pátria pugnou te que da morte
 Ao sopro lhe caiu da destra o ferro
 No quente sangue hostile mil vezes tinto!
 Entre os nomes do Cúrcios e dos Codros,²⁷
 Como um grão luminar repele as sombras!
 Em presença da pátria que me brada:
 "Vai, Alfredo, vingar-me", quando aflita
 Reclama a humanidade a destra minha
 Só tais vozes me abalam, nos comovem,
 As idéias me atraem, me concentram

²⁵ Sempiterno é a característica do que é eterno.

²⁶ Sevandija é, conforme o *Aurélio eletrônico*, a designação comum aos parasitos e vermes imundos.

* Nota original do autor: "A digna consorte deste bravo tinha recebido uma educação distinta e não ignorava a história."

²⁷ Ambos citados na estrofe 53 do canto quarto d'*Os Lusíadas*. Segundo edição consultada, Cúrcio "se atirou a um abismo aberto em Roma por um terremoto. Assim o fez, quando informado que esse abismo só se fecharia se nele se atirasse o homem mais valoroso" e Codro foi o "último rei de Atenas. Penetrou disfarçado entre os inimigos, para que estes o assassinassem, pois só assim se cumpriria o oráculo que exigia a sua morte para a Pátria se salvasse" (p. 291).

Numa empresa a mais santa que a justiça
 A seus fidos campeões tem cometido.
 Sou cristão, como sabes, não me afronto
 De cumprir os deveres que me indica
 O mais nobre dos títulos humanos;
 Eu no Deus dos exércitos espero
 Que as armas brasileiras levem presto
 Às hordas do tirano a fuga ou morte.
 A fé redobra no meu braço o esforço,
 No meu peito o valor; a fama em breve
 Há de vir neste lar anunciar-te
 O triunfo dos nossos, e dizer-te
 Que o pendão auriverde, fulgurando,
 Aforrado no campo da batalha,
 No cimo de troféus ondeia ovante!
 A fé, que me robor²⁸, que m'eleva
 Acima dos mortais, que na matéria
 Com vil aspiração a glória sonham,
 Esta fé te sublime, te conforte.
 Nesse infante gentil, a cópia viva
 De nós ambos, Elvira, emprega os mimos,
 Os afagos emprega, e quando chegues
 Teu peito maternal ao peito dele,
 Seu terno coração quando te sintas
 A pulsar sobre o teu, crê d'Alfredo
 Nesse sente, palpita, e te consagra
 Inundado em ternura amor sem termo,
 Deste infante o sorriso embate as setas
 Que diuturna saudade aguça e crava;
 Esse mesmo sorriso te revele
 A ventura de Alfredo e seu triunfo,
 Vou partir, cara esposa, quero ver-te
 Olhos enxutos, amazônio rosto,
 Ademan²⁹ de heroína: adeus, Elvira.

ELVIRA

Um momento, e não mais escuta, Alfredo;
 Não sem pejo conheço que a censura
 Que há pouco m'irrogaste³⁰ assaz mereço;
 Este amor qu'extremoso te consagro
 Cerrou-me inteiramente os olhos d'alma;
 Transida de pavor, perdida a mente,
 Fui toda coração, só vi no mundo
 O caro esposo meu e sibilante
 Chuva de balas a crivar-lhe o peito!
 Por saber teu valor mais inda o susto
 Agoureiras visões m'improvisava.
 Quando eu devera recatar prudente
 O sonho infausto, as concepções funestas,
 Desnudei-te a minh'alma e viste nela

²⁸ O verbo roborar é, no contexto, sinônimo de “aumentar as forças de; fortificar, avigorar, revigorar”.

²⁹ A forma singular de ademanes (que significa movimentos e gestos) deveria ser “ademane” ou “ademã”. Para manter o metro, manteve-se a forma usada pelo poeta. Joaquim Norberto de Souza Silva, em seu *Brasileiras Célebres*, transcreve um trecho de Saint-Hilaire usando também o termo “ademan” (p. 142).

³⁰ O verbo irrogar significa, segundo o *Aurélio eletrônico*, “impor, infligir”.

Um quadro atarrador; perdoa, Alfredo.
 As centelhas que vibras desses olhos,
 Por alto patriotismo afogueados,
 M'iluminam, m'incendem, me transtornam!
 Já não vês os meus olhos lacrimosos,
 Nem mais interjeições angustiosas
 Te hão de em mim revelar tumulto d'alma.
 Falaste-me do céu, e logo a terra
 Da mente se me foi; subi contigo
 Lá onde a fé de glória nos descobre
 O fulgor imortal: espero, Alfredo,
 Espero, como tu, que à santa causa
 Confira a Providência indúbia palma;
 Confio, como tu, que no conflito,
 Nesses vis canibais, somente afoitos
 Quando imolam nas aras do tirano
 Miseranda hecatombe de inocentes,
 Há de o susto lavar, e apenas vejam
 Que o leão brasileiro erriça a coma³¹,
 Esgrima as garras, arreganha as presas,
 E das fauces ignívomas³² desprende
 O espantoso vagido da vingança
 Hão de o dorso voltar, ou fulminados
 Dar ao corvo faminto um pasto imundo,
 Voa ao alto destino que te chama;
 O anjo que te guarda vá contigo,
 E te seja broquel, amparo e guia,
 Este o último abraço: adeus, Alfredo!

ALFREDO

Quanto exulto de ver-te, minha Elvira,
 As lacônias matronas imitando,
 Quando ao ir para a guerra os seus consortes
 Ao partir iam delas despedir-se;
 Agora sim, agora reconheço
 Em ti de audaz guerreiro a digna esposa!
 Em honra deste dia, Elvira, vamos
 Nós ambos entoar um márcio canto.

AMBOS

Quando a pátria dos filhos reclama
 Ir-lhe na guerra insultos vingar,
 Ou com ela vencer deveremos,
 Ou sem ela na lide acabar.

Dos bravos somente a vitória
 Há de as fronteiras de louros ornar;
 Vamos, sócios, às margens do Prata
 Na peleja esses louros ganhar.

Ajudar nossos bravos vizinhos
 A pôr termo à vil servidão;
 A seus votos por serem sublimes
 Nossos votos ligados estão.

³¹ Erriçar, ou eriçar, a coma é “arrepisar a juba”.

³² A expressão “fauces ignívomas” deve ser entendida como “gargantas que expellem chamas”.

Debeliados os ímpios tiranos,
Vão fechar-se as cenas de horror;
Dos povos que os ferros oprimem
Vai cessar o profundo terror.

Quer mostrar o leão brasileiro
Que do tigre não teme o furor.
E de novo ao pendão auriverde
Vai da glória avivar o fulgor.

Quando o céu nos outorgue a vitória,
A Deus graças iremos render;
Dos bravos a espada não corte
Quando Deus a não quer proteger.

Nossos nomes há de ir a justiça
Nas festas da glória inscrever.
E dos evos a noite rompendo,
Há de eternos fazê-los viver.

Antônio José Domingues
28 de setembro de 1858

Epicédio ³³

*Beatus qui intellegit super egenum
et pauperem in die mala
liberabit eum Dominus
Bíblia ³⁴*

*Venturoso o benfeitor
Dos indigentes sensível;
Será Deus seu Protetor
No dia acerbo, e penível.
Tradução do autor*

Estefânia, que vejo! Ontem Rainha,
Hoje exânime, e fria, hoje cadáver,
Destinado a juntar ao pó, que resta
D'extintas gerações, em pó recente!
Inda ontem num trono, dominando
Os lusos corações, hoje, que fado!
Já nas sombras da morte submergida!
Onte'Esposa feliz, hoje dos braços
Desse Rei, todo Teu, por mão ferrenha

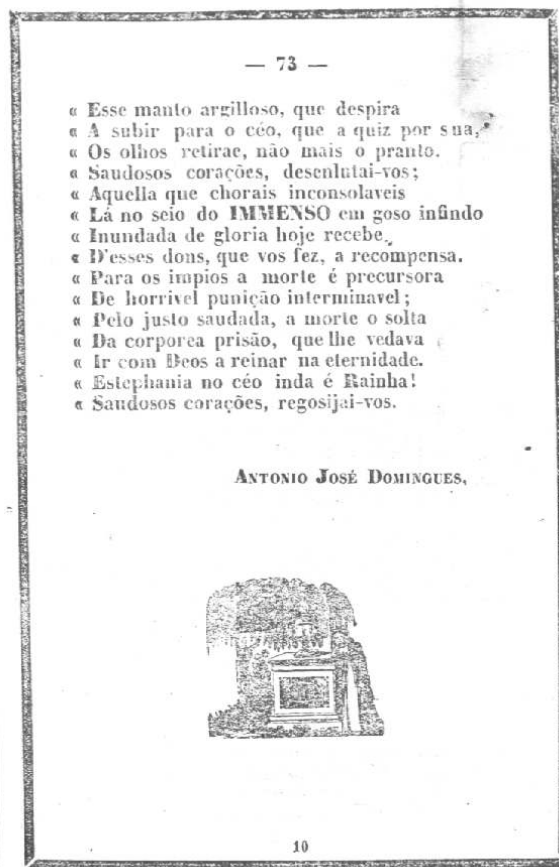
³³ In SOUZA, Bernardo Xavier Pinto de (org). *Mausoléu levantado à memória da excelsa Rainha de Portugal, D. Estefânia*. Rio de Janeiro: Livraria e Tipografia de Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1860, p. 70-72. Inocêncio Silva indica que esse poema foi publicado num fólio de uma página em Pelotas em 1859 pela Typografia de Cândido Augusto de Mello. É de Blake (p. 242) a informação de que foi publicado na antologia coletada. O poema não tem divisões de estrofes. A rainha Estefânia (15 jul. 1837- 17 jul. 1859) casou-se com D. Pedro V (1837-1861) em 18 maio de 1858.

³⁴ A epígrafe em Latim - parte do Salmo 40 - foi corrigida conforme o texto original da *Vulgata* de São Jerônimo, pois o texto na fonte primária continha erros em algumas palavras. A tradução oficial da Igreja Católica, feita pelo padre português Matos Soares com o apoio papal, do citado trecho é: "Feliz quem se lembra do necessitado e do pobre, porque no dia da desgraça o Senhor o salvará." Agradeço ao prof. dr. Oscar Brizolara (FURG) as informações dessa nota.

Para sempre arrancada!
Majestade, poder, beleza e graças,
Os encantos do amor, as mil venturas,
Que na mente o porvir T'improvisava,
Um sopro Te desfez! És hoje apenas,
Por mais que d'ouro, e seda Te recubram,
Por mais disfarces que a vaidade invente
Pútrido espólio que reclamam vermes!
D'Estefânia mortal, eis o que resta!
Já basta de falar dos acidentes,
Que nutrem d'ilusões a raça humana.
Sobre as asas da Fé, transpondo os mundos
 Que aceno Omnipotente
Fez submissos rodar ao espaço imenso,
 Minh'alma vai seguir-Te,
Estefânia imortal onde resplende
O divino fulgor do sol eterno.
Que valor dás Tu hoje ao que na terra
 Os homens extasia!
Os títulos, as galas, o cortejo,
Das régias salvas o trovão festivo,
Esses vivas que as auras percutiam,
As canções que Teus dotes sobrehumanos
A vates sublimados inspiravam,
 Ante Deus de que valem!
O que o mundo Te deu, ficou no mundo;
O que a Deus ofertaste, em Deus o gozas.
Só Te vale a virtude, só Te valem
Os dons, o afago, que fizeste aos tristes.
Se no livro da vida a mão do Eterno
O Teu nome exarou, é porque foste
Um dos anjos visíveis, que na terra
Do PAI CELESTIAL a Providência,
Aos que sofrem valendo, representam.
Desses órfãos a quem risonha, e branda
O cálix, todo fel, enternecida
De leite e mel em taça converteste,
Desses órfãos as preces, os suspiros,
A favor dos que o fado lh'embrandecem,
Quanto podem com Deus! Ah! Se te vissem,
Qual Te vejo, Estefânia, os que na terra
Pelos filtros do mundo inebriados,
Dos míseros aos ais ensurdecidos,
Nem sequer um sorriso lhes outorgam,
Que pesar! Que mudança nessas almas,
Condenadas a crer que além da campa
Não tem mais que gozar! Oh! Como vejo
Refulgir o diadema , que Te cinge
 A fronte majestosa!
Uma prece Te faço, ó Deus, ordena
Que à mansão dos mortais, fendendo as trevas
Desça Estefânia de fulgor cercada,
Qual se ostenta no céu; que Pedro a veja
Em sonho, ao menos, suspender-lhe as mágoas;
No fido coração, todo saudade
Lh'instile meiga o bálsamo celeste;
Que na glória da Esposa absorto admire

A que aos Reis, como Ele é, Senhor, destinas;
 Ela seja o seu Anjo, o seu conforto
 Nas lutas do porvir. Os portugueses,
 A quem soube inspirar, apenas vista,
 Esse amor, que à virtude se consagra;
 Tenham n'Elas ante Vós penhor celeste
 D'amparo, e proteção. Eis nisto à terra
 Ao êxtase volvi. Ah! Se eu pudera
 Sobre as asas de um anjo transportar-me
 Ao meu solo natal! Ah! Se eu pudera
 Revelar o que vi aos desditosos,
 Que a piedosa Rainha vezes tantas
 Liberal socorreu, e que ora em pranto,
 Recobertos de luto, genuflexos
 Junto ao régio sepulcro, soluçando,
 Nos acentos da dor, quando indomável,
 Acusam, delirando, a PROVIDÊNCIA,
 Por dos anos na flor, arrebataram-lhes
 Dos míseros a Mãe, eu lhes dissera:
 "Não mais vocifereis, mortais estultos,
 Contra o Ser Infinito, contra o Justo,
 Que tão mal conheceis; ouvi-me atentos:
 Por um trono precário, fugitivo,
 Permutou-lhe o Senhor, inda tão cedo,
 Pelo mérito seu sem trono eterno.
 Do mármore pomposo que recata
 Esse manto argiloso, que despira
 A subir para o céu, que a quis por sua,
 Os olhos retirai, não mais o pranto.
 Saudosos corações, desenlutai-vos;
 Aquella que chorais inconsoláveis
 Lá no seio do IMENSO em gozo infundo
 Inundada de glória hoje recebe
 Desses dons, que vos fez, a recompensa.
 Para os ímpios a morte é precursora
 De horrível punição interminável;
 Pelo justo saudada, a morte o solta
 Da corpórea prisão, que lhe vedava
 Ir com Deos a reinar na eternidade.
 Estefânia no céu inda é Rainha!
 Saudosos corações, regozijai-vos".

Antônio José Domingues



À verdadeira amizade³⁵

*Feliz, mil vezes feliz
Digno da nossa homenagem,
O varão que achar aqui
Do seu coração a imagem.*

Ergue a fronte radiante
De divina claridade,
Refulgindo entre as virtudes
A verdadeira amizade.

Propício aos tristes humanos
Movido o céu de piedade
Enviou-lhes a celeste
A verdadeira amizade.

Odeia a dobre lisonja
Ama a justiça, a igualdade,
É fida, ativa, constante
A verdadeira amizade.

Jamais pousa as néveas plantas,
Na lodosa impuridade,³⁶
Não roja, é toda sublime
A verdadeira amizade.

Não carece d'exprimir-se,
Em fofa verbosidade,
Fala pouco; sente muito,
A verdadeira amizade.

Da virtude se alimenta,
Dá-lhe forças a verdade,
Sem virtude jamais houve,
A verdadeira amizade.

Entre amigos a decência
Dita leis à liberdade,
Quando mãe, definha, ou morre
A verdadeira amizade.

Longe, ou perto officiosa,
Desconhece a variedade;
Inda longe é mais ardente
A verdadeira amizade.

É nas procelas da vida
Quem desarma a tempestade,
Neutraliza, apaga o raio.
A verdadeira amizade.

³⁵ O *Álbum Pelotense*, Pelotas, 02 mar. 1862, n° 08, ano II.

³⁶ O termo “impuridade” é registrada nos dicionários como sinônimo de “impureza”.

Como a luz na horrível noite,
Brilha mais na adversidade;
Este o lance, que aquilata
A verdadeira amizade.

Da torva sorte inimiga
Acâma a ferocidade;
Quebra as setas do destino
A verdadeira amizade.

Longe o peito em que não arde
O fogo da caridade,
Almas de gelo detesta
A verdadeira amizade.

Cede ao peso da grandeza
A suprema potestade³⁷,
Se lhe falta ou não merece
A verdadeira amizade.

O aplauso, a glória, a riqueza
Denegam³⁸ felicidade
À mortais, que não conhecem
A verdadeira amizade.

Amarga menos ao pobre
O pão da mendicidade,
Quando nos braços o estreita
A verdadeira amizade.

Vê fantasmas, vê desertos
Na mais florente cidade,
Quem não sente, quem não goza
A verdadeira amizade.

No domicilio do avaro
Que espantosa soledade!!!
Em lar imundo não pisa
A verdadeira amizade.

Corações, em que negreja
A torpe malignidade,
Repele, afasta, condena
A verdadeira amizade.

Raros Pilades e Orestes³⁹
Tem honrado a humanidade,
Conta heróis; porém mui poucos
A verdadeira amizade.

³⁷ Potestade é sinônimo de “poder, potência” e, por extensão, divindade.

³⁸ No Houaiss eletrônico, há três sentidos cabíveis ao contexto desse verbo: negar; não conceder e servir de obstáculo a.

³⁹ Pilades e Orestes são personagens de Sófocles e Ésquilo. Pilades é amigo de Orestes, que mata a mãe Clitemnestra e seu amante para vingar seu pai Agamenon.

Crede no amigo sem provas,
Estranha fatuidade!⁴⁰
Só no crisol se depura
A verdadeira amizade.

Na quadra prestigiosa
Da áurea prosperidade,
O sábio não reconhece
A verdadeira amizade.

Se te fere ou te persegue
Horrível fatalidade,
Contigo a vence, ou sucumbe
A verdadeira amizade.

Da triste irmã do sepulcro
Hórridas trevas invade,
Doira a prisão mais sombria
A verdadeira amizade.

Ante um Nero, se lhe cumpre,
Redobra d'intensidade;
Não descora ante os tiranos
A verdadeira amizade.

Marcha aos suplícios afoita
Com nobre serenidade;
Constância eterna distingue
A verdadeira amizade.

Conserva às cinzas queridas
Intacta fidelidade;
Por entre as sombras fulgura
A verdadeira amizade.

Não lhe encobre o caro objeto
Denso véu da eternidade.
Vive, e reina além da morte
A verdadeira amizade.

Converte em atos, respeita
A sacra, final vontade.
Tal concebo, ou não existe
A verdadeira amizade.

⁴⁰ Fatuidade significa presunção, tolice, estupidez. No verso seguinte, crisol é um vaso usado na química para separar ou fundir metais e, por extensão, “aquilo que serve para evidenciar as boas qualidades do indivíduo”.

8. AQUARELAS ¹

Ce livre est toute ma jeunesse
Alfred de Musset ²

Esfinge

Quando ao meu lado, sentada,
Meu braço teu corpo cinge,
Por que teu rosto se tinge
Da rubra cor da alvorada?

Por que enrubeces, criança,
Quando meu lábio inocente
Vai pousar, discretamente,
Na tua formosa trança?!...

Baldado esforço! Não creio
No teu pudor, mariposa;
Sei que a perfídia repousa
Nos abismos do teu seio.

Essa cor aveludada,
Semelhante à cor do pejo,
É a febre de um desejo,
Minha gentil namorada.

Na viva luz de teus olhos,
Profundos como mistérios,
Há venenos deletérios,
Há uns ocultos escolhos.

Sincero afeto não finge
Que eu não esqueço o passado;
Já fui por ti enganado...
Não és mulher, és esfinge!...

¹ VIDAL, Silvino. *Aquarelas*. Rio Grande: Diário, 1885. O livro é dividido em duas partes: “Codicillo de um romântico” (com 22 poemas) e “Realidades” (com 27 poemas). Não houve oportunidade para a transcrição de todos os poemas desse livro, sendo escolhidos os textos que tivessem dedicatórias, epígrafes e outros elementos que pudessem embasar melhor a análise pretendida pela tese.

² O poeta francês Alfred de Musset (1810-1857) é considerado um dos mais importantes autores românticos. Na edição original, esta epígrafe encontra-se na p. 5.

Ruínas

Dentro em mim apagou-se o sol da crença
Que me dourava os dias do passado,
E trago o coração amortalhado
No ceticismo - essa fatal doença.

Dorme a Fé sobre as ruínas do meu peito
E sua irmã - a Esperança - agonizante
Deixei-a, como lúbrica bacante,
A revolver em crapuloso leito.

Da mocidade o mais formoso anelo
Partiu-se, como folha de um cutelo
De encontro ao elmo duro da Razão.

Mas creio ainda em ti, e também creio
Que do augusto sacrário do teu seio
Há de me vir a luz da Redenção.

Vive

Numa pequena caixa aveludada
Guardo com zelo a flor que tu me deste
Naquela feliz tarde em que, a meu lado,
Trêmula de amor e susto me disseste:

“Amo-te muito, sim, mas tenho medo
Que o teu amor, que as ilusões me inflora,
Venha um dia a morrer qual flor inculta
Das boas-noites, ao nascer da aurora.”

Bem vêes q não morreu; vive em meu peito
Qual pérola de Ofir em concha fina...
Esqueceste-o? Que importa? Ainda te quero
Como o artista imortal à Fornarina³.

³ “La Fornarina” (c. 1518) é nome de uma tela pintada pelo pintor italiano Rafael que retrata um modelo feminino, baseada na romana Margherita Luti (1483-1520). O poeta inglês Lord Byron usou esse nome para denominar uma de suas amantes e, a partir daí, acabou por generalizar-se, de forma semelhante a Beatriz (de Dante) ou a Laura (de Petrarca).

Romeiro

De onde venho? Do passado
Por este caminho escuro;
Vou em busca do futuro,
Porém sinto-me cansado.

Sobre o teu ombro encostado
Proseguia seguro...
Não me abandones e eu juro,
Serei constante a teu lado.

Manda a luz dos teus olhares
À noite dos meus pesares,
Às trevas da minha vida...

E a febre dos meus desejos
Vem apagá-la com beijos
Da tua boca, querida.

Antítese

Essa tua altivez descomunal,
O teu olhar indômito, insolente,
Tem a atração nervosa da serpente,
E a rigidez sombria de um punhal.

Há não sei que de frio e canibal
No teu sorriso irônico, mordente;
Quando passas, derramas no ambiente
Um secreto perfume sensual.

As linhas de teu corpo deslumbrante
Fazem sonhar olímpica bacante,
Nas indecisas curvas do luar.

E eu vi-te há pouco, ó cética devassa,
Como o sombrio arcanjo da desgraça
Lacrimosa curvada ante o altar!...

No berço⁴
À minha irmã

À branda luz de uma vela,
Na estreita alcova aseada,
Uma mulher se desvela
Junto de um berço, sentada.

Sorri-se um pálido anjinho;
Por entre sonhos dourados,
Contempla-o a mãe com carinho
E beija-o com mil cuidados.

Volta depois à costura;
Mas no filho, com ternura,
Os olhos cravados tem.

De repente oscila o berço,
E o pequenino travesso
Acorda e chama - mamãe!

A um lírico

Tu que vives de sorrisos
E de sonhos mentirosos,
Trazendo a alma suspensa
Por uns mundos caprichosos;

Que viajas indolente
Pelo país das quimeras,
E mora lá nos mirantes
Das luminosas esferas;

Que és?? Velha Musa
conjugando o verbo - amor;
Que presumes nestes tempos
Julietas encontrar;

Tu, enfim, que trazes n'alma
Um bando de cotovias,
Que te perdes nos atalhos
Limosos das fantasias;

Vais-me bradar, certamente
- Horror! Três vezes horror!
Ao ler os versos seguintes
Em que defino o amor.

Amor é fumo que esvai-se,
Amor é luz que se apaga,
Amor - suprema desgraça -
Que o coração nos esmaga.

⁴ Esse poema anteriormente com o título de "Cromo" no jornal porto-alegrense *Revista Literária* de 14 ago. 1881 (n.º 28, ano I, p. 221). Foi transcrito duplamente nesses anexos pelas mudanças em vários versos.

Amor é pura mentira,
Mero sonho, nada mais;
Converte uma hora de gozo
Em torturas infernais.

É o leito das Eufórbias
Onde nossa alma agoniza,
É combustão dos sentidos,
É febre que carboniza.

Carnaval da mocidade,
Louca orgia da razão;
É um copo de champagne
Que embriaga o coração.

É ainda, muitas vezes,
Disfarçada hipocrisia;
A moeda azinhavrada
Com que a mulher mercancia.

Em família
Ao sr. João Batista Rozendo

Em torno de uma mesa de charão,
Onde alguns figurinos se espalhavam,
Três alegres donzelas conversavam,
Acerca das *toilettes* da estação.

Mais além, num dos ângulos do salão,
Dois velhos magistrados praticavam
Em assuntos que neles despertavam
Acalorada e forte discussão.

A luz do candeeiro, brandamente,
Espalhava uma doce claridade
No perfumado e tépido ambiente.

Reunidos em grata intimidade
Não ouviam sequer a fúria ardente
Da rouca e desabrida tempestade.

9. POEMAS DE SILVINO VIDAL EM PERIÓDICOS E ANTOLOGIAS

Flor desprezada ¹

Foi numa tarde. Pela primeira vez
Dei-te uma rosa de carmínea cor,
Tão perfumada, tão modesta e linda...
Prova singela de meu triste amor.

Dei-te , julgando que talvez bem cedo,
Quando da rosa desmaiasse da cor,
Fosses guardá-la no teu seio casto...
A pobre rosa de meu triste amor.

Julguei (loucura!) que de mim ausente,
Se da saudade te pungisse a dor,
Fosses de pranto orvalhar a rosa,
A rosa murcha de meu triste amor.

Que desengano! Quando seca viste,
Já sem fragrância minha pobre flor,
A outro deste, sem de mim ter pena,
Deste a oferenda de meu triste amor!

Mas uma pét'la dessa flor querida
Às mãos me veio, já perdida a cor:
Eu a conserva no meu seio oculta
Como lembrança do meu triste amor!

Rio Grande, outubro de 1872
J. G. Silvino Vidal

Que Tens? ²
(A uma menina)

Que tens, criança? Que tristeza infinda
Da fronte linda te desmaia a cor?
Porque pranteias na manhã da vida?
- Ave ferida por estranha dor!

Porque te mostras ao prazer esquiva,
Qual sensitiva dum vergel agreste?
Por que te vejo num cismar perdida?
- Luz desprendida d'amplidão celeste!

Pobre criança! - Pois não vês tão puro
Ledo futuro a te sorrir dos céus?
Dorme sonhando sobre um chão de flores...
Sonhando amores maternais só teus!

Encara a vida por brilhante prisma!
Esquece a cisma que te causa dores...
És bela! És moça! Teu futuro é lindo!
Brinca sorrindo num vergel de flores!

Porto Alegre - 1874
Silvino Vidal

¹ *Álbum Semanal*. Porto Alegre, 13 out. 1872, n° 20, ano I, p. 2.

² *O Mosquito*. Porto Alegre, 15 fev. 1874, n° 3, ano I, p. 5.

Oh! Deixa³

Elvira, meu amor, por quem suspiro,
 Por quem sinto que a vida me abandona;
 Oh! Deixa que em teu colo um só momento
 Eu possa adormecer, gentil madona!

Oh! Deixa que em teu colo palpitante,
 Repouse minha fronte enlanguescida...
 E o perfume sutil de teus cabelos
 Eu possa respirar ao sol da vida.

Escuta, meu amor - a borboleta
 Que resvala no prado esvoaçando...
 E no seio da rosa que se agita
 Ao trêmulo passar do sopro brando;

Vai contente sonhar - receber perfumes
 No cálice gentil das açucenas;
 E quando surge a aurora ela desperta,
 Ao mavioso trinar das filomenas.

Oh! Deixa, meu amor, que no teu colo
 Vá contente sonhar - beber perfumes;
 Aí adormecido inda pudera,
 Reviver ao clarão dos meus ciúmes!

Oh! Deixa que em teu seio de madona
 Repouse minha fronte enlanguescida...
 E como a borboleta eu possa um dia,
 Alegre despertar ao sol da vida!

Porto Alegre - 1874
 Silvino Vidal

Partida⁴

*Oh! Vai-te... deixa-me...
 adeus, adeus!
 E. Vidal*

Vai rosa louca ao meu afeto esquiva,
 Lá onde a sorte te chamando está;
 Deixa minh'alma a suspirar cativa,
 Presa nos elos de uma sina má!

Vai rosa louca que orvalhei de pranto
 Nas horas longas de infernal sofrer;
 Enquanto o triste que te amou, ai! Tanto!
 Desmaia ao golpe de cruel viver!

³ *O Mosquito*. Porto Alegre, 22 fev. 1874, n° 4, ano I, p. 5.

⁴ *O Mosquito*. Porto Alegre, 1° mar. 1874, n° 5, ano I, p. 5.

Vai rosa louca que a esperança é morta,
 Sonhos dourados dos idílios meus:
 Nunca me amaste, bem o sei, que importa?
 - Não te crimino... sê feliz... adeus!

Vai rosa louca - sê feliz distante;
 A Virgem Santa rogo a Deus por ti;
 - Oh! Nunca sintas o sofrer de amante,
 As duras provas que inda sofro aqui.

Vai rosa louca. - Por lembrança minha
 Guarda esse anel como eu guardei o teu...
 Quando em teu quarto a meditar sozinha
 Lembre-te o afeto que passou... morreu!

Vai rosa louca ao meu afeto morta,
 A Virgem Santa vele os dias teus:
 Nunca me amaste, bem o sei, que importa?
 - Não te maldigo... sê feliz... adeus!

Porto Alegre - de 1874
 Silvino Vidal

N'ausência⁵

A **

Neste degredo sozinho,
 Qual andorinha sem ninho,
 Batida do vendaval,
 Eu vago nestas montanhas,
 Tão solitárias, estranhas,
 Longe do berço natal!

Numa saudade sombria,
 Profunda melancolia,
 Me vem o peito enlutar.
 Num mar irado d'abrolhos,
 Sem ver a luz de teus olhos,
 No meu futuro a brilhar.

Quando à tarde a natureza
 Numa dorida tristeza
 Se mergulha em negra cor;
 Quando a saudade mais funda
 De prantos a face inunda
 Exacerbando-me a dor;

⁵ O *Mosquito*. Porto Alegre, 9 mar. 1874, n° 6, ano I, p. 6-7.

Quando o sol transpõe os montes,
Quando o murmúrio das fontes
Escuto além a correr;
Quando o prado fala amores,
E a brisa, beijando as flores,
Passa de leve a gemer;

Triste então, na fantasia
Desprendo a alma sombria...
Vai contigo conversar;
Vai dizer-te, meu anjinho,
Nestas paragens, sozinho,
Como é triste o meu cismar!

Vai recordar-te os mistérios
Daqueles sonhos aéreos
Que a alma sente e não diz;
Vai recordar-te os enleios
De amorosos devaneios
Que me fizeram feliz.

Mas em vão! Na soledade
É mais dorida a saudade,
É mais profundo o sentir!
É mais viva a dor latente
Que sinto de ti ausente
No coração a pungir!

Mas não sei! Julgo loucura
A tão funda desventura
Entregar-me tanto assim!
Talvez tu de mim ausente,
Vivas feliz e contente...
Nem te recordes de mim!

Porto Alegre - de 1874
Silvino Vidal

De tarde⁶

Era de tarde, ao sol posto...
Leve sombra de um desgosto
Me turbava o pensamento...
Eu vi-te, Cecília bela,
Tão garbosa na janela,
De tranças soltas ao vento!

⁶ *O Mosquito*. Porto Alegre, 15 mar. 1874, n.º 7, ano I, p. 7-8.

Desde logo os meus pesares
Se foram nos teus olhares,
E preso neles fiquei;
E dos anjos a candura
Em tão linda formosura
Bem ditoso contemplei.

Teu lábio tinha um sorriso,
Que mostrou-me um paraíso
Cheio de luz e de amor...
E na beleza divina,
Tu'alma, doce menina,
Tinha o perfume da flor!

Em teus cabelos prende-me...
Perdoa, se for um crime,
Ter cedido ao coração;
Mas é tão doce a cadeia
Que neste instante m'enleia
Na chama de uma paixão!

Rio de amor - eu me confesso,
Mas, Cecília, só te peço
Compaixão ao meu sofrer;
Se foi sina, ou se foi sorte
Vem, condena, dá-me a morte...
Eu quero por ti morrer!

Porto Alegre Março - de 1874
Silvino Vidal

Marasmo⁷

Não sei, rosa de amor, porque m'espinhas,
Porque a morte me dás em teus perfumes,
Aos anelos vitais do peito meu!
Se uma outra afeição, no seio tinhas
Se de amor te crestava ardentes lumes,
Não deveras me dar um riso teu!

Loucura, meu Deus, muita loucura!
Iria beber doce conforto,
Em taça a transbordar de negro fel;
Mas hoje em mim o peito é sepultura,
Onde oculto em silêncio afeto morto,
Ilusão que fanou-se em dor cruel!

É insânia, meu Deus, se agora tento,
Reviver a esperança, já mentida,
Abrigar-me nas sombras do porvir;
Minh'alma já não tem um só alento,
Nem um raio de amor, que lhe dê vida,
Minorando-lhes as ânsias do sentir!

⁷ *O Mosquito*. Porto Alegre, 22 mar. 1874, n° 8, ano I, p. 6.

Mancenilha⁸ de amor, à tua sombra,
 Repousei minha fronte ensandecida,
 E tarde despertei à luz fugaz!
 Minh'alma hoje descansa em fria alfombra...
 Teu hálito letal foi homicida,
 Para sempre roubou-me a doce paz!

Porto Alegre - de 1874
 Silvino Vidal

A Porto Alegre⁹
 (Ao Luciano de Aguiar)¹⁰

Terra do meu amor! Berço risonho
 Que de encantos a vida me douraste
 Na quadra festival da meninice,
 Onde as águas saudosas do Guaíba¹¹
 Manso murmuram no silêncio cantos
 Como a prece de um anjo ao ser dos seres!
 Adeus, vales e montes! Adeus veigas
 Sempre adornadas de mimosas flores!
 Oh! Noites de luar! Dai-me uma estrela
 Que me acompanhe pela senda inglória
 Dissipando-me as névoas do futuro!

*

Terra do meu amor! Berço risonho!
 Quantas vezes por noites de vigílias
 Lágrimas puras de um amor imenso
 Não deixei resvalar em teu regaço
 Como em seio materno a gota quente
 Do pranto do mancebo sem futuro
 Que em ânsias da paixão delira e treme!
 Quantas vezes, meu Deus, por noites longas
 Quando a lua dormente pelo espaço
 Cobria a terra de uma luz tão pura...
 Ou quando nos embates da procela
 Velava o rosto no funéreo manto...
 Quantas vezes, ó terra, no teu seio;
 Pelo pranto da noite rorejado,
 Confiei-te meus sonhos de ventura,
 Meus idílios de amor, e meus afetos
 Que para sempre vou chorar distante!

Para sempre!... Cruel fatalidade
 Que me rouba de todo as esperanças!

Para sempre - e o adeus do pobre náufrago
 Já sem alento a soçobrar nas vagas
 Sem ver um astro que lhe indique um porto,
 Um tumulto talvez, onde descansa
 A fronte entristecida e macilenta

⁸ Literalmente, mancenilha é uma árvore cujo látex é venenoso.

⁹ *O Mosquito*. Porto Alegre, 5 abr. 1874, n° 10, ano I, p. 6-7.

¹⁰ Luciano de Aguiar é um dos pseudônimos de Damasceno Vieira (Porto Alegre, 6 maio 1850 - Salvador, 6 mar. 1910), autor de livros de poemas, novelas e críticas.

¹¹ Guaíba, normalmente denominado como rio, é um estuário que banha a cidade de Porto Alegre.

Aceita pois, ó terra dos amores,
 Filha diletta dos vergéis floridos
 Este adeus extremoso! Talvez nunca
 Nunca mais volva a ti! Talvez a sorte
 Para sempre me roube aos teus carinhos
 E ao amor fraternal de um só amigo
 A quem dedico de minh'alma as trovas
 E o pranto amargo que me banha a fronte!

Porto alegre, março de 74
 Silvino Vidal

Ela!¹²
À C**

Naquele ninho de fadas,
 Quando em sombras morre o dia,
 E o sino do eremitério
 Tange triste - Ave Maria,
 Quem eu vejo na janela
 É ela! É ela!

Quando as estrelas cintilam
 No firmamento azulado,
 E a brisa passa gemendo
 Por sobre a relva do prado,
 Quem se apresenta tão bela
 É ela! É ela!

Quando profunda tristeza,
 - Presságio de uma agonia.
 Gelado sopro de morte
 Me imprime na face fria,
 Quem me faz feliz é ela
 Graziela! Graziela! *

Porto Alegre, março de 74
 S.V.

Gosto de ver-te¹³

Gosto de ver-te assim singela e linda,
 Sem luxo no trajar - mas elegante;
 É mais triste o brilhar do astro a noite
 Se uma nuvem lhe tolda a luz brilhante!

Gosto de ver-te assim: - és mais formosa
 Com esse penteado tão singelo;
 Tão despido de adornos, tão sem arte,
 Mas essa singeleza inda mais belo!

¹² *O Mosquito*. Porto Alegre, 5 abr. 1874, n° 10, ano I, p. 7.

* Nota original do autor: "N.R. o nosso amigo Vidal, aproveitando-se da liberdade poética, terminou por Graziela a poesia acima. Supomos, porém, que ele tinha em mente referir-se à santa protetora dos músicos... Fazemos esta observação para que Luciano de Aguiar não nos chame á responsabilidade. Nada de conflitos entre poetas!".

¹³ *O Mosquito*. Porto Alegre, 12 abr. 1874, n° 11, ano I, p. 8.

Gosto de ver-te assim, e ver-te sempre
Quisera nesse traje tão ligeiro;
Com esse penteado em tranças soltas,
Com esse vestidinho tão faceiro.

Quisera ver-te assim: - és mais formosa
Nesse simples *toilette* a que amo tanto...
Pois com essa cruzinha presa ao peito
Tens mais graça, inocência, amor, encanto!

Depressa, lindo anjinho, essa vaidade,
Esse amor pelo luxo, essa impostura;
Não precisa de falsos atavios
A estrela que no céu brilha e fulgura.

Porto Alegre, março de 74
Silvino Vidal

Adeus¹⁴

Recorditi di me...
Dante

Inda ontem, meu Deus, quanta esperança,
Em meus sonhos de amor e de ventura!
Quanta seiva de vida em teus olhares,
De mágica expressão e de ternura!

Fui um louco talvez! Amar-te tanto,
Na febre da insônia e do delírio...
Hoje, ébrio de amor, já sem alento,
Minh'alma desfalece em seu martírio.

Amei-te, e nunca ouvi-te o lábio trêmulo
Uma frase de amor balbuciando;
Nunca a fímbria gentil de teu vestido,
Por bem junto de mim passou roçando!

Oh! Que insânia, meu Deus, que devaneios!
Que risonha esperança esvaecida!
E tudo vou perder, - chorar distante,
A mais grata ilusão de minha vida!

Venha embora do tempo a mão raivosa
Em minh'alma fanar esta ventura!
Jamais te esquecerei, em qualquer parte
Que distante me arroje a desventura

Quantas dores, meu Deus, quantas saudades,
Por ela sentirei na dura ausência!...
Quantas noites de insônia e de martírio,
Velarei a pensar nessa inocência!

¹⁴ *O Mosquito*. Porto Alegre, 19 abr. 1874, n° 12, ano I, p. 7.

Nunca mais te verei em tardes belas
 Debruçada na branca janelinha;
 Nunca mais passarei horas felizes
 Como aquelas de amor que o peito tinha

Aceita-me este adeus, saudoso, extremo
 Rorejado, meu Deus, de acerbo pranto...
 Possa ele servir em horas tristes
 P'ra lembrar-te de mim que te amo tanto!

Porto Alegre, 1874
 Silvino Vidal

Morena¹⁵

*Irmã gêmea de minh'alma, música sonora de meus lábios;
 doces enlevos de meu coração de moço, quem não te ama?
 Quem te ama e não sonha, quem te sonha e não chora
 no dorido chorar da saudade
 Vida Acadêmica (jornal)*

Morena, escuta: - quando a tarde esquiva,
 Triste, e sem vida, pelo céu desmaia,
 E a onda mansa que o favônio açoita,
 Lá vai gemendo se quebrar na praia;

Quando a natura s'envolvendo em sombras
 Lá foge a rola procurando o ninho,
 E a sertaneja c'o rebanho amigo,
 No lar procura maternal carinho;

Quando mais tarde ao despontar da lua,
 Entre as coxilhas no deserto infindo;
 Vejo seus raios serpear nas águas,
 Nas águas mansas de um arroio lindo;

Quando alta noite na vigília trega,
 Sonho acordado num fatal enleio;
 Minh'alma louca suspirando amores,
 Vai mansamente te beijar o seio;

Então morena, nessas horas tristes,
 Lá quando as aves pelos bosques correm,
 E seus suspiros de saudade acerba,
 São tantos... tantos que gemendo morrem!

Também eu triste na saudade imerso,
 Banhado em pranto a suspirar gemente;
 Por entre as sombras no cambar da tarde,
 E à noite busco te rever na mente!

Oh! Tu não sabes moreninha louca,
 Que insânia negra, que cruel delírio!
 Que pranto acerbo que minh'alma verte,
 Nas horas tristes de fatal martírio!

¹⁵ *O Mosquito*. Porto Alegre, 26 abr. 1874, n° 13, ano I, p. 7.

Oh! Tu não sabes - vem sabê-lo... escuta...
 Vem... não me fuja... vem amar comigo...
 Na dor, nos risos, no sonhar de moça,
 Vem que minh'alma viverá contigo.

Porto Alegre, fevereiro de 1874
 S. V.

No fundo santuário ¹⁶

No fundo santuário de meu peito,
 Um culto te votei: amei-te muito
 Na minha solidão!
 De minh'alma sagrei-te o puro incenso,
 Incenso aos céus devido, a ti votado
 Em louca adoração!

Talvez hoje de mim nem mais te lembres,
 Nem leias do passado o livro santo,
 Nosso livro de amor!
 Aqui na solidão triste e profunda
 Quantas vezes te choro! Quantas lágrimas
 Derramo em minha dor!

Foi um sonho de amor! Passou tão breve...
 Débil perfume que a baunilha exala
 E o vento dissipou!
 Rosa ceifada ao despontar d'aurora,
 Furtivo raio de uma luz que passa...
 Na treva se abismou!

Hoje que resta?... Em mim cruel saudade,
 Viva lembrança de um fanado gozo...
 De um sonho que morreu!
 P'ra ti, sou sombra a divagar perdida...
 Talvez a rosa que te ornou as tranças
 E cedo feneceu!

Porto Alegre - 1874
 Silvino Vidal

Insânia ¹⁷

Porque haveis passar tão doces dias?
 S. Pimentel

I

Fui um louco talvez em ter sonhado,
 Tantas crenças, meu Deus, tantas venturas!
 Tanta seiva de vida em teus olhares,
 E tudo se fanou na desventura!

No mórbido palor das flores belas,
 Eu vi a candidez do amor tão puro;
 Nos lábios o sorrir da crença infinda,
 Desvendando os arcanos do futuro!

¹⁶ *O Mosquito*. Porto Alegre, 17 maio 1874, n° 16, ano I, p. 6.

No original, o poema está intitulado simplesmente por três asteriscos.

¹⁷ *O Mosquito*. Porto Alegre, 31 maio 1874, n° 18, ano I, p. 7.

Oh! Formosa mentira de minh'alma,
Enganosa ilusão do meu passado!
Raio de luz que o céu à terra prende,
Tão cedo me deixaste aqui cansado!

Eu dei-te de minh'alma a flor mais pura,
Minhas crenças de moço e meus idílios;
Esses sonhos gentis do meu futuro,
Minha febre de amor e meus delírios!

Romeiro a viajar em senda escura,
Espinhei-me nas urzes do caminho;
Agora aqui descanso abandonado,
Anelante de amor e sem carinho!

II

Sedutora visão do meu passado,
Eu quero recordar-te inda um momento;
Nessa seiva de amor sentir a vida,
E nela dilatar-se o pensamento!

Eu quero recordar-te as tardes belas,
Essas tardes gentis de poesia;
Quando te via graciosa e linda,
Na branca janelinha ao fim do dia!

Eu quero recordar os tempos idos,
Essa quadra de amor e de ventura:
Venham depois as ramas do cipreste,
De sombras me cobrir a sepultura!

Porto Alegre - 1874
S. V.

À ela!¹⁸

I

Casta filha de Deus! Quando em meus sonhos
Eu vejo-te passar tão luminosa
Como um raio das lúcidas esferas,
Inundado de luz meu ser te abraça
Louco embora de amor! Em ti contempla
Imagem da mulher que est'alma anseia
Ao doce palpitar dos meus anelos!

II

Contigo, meu amor, sempre contigo
Eu sinto que minh'alma aos céus se eleva
Como um froco de névoa matutina
Inundado na luz que o sol expande!
Levita deste amor que a ti consagro
Incensada visão, - um culto extremo
A minh'alma sagrou-te em seus idílios!

¹⁸ *O Mosquito*. Porto Alegre, 28 jun. 1874, n° 22, ano I, p. 7.

III

Casta filha dos céus! Quando no baile
 Enlevado escutei-te a vez primeira,
 Como um bando de doidas fantasias
 Infinitas sensações que o peito inundam,
 Ao doido imaginar de uma alma enferma!

IV

Curvado pela dor ao desengano,
 Eu ausente de ti serei em breve!
 Como agora, prevejo em meu futuro
 Incessante martírio a consumir-me!
 Levo um drama de amor envolto em sombras...
 Incertezas cruéis que o peito esmagam...
 Às duras privações de uma alma exangue!

V

Como a vida me foge em negras cismas!
 E a meu peito se enlaça a dor pungente!
 Cativo deste amor que foi um sonho,
 Instantes de poesia, arroubos d'alma,
 Longe de ti, em fria soledade
 Irei em breve te procurar? Não posso.
 A ti, meu anjo, só darei meus cultos!

Porto Alegre - 1874
 S.V.

Nas brancas asas¹⁹

Nas brancas asas de gentil falena,
 Perdi minh'alma me abrasando em luz;
 Fui borboleta me arrojar na chama
 Na chama ardente que a brilhar me seduz!

Agora preso no dourado laço,
 Em vão procuro me arrancar daí!
 Em vão minh'alma libertar-se tenta,
 É sina, é sina, de morrer por ti!

Fenece a rosa na campina olente,
 Que o vento arroja desbotada ao chão...
 Resvala o astro na cerúlea tela,
 As leis cumprindo de fatal condão!

É sorte, é sorte, nesta vida insana,
 Seguir o trilho de uma lei fatal!
 Murcham-se as rosas no calor do estio,
 Fenece a planta na estação vernal!

Triste Ashavero²⁰ de uma lenda estranha,
 - Sinto meu peito sucumbir à dor!
 E essa tarde em que te vi maldigo,
 - Visão querida de um primeiro amor!

¹⁹ *O Mosquito*. Porto Alegre, 28 jun. 1874, n° 22, ano I, p. 7-8.

No original, o poema é intitulado simplesmente por três asteriscos.

²⁰ Referência à lenda de Ahasverus, o judeu errante, amaldiçoado por ter negado auxílio a Jesus Cristo na via-crúcis.

Porque vieste dissipar as trevas,
As trevas densas de um viver sem luz?
Mostrar-me um trilho na charneca impura,
E mais pesada me tornar a cruz!?

É sorte, é sorte nesta vida insana,
Seguir o trilho de uma lei fatal!
Murcham-se as rosas no calor do estio,
Fenece a planta na estação vernal!

Porto Alegre - 1874
S. V.

No ermo ²¹

São bem tristes estes ermos,
Estas paragens sombrias;
Não tem o prado belezas,
Não tem a tarde harmonias;
É mais triste a voz do sino
Ao tanger d'Ave-Maria!

Suspira a triste araponga
Nas moitas do taquaral;
A brisa passa gemendo
Nas franças do laranjal;
O rei dos astros desmaia
Nesse esquife ocidental!

E eu vago aqui nestes ermos,
Numa saudade sombria...
Sou como a luz que se apaga
No horizonte ao fim do dia...
Minh'alma em prantos se abisma
Em funda melancolia!

Não pode a pomba selvagem,
Ir viver longe dos seus
Sem que morra de saudades
Na hora de extremo adeus!
Não posso viver ausente
Desses carinhos tão meus!

É por ti, criança linda,
Que sofro na solidão,
Que sinto saudade funda
Compungir meu coração...
Mas tu não ouves as trovas
Que se perdem n'amplidão!

São Leopoldo, junho de 1874
Silvino Vidal

²¹ *Mosquito*. Porto Alegre, 5 jul. 1874, n° 23, ano I, p. 7.

A doida²²

A doida passa vagarosa e triste,
Imagem viva do martírio e dor!
Múmia animada de um clarão celeste,
Vítima incauta d'infeliz amor!

A doida passa! macilenta a fronte
Pende-a no peito que o sofrer traduz;
Sepulcro imenso de afeição perdidas,
Onde palpita um coração sem luz!

A doida passa! Como é triste vê-la
Preso à demência por fatal grilhão!
Na frente - as rosas juvenis de moça,
No seio as mágoas que bem fundas são!

A doida passa, qual hebreu da lenda
Entre os motejos de uma turba atroz!
Sem pão amargo, sem um teto amigo,
Caminha errante, desvalida... a sós!

Canta? Seu canto só transpira morte!
Toda su'alma se transforma em fel!
Mártir contrita nem de Deus implora
Repouso ao menos do labor cruel!

Vendo-lhe os olhos que já foram belos...
Da face as rosas descoradas têm!...
Sangram-lhe as urzes da charneca impura,
Fatal miséria quem lhe vê?... ninguém!

Ninguém no mundo lhe minora as ânsias,
Ninguém lhe entende do martírio a dor;
Consigo cala as agonias d'alma,
Página negra de um passado amor!

É triste a c'roa que lhe cinge a fronte,
De atroz martírio que pungir-lhe vem!
Se ali delira n'agonia extrema,
Já nem da fome consciência tem!

E a doida curva-se no destino cego,
Ao frio, à fome semimorta jaz!
Sopra-lhe o vento nos cabelos soltos,
E em tanto espaço sofre mais e mais!

E a doida passa, no silêncio triste,
Não ri, não chora, não desprende um ai!
Quando a fadiga vem tolher os membros,
No pó das ruas gemebunda cai!

E assim vagueia qual batel perdido,
No mar da vida - desditosa e só;
Rosa ceifada que o tufão repele,
Vai sobre as campas s'esfolhar no pó!

²² *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, abr. 1874, n° 4, p. 743-735.

Ninguém perturbe teu dormir sereno,
 Na paz tranqüila de eternal mansão;
 Se o mundo inteiro te maldiz, insulta,
 No céu te espera divinal perdão!

Silvino Vidal
 Porto Alegre, 1874.

O suicida²³
 (A Lobo Barreto)

Quando a dor funda lacera
 Fibra à fibra o coração,
 E o homem tomba vencido
 Na luta de uma paixão,
 Não domina o ser pensante,
 É muda a voz da razão.

Resta só vital instinto
 Apego ao nada que é;
 Mede a dor, mede o abismo,
 Recua e fica de pé;
 Crença não tem, nem se abraça
 As aras santas da fé.

Mas se a desgraça, - mais fundo
 Desfecha o golpe mortal;
 Alma impotente não vence
 O seu destino fatal;
 Após a luta, se abisma
 Da morte no tremedal!²⁴

E será fraco o precito
 Que o mundo inteiro infamou?
 Resvalando em novo abismo
 Que um outro abismo cavou?
 Houve um destino mais forte
 Que a consciência algemou!

Houve uma luta cruenta
 Em que ofuscou-se a razão!
 Houve um mistério profundo
 Segredos do coração!
 Quem separa a luz do raio?
 Quem detém o furacão?

Na senda escura que trilha
 Não vê um raio de luz;
 Busca as paixões infamantes
 Onde a desgraça o conduz.
 Mas foi crente - a fé profunda
 Renegou-a aos pés da cruz!

²³ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, jun. 1874, n° 6, p. 824.

O porto-alegrense João da Cunha Lobo Barreto (1853-1875) era poeta e participou da Sociedade Partenon Literário, tendo publicado também na revista da entidade. O autor é filho do português João da Cunha Lobo Barreto (Portugal, 14 maio 1810; Porto Alegre, ago. 1871), também poeta e historiador, autor de *Cantos poéticos*, incluído na obra *Processos dos Farrapos* (Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1935, 3 v).

²⁴ Tremedal é uma área pantanosa e, por extensão, depravação, degradação, aviltamento.

Quantas noites de incerteza!
 Noites longas d'agonia!
 Não voltou aos céus a face
 Onde a esperança irradia,
 Nem da fé sagradas preces
 A su'alma balbucia!

Braço a braço co'o destino
 Lutou, lutou, mas em vão!
 Enfraquecida na luta
 Entibiou-se a razão!
 Resta a matéria - repele-a
 Com soberba indignação.

Não condenem o suicida
 Que sofreu fundo revés,
 Ele cumpriu um destino...
 Da Providência talvez!
 Mas se a dor excita o crime
 Oh! Providência quem és?

Silvino Vidal
 Porto Alegre, 1874

Isolamento ²⁵

I

A noite descerrou seu negro manto...
 Reina em volta de nós silêncio fundo
 Silêncio sepulcral roubado à campa...
 Não ousa a viração passar de manso
 Por sobre a face do cristal do rio.
 Nem um surdo rumor percorre os ares
 Nem um vago lamento além se escuta
 É triste a natureza, - e o céu profundo
 No seio da soidão adormecido
 Não se adorna de luz! Silêncio é tudo!

II

Aqui, por esta noite merencória
 É triste o meditar; - idéias tristes
 Em tropel nos afaga o pensamento
 Qual doido bando de gentis gaivotas
 O colo mergulhando em torvo rio,
 Não se aqueda se quer a fantasia
 Numa fraca ilusão, num sonho d'alma,
 Numa seiva de amor que alenta a vida
 E à memória nos traga amenos dias.
 De um passado feliz envolto em trevas!...
 É tudo escuridão, cerradas sombras
 Como às sombras fatais que a campa encerra.

²⁵ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, dez. 1874, n° 12, p. 273-274.

III

É em vão, sempre em vão, se agora invoco
 Tua imagem, mulher, teu riso angélico
 Em lábio virginal desabrochado
 Qual purpúreo botão ao sol nascente!
 Dorido o coração transborda em pranto,
 Que é grato ao coração chorar no ermo
 Onde a alma mais livre se abandona
 Aos tristes pensamentos que a magoam!

IV

Oh! Triste solidão, traze-me ao menos
 Entre as sombras cruéis que a noite espalha,
 Entre o vago tremor que esta alma agita,
 A imagem da mulher que eu tanto adoro!
 Oh! Ridente trazei-ma ao pensamento,
 Quero aqui no silêncio abandonado
 Um mundo de ilusões criar com ela,
 Embora a noite no cerrar das asas
 Colha esses sonhos, que ligeiros passem
 Quais leves sombras sem deixar vestígios!

Silvino Vidal
 Porto Alegre, novembro de 1874

Impressões ²⁶

*Sinto nest'alma rebentar-me a seiva,
 Seiva de amor que se alimenta em pranto!*

I

Lá surge a aurora no horizonte infindo,
 Entre os folguedos de gentil manhã...
 Treme a folhagem no passar das auras,
 Palpita a rosa a se entr'abrir louçã.

Manso, bem manso, o doce orvalho tomba
 Por entre os lírios que a campina tem;
 Desperta a ave nas senis florestas,
 Saúda a aurora que rompendo vem!

Santos idílios! Matinais folguedos! ²⁷
 Brandos queixumes que passando vão...
 Aves do bosque recortando o espaço,
 Soltam seus hinos de infantil paixão!

Rasgam-se as nuvens no horizonte infindo,
 Titã lá surge com gentil fulgor!...
 Oh! Quantos mundos d'infinitas crenças,
 Sinto em meu peito a palpitar de amor!

²⁶ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, maio 1875, n° 5, p. 226-228.

²⁷ Folguedo significa brincadeira.

Oh! Quantas virgens de nevadas vestes
 Eólias harpas vão vibrando além!
 E o doce orvalho mansamente tomba
 Por sobre as rosas que a campina tem!

Voa minh'alma, fantasia voa,
 A esses mundos que a chorar perdi;
 Quero das sombras reerguer a imagem,
 Por quem meu peito palpitar senti.

E tu oh! Virgem por quem sofro e tremo,
 Casta açucena dos vergéis de amor;
 Quero em meu seio te quedar a frente,
 Toda coberta de gentil palor!

Quero te ouvir a descantar um hino,
 - Sentida trova, que o sofrer traduz,
 Quero em teus olhos espriar minh'alma,
 Toda inundada na divina luz!

Abre-me as asas fantasia louca...
 Quero com ela remontar-me além...
 A esses mundos onde a paz se abriga,
 Junto d'aurora que rompendo vem!

Quero com ela deslizar sorrindo
 De plaga em plaga procurando um céu!...
 Fúlgida auréola lhe circunde a frente,
 Então baixinho lhe direi: - sou teu!

Rasgam-se as nuvens no horizonte espessas,
 Lá surge a aurora de esplendente luz!...
 Desperta um bando de gentis falenas,
 E voa... voa... pelos céus azuis!

II

Oh! Triste coração, por que palpitas?
 Minha mente febril, por que te abrasas?
 E tu, ó fantasia, onde me levas
 No doido volitar das tuas asas?

No deserto onde o sol calcina a planta
 Não pode o viajor achar conforto;
 Busca a oásis de amor, e cai prostrado
 Sobre um solo de fogo, exausto... e morto!

III

Por que minh'alma a divagar na treva,
 Buscas a imagem que encontraste um dia?
 Não vês que passa qual visão das sombras,
 Sombra de um sonho inanimada e fria?

Onde esse fogo que lhe abrasa o crânio?...
 Onde cintila que lhe anima a vida?
 Ai! Rosa murcha n'aridez do ermo,
 Sem cor, sem viço, de matiz despida!

Oh! Galatéia²⁸ dos modernos tempos,
Sagra-me a chama que o Senhor te deu!...
Dá-me esses sonhos que fecundam crenças,
Dá-me a ventura que por ti morreu!

Silvino Vidal
Rio Grande, 1875

Enfim²⁹

É minha enfim! Meus fulgores,
Meus afetos, meus amores,
Deu-mos a sorte por fim!
Sumiram-se aqueles pejos,
Pomba esquiva aos meus desejos,
Presa és, agora enfim!

Olha vê, quantas quimeras,
Que florentes primaveras,
Quanto enlevos de amor;
Neste gozar que inebria,
Vai traçando a fantasia
Sem uma sombra de dor!

Vivamos: - a vida é sonho
Que desabrocha risonho
Como os lírios da manhã...
Tenho em ti os meus cismares,
- Morenita dos palmares,
Morena casta e louçã!

Vivamos sim. O passado
Foi um sonho amargurado,
Sonho negro para mim...
Lutaste qual rosa esquiva,
Mas tinhas de ser cativa,
Pois bem vêes que és minha enfim!

Ai, amor, que mal julgavas
Que o desdém que então me davas
Era a tua punição!...
Vaidosa que rejeitaste,
Louquinha que desprezaste
Afetos do coração!

Pois não vêes na veiga a rosa
Que se furta caprichosa
À brisa que a vem beijar?...
Loucuras, pois não presume
Que a brisa ardendo em ciúme
Em breve a pode esfolhar!

²⁸ Há duas personagens mitológicas com esse nome. Uma era a ninfa tão linda quanto Afrodite, disputada pelo ciclope Polifemo e pelo pastor Acis. Outra é a esposa do escultor Pigmaleão, que teria apaixonado por uma de suas estátuas, fazendo Afrodite apiedar-se dessa paixão e transformá-la em ser humano.

²⁹ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, out. 1875, n° 10, p. 186.

Vivamos pois: - se o passado
 Foi um sonho amargurado,
 O presente é luz enfim!...
 Luz de amor, luz d'esperança,
 Luz, ó pálida criança,
 Brilhando só para mim!

Qu'importa um ai, um gemido
 Íntimo, d'alma, perdido
 Nessa quadra de dor,
 Se o fogo desses teus olhos
 Foi santelmo³⁰ entre os escolhos
 Foi minha aurora de amor?

1875
 S. V.

Êxtase³¹

Eu me lembro, eu me lembro, era uma tarde...
 Que tarde aquela de celeste encanto!
 Vi em teus lábios rebentar o riso,
 Vi em teus olhos rebentar o pranto!

- Oh! Porque choras, criancinha leda,
 Disse-te a medo - meu amor, meu bem! -
 Tua alma triste suspirou de novo,
 E o eco ao longe suspirou também!

- "Chorei? Que importa?... de meu peito o pranto
 É doce orvalho que o prazer traduz!
 Pérolas santas que teus lábios beijam,
 Risos d'aurora de perpétua luz!

As doces falas que a tremer disseste,
 Os mundos grandes que formaste enfim;
 Dão-me a ventura de um supremo gozo,
 Oh! Que na terra não sonhei assim!"

Depois, o sol a resvalar de manso
 Dourava as fimbrias³² d'horizonte além...
 Quedaste a frente no meu peito exangue,
 Colhi-te um beijo - meu amor, meu bem!

1876
 S. V.

³⁰ No contexto, como sinônimos de fagulha. O fogo de santelmo são ligeiras exalações inflamadas que apareciam, com certa freqüência, nas pontas dos mastros dos antigos navios, entre outros locais.

³¹ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, dez. 1875, n° 12, p. 275-276.

³² Fimbria pode significar "traçado contínuo, alongado, linha, traço".

Nênia³³

À morte de D. Adelina de Paula Teixeira *

*Sobre uma campa mal cerrada ainda
Vertamos uma lágrima sincera,
Paguemos um tributo de amizade
Depondo sobre a laje esta coroa
De goivos e saudades.
Damasceno Vieira*

Era o anjo do lar e da inocência,
- Celeste raio de fulgente estrela
Que na terra passou, na terra ingrata
Sonhando enlevos, divinais afetos,
Que nos mundos de além somente existem!
Na fronte pensativa de criança
Reinava-lhe essa luz misteriosa
Dos eleitos de Deus! Tinha em su'alma
Sacrário de virtude estranho ao crime,
Que a todos enlevava em seus perfumes,
Qual o incenso que sobe aos pés do Eterno
Das aras de seu templo. Imaculado
Era o seu pensamento, o seu sorriso
Como a prece de um anjo em seus mistérios!

Oh! Não lhe perturbeis o sono eterno
De celestes visões tão povoado!
Deixai, deixai que o riso de seus lábios
Seja constante em mim, em Deus constante!
Que valem prantos?... lágrimas, que importam?..
Teve origem no céu, ao céu pertence,
Era estrangeira aqui! Por que chorá-la
Se foi gota de luz aos infinitos
Alada no cortejo dos arcanjos
Mandados do Senhor buscá-la à terra³⁴
No diadema de Deus brilhar mais pura?

Fecundada na fé que existe um Ente
Todo bondade, luz - princípio eterno
Que nos exalta acima de nós mesmo
Viveu, por esse amor que é todo espírito
"Selado pela mão da Providência
No coração de um anjo."

Oh! Sim, de um anjo
Pairando pelas fauces dos abismos
Deste perverso caos de horror e crime
Sem o brilho manchar de suas asas!
Das terrenas paixões não soube o travo...
E a essência do meu Deus que tinha n'alma
Não a manchou no lodo deste mundo!
Fugia como rola assustadiça
Das mentirosas pompas desta vida

³³ *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Porto Alegre, maio 1876, n° 5, p. 235-237. Este número foi publicado com atraso, provavelmente em agosto, pois o poema é dedicado a um falecimento ocorrido no final de julho em Portugal. Esse poema foi republicado no jornal *Eco do Sul*; por haver muitas mudanças vocabulares, optou-se pela publicação em separado de cada um.

* Nota original do autor: "Falecida na cidade do Porto em 28 de junho de 1876".

³⁴ No original, consta "ao Senhor". A mudança foi apoiada na versão do jornal *Eco do Sul*.

Das galas, dos prazeres, das alegrias,
Dos bailes que seduz a mocidade,
Dos luxosos³⁵ salões que nos deslumbram,
Do ar abafadiço que corrompe
E as flores do coração enerva e mata!

Como talvez o anjo da saudade
Chorando uma ilusão que viu desfeita,
Buscava a solidão, ermo profundo,
“Vergara ao pensamento das tristezas”,
- Dorida a apreensão de uma alma santa!

Mas se a ventura lhe sorria a trechos
Como era vê-la então serena e bela
No seio perfumoso da família
“Cismar tristezas, mas tristezas doces!
Prantos verter, mas prantos de alegrias!”

Oh! Celeste visão! Nos áureos mundos
Onde tua alma foi buscar guarida
Dormes talvez! - Oh! Pomba mensageira
Da esperança e da fé! No seio morno
Da tua santa mãe, que há muito havia
Fugido deste val, corrupto, infame
Levando o coração atribulado
Pela saudade lancinante...³⁶ amarga
Dos ternos filhos que a chorar deixava,
Descansas, - pobre filha do infortúnio,
Inundada na luz da eternidade!

Deus! Que enxugaste o pranto aos infelizes,
Que aos cegos deste luz, às mães seus filhos,
Que foste o Lázaro arrancar da cova!...
Espírito celeste, essência eterna!
Tu que és Onipotente, excelso, grande,
Envia um raio de alegria ao menos,
Ou ampara na fé do sacro lenho,
Esse infeliz mancebo que falece,
Por tantos golpes de infortúnio imenso
No pavoroso caos da eternidade!

E tu, espírito de Deus, a Deus votado,
Partícula de um Ser celeste e puro,
Que na terra passaste radiosa
Como gota de luz ornando o espaço
Pelas caladas noites do mistério,
Recebe nessa célica morada
Onde o prêmio colheste da virtude,
Esta singela cr’oa de ciprestes!
Doloroso tributo que hoje venho
Em nome do passado venturoso
Depor na fria pedra a um sepulcro
Onde teu corpo, - ó filha da saudade

³⁵ Apesar de não haver registro nos dicionários consultados, manteve-se o termo “luxosos” existente nas duas versões, pois a troca para “luxuosos” mudaria a métrica.

³⁶ Estava “lacinante” no original, que não há registro nos dicionários pesquisados.

Para sempre repousa!
 Oh! Minha infância
 Tão descuidada e rica de atrativos
 Já não te posso recordar ditoso!

Aceita pois em nome do passado
 Dos brincos pueris da tenra idade,
 O triste pranto que me orvalha as faces,
 E as pobres flores que of'recer-te venho
 Nesta grinalda humilde de saudades!
 Rompendo os vínc'los da matéria inútil
 Talvez minh'alma remontando espaços
 Possa bem cedo conversar contigo
 Nesses mundos de luz e de verdade!

Rio Grande, agosto de 1876
 Silvino Vidal

Mistérios³⁷

*Sumiu a chama que minh'alma outrora
 Vinha acender-me de celeste ardor,
 Meus dias tristes vão passando agora,
 Em negros sonhos de desfeito amor.*
 Eduardo Vidal

Porque inda ontem para mim volvias
 Ternos olhares m'inundando em luz,
 E eu fui incauto me abrasar na chama,
 Viro Santelmo que a brilhar seduz!

Sonhei um mundo d'ilusões! Agora
 Já no meu peito não se abrigam mais;
 Oh! Doces sonhos! Que fecundas crenças!
 Santas delícias, por que assim passais?

Marmórea estátua em pedestal erguida,
 Amei-te muito, não te minto, amei;
 Doei-te o fogo de um sagrado templo,
 Rendi-te cultos que dizem não sei!

Foi uma insônia que passou ligeira,
 Foi um delírio de infantil paixão,
 Foi um poema diluído em prantos,
 Rosas que o vento dispersou no chão!

E tudo é findo, só me resta n'alma,
 Funda saudade a torturar cruel!
 Crenças pisadas, sensitivas murchas,
 E a taça, a taça de amargoso fel!

Como fui louco! Sobre um chão de urzes
 Colhi a rosa que em delírio amei!
 Flor que brotaste de uma leiva ardente,
 És um mistério que entendeu não sei!

³⁷ Revista da Sociedade Ensaios Literários. Porto Alegre, abr. 1875, n° 01, ano I, p. 30-31.

Há tanta crença regelada n'alma,
Lírios *tombados do sepulcro ao chão...*
Que importa mais uma ilusão desfeita,
Nos áureos prismas d'infantil paixão?

Não te maldigo. Da campina olente
Vive entre as rosas desbrochando a flux;
Deixa que o louco sonhador d'insônias,
Passe nas trevas procurando a luz.

Rio Grande - 1875
Silvino Vidal

Prantos da noite ³⁸

*Vai! Sê feliz! Meu coração magoado
Desdenha a esmola do teu divo encanto.
L. Guimarães Júnior³⁹*

I

Prantos da noite rorejai-me a fronte! ⁴⁰
Raios d'aurora desprendeis mais luz!
Da natureza as emoções mais fundas,
Quero senti-las abraçado à cruz!

Seja este canto o derradeiro trenó
Que a minha lira consagrar-te vem;
E o muito afeto que te deu meu peito
Com ele possa perecer também!...

Foi breve a história deste amor infausto...
- Páginas d'alma que atiraste ao vento!
Deixa-as embora... recordá-las hei de,
Ah! Sempre, sempre num cruel lamento!

II

Vestal, um dia consagrei-te o fogo
Dum templo augusto que este amor ergueu;
Rompeste os votos contraídos d'alma,
E a pira intensa crepitou... morreu”

Morreu!... que importa!... no exaurido peito,
Não mais um culto te erguerei, ai não!
Se um astro tomba da cerúlea tela,
Não mais deslumbra seu gentil clarão!

Hoje só resta uma lembrança amarga
Dos idos tempos de encantado amor;
Em que meu ser a divagar sem termo,
Voava aos mundos de eternal fulgor!

³⁸ *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, maio 1875, n° 2, ano I, p. 64-65. No original, o título é composto por três asteriscos.

³⁹ Luis Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 17 fev. 1845 - Lisboa, 20 maio 1898) foi poeta, romancista e teatrólogo, sendo um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁰ Rorejar é banhar ou brotar gota a gota (orvalho, suor, lágrima); gotejar, orvalhar.

Geladas cinzas que meu pranto orvalha,
Restam no peito que pulsou por ti;
Rosas fanadas, ilusões perdidas,
E o vácuo imenso que deixaste aqui!

Ah! Borboleta nos afetos varia,
Corre, inda é tempo, nos vergéis do amor;
Mas ai, não roces sobre um chão de espinhos,
As débeis asas de nitente alvor!

Corre, esvoaça nos rosais olentes,
Por entre as flores desbrochando a flux!
As auras possam perfumar-te os sonhos,
E possa a aurora te inundar de luz!

Amei-te muito! Nos meus sonhos grandes
Teu vulto airoso a resvalar passou;
Foi como a idéia de mentido gozo,
Que est'alma enferma a delirar sonhou!

Sonhou, não sonha, que uma nuvem negra
Veio de todo assombrar meu céu:
Cerrou-se a noite, - escuridão profunda,
Vela-me a fronte um funerário véu!

Rio Grande, 1875
Silvino Vidal

Tristeza ⁴¹

Na funda solidão das minhas noites,
De minh'alma no triste isolamento,
Sou feliz, sou feliz, porque teu nome
Incessante me acode ao pensamento!

Se de ti para sempre me afastaram,
Já não quero, meu Deus, outra ventura;
A querida visão dos meus sonhos
Comigo levarei à sepultura!

Bem grato me será no extremo lance
O teu nome recordar num doce enleio;
E quando a luz do céu banhar-me a fronte,
Minh'alma gerará dentro em teu seio!

Oh! Por Deus meu amor, jamais esqueças
Essas noites de grato encantamento...
São poemas felizes de minh'alma
Que me afagam sorrindo o pensamento!

⁴¹ *Revista da Sociedade Ensaíes Literários*. Porto Alegre, jun. 1875, n° 03, ano I, p. 96. Erroneamente, Athos Damasceno Ferreira (1975, p. 92) faz referência ao poema "Páginas sombrias" de Silvino Vidal no número 4 desta revista. Tal título existe no número 6, entre as páginas 189-190, atribuído entretanto a "C. Silvino".

Ah! que mágoa sombria aqui me oprime,
E meu peito crucia oculta pena,
Se a luz dos olhos teus já ver não posso
Como um raio do céu brilhar serena!

Ao lasso viadante dos desertos
Por que a doce ventura lhe roubaram?...
Oh! Pálida visão das minhas noites,
Para sempre de ti já me afastaram!

Para sempre! Mas ai, jamais esqueças
O efêmero gozar de um ledo encanto,
Que teu nome adorado vive impresso
No pobre coração que te ama tanto!

1875
S. V.

À Exma. Sra. D. Revocata H. de Melo⁴²

Além, sobre a quebrada da montanha
Eleva-se uma cruz erma e sombria;
Junto dela uma campa abandonada
Onde os restos se ocultam de Maria.

Bem negra foi talvez a sua história
Que envolve-se nas dobras do mistério...
Dezessete formosas primaveras
Espalhadas em chão de cemitério!

Uma lenda de amor, singela e triste,
A mísera despenhou na sepultura...
Um ai que atravessou o infinito espaço
E logo esmoreceu na noite escura!

Sobre o túm'lo esquecido se destaca
Esta pobre inscrição gravada em lousa;
Resumindo a história amargurada
Do anjo que na paz do céu repousa!

“A triste camponesa que aqui dorme,
Sem outros prantos mais que os d'alvorada,
Quando a morte beijou-lhe a fronte meiga
Já dos homens se via abandonada!

Muitos dias felizes de ventura
Deixaram-lh'antever num sonho d'alma...
E quando essa ilusão fanou-se em prantos
Do martírio buscou em Deus a palma!”

Rio Grande, 1875
Silvino Vidal

⁴² *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, ago. 1875, n° 05, ano I, p. 163. No original, o título é composto por três asteriscos, tendo a dedicatória como subtítulo.

A memória de João Cunha Lobo Barreto⁴³

*Oh! Não zombem de mim! Também sou livre!
Também no crânio uma centelha tenho,
Venha uma taça! No banquete ao menos
Quero dizer-vos o meu Deus! Meu nome!
O meu brinde é fatal, é negro, é horrível,
Quero bradar-vos: Liberdade ou morte!*
Lobo Barreto

“Morrer! Fugir do sol, furtar-se à glória”
Quem tão mimoso foi nos seus afagos;
Quem no oceano sem fim dos sonhos grandes
Passará a vida a trescalar perfumes!
Morrer! Sentir na frente o sopro estéril
Da morte que passou: - tufão irado
Que derriba, destrói, mata, aniquila,
Do ermo as rosas, do deserto as plantas!

Foi uma sina má! O teu fadário
Era talvez viver cantando afetos
Como as aves do céu cantando amores!
Foi uma sina má! A nuvem negra
Duma geral saudade as frentes cobre
Daqueles que na terra consternados,
À virtude, ao saber, rendendo preitos
Dão-te um tributo nos doridos prantos!

Qu’insondáveis mistérios, que destino
Tão cedo te arrastou à paz da campa
Enoitando-te o céu do teu futuro!...
O sono funeral cerrou-te as pálpebras,
Os passos te quedou da estrada em meio,
Quando na banca do profícuo estudo
- Débil criança a devassar arcanos -
Na grande história dos egrégios tempos
Buscavas luzes que deslumbram trevas!

Sonhos de glória, matinais idílios
Doces anelos de um cismar de moço
Já não te afaçam o regelado crânio;
Já de teus lábios descorados, frios,
Não ouço o verbo da palavra santa
Que vinha outrora em borbotões fluentes
Dentro em minh’alma derramar-se em ondas!
Quebrou-se a taça de teus dias ledos...
Dentro em teu peito regelado, exangue,
Ai! já não pulsa um coração de amigo!

⁴³ *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, jan. 1876, n° 10, ano I, p. 322-324.

Pela data de publicação, refere-se a João da Cunha Lobo Barreto Filho (Porto Alegre, 11 set. 1853; Porto Alegre, 1° dez. 1875), poeta, jornalista e integrante do Partenon Literário. Usava o pseudônimo de Cândido Sílvio. É filho do poeta e historiador João da Cunha LOBO BARRETO (Portugal, 14 maio 1810; Porto Alegre, ago. 1871).

Tombaste, lidador! Chegaste ao termo
 Da romagem cruel! Águia ferida
 Baixaste rindo aos penetrais da morte
 Sem conhecer os temporais da vida!...
 Levaste as crenças impolutas da vida!...
 Que existe um Deus, universal, eterno,
 Que existe um mundo de celeste afago,
 Que é doce premio da virtude austera,
 Do amor, da honra, do saber, da glória!

Descansa, pois, a fronte suarenta
 No seio do mistério! Alma de um justo,
 Que na terra passou sonhando glórias
 Nos cantos festivos da liberdade,
 Lá das Empírias regiões que habitais
 Baixa os olhos à terra que deixaste
 E intercede por mim aos pés do Eterno!

Porto Alegre, dezembro de 1875
 Silvino Vidal

Nênia. À memória de Gustavo César Viana Filho ⁴⁴

Memórias do passado ⁴⁵ Cenas de magoamento

*Vinde, oh! vinde outra vez amargurado
 Transborda coração, corei, meu pranto!*
 Lamartine ⁴⁶

Longe de ti embora, ah! Desse afeto longe
 Que o morto coração chamar-me a vida veio,
 Não posso te esquecer, nem quero da memória
 Varrer aquelas noites demais sagrado enleio.

Por ti sonhei um mundo, ah! D'ilusões fecundas
 Que o peito inda me abrasam em fervido calor;
 Lembrando o que gozei em rápidos momentos
 Eu creio-me feliz no exílio deste amor.

É grato ao coração, no ermo abandonado
 Constante recordar um sonho que passou;
 Um sonho todo de amor, idílios de ventura
 Aonde a alma nossa crença fecundou.

⁴⁴ *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, jun. 1876, n° 3, ano II, p. 114-117.

Conforme esboço biográfico feito por Damasceno Vieira (p. 66-69) na mesma revista, o poeta GUSTAVO César VIANA Filho (Porto Alegre, 16 set. 1852 - Porto Alegre, 11 jun. 1876) era amigo de Lobo Barreto (autor de *Páginas sombrias*, que havia morrido sete meses antes) e Afonso Marques. Publicou em diversos jornais de Porto Alegre: *Álbum Semanal* (com pseudônimos de Ç e Pery), *Mercantil* (na seção Retas e Curvas, com o pseudônimo Juca) e *Mosquito*, entre outros. Há transcrição das notícias da morte em diversos jornais gaúchos. O poema não foi coletado.

⁴⁵ *Álbum Literário*. Pelotas. 12 abr. 1875, n° 7, ano I, p. 25-28.

⁴⁶ A epígrafe é do poeta romântico francês Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (21 out. 1790 - 28 fev. 1869), autor de *Meditações poéticas* (1820), *Novas meditações poéticas* (1823) e *Harmonias poéticas e religiosas* (1830), entre outros.

Das tardes ao cair, da noite no mistério,
 Não sei que estranho ser me vem de ti falar;
 Das aves o carpir, da veiga o murmurinho
 Imitando-te a voz m'a fazem recordar.

Se dois astros resvalam das noites no negrume,
 Catadupa brilhante espadando a flux,
 Tremo... palpito... anseio... o peito se intumesce
 Julgando os olhos verte-te a m'inundar em luz!

Oh! Poemas de minh'alma! Oh! Gratos devaneios,
 Volvei, volvei a mim, delícias deste amor....
 Quero sentir a vida ao rebentar da seiva...
 - Hebreu que estala a lousa à voz do Redentor!

Eu quero inda sentir ao palpitar fremente
 No convulsivo peito o grato coração;
 Sentir-te a mão tremente entrelaçada as minhas,
 A face descorada em doce comoção!

Cedo volvei a mim oh! sonhos do passado,
 Áureos sonhos de amor emanação do céu!
 Aqui tasteio a treva, além fulgidos astros
 Eu vejo rebrilhar na luz dos olhos teus!

Porto Alegre, 2 de abril de 1875
 Silvino Vidal

Quando alta noite ⁴⁷

*Suspende o áureo véu de teus sonhos,
 Ai! lembra-te d'aqui!
 Pois também a minh'alma estremecida
 Muitas vezes se lança em mar de cismas,
 Lembrando-se de ti!*

Revocata H. de Melo ⁴⁸

Quando alta noite, na vigília insana,
 A fronte tua num febril delírio
 Pousares sobre a mão;
 Quando reveres do passado austero
 Íntimas cenas de amoroso enleio
 Que abrasam o coração.

Quando tu'alma divagar no espaço,
 - Gota alada aos infinitos
 N'asa de um querubim; -
 Quando escutares das noturnas auras
 Gratos murmúrios, harmonias brandas,
 Recorda-te de mim!

Recorda-te de mim - talvez ness'hora
 Do passado revendo instantes gratos
 Que a teu lado senti;
 Furtivo pranto de saudade imensa,
 Talvez... quem sabe?... no silêncio austero
 Eu derramei por ti!

⁴⁷ *Álbum Literário*. Pelotas. 26 abr. 1875, n° 09, ano I, p. 33-36. No original, é intitulado com 3 asteriscos.

⁴⁸ A citação é o trecho final do poema sem título que tem as mesmas palavras iniciais: "Quando a alto noite", publicado no mesmo número do periódico.

Ai! Sim, que é grato ao coração que sofre
 Embora o punjam cruciantes dores
 Lembrar o que passou...
 Porque não sei... apraz-se a fantasia
 Do passado invocar fanadas sombras
 Que o peito sepultou!

Como no centro de floresta escura
 Vai a hora enlaçar-se ao tronco anoso
 Jazido pelo chão;
 Assim também, em lúcidos momentos,
 Quantas lembranças, filhas de minh'alma
 Se abraçam ao coração!

É então, que tua imagem cismadoura,
 - Como um raio da lua solitário
 Vagando pelos céus;
 Vem sorrindo falar-me de um passado,
 Passado que resume um mundo inteiro
 Na luz dos olhos teus!

Rio Grande, Silvino Vidal

Lembras-te? ⁴⁹
 (Impressões de uma noite)

*...tu, cujo pálido semblante
 Se inflama em luz divina e a cada instante,
 Ao meu olhar sorri;
 Não desfarás a mística alegria
 Da minh'alma que anseia noite e dia
 Por ti, meu Deus, por ti!*

E. Vidal

I

Era noite, as auras suspiravam
 No denso do arvoredado;
 Sobre a praia arenosa, saltitavam
 - Como um bando de alegres criancinhas
 Túmidas vagas. Do bosque na espessura
 Da lua um raio trêmulo fulgura
 Em doido serpear!
 Das bandas de além-mar,
 Vinham as gratas virações marinhas
 O colo teu beijar!

⁴⁹ *Álbum Literário*. Pelotas. 03 maio 1875, n° 10, ano I, p. 37-40.

Poema foi republicado, com mudanças, *Revista da Sociedade Ensaios Literários*. Porto Alegre, mar. 1876, n° 12, ano I, p. 387-389.

II

*Como foi?... bem o sei... como correram
Aqueles horas de encantado amor*
Bem me recordo! Ainda sinto n'alma
O vívido fulgor
Da luz intensa de teus olhos langues!
Inda te escuto a voz cadente e grave,
- Como o brando gemer d'etérea lira,
Por quem triste suspira
Num doce recordar,
Meu pobre coração a delirar!...
Que rápido passou esse momento,
Feliz contentamento
Em que tu, pomba mística, a meu lado
Fazias-me esquecer o meu passado
Nos estos da paixão!...

Em derredor de nós escassa sombra...
Da lua um raio matizava a alfombra.

III

Teus grandes olhos para mim volvendo
Disseste-me a sorrir:
- Como um vago e tristíssimo lamento
Que das praias do mar nos traz o vento:
- “Não sei, não sei que mágico sentir,
Suavíssima harmonia,
O peito meu escuta
Na voz da viração!...
O perfume da rosa que inebria
A grata atmosfera,
Tem de oculto nume⁵⁰ estranha fala
Que murmura - ‘espera’!...
Promessas são talvez de um falso instinto
De ti emanação;
Ou dizeres de amor que eu só traduzo
Na voz do coração?...”
E eu trêmulo de amor, junto a seu lado
Sentia-me agitado
- Qual frágil vergôntea do vimeiro
Que a viração balouça
No perpassar ligeiro!

Ela, a rosa mística de minh'alma,
Sobre o túrgido seio, a mão mais branca
Que a neve da montanha
Em comoção estranha
O coração sustava,
A aura festival que destinava
Por entre a rama do cerrado bosque,
De leve lhe ondulava
As longas vestes que os contornos breves
Formosos encobria!

⁵⁰ Nume refere-se a uma divindade, gênio ou simplesmente inspiração.

O brando farfalhar de seus vestidos
Não sei, meu Deus, não sei ao que minh'alma
De estranho me dizia!

IV

Os murmúrios da onda sonolenta,
Os suspiros febris de um mago anseio,
O tímido gorjeio
Da ave que procura suspirosa
Da floresta o seio;
A voz plangente e grave
Do bronze ao fim do dia;
O som d'Ave Maria
Que o eco a gemer repete ao longe
Nas quebradas do monte,
O saudoso anular de mansa fonte,
Da veiga o murmurinho,
Não me fora decerto, mais suave,
Que essa noite feliz em que a teu lado
Sentia-me alucinado
No fogo da paixão!...
Oh! Enlevos felizes de minh'alma,
Delícias deste amor!...
Como te ouvia a protestar trememente,
Toda incendiada em virginal rubor,
- Qual um raio de sol que desfalece
Na culpa do ocidente!

V

Foi delírio talvez, talvez loucura,
O quanto então senti!
A brisa que vagava descuidosa
Do bosque na espessura,
Talvez não mais escute
Nossas falas de amor e de ventura;
E um dia suspirosa
Há de lembrar teu vulto gracioso
Que outrora viu aqui;
Enquanto um raio de luar saudoso
Dourando a relva que tapiza o bosque
Virá mais triste perguntar por ti!

Rio Grande, abril de 1875
Silvino Vidal

Desengano ⁵¹

Ah! para siempre, adios!
Espronceda ⁵²

Vasto deserto atravessei... um dia
Chispa de um astro sufocou minh'alma;
Trilhando as urzes de charneca impura,
Num doido anseio delirei sem calma!

Meu Deus, que sonhos, que infantis quimeras,
Dentro em meu peito a palpar senti!
Foi uma aurora, cujo brilho intenso,
Negra procela escurecer eu vi.

Oh! não relembres do passado ingrato,
Êxtases santos d'infantil paixão;
E os gratos mundos que entrevi no enlevo,
Ai, não recordes, meu amor, ai, não!

Que importa a sombra que passou nos ares
Da fantasia, num sonhar de enfermo!
Que importa um ai atravessando o espaço,
Alma perdida atravessando um ermo!

II

Fúlgida auréola de gentil criança,
Ai! sufocou-me com seu brilho intenso...
Grata miragem seduziu-me ao longe,
Doido busquei-a num deserto imenso!

Oh! sim, busquei-a, fascinou-me a chama
De uns meigos olhos que a brilhar eu vi...
Ouvi-lhe as falas, desvairou minh'alma,
Quis abraçá-la... santo Deus... caí...

Caí prostrado sobre um chão de fogo,
Ai! donde nunca me erguerei mais, não...
Passou um dia o vendaval do ermo,
Levou-me os sonhos que desfeitos são!

Que importa um triste criador de insônias
Alma de um louco a delirar sem termo!...
Busca as paragens de ridente alfombra, ⁵³
Depara o nada... a vastidão do ermo!

Oh! não recordes do passado esplêndido
Íntimas cenas do mais casto enleio;
Do livro d'alma onde escrevi teu nome,
Ai! não recordes, meu amor, ai, não!

⁵¹ *Álbum Literário*. Pelotas, 17 maio 1875, n° 12, ano I, p. 48.

⁵² A epígrafe é do poeta romântico espanhol José de Espronceda Delgado (25 mar. 1808 - 25 maio 1842). O trecho citado aparece três vezes no poema "Despedida del patriota griego de la hija del apostata" e outra no poema "Está la noche serena".

⁵³ Conforme Dicionário Eletrônico Houaiss, alfombra, sinônimo de um tapete espesso e muito macio, é entendido por certa extensão de relva que recobrem o chão;

Nada me resta desse enleio misto,
 Dos mundos grandes que criei por ti;
 Fulgidos prismas de mentidos sonhos,
Ai! como tantos que a chorar perdi.

Rio Grande, 1875
 Silvino Vidal

Lágrimas sobre o túmulo⁵⁴
 A seu irmão

*Sobre uma campa mal serrada ainda
 Vertamos uma lágrima sincera
 Paguemos um tributo de amizade
 Depondo sobre a laje esta coroa
 De goivos e saudades.
 Damasceno Vieira*

Era o anjo do lar e da inocência,
 - Celeste raio de fulgente estrela
 Que na terra passou, na terra ingrata
 Sonhando enlevos, divinais afetos
 Que nos mundos da luz somente existem!
 Na fronte pensativa de criança
 Raiava-lhe esta luz misteriosa
 Dos eleitos de Deus! Tinha em sua alma
 Sacrário de virtude estranho ao crime
 Que a todos enlevava⁵⁵ em seus perfumes
 Qual o incenso que sobe aos pés do Eterno
 Das ceras do seu templo. Imaculado
 Era o seu pensamento, o seu sorrir
 Como a prece de um anjo em seus mistérios!

Oh! Não lhe perturbeis o sono eterno
 De celestes visões tão povoado!...
 Deixai, deixai que o riso de seus lábios
 Seja constante em mim, em Deus constante!

Que valem prantos? Lágrimas que importam?
 Teve origem no céu, ao céu pertence,
 Era estrangeira aqui, porque chorá-la
 Se foi gota de luz aos infinitos
 Alada nos cortejos dos arcanjos.
 Mandados do Senhor buscá-la à terra
 No diadema de Deus brilhar mais pura.

Fecundada na fé que existe um Ente
 Todo bondade, luz - princípio eterno
 Que nos exalta acima de nós mesmos,
 Viveu, mas desse amor que é todo espírito

⁵⁴ *Eco do Sul*. Rio Grande, 22 de setembro de 1876, n° 214, p. 1. No original, o título é “Lágrimas sobre o túmulo de D. Adelina de Paula Teixeira falecida na cidade do Porto em 28 de junho de 1876”. Esse poema foi publicado anteriormente na revista do Partenon Literário com o nome de “Nênia à memória de Adelina Teixeira”; por haver muitas mudanças vocabulares, preferiu-se a publicação em separado de cada um.

⁵⁵ No original, consta “enleva”, deixando o metro com nove sílabas poéticas. A mudança foi apoiada na versão publicada anteriormente na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*.

"Selado pela mão da Providência,
No coração de um anjo".

Oh! Sim de um anjo
Pairando pelas fauces⁵⁶ dos abismos
Deste perverso caos de horror e crime
Sem o brilho manchar de suas asas!
Das terrenas paixões não soube o fruto,
E a essência do meu bem que tinha na alma
Não a manchou no lodo deste mundo!
Fugia como rola assustadiça
Das mentirosas pompas desta vida,
Das galas, dos prazeres, das alegrias,
Dos bailes que seduz a mocidade,
Dos luxosos⁵⁷ salões que nos deslumbram,
Do ar abafadiço que corrompe
E as flores do coração enerva e mata!

Como talvez o anjo da saudade
Chorando uma ilusão que viu desfeita,
Buscava a solidão, ermo profundo,
"Vergada ao pensamento das tristezas",
- Dorida apreensão de uma alma santa!

Mas se a ventura lhe sorria a trechos
Como era vê-la então serena e pura
No seio venturoso da família
"Cismar tristezas, mas tristezas doces!
Prantos verter, mas prantos de alegria!"

Oh! Celeste visão! Nos áureos mundos
Onde tua alma foi buscar guarida
Dormes talvez! Oh! Pomba mensageira
Da esperança e da fé! No seio mesmo
De tua santa mãe, que há muito havia
Fugido deste val⁵⁸, corrupto, infame,
Levando o coração fistulado
Pela saudade lancinante⁵⁹ ...amarga
Dos tenros filhos que adorar deixava,
Descansas, pobre filha do infortúnio
Inundada na luz da eternidade!

Deus! Que enxugastes os prantos aos infelizes,
Que aos cegos deste luz, às mães seus filhos,
Que foste o Lázaro arrancar à cova!...
Espírito celeste, essência eterna,
Tu que és Onipotente, excelso, grande,
Envia um raio de alegria ao menos,
Ou ampara na fé do sacro lenho,
Esse infeliz mancebo que falece,
Por tantos golpes de infortúnio imenso
No pavoroso caos da eternidade!

⁵⁶ "Faces" no original. A mudança foi apoiada na versão publicada na *revista do Partenon Literário*.

⁵⁷ Mantém novamente a grafia de "luxosos", como na versão anterior.

⁵⁸ No original, consta "vale", deixando o metro com onze sílabas poéticas. A mudança foi apoiada na versão publicada anteriormente na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*.

⁵⁹ No original, consta "lansejante", que não há registro nos dicionários pesquisados. A mudança foi apoiada na versão publicada anteriormente na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*.

E tu espírito de Deus, a Deus votado
 Partícula de um Ser celeste e puro,
 Que na terra passaste radiosa
 Como gota de luz cruzando o espaço
 Pelas caladas noites do mistério
 Recebe nessa célica morada
 Onde o prêmio colheste da virtude,
 Esta celeste coroa de ciprestes!...
 Doloroso tributo que hoje venho
 Em nome de um passado venturoso
 Depor na fria pedra de um sepulcro
 Onde teu corpo, - ó filha da saudade
 Para sempre repousa!

Oh! minha infância
 Tão descuidosa e rica de atrativos
 Já não te posso recordar ditoso!

Aceita pois em nome do passado
 Dos brincos pueris da tenra idade,
 O triste pranto que me orvalha as faces,
 E as pobres flores que of'recer-te⁶⁰ venho
 Nesta grinalda humilde de saudades!
 Rompendo os vínc'los da matéria inútil
 Talvez minha alma remontando espaços
 Possa bem cedo conversar contigo
 Nesses mundos de luz e de verdade!

Rio Grande, setembro de 1876
 Silvino Vidal

Se te busco fugir ⁶¹

Se te busco fugir é vão o intento,
 Mais baldado o empenho em te olvidar;
 Este amor tão fatal, irresistível,
 Eu quisera no peito sepultar!

Mas já viste algum dia a lava ardente,
 Que nem a mão de Deus dominar pode,
 Obedecendo às leis da natureza
 Rugir como a tormenta que a sacode?

Assim dentro do meu peito onde se escondem
 Mistérios deste amor por ti sonhado,
 Irrompem como as lavas do Vesúvio
 Segredos da paixão que te hei votado!

Este afeto esquecer que me domina
 Fora pois uma insânia se o tentasse;
 Um raio mo inspirou desses teus olhos,
 Sem que eu, louco de amores, suspeitasse!

⁶⁰ No original consta "oferecer-te", deixando o metro com onze sílabas poéticas. A mudança foi apoiada na versão publicada anteriormente na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. O mesmo ocorre com "vínculo", dois versos abaixo.

⁶¹ *Progresso Literário*. Pelotas, 18 mar. 1877, n° 07, ano I, p. 8(?). No original, o poema é intitulado com três asteriscos.

Não te devo fugir. Se o sol dardeja
 A prumo os raios sobre a flor mais pura,
 Não foge o triste. Hei de amar e sempre
 O que em ti foi capricho, em mim loucura!

Seja loucura embora. A minha sina
 E viver dessa luz que te acalenta,
 Respirando esse ar que tu respiras
 Numa luta cruel que me atormenta!

Se fugires de mim serei constante,
 Nos murmúrios irá meu pensamento...
 Voga ao sabor do airosa fantasia
 Que eu de ti não me esqueço um só momento.

No teatro, nos bailes, no passeio
 Contigo está minh'alma, a sós contigo...
 Como perla do céu das alvoradas
 Ao seio duma flor pedindo abrigo!

Desdenha deste amor se tanto podes,
 Humilha-me a teus pés, mulher querida...
 Se um sorriso me deres por demais,
 Eu por ele darei a própria vida

A própria vida eu te darei por ele,
 Talento, inspiração, futuro enfim....
 Mas em nome da dor que me atormenta
 Ai! lembra-te de mim!

Silvino Vidal
 Rio Grande - 1877

Dois Medos⁶²
 (Tradução)

Tibiamente do sol a luz morria,
 Ela, longe de mi'
 'Não te aproximes tanto', me dizia;
 'Tenho medo de ti'!

E quando a noite já tinha passado,
 Disse, junto de mi':
 'Por que te afastas tanto do meu lado?
 Tenho medo sem ti'!

Rio Grande
 Silvino Vidal

Antítese⁶³

Essa tua altivez descomunal,
 O teu olhar indômito, insolente,
 Tem a atração nervosa da serpente,
 E a rigidez sombria de um punhal!

⁶² *Diabrete*. Rio Grande, 16 mar. 1879. p.6.

⁶³ *Revista Literária*. Porto Alegre, 06 fev. 1881, n° 01, ano I, p. 4-5. Esse poema já havia sido publicado no rio-grandino *Eco do Sul* de 24 out. 1880 e foi publicado posteriormente no livro *Aquarelas*.

Há não sei que de frio e canibal
 No teu sorriso irônico, mordente;
 Quando passas derramas no ambiente
 Um secreto perfume sensual!

As linhas de teu corpo deslumbrante
 Fazem cismar, olímpica bacante,
 Nas indecisas curvas do luar!

E eu vi-te há pouco, ó cética devassa,
 Como o sombrio arcanjo da desgraça
 Lacrimosa curvada ante o altar!

Silvino Vidal.
 Rio Grande - 1880

Cena de família ⁶⁴

Em torno de uma mesa de charão,
 Onde alguns figurinos se espalhavam,
 Três alegres donzelas conversavam,
 Acerca das *toilettes* da estação.

Mais além, num dos ângulos do salão,
 Dois velhos cavalheiros praticavam
 Em assuntos que neles despertavam
 Acalorada e forte discussão.

A luz do candeeiro brandamente
 Espalhava uma doce claridade
 No perfumado e tépido ambiente.

Unidos na mais santa intimidade
 Não ouviram sequer a fúria ardente
 Da rouca e desabrida tempestade.

Silvino Vidal.
 Rio Grande - 1880

Platonismo ⁶⁵

Ao ver-te a fronte casta, iluminada,
 E de teu rosto a matinal frescura
 Cega de amor e louca de ventura
 Minh'alma te adorou fanatizada.

Quando passas na rua, - deslumbrada
 Da luz do teu olhar lânguida e pura,
 Ela te segue, ó rara formosura,
 Respirando-te a coma perfumada.

E nunca saberás, anjo querido,
 Quando te adora, quanto por ti sente
 Meu pobre coração enternecido.

⁶⁴ *Revista Literária*. Porto Alegre, 13 fev. 1881, n° 02, ano I, p. 14. Esse poema foi republicado em *Aquarelas*.

⁶⁵ *Revista Literária*. Porto Alegre, 27 mar. 1881, n° 08, ano I, p. 58-59.

Não ouvirás meu lábio inconsciente
Murmurar uma frase, um som partido
Das profundezas deste amor ardente.

Silvino Vidal
Rio Grande - 1881

Devaneando⁶⁶

Em horas de fatal hipocondria,
Desse *demônio azul*,
Quando escuto o rugir do vento agudo
Que sobra cá do sul;

Espaireço acendendo o meu cigarro,
Um caporal francês;
E as tristezas cruéis que o peito oprimem
Afoga-as em Xerez⁶⁷.

Feliz, então, minh'alma se transporta
Aos mundos ideais,
Soltando uma canção fresca, composta
De coisas matinais.

Vai evocar as sombras do passado,
Crianças que adorei,
Cujos seios mais brancos que cambraia⁶⁸
Tantas vezes beijei.

Vejo-as passar em fúnebre cortejo
Sorrindo para mim;
Trazem na fronte a palidez sombria
De um Cristo de marfim.

Das ardentes pupilas inflamadas
Em bestial paixão,
Brotam desejos lúbricos, nervosos
De forte sensação.

Roçam por mim as carnes cor-de-rosa,
Mostrando os seios nus,
Exalando um perfume penetrante
Que excita e que seduz.

Não me posso conter. Aperto ao peito
As sombras ideais,
E ante a nudez das formas provocantes
Que instintos canibais!...

E assim revivo, ai doido fantasista,
Cenas cheias de luz;
Novamente gozando as Madalenas
Remidas por Jesus!

Silvino Vidal.
Rio Grande - 1881

⁶⁶ *Revista Literária*. Porto Alegre, 03 abr. 1881, n° 09, ano I, p. 66-67.

⁶⁷ Xerez é um vinho espanhol.

⁶⁸ Cambraia é um tecido branco muito fino, translúcido e levemente lustroso, de algodão ou de linho.

Tentação⁶⁹

Quando contemplo teus formosos olhos,
 Brilha em minh'alma rutilante aurora;
 Brotam mil sóis dessas pupilas negras,
 E minha vida de ilusões se enflora.

Se tua mão comprimo levemente
 Estranha sensação meu ser agita,
 Em borbotões o sangue se alvoroça,
 Descompassado o coração palpita.

Se falas, julgo ouvir nos lábios rubros
 O suspirar duns tímidos arpejos,
 As mansas vibrações que nos recordam
 Uma chuva simpática de beijos.

Porém, se entre meus braços te comprimo
 Num selvagem transporte de alegria,
 Em volúpias de amor eu me arrebatado
 Até onde não sonha a fantasia.

Um súbito devaneio enlanguesce,
 E a ti também, que nos teus olhos leio,
 Quando a vista mergulho fascinada
 Nos profundos abismos de teu seio.

Eu bem sinto, mulher, que nesse instante
 Se agitam dentro em nós iguais desejos;
 Mas o dever abriga a [condeus seus]⁷⁰
 Numa torrente indômita de beijos.

Silvino Vidal
 Rio Grande - 1880

Antropofagia⁷¹

A mulher a quem voto os meus cuidados,
 A luz da minha vida, a minha aurora,
 A grega formosura que me enflora
 Da mocidade os dias descuidados;

Não é um desses tipos descorados,
 Anêmico, franzino, que enamora
 Os velhos D. Juans, *crevés* d'outrora,
 Vendendo-lhes sorrisos calculados.

Não tem no rosto a palidez da neve,
 Mas nos olhos o brilho dos cristais
 E estranha sedução na *cinta* breve...⁷²

Ao ver-lhe tantas graças sensuais,
 O bardo aproximar-se não se atreve,
 Receando uns instintos canibais!

Silvino Vidal
 Rio Grande - 1880

⁶⁹ *Revista Literária*. Porto Alegre, 15 maio 1881, n° 15, ano I, p. 116.

⁷⁰ A transcrição do trecho pode não estar exata devido ao péssimo estado de conservação.

⁷¹ *Revista Literária*. Porto Alegre, 22 maio 1881, n° 16, ano I, p. 121. Interessante é a comparação com o soneto "Antropofagia" de Carvalho Júnior (in *Parisina*, 1879), analisado por Antonio Cândido (1989, p. 29).

⁷² Pelo contexto, *cinta* refere-se a faixa usada por mulheres para apertar na cintura.

Desejo excêntrico⁷³

É uma doida criação aquela
 Por quem as noites passo delirando,
 E a quem vejo à tardinha na janela
 Melancolicamente os céus fitando!

Há na sua cabeça delicada
 Um não sei que d'etéreo e d'ideal,
 Misto de luz, de amor e d'alvorada
 E o perfume de um ser angelical.

Na dorida expressão dos seus cismares
 Transparece sua alma enlanguescida;
 No fogo abrasador dos seus olhares
 Carbonizar quisera a minha vida.

Silvino Vidal.
 Rio Grande - 1879

Lirismos⁷⁴

Bem vês: há entre nós profundo abismo
 Que o infortúnio cavou.

As nossas vidas

Vinculadas ao poste da desdita,
 Jamais na terra gozaram venturas,
 Jamais delícias fruïram, é certo.

Aqueles sonhos divinais tranqüilos,
 Aquelas crenças num porvir ridente,
 Que dentro d'alma a trescalar perfumes
 A existência floria, eram quais sombras
 Da mente incandescida em febre intensa
 Que o coração afaga.

Infausta sorte

Para sempre enlutou os dias nossos
 E os belos quadros que a sorrir traçamos
 Descuidosos das coisas deste mundo.

Mas não. A casta flor dos teus afetos
 Cuja corola sentes retrair-se
 Ao frio sopro de cruéis enganos,
 Há de novo descerrar as pétalas
 À viva luz de uma alvorada nova
 Talvez, oh sim talvez, que no futuro
 Tenhas dias tranqüilos de ventura,
 Dias de paz, de amor, e sem saudades
 Possas, criança, recordar as cenas
 Do passado brumoso.

Enxuga o pranto

Que o rosto teu angelical inunda,
 E de novo contempla o sol da vida
 Que mais puro desponta em teu caminho.

⁷³ *Revista Literária*. Porto Alegre, 29 maio 1881, n° 17, ano I, p. 131.

⁷⁴ *Revista Literária*. Porto Alegre, 17 jul. 1881, n° 24, ano I, p. 187-188.

Não te acovardes, não: é vilania
 Sucumbir ante os lances da fortuna
 Sem peleja travar.

És moça, és casta,
 E tens a formosura que irradia
 Da tua fronte altiva de rainha.

O mundo é lauta mesa onde os convivas
 Buscam do gozo a sede abrasadora
 Saciar sem lembranças importunas.

Procura a distração na sociedade;
 Corre ao baile, ao teatro, às alegrias;
 Ama o rumor das festas ostentosas,
 O delírio das valsas que intumescem
 Os alvos seios de prazer, que excitam
 As fortes comoções, desejos loucos
 De volúpia e de amor.

Da frente apaga
 Essa expressão de dor que lentamente
 Do coração as fibras te espedaça.
 Não chores, não; na embriaguez dos gozos
 Sufoca as ilusões do teu passado
 As quimeras gentis que acalentaram
 Teus dias de criança.

É tempo ainda
 De sonhar e viver.

Desses teus lábios
 Faz ainda brotar travessos risos,
 E as finas ironias com que outrora
 Castigavas as tolas insolências
 Dessas turbas banais que te cercavam
 Num altivo cortejo de princesa.

Na quente e perfumosa atmosfera
 Desses salões onde o prazer só reina
 Nas caprichosas festas da elegância,
 Desprende as tuas asas iriadas
 Borboleta de amor.

Triunfa ousada
 Por entre a turma do feliz convívio,
 Uns modos afetando altivos, régios,
 Dando dura expressão aos teus olhares
 E constante desdém à tua boca.
 De tua alma os mais castos pensamentos
 Não nos exponhas, não, ao mundo ignóbil
 Que de ti zombaria.

Ele não pode
 Ler no sacrário de teu peito augusto
 Onde palpita o coração de um anjo...
 Às grandezas do afeto em que te exaltas
 Bem poucos haverá que se levantem
 Da dourada baixeza em que rastejam.

Dissipa para sempre essas miragens
 Que a louca fantasia nos mostrava
 Num futuro de gozos infinitos.
 Aquele amor tão puro, imaculado,
 Tão cheio d' inocência e de perfumes,
 Cuja lembrança guardo imperecível
 No coração saudoso, é tempo, esquece-o,
 Sepultando-o nas ruínas do passado
 Onde o destino quis que eu te encontrasse.

É forçoso partir o vínc'o santo⁷⁵
 Que um dia nos prendeu.

A Providência

Do infortúnio e da dor que nos atira
 A lama da desgraça, assim ordena...
 Não busques, pois, fugir aos seus ditames.

Silvino Vidal.
 Rio Grande - 1881

Cromo⁷⁶
 À minha irmã

À branda luz de uma vela,
 Na estreita alcova aseada,
 Uma mulher se desvela
 Junto de um berço sentada.

Por entre sonhos dourados
 Sorri-se um pálido anjinho;
 Fita-o a mãe com carinho
 E beija-o com mil cuidados.

Volta depois à costura
 Mas no filho, com ternura,
 Os olhos pregados tem.

De repente oscila o berço,
 E o pequenino travesso
 Grita chorando - mamãe!

Rio Grande - 1881
 Silvino Vidal.

Quisera⁷⁷

Em meu pequeno quarto a sós cismando
 Em ti as noites passo, minha amada;
 Até que pelos céus veja raiando
 A doce luz da fresca madrugada!

⁷⁵ No original, consta santlo, considerado como erro gráfico.

⁷⁶ *Revista Literária*. Porto Alegre, 14 ago. 1881, n° 28, ano I, p. 221. Esse poema foi republicado em livro com o título de "No berço", com mudanças em vários versos, sendo por isso transcrito duplamente.

⁷⁷ *Revista Literária*. Porto Alegre, 11 set. 1881, n° 32, ano I, p. 253.

Recordo do passado esplendoroso
Os mútuos juramentos que trocamos,
E teu olhar translúcido, piedoso,
Inda ilumina os mundos que sonhamos.

E tu que não calculas quanto sente
Por ti meu peito, ó anjo divinal,
Seminua repousas castamente
No teu leito macio e virginal!

Entre as alvas cortinas arrendadas
E da alcova os aromas penetrantes,
Que cismas tentadoras, perfumadas,
Te hão de enlanguescer nesses instantes!

Eu quisera nessa hora, de mansinho,
As dobras descerrar do cortinado...
Do teu colo rever o desalinho
E beijar o teu rosto descorado!...

Quisera sim, meus lábios sequiosos
Colar os lábios teus, sorvendo a vida,
Sentir o palpitar dos seios róseos
E ser enfim teu Fausto, oh Margarida!

Rio Grande - 1880
Silvino Vidal

Esfinge⁷⁸

Quando na valsa enlevada
Meu braço teu corpo cinge,
Por que teu rosto se tinga
Da rubra cor da alvorada?

Por que descoras, criança,
Quando meu lábio inocente
Vai pousar discretamente
Na tua formosa trança?

Baldado esforço! Não creio
No teu amor, mariposa,
Sei que a perfídia repousa
Nos abismos do teu seio!

Essa cor aveludada
Semelhando a cor do pejo,
É a febre de um desejo,
Minha gentil namorada!

Na viva luz de teus olhos
Profundos como os mistérios,
Há venenos deletérios,
Há uns ocultos escolhos!

Sincero afeto não finge...
Eu não esqueço o passado;
Já fui por ti enganado,
Não és mulher, és esfinge!

Rio Grande - 1880; Silvino Vidal

⁷⁸ *Revista Literária*. Porto Alegre, 18 set. 1881, n° 33, ano I, p. 261.

Epístola. A Eduardo Moreira Marques⁷⁹

I

Eu sei que é bela essa existência, amigo
Essa constante luta das paixões
Que o sangue te inflama e o peito agita
Como os seios inquietos dos vulcões.

Marinheiro de amor, no mar da vida
A desfeita tormenta te seduz,
Se entre os bulcões indômitos cintila
De uns olhos de mulher travessa luz!

Ruja-te em torno embora a tempestade,
Cresça, braveje enfurecido o mar;
Deslocado batel corra sem tino,
Partido o leme, preste a soçobrar:

Nada te assusta, impávido piloto
Cego de amor em busca do *ideal*;
Essa visão das almas sonhadoras,
Extravagante, lúbrica, fatal!

E vais assim alegre entre a boemia
Das fáceis tentações e do prazer,
Raquitizando a flor da mocidade
Que há de bem cedo mórbida morrer.

II

Eu também como tu gastei os dias
Da rápida estação a mais feliz...
No seio dos apócrifos amores
Deixei-me adormecer em ócios vis,

Revestia de formas atraentes,
Na febre assoladora da paixão,
As nervosas *Impérias* que encontrava
No lodo da moderna podridão.

Aos *arcánjos* dos líricos poetas
Como tu meus extremos consagrei;
Cloróticas⁸⁰ *vestais* por entre a turba
Ruidosa, alegre, insano procurei.

E a flor do coração rica de seiva
No fogo dos afetos consumi;
O natural ardor da juventude
No ecúleo das paixões arrefeci.

⁷⁹ *Revista Literária*. Porto Alegre, 23 out. 1881, n° 36, ano I, p. 283-4.

⁸⁰ Clorose é uma anemia que se caracteriza por conferir ao seu portador forte palidez.

Quando senti da mocidade a febre
Nas artérias o sangue me inflamar,
E aos invisíveis mundos das quimeras
O pensamento audaz se arrebatou;

Vi também em meus sonhos transparentes
Uma impalpável forma de mulher;
Doce como Jesus, suave e mansa
Qual um sorriso da formosa Esther.⁸¹

Após outra passou... inda mais outra,
Pois a ânsia do amor tarde se acalma,
Eram astros de luz que resvalavam
Na leve atmosfera de minh'alma.

E depois, quando todas já desfeitas
Numa lúcida e branda exalação,
Senti dentro do peito, imóvel, gasto,
Sem anelos, sem vida o coração.

Oh! Pálido Romeu, é tempo ainda,
As Julietas mórbidas esquece;⁸²
A fantasia em lúbricas quimeras,
Da mocidade o ardor nos arrefece.

III

Quando ao futuro em marcha triunfante,
Desfraldando a bandeira do trabalho,
Ao som da Marselhesa do Progresso⁸³
A mocidade ativa se encaminha,
É torpe, é vil permanecer imóvel
No quente leito das paixões que enervam.

Pois tu que és moço, inteligente e forte,
Que imaculada abrigas em teu peito
Da Liberdade a deusa radiosa,
Podes acaso contemplar inerte
O renhido combate que se fere
No campo das idéias avançadas?

No vasto círc'lo desta vida humana
Devemos concentrar nossa energia,
A nossa atividade, a nossa força
Para o triunfo das idéias grandes,
Para a conquista de um porvir ingente.

À sombra da bandeira do Progresso,
Que se desfralda aos ventos do futuro,
Embalada nos hinos do triunfo,
A nobre mocidade já se agita
Fazendo cintilar ao sol da glória
Os luzentes arnéis que nos fascinam
E o marcial ardor em nós provocam.

⁸¹ Referência a personagem bíblica Esther, que se destacava pela beleza.

⁸² A referência aqui é aos protagonistas do romance *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

⁸³ Referência ao hino francês, símbolo da Revolução Francesa em 1782.

Como os gregos que outrora se agrupavam
Em volta dos seus templos majestosos
Pra consagrar a divindade antiga,
Em torno às aras dos princípios grandes,
Onde domina a Liberdade augusta,
Também a geração moderna e forte
Se deve congrega.

A nossa pátria
Já contempla nos filhos do presente
Os altivos cruzados do futuro.

IV

O povo ateniense teve outrora,
Nos tempos das Frinés e das Aspásias⁸⁴
Por ideal a estética das artes
Onde o gênio imprimia um selo eterno;
Nós também, os filhos deste século,
Cujo pai sucumbiu na guilhotina
Antes as fúrias selvagens do Terror,
Votamos culto a um ideal que inflama
Os nossos grandes corações honestos:
À deusa radiosa, à Liberdade,
À filha da Justiça e do Direito,
Por cuja causa a mocidade d'hoje
Em lúcida loucura se arremessa
À nobre liça a combater sem tréguas.

Não fujas, pois, no campo da revolta,
Onde os clangores do clarim guerreiro
Chama à vitória o gladiador que hesita
Há lugar para ti.

Fraternamente
Comungarás também entre os convivas
Dessa falange ativa e denodada.

Silvino Vidal
Rio Grande - 1881

⁸⁴ Friné é uma cortesã grega do século IV, comumente citada em textos românticos. Apesar de as mulheres desfrutavam de poucos dos direitos da democracia ateniense, Aspásia de Mileto - citada em *Menexeno*, de Platão - foi importante conselheira do seu esposo Péricles (499-429 a.C.), governante da cidade de Atenas por mais de trinta anos, período em que a cidade foi reconstruída após as guerras médicas (450 a.C.) e teve um notável desenvolvimento artístico e literário.

10. FRISOS DE LUZ ¹

Duas palavras

Este volume não é mais do que uma tentativa no mundo da publicidade.

Como é natural, há de ter incorreções, e muitas, mesmo porque não tenho a pretensão de me julgar perfeito.

Se, porém, um dia, tiver a felicidade de vê-las apontadas pela crítica conscienciosa, será essa uma delicadeza pela qual me considerarei sempre devedor.

Porto Alegre, março - 1884

O autor

Rebate

Ao independente jornalista e amigo João Câncio Gomes

*São horas! Murmura o prelo
Num lago feito de auroras:
Responde ao longe o martelo
Talhando estradas: São horas!
Alheio*

É dia. A orquestra do malho,
Na vastidão da oficina,
Toca o hino do trabalho,
Duma harmonia divina.

Já pende a frente crestada
Do rijo trabalhador,
Pela face avermelhada
Correm bagas de suor...

A lide é grande, incessante,
Tem um quê de gloriosa;
O martelo altissonante
Desfere a voz majestosa.

Pelas ruas da cidade,
Num concerto singular,
Da boca da humanidade,
Soa o verbo - trabalhar!

É de azul o firmamento!...
Como a flor dum girassol,
Ergue-se o velho portento,
O rei dos astros - o sol;

Com seus raios penetrantes
De fundas cintilações...
Caem latejos vibrantes
Por cima das multidões.

E além, não muito distante,
Passa o gorjeio das aves,
Como a onda embriagante
De mil perfumes suaves.

¹ AZEVEDO JÚNIOR. *Frisos de Luz*. Porto Alegre: Tip. do Mercantil, 1884.

É o dia. A orquestra do malho,
Na vastidão da oficina,
Toca o hino do trabalho
Duma harmonia divina.

II

A grande idéia moderna,
A deusa do progredir,
Mostra a Bíblia hodierna.
Aos sectários do porvir.

Abre o livro da Verdade
Que leva à estrada do Bem,
Ao fulgor da claridade
Que já despontou além;

Nas folhas acetinadas
Lê pensamentos reais!
Têm a cor das alvoradas
Da limpidez dos cristais.

Depois resolve o passado
Que dorme na escuridão,
No seu leito, apostrofado
Pela voz da maldição.

Compulsa o livro da História
Dos feitos edificantes,
Descritos pela memória
Dos sábios - águias pujantes.

E aponta com consciência
Mais soberbos do que os sóis,
Os colossos da ciência
Mais grandes do que os heróis.

Depois... que franca atitude!
Fitando o abismo do mar,
Sorri-se ao ver o ataúde
Que encerra a flor - nenúfar.

E assim a idéia moderna ,
A deusa do progredir,
Mostra a Bíblia hodierna
Aos sectários do porvir.

III

É tempo já. - A idéia
Vaga no mar da ciência,
Nessa esplêndida epopéia
Dos grandes de inteligência.

Portanto, ao vivo rebate
Que ressoa na amplidão,
A treva cai no combate
Que trava a luz da razão.

À estrada que além se avista
 Marchemos com pé seguro.
 Será mais uma conquista
 Dos obreiros do futuro.

É tempo já. - A idéia
 Vaga no mar da ciência,
 Sigamos na epopéia
 Dos grandes de inteligência.

A primavera ²

Chegou a estação dos risos,
 Das alvoradas louçãs,
 Abre-se a flor dos sorrisos
 Nos lábios das aldeãs.

D' enxada, os trabalhadores
 Contentes saem da choça.
 São mais puros os amores
 Na vida fácil da roça.

Depois, de manhã bem cedo,
 Quando o copado arvoredado
 Mostra o seu manto de orvalho;

É belo! É mais que formoso
 Ver um pássaro saudoso
 Cantando num verde galho.

1882

Romantismo ³

É noite. A brisa que passa
 No copado da floresta,
 Como um grito que perpassa
 Preso ao delírio da festa;

Vai alegre e descuidosa,
 Entre os lírios virginais,
 Depor as folhas da rosa
 Que levou dos roseirais.

Depois, correndo apressada,
 Beija do lótus a flor;
 E, qual virgem namorada,
 Modula frases de amor.

Há no livro - Natureza
 Que revela o que é real,
 Paira a máscula grandeza
 Dum poema colossal.

O esplêndido azul da esfera,
 Cravejado de rubis,
 É o manto da primavera
 Bordado a brancos jasmíns.

² Esse poema foi publicado inicialmente no jornal pelotense *Diário de Pelotas*, de 25 set. 1883.

³ Esse poema foi publicado inicialmente no jornal *Lábaro*, de 30 jan. 1881, com mudanças pouco significativas, principalmente vocabulares, em doze versos.

E existe nesta utopia
Sem a mínima verdade,
Um quê de galanteria
Que provoca a hilaridade.

Eu sinto que na minh'alma
Fulgura um lúcido almejo,
Como a luz serena e calma
Que brota de um bom desejo.

Vou ver se desenho a traços
Esta noite sem rival...
Na grandeza dos espaços
Corre um perfume ideal.

A lua - irmã carinhosa
Das noites do mês de abril,
Mostra a face esplendorosa
Duma alegria infantil.

Na sombra, à margem dos campos,
Lá para as bandas do Sul,
O bando dos pirilampos
Acende a lanterna azul.

E ali, tão sós, os coitados
Naquelas paragens mansas,
Formam soberbos bailados
De bonitas contradanças.

Na encosta da cordilheira
É à sombra dos palmeirais,
Brinca a loira feiticeira:
- A Musa dos ideais.

E nesse entretenimento
Duma inocência sem par,
Mostra a luz do sentimento
Nas chispas do seu olhar.

É que na funda alegria
Que lhe vai no coração,
Passa o ai! de uma agonia
De tristíssima paixão.

Ao vê-la tão entretida
Naquela postura assim,
Disséreis ver Margarida
Entre as flores do jardim.

E a Natureza adormida
No seu berço colossal,
Repousa da grande lida
Num sonho patriarcal.

Soneto ⁴
(Dante)

Tão honesta e gentil parece a minha bela,
Se na rua a alguém ela saúda,
Qu'ao olhá-la tão calma, e cândida, e singela,
A palavra, a tremer, torna-se muda.

E segue e vai além, sabendo que a admiram,
Muito cheia de afeto e de humildade,
Lembrando um ideal, dos ideais qu'inspiram,
Ou lúcida visão da humanidade.

E torna-se tão boa, e fica tão suave,
Que na luz do olhar tem a doçura
Dos trinados de amor de portentosa ave.

É mesmo uã *Madonna*. E tem essa brandura
Da voz do órgão sob extensa nave
Que diz, ao coração: *Suspira*, com ternura.

Junho - 1883

Ao Partenon Literário ⁵

Eis o sublime combate
Das lutas do pensamento,
Nas expansões do debate
Brilha a luz do entendimento;
Dum lado - o vulto da Glória
Sustém o livro da História,
Fita o largo da amplidão...
Do outro - a Fama, pujante,
Aponta Camões e Dante,
Petrarca e Napoleão!

⁴ Segue o soneto original de Dante Alegheri (Florença, 1265 - Ravenna, 1321) e a tradução feita por Henrique Lisboa.

Tanto gentile e tanto onesta pare
la donna mia quand'ella altrui saluta,
ch'ogne lingua deven tremando muta
e li occhi no l'ardiscon di guardare.

Ella si va, sentendosi laudare,
benignamente d'umiltà vestuta;
e par che sia una cosa venuta
da cielo in terra a miracol mostrare.

Mostrasi sì piacente a chi la mira
che dá per li occhi una dolcezza al core,
che 'ntender no la può chi no la prova:

e par che de la sua labbia si mova
un spirito soave pien d'amore,
che va dicendo a l'anima: Sospira.

Tão discreta e gentil que me afigura
ao saudar, quando passa, a minha amada,
que a língua não consegue dizer nada
e a fitá-la, o olhar não se aventura.

Ela se vai sentindo-se louvada
envolta de modéstia nobre e pura.
Parece que do céu essa criatura
para atestar milagre foi baixada.

Ao que a contempla infunde tal prazer,
pelos olhos transmite tal dulçor,
que só quem prova pode compreender.

E assim, parece, o seu semblante inspira
um delicado espírito de amor
que vai dizendo ao coração suspira

⁵ Partenon Literário é uma importante sociedade literária fundada em Porto Alegre (RS) em 1869.

Conforme Póvoas (2003), esse poema foi publicado inicialmente na *Revista Contemporânea do Partenon Literário - Consagrada às Letras, Ciências e Artes*, 4ª série, n° 3, junho de 1879, às páginas 125-127.

E nessa luta fremente

Passa uma idéia de luz...
- Como no crânio do crente
Perpassa a lenda da Cruz. -
Quais os antigos ascetas,
Esses modernos profetas
Têm uma crença, um só fim...
Descrever em áureo traço
Quem foi Shakespeare e Tasso,
Lamartine e Franklin⁶.

Porém, quem são os heróis

Que marcham com pé seguro
À luz fulgente dos sóis,
Em demanda do futuro?
Serão - a falange altiva
Que sente a centelha viva
Da lava da inspiração?...
Heróis da grande oficina
Do livro - o sol que ilumina
As frentes da multidão?...

São os preclaros talentos

Desse colosso - o Brasil,
Que nuns escassos momentos
Colhem aplausos aos mil.
Sectários da Nova Idéia,
Trabalham pela epopéia
Da filosofia real;
Calcando aos pés o regresso,
Seguindo à luz do progresso
Sua missão divinal.

São eles que ao mundo em pasmo,

Vão desvendar o porvir,
No calor do entusiasmo
Que desperta o progredir.
É a mocidade inspirada
Que forma a grande cruzada
Do pujante PARTENON:
São os romeiros da glória
Que vão gravar sua história
Nas aras do Panteon.⁷

18 de junho de 1879

⁶ Referência a três autores famosos: o dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), o renascentista italiano Torquato Tasso (1544-1595), o romântico francês Lamartine (1790-1869). O último nome refere-se provavelmente a Benjamin Franklin (1706-1790), político norte-americano que redigiu a Declaração de Independência e a Constituição dos Estados Unidos.

⁷ Panteon, ou panteão, é o templo dos deuses da Roma antiga. Atualmente usa-se também para monumentos destinados a perpetuar a memória de personagens famosos.

Pela seca

O sol descai a prumo. A quente atmosfera
Espalha pelo ar um cálido mormaço.
A pura limpidez cristalina⁸ do aço
Esbate-se do céu na constelada esfera!

Há torrentes de luz. A indômita pantera
À sombra vai deitar-se, ardente de cansaço...
A brisa nem percorre a solidão do espaço...
Há um quê de fatal que as almas desespera!

Em meio da campina o honrado lavrador
A enxada abandonou. Banhado de suor
Procura recolher-se ao rancho de capim.

É horrível o quadro! A seca é desconforme!
Folga o gênio do Mal, esse fantasma enorme,
Como outrora animando a destra de Caim!

Dormindo⁹

À mimosa poetisa D. Julieta de Melo Monteiro

I

Morre a tarde. O fim do dia
A virgem loira namora,
Canta alegre a cotovia
Nos verdes campos de Flora.

As Náiades¹⁰ legendárias,
Como as filhas de Istambul,
Vão de roupas argentarias¹¹
Banhar-se no lago azul.

E após, na relva, indolentes,
Dormem sonos transparentes,
Envoltas em branco véu.

E o dia que vai morrendo
Deixa a lua ir apar'cendo
Na grande esfera do céu.

II

A noite é bela, formosa
Como um sonho angelical;
Vaga o perfume da rosa
Na brisa celestial.

⁸ No original, constava o termo “cristalica”, sendo considerado gralha editorial.

⁹ Essa versão possui diversas diferenças para a versão publicada no jornal *O Caixeiro*, n° 11 (08 set. 1879), p. 6-7, sendo por isso ambas republicadas.

¹⁰ Náiades são divindades mitológicas, ninfas (ou deusas) da água (fontes ou rios).

¹¹ Os sentidos de argentaria (guarnição) ou argentario (pessoa rica) não cabem ao contexto, devendo ser sentido variante do segundo, demonstrando provavelmente “roupas bonitas, de ricos”.

A lua pálida, amena,
Espalha uns flocos de luz
Tão gentil e tão serena
Como a face de Jesus.

E o canto das timoneiras
Juntando-se ao das remeiras,
As barcarolas de amor;

Passa nas águas dormentes
Como as estrofes cadentes
Da lira de um trovador.

III

Ela, na alcova, sentada
Sobre um macio divã,
Toda languê, requebrada,
Lendo as *Visões* de Ossian¹²,

Deixa entrever um sorriso
Nos lábios de carmesim...
- É forrado o *Paráiso*
De rosas e azul-cetim.

Ao lado um vaso com flores,
Modelo de mil primores,
Esparge aroma sutil.

E a lua, sempre suspensa,
Clareia a cúpula imensa...
Saúda as noites de Abril.

IV

Como a sultana indolente,
Movida pela paixão,
Nas horas de amor ardente,
Nos serralhos do Sultão,

Ela estava abandonada,
Toda entregue ao ideal,
Co'a face ruborizada,
Num desejo sensual.

E assim, naquela indolência,
Quebrada de sonolência,
Já de leitura se esquece.

Fecha o livro e se reclina,
A fronte na mão inclina...
Solta um suspiro e adormece.

¹² Esse autor foi criado por James Macpherson em 1760 para elevar a literatura primitiva da Escócia, sendo inclusive equiparado a Homero por Mme. de Staël. Em 1895, Walter Scott refutou com firmeza a autenticidade desse poeta. A invenção dessa tradição escocesa, e também a do kilt, é pormenorizada no primeiro artigo do livro *A invenção das tradições*, organizado por Eric Hobsbawn.

V

Como é linda adormecida
Nos arroubos do lirismo,
Tendo a cor embranquecida
Dos lírios do romantismo!

Ao vê-la assim solitária,
Naquela postura estranha,
Disséreis - fada lendária,
Dos aldeões d'Alemanha.

Tinha o roupão meio aberto
Deixando ver descoberto
Seu colo branco, de neve.

E a trança, num torvelinho,
No excesso do desalinho,
Descia aos ombros - de leve.

VI

Do teto vê-se pendente,
Por um delgado cordão,
Uma lâmpada esplendente
Que solta um dúbio clarão.

A noite sempre serena,
Como um lago de cristal,
Distende uma sombra amena
Pelos fragedos do val.¹³

Ergue-se a bela com medo...
Contra um íntimo segredo
Com certo rir de esperança.

E em face a tanta poesia,
Um piano além gemia:
- O sonho d'uma criança.

Agosto - 1879

¹³ No livro, estava grafado "fragelos", termo não registrado nos dicionários consultados. Considerei o termo como gralha na impressão e optei por usar o termo da primeira versão.

*Stella matutina*¹⁴
de Manuel del Palácio
(À memória dum anjo)

A passo lento me acerquei da porta,
A fronte comprimindo enfebreçada;¹⁵
Sobre seu leito cândido estendida
Do meu amor a prenda estava morta.

De quatro círios a uma luz incerta
Aquele espectro vi - a minha vida,
E perto da almofada achei caída
A rosa que eu lhe dera entreaberta.

Então me pareceu que em seu olhar
Celeste claridade se espalhava,
Que outra vez, animada, a me falar

Dizia: “te pertença” e me chamava,
Mas beijei-a... que rubro singular!
... Era o beijo primeiro que eu lhe dava!

1883

Os detratores

I

Não vos odeio, não - famélicos leões,
Que andais a conspurcar os nobres corações,
Levando da calúnia o vírus peçonhento
Aqueles que inspirais somente esquecimento!
A vossa audaciosa e mísera vingança,
Olhai que nem de leve a vestimenta alcança
E cai na podridão, no lodo da sarjeta,
Assim como se fosse uma imundície preta;
Porque acima de tudo, ó monstros colossais,
Piratas da família, horríficos chacais;
Acima da calúnia, acima da intriga
Urdida no mistério em tenebrosa liga,
De timbre cristalino, avantajadamente
Se ergue da Verdade a voz intransigente
E diz-vos: Para trás! a Honra é um primor,
A vossa hediondez não mancha-lhe o alvor.
Embora trabalheis à guisa dos bandidos
De máscara no rosto, haveis de ser batidos
À luz do velho sol, e após, ao tribunal
Onde não aparece o Código Penal
E sim o deus Direito, o livro da Razão,
Levar-vos-ei enfim, pior do que ao ladrão,
A ver se no futuro o exemplo edificante
Arroja no monturo o vil, o traficante,
Aquele que pretende o brilho macular
Da Honra que eu adoro, a Honra, o meu altar!

¹⁴ Em 1884, Antonio Sanchez Moguel publicou uma antologia poética do espanhol Manuel del Palácio (Lérida, 1831 - Madrid, 1906), muito conhecido por seus sonetos, com o nome de *Melodias íntimas*. Outra possibilidade é que esse soneto seja tradução do poema “Al. Excmo. Sr. D. J. C. Em el primer aniversario de la muerte de su hija. “Bien haces en llorar! Cuando inclemente”, publicado na *Ilustración Católica*, de 15 marzo de 1889.

¹⁵ Do verbo enfebreecer, que significa passar a estado febril.

II

Eu sei que em vossa alma ignóbil, corrompida,
 Afronta chamareis, o vir de frente erguida
 O vosso negro mal aqui azorregar
 E à flor da honestidade um trono levantar,
 Aonde transpareça um brilho rutilante,
 A luz duma alvorada um plácido Levante.
 Porém preciso é. Na época presente
 Esmaga-se a cabeça à pérfida serpente,
 Expõe-se à irrisão o biltre, o miserável
 Que tenta poluir o cofre inestimável
 De Bem e do Dever - tesouros venerandos
 De nosso bisavós na campa sepultados.
 Assim, ouvi-me pois; eu hei de vos levar
 À cara bestial e de sorriso alvar¹⁶
 O ferro que assinala o crime cometido
 Ainda mais feroz que o crime do bandido!
 E um dia, num instante, ao ver-vos sem pudor,
 Escárnio da gentalha, abutres do terror,
 Vergados ao desprezo, à dor da consciência
 Que há de vos secar a seiva da existência;
 Então escreverei - ó crônica sombria!
 A vida que levais, a vossa biografia
 Esplêndida de horror, pior que a dos galés,
 Afim de se vender na rua e nos cafés
 Ao preço de vintém, pra serdes apontados,
 Como são, ao passar, os tredos¹⁷ condenados!

III

Portanto prossegui na miserável senda
 Inglória, vil, fatal, que tem uma legenda
 Escrita horrivelmente em letras bem disformes
 Pelos homens do Mal, dos crimes desconformes.
 O vosso menosprezo às grandes entidades,
 Por fim há de rojar nas ruas das cidades,
 Ao peso esmagador da pública ironia,
 Ao som da gargalhada estrídula mas fria!
 E à voz imaculada e clara da Verdade,
 O lúcido farol da boa Humanidade,
 Haveis de baquear nos torpes lodaçais,
 Repletos de rancor, ó corações-chacais;
 Porque, acima de tudo, altiva, a irradiar,
 Existe a Honra, casta, a Honra, o meu altar!

Novembro - 1883

¹⁶ Na terceira entrada do termo alvar do *Dicionário eletrônico Houaiss*, aparece “sorriso alvar” como “sendo próprio de tolo, de parvo”.

¹⁷ Tredo é uma pessoa falsa, traidora.

A mendiga

Coitada! A vida que leva
 É toda espinhos e dores;
 Não tem alegrias nunca
 Pra minorar-lhe os agrores.

Há muito a branca geada
 Requeima o caule das flores.
 E a pobre, magra e faminta,
 Do frio sofre os rigores!....

Caminha pelas calçadas
 A sós, ouvindo as risadas
 Da plebe estulta e vadia;

Sem ter - horrível sentença! -
 Quem erga a tremenda ofensa
 Daquela alma sombria.

Maio - 1883

O estrangeiro¹⁸
de BaudelaireA A. Ferreira¹⁹

“Homem misterioso, atende-me um momento,
 Quem amas mais na vida: os pais ou teus irmãos?
 - Não conheço família! Há muito um pensamento
 Obriga-me a seguir... E levantou as mãos.

“Desculpa perguntar: acaso amigos tens?...
 - Mera palavra vã... jamais os encontrei.
 “Qual é a tua pátria? Aonde estão teus bens?
 - A pátria é todo o mundo... Eis tudo quanto sei.

“Adoras a beleza airosa e triunfante?
 - Amá-la-ia, sim, se fora ela imortal.
 “E o ouro, a luz real dum brilho embriagante?
 - Odeio-o como vós as seduções do Mal.

“Então o que amas tu, ó pálido estrangeiro,
 Nesse eterno lidar, tão só, sem mais ninguém?
 - Queres mesmo sabê-lo?... errante viajero,
 Amo as nuvens no céu que vão passando além.

Abril - 1883

¹⁸ Segue o poema em prosa “L'étranger”, do livro *Le Spleen de Paris* (1869), de Baudelaire:
 - *Qui aimes-tu le mieux, homme énigmatique, dis? ton père, ta mère, ta sœur ou ton frère?*
 - *Je n'ai ni père, ni mère, ni sœur, ni frère.*
 - *Tes amis?*
 - *Vous vous servez là d'une parole dont le sens m'est resté jusqu'à ce jour inconnu.*
 - *Ta patrie?*
 - *J'ignore sous quelle latitude elle est située.*
 - *La beauté?*
 - *Je l'aimerais volontiers, déesse et immortelle.*
 - *L'or?*
 - *Je le hais comme vous haïssez Dieu.*
 - *Eh! qu'aimes-tu donc, extraordinaire étranger?*
 - *J'aime les nuages... les nuages qui passent... là-bas... là-bas... les merveilleux nuages!*

¹⁹ Talvez a dedicatória se refira ao historiador rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues (Rio Grande, 12 set. 1865 - Pelotas, 08 mar. 1942).

Noite de inverno

Imitando essa música nervosa
 Das antigas e lúgubres toadas,
 Cai a chuva violenta, impetuosa,
 No costado graníteo das calçadas.

O céu está de luto. A ventania,
 Como doido corcel, passa correndo
 Através da mais alta serra,
 Num golpe fatídico, tremendo.

Estala a trovoadas. O oceano
 Invencível, feroz como um tirano,
 Espuma numa cólera febril.

E de espaço a espaço, reluzente
 Atravessa no ar - fosforescente
 O S gigantesco de um fuzil!

1884

A imprensa²⁰
 À Cleonice Ciarlini
 (No seu benefício)

A filha d'Alemanha, a deusa alabastrina
 Que ilumina inda hoje os povos e as nações,
 Do grande Gutenberg a idéia peregrina,
 A fada que sorri aos nobres corações;

A deusa imaculada, a triunfante imprensa,
 Aquela que relata os feitos dos heróis
 E faz da escuridão, da noite mais intensa
 Um mar de viva luz mais clara que a dos sóis;

A deusa sacrossanta, heróica, resplendente,
 - O livro do passado e o livro do presente,
 - Auréola gentil de imorredoura glória,

À filha da Itália - a pátria da harmonia, -
 Envia saudações repletas de alegria,
 As flores do prazer e as palmas da vitória.

20 de setembro - 1882

²⁰ Esse poema já havia sido impresso no jornal porto-alegrense *O Lábaro*, de 20 set. 1882 (n° 32, ano III, p. 2), sendo inclusive editado em dia diferente do normal em homenagem a cantora. Outro poema com tema semelhante foi publicado no jornal *Mercantil* no mesmo dia, sendo incluído nesse tese entre os poemas publicados nos periódicos.

No quarto

I

Lindíssimo cenário! Ao pé dum rico leito
 Em que via-se nele esplêndido lavor,
 A loira baronesa, - um ideal perfeito, -
 Um livro consultava a - *Página d'amor*.

No lábio lhe brincava um riso gracioso,
 Um riso de prender, olímpico, gentil;
 Capaz de seduzir o mais fiel esposo
 Em noites de luar ou em manhãs d'Abril.

Erguia-se ante ela imóvel, cintilante,
 - Em sua desnudez poética e real -
 Mostrando o corpo seu altivo e deslumbrante,
 O vidro dum espelho - um lago de cristal.

Que estranho boudoir! Tapete aveludado,
 Exímio de bom gosto, alcatifava o chão;
 Havia muito luxo, um luxo aprimorado...
 Assim como se fosse artístico salão.

Cobria a porta ao fundo um vasto reposteiro
 A dar um certo *chic* ao nobre camarim,
 E andava pelo ar um provocante cheiro
 De Água de Colônia, Oriza²¹ e Benjoim.

E a meiga baronesa alegre, sorridente,
 - A viva encarnação dum tipo sedutor -
 Às vezes o olhar erguia resplendente
 Em frêmitos de luz, da - *Páginas d'amor*.

II

Havia em tudo aquilo a extrema fantasia,
 Um gosto oriental, ameno, encantador,
 Entrava pelo quarto a viva luz do dia...
 E lia a baronesa a - *Páginas d'amor*.

De pronto abre-se ao fundo o belo reposteiro
 E entra lentamente alegre, jovial,
 Um lépido rapaz - o filho dum banqueiro
 Há muito falecido - um homem de metal.

Acerca-se de manso à loira baronesa,
 Aperta-a fortemente ao peito com ardor.
 E ela se levanta em lúbrica moleza...
 E atira no tapete a - *Páginas d'amor*.

Agosto - 1883

A sentença

Defronte da senzala,
 Em meio do terreiro
 Ao capataz raivoso
 Ordena o fazendeiro:

²¹ Oriza é tanto um óleo como uma erva, ambas conhecidas pelo cheiro bom.

“Amarra essa mulata
E mata-a com açoites,
Que a sua vida seja
Apenas de três noites.”

E o mísero carrasco
A triste conduziu
À dura execução!

Cumpriu-se o mandato!...
O látigo caia!...
- Horrível maldição!...

1882

Velando²²
(de Plácido Langle)

Para afastar as lágrimas sombrias
Que a alma intenta reprimir em vão,
Arrancas ao piano uma canção,
Recordações evocas d'outros dias.

Traduzes as sublimes melodias,
Obra imortal de viva inspiração,
E ao leve percorrer da tua mão
Inundam-se os espaços de harmonias.

Ouvindo esses acordes singulares,
Que vagam pelos âmbitos perdidos,
Dissipam-se meus tétricos pesares.

E ficam sem ação os meus sentidos,
Pendentes de teus lânguidos cantares,
Em cascatas de per'las convertidos.

Os saltimbancos²³

Ei-los! No meio da praça
Abancam, vão trabalhar,
Já reúne a populaça
Pra vê-los cabriolar.

O *clown* que é moço gaiato,
Para chamar a atenção,
Faz aparecer um sapato
Num chapéu de papelão.

Depois, um dos saltimbancos,
Numa expansão jovial,
Mostrando uns sorrisos francos,
Vai dar um *salto mortal*.

²² Plácido Langle é um poeta espanhol; não se obteve maiores dados sobre esse poeta.

²³ Esse poema, com o subtítulo “Fotografias V”, foi publicado antes no jornal *Lábaro*, de 07 ago. 1881.

E a turba entusiasmada,
 Solta ao ar a gargalhada
 Nos delírios do prazer;
 Sem lembrar que muitas vezes,
 Nesses pobres entremezes
 Se oculta a flor do sofrer...

Maio - 1881

À tarde

Pelo jardim, descuidados,
 Muito risonhos, contentes,
 Mostrando nos seus olhares
 A luz das paixões frementes;

Vão eles, os dois amantes,
 Sonhando só com bonanças,
 Sem lembrar as tempestades
 Que matam as esperanças.

E ao fundo, sobre a ramagem,
 Como remate à paisagem,
 Saudando aqueles heróis,

Num concerto d'harmonias
 Desfere mil melodias
 A orquestra dos rouxinóis.

Outubro - 1883

Noivado²⁴

São duas belas crianças
 Cheias de amor e desejos;
 Têm um mundo de esperanças
 Na febre dos bons almejos.

Ele - apenas vinte anos...
 Tem um olhar jovial...
 Desconhece os desenganos
 Da sorte horrível, fatal!...

Vai com toda a elegância,
 Nos lábios, risos de amor,
 Semelham doce fragrância
 Do cálix de muita flor.

²⁴ Esse poema, com o subtítulo "Fotografias VIII", foi publicado anteriormente no jornal porto-alegrense *Lábaro*, em 28 ago. 1881 (n.º 34, ano II), p. 3-4. Além de mudanças em quinze versos, apresentava uma nota final: "Agosto - 1881".

Ela - é formosa qual ninfa
Das lendas orientais;
Leva os cabelos à linfa
Que passa soltando - ais!

Traja de branco. A capela
Prende-se ao véu d'escumilha.
No seu rosto de donzela
A luz da inocência brilha.

E após o par tão ditoso,
Direitos, enfileirados,
Vão, num giro vagaroso,
Os carros dos convidados.

Chegam à casa. Os vizinhos
Vem recebê-los nos braços
Com *bouquets* e mil carinhos,
Em troca de dois abraços.

E os bons criados, contentes,
Ao vê-los chegar assim,
Atiram flores aos nubentes,
Num regozijo sem fim.

Parece reina a desordem
Naquele ninho de amores...
- Na mesa - tudo por ordem,
Brilha o cristal dos licores.

Seguem-se os brindes repletos
De muita sensaboria.
Todos estão inquietos...
Reina o prazer, a alegria.

Depois principia o baile,
Com estranha animação...
Por baixo de muito chaile
Viceja a flor da paixão.

Tudo folga, tudo dança
Num delírio d'encantar,
Nasce ali muita esperança
Que vai mui breve murchar.

E a lua - virgem saudosa -
Muito lúcida e louçã,
Beija as pétalas da rosa
E rosa chama-a de - irmã.

Mais tarde o baile termina,
Despedem-se os convidados,

.....
Cerra-se a branca cortina
Do leito dos bem casados.

Na trapeira

Um leito, duas cadeiras,
Desordem pura, completa!
- Na pequenez das trapeiras
Há muita vida incompleta. -

A fome, harpia cruenta,
Medonha como o jaguar,
Entrou ali virulenta
Mostrando um riso de esgar.

Porém, naquela pobreza,
Já gasta em sua beleza
Pela dor da privação;

A mãe ao filho consola
Dando-lhe a última esmola
- Miséria! Um pouco de pão.

Dois tempos

Quando a vi a vez primeira
'Stava na quadra infantil,
Par'cia uma feiticeira
D'um sonho primaveril.

Sorria a quem a afagava,
Mas de maneira tão bela
Que a gente até se abismava
Ao ver a alegria d'ela.

E às vezes, por um demais,
Grandeza das nobres almas,
Chamava pelos seus pais
Sorrindo e batendo palmas.

Qualquer, qualquer que a visse,
Por certo, tinha desejos
De brindar a meninice
Dando-lhe centos de beijos.

Um dia, - belo passado!
Só em lembrar me consolo,
Peguei nela com cuidado,
Sentei-a sobre o meu colo.

Ficou então descontente,
Cravando os olhos em mim,
Como faria um descrente
Ao ver um Cristo em marfim.

E havia nessa atitude,
Dum brilho vivo de aurora,
A boa luz da Virtude
Naquele mimo de outrora.

Porém, não se fez zangada,
 Nem mesmo contrariou-me,
 Apenas, muito corada,
 Baixou do colo e deixou-me.

Enfim, aquela criança
 De tanto encanto, um primor,
 Era o anel da aliança
 Entre o dever e o amor.

Depois decorreram anos
 Sem eu poder contemplá-la,
 Sem saber se os desenganos
 Foram também perturbá-la.

Assim passamos distante
 Da vida a quadra encantada,
 Em que a paixão mais constante
 Põe nossa frente abrasada.

Portanto, nada sabia
 De tão ingênua criança,
 Do lírio da simpatia
 Que tinha a luz da esperança.

Porém, um dia, o acaso
 Deparou-m'a - que tormento!
 Passou por mim, não fez caso
 Do meu leal cumprimento.

Acompanhava-a de perto,
 Conduzindo-a pelo braço,
 Um moço de olhar incerto,
 Talvez um *quidam* ricaço.²⁵

Segui-lhe então o ondado²⁶
 Do seu vestido moderno,
 Com certo ódio entranhado,
 Sentindo n'alma o inferno.

Porém - confesso-o agora -
 Após fui menos cruel;
 Pois da criança de outrora
 Restava - a esposa fiel.

Dezembro - 1883

Antes da valsa
A Arlindo Tourelly

'Stão firmes todos os pares...
 - Na sala resplandecente
 Há um ruído contente
 Que passa cortando os ares;

²⁵ A expressão "quidam", "um certo" em Latim, pode significar pessoa pouco importante, fulano.

²⁶ Variante dicionarizado de ondeado.

Parece a onda dos mares
 Beijando a areia nitente;
 Um sonho bom, transparente
 Brotando a flux duns olhares -

Porém as belas mimosas
 - Misto de lírios e rosas -
 Nuns risos inebriantes;

Enquanto não chega a dança,
 P'ra distrair a lembrança
 Procuram novos amantes.

1883

A cortesã ²⁷

Era moça e formosa. A setinez das faces
 Desenhava nuns tons de mágico rubor
 A febre da paixão por quantos Lovelaces ²⁸
 Lhe falassem de amor.

Entregara-se ao luxo, ao grande *demi-monde*,
 Aos ricos *soirées*²⁹ de estranha polidez;
 E sonhou conquistar um típico visconde,
 Herói dum entremez.

Fascinou-a o delírio indômito das salas
 Onde caem por terra as flores virginais,
 E deixou-se prender nas estudadas falas
 E risos joviais.

Ali, era a rainha. Em casa, na tristeza,
 Dessas horas fatais de cismas melancólicas,
 Abria a flor do riso à luz da Natureza,
 Numas canções bucólicas.

Por fim, passou-se tempo. Os *D. Juans* da moda
 Que só trazem no crânio a idéia - sedução;
 Fizeram-lhe sentir em meio duma roda
 O ímã da atração.

Gostou do galanteio. As valsas excitantes
 Produziram-lhe um *quê* de idéias sensuais;
 Pensou em querer ver os líricos amantes
 Mandar-lhe madrigais.

Tornou-se cortesã. Amava a fidalguia,
 Aquela que se entrega aos risos sedutores
 Das pobres Dubarrys que em meio duma orgia
 Adoram os licores...

²⁷ Esse poema, com o subtítulo "Fotografias XI", foi publicado antes no jornal *Lábaro*, em 25 set. 1881 (n° 37, ano II), p. 4. Há mudanças significativas em dez versos, por isso a dupla transcrição do poema.

²⁸ Lovelace é um sedutor com comportamento escandaloso, personagem de *Clarisse Harlowe*, de Samuel Richardson (1689-1761), romancista inglês.

²⁹ O estrangeirismo "soirée" designa festa, reunião social, sessão de cinema, teatro, que acontecem à noite.

Um dia, num salão riquíssimo, esplendente,
Em meio do fulgor dos diamantes falsos,
Obrigou a pensar um triste inconsciente
Nos tristes cadafalsos!...

Assim passou a vida... A pérfida beleza
Fizera-lhe pensar numa esperança vã...
Impossíveis sonhou! Julgou-se uma princesa,
Apenas cortesã.

Julho - 1881

Desenho
A Loth

A sala é grande, espaçosa,
Com janelas para o mar;
Nas paredes cor de rosa
Vago, irradia o olhar.

Há baile. Muito formosa
Passeando, a conversar,
Espera a hora saudosa
Da quadrilha começar.

Entanto, os noivos calados
Jazem ao fundo assentados,
Trocando vivos olhares.

Parecem duas crianças
Aumentando as esperanças
À branca luz dos luares.

Dezembro - 1882

O Marquês de Pombal³⁰

I

Ele foi um herói no tempo do passado,
Um vulto colossal, espírito amoldado
Aos filhos dessa Roma, outrora grandiosa,
Afeitos ao combate, à luta tenebrosa,
Embora pelo ar as balas do canhão
Fizessem dum festim a horrível confusão!

Ele foi um ilustre, um vulto de gigante,
Enérgico, leal, o homem mais pujante
Que na cena apar'ceu do século dezoito.
Foi um grã lutador, um progressista afoito,
Que para se lhe erguer um pedestal de glória
Não precisa-se mais que folhear a História
Dessa pátria de heróis - do povo lusitano -
Que assemelha-se muito e muito ao espartano!

³⁰ Marquês de Pombal (1699-1782) ocupou postos durante o reinado de D. José I (1750-1777). Nesse período, aumentou o poder real, contra as ambições políticas da alta nobreza e dos padres jesuítas. Em 1758, Pombal descobriu uma conspiração que envolvia os jesuítas e nobreza em relação a um atentado ao rei D. José, causando a expulsão dos jesuítas de Portugal em 1759. Pombal procurou também industrializar Portugal, incentivou a produção agrícola e a construção naval, reformou a instrução pública e fundou várias academias. Em 1777, D. Maria I, filha de Dom José, subiu ao trono e a nobreza reconquistou a influência e Pombal afastou-se do governo.

II

Ministro sem rival de D. José I,
 Obriga a se curvar o solo do estrangeiro,
 Fazendo respeitar a pátria de Camões,
 Do velho Portugal - os lúcidos brasões!
 Reedifica Lisboa, anima a agricultura,
 Organiza a marinha - e à plêiade futura
 Que busca avigorar a luz da inteligência
 Entrega um grande astro - o livro da ciência!

As Leis estabelece e bate a fidalguia,
 Arranca a másc'ra vil à negra hipocrisia
 E faz cair exangue, ao fundo do abismo,
 Esse abutre cruel chamado jesuitismo!

.....

III

Foi mais do que um herói, deu honra a Portugal;
 Chamou-se e é hoje ainda: o ínclito POMBAL!

8 de maio - 1882

Noite de núpcias
A Vasco de Araújo

Há n'alcova gentil uns mágicos perfumes
 Que recendem³¹ no ar os lírios naturais,
 A flor da virgindade, os risos, os ciúmes,
 Um dilúvio de luz caindo nos cristais.

Semelha um *Paraíso*... A noite vai em meio.
 A dança no salão extingue-se... termina...
 A noiva, resplendente, a laranjeira ao seio,
 A passo vagaroso à alcova se encaminha.

Acerca-se do leito... a veste de noivado
 Arranca ao belo corpo, olímpico, adorado,
 E fica pensativa - a meditar ali...

O noivo entra a sorrir, contempla-a extasiado,
 Imprime-lhe na face um beijo apaixonado,
 Um ósculo de amor... Depois, nada mais vi.

6 de abril de 1883

³¹ Recender é emitir ou exalar cheiro agradável. No original, estava grafado "rescender".

Os reis

Vosso império caiu! A podre monarquia
 Há muito num abismo horrível se afundou,
 Podeis quebrar o cetro, heróis da tirania,
 A luz da LIBERDADE há muito irradiou.

Os filhos deste sec'lo apontam esse dia
 Em que a turba imbecil ao trono vos levou;
 Como um dia fatal, a dor duma agonia
 Horrivelmente atroz que a todos sufocou.

É pois chegado o tempo, ó grandes condenados
 De trocar o dossel³², a púrpura, os bordados
 Pelo santo LABOR - o eterno Jeová. -

Persegue-vos o ódio, um ódio sempre novo,
 Um ódio colossal que eleva-se do povo...
 E a sombra gigantesca, enorme, de Marat³³!....

Março - 1882

Lampejos

A toi! Toujours a toi!
 Victor Hugo

I

Quando passas sobranceira³⁴
 Com teu porte senhoril,
 Torna-se a brisa sutil,
 Quando passas sobranceira.
 Chamam-te muitos - gentil,
 Eu chamo-te - feiticeira,
 Quando passas sobranceira
 Com teu porte senhoril.

³² Dossel é armação de madeira ornamentada, forrada ou não de tecidos, us. sobre altares, tronos, leitos e até sobre liteiras, cadeirinhas etc. com fins de proteção e/ou ostentação

³³ Jean-Paul Marat (Boudry, Suíça, 1743 - Paris, 1793) foi um líder revolucionário francês, editor do jornal radical *L'Ami du Peuple* (1789) para defesa de causas populares e onde exaltava seu ódio amargo e suspeita sobre os que tinham o poder. Tornou-se, então, líder dos jacobinos, partido mais radical da Revolução Francesa, mas seus ataques aos detentores do poder o levam ao exílio na Inglaterra, entre 1790 e 1791. No ano seguinte, a proclamação da república e a fundação da Comuna de Paris ascendem os jacobinos ao governo, permitindo que Marat seja eleito um dos dirigentes da Assembléia. Acabou sendo morto por um militante girondino, a punhaladas.

³⁴ Sobranceiro é o que está em condição superior a (outro); p.ext., que domina, sobrepuja (o outro) pela altura; elevado, proeminente; que encara as coisas ou as pessoas com superioridade, que se percebe em estágio mais elevado; que sobressai; que se presume altivo; arrogante, orgulhoso.

II

Possuis essa gentileza
Das filhas da Andaluzia,
Quando sorris de alegria
Possuis essa gentileza
Das virgens do Meio-dia,
Da mais correta beleza,
Possuis essa gentileza
Das filhas da Andaluzia.

III

Dos lírios da madrugada
Tu tens a graça, a candura;
Misto de luz e de alvura
Dos lírios da madrugada,
Modelo duma escultura
Divinamente acabada,
Dos lírios da madrugada
Tu tens a graça, a candura.

IV

Tens o fulgor radiante
Dos astros celestiais,
Da viva luz dos cristais
Tens o fulgor radiante.
Possuis uns brilhos reais,
O casto amor penetrante.
Tens o fulgor radiante
Dos astros celestiais.

V

Tu tens o primor das rosas
Desses jardins encantados...
Possuis uns tons delicados...
Tu tens o primor das rosas
Que servem para os noivados.
Causas inveja às formosas...
Tu tens o primor das rosas
Desses jardins encantados.

VI

A forma tens triunfante
Dessas belezas reais...
Das virgens esculturais
A forma tens triunfante,
- Ó musa dos ideais,
Visão dos sonhos de Dante,
A forma tens triunfante
Dessas belezas reais...

VII

Ó bela flor predileta
Dos meus ardentes sonhos,
Noiva gentil dos cantares,
Ó bela flor predileta
Beijada pelos luars,
És o ideal dum poeta,
Ó bela flor predileta
Dos meus ardentes sonhos,

VIII

Pareces-me uma alvorada
Das róseas manhãs d'Abril,
És formosa e és gentil,
Pareces-me uma alvorada
Da quadra primaveril.
Ó minha bela adorada,
Pareces-me uma alvorada
Das róseas manhãs d'Abril,

IX

As tuas densas madeixas
Tão belas, tão cetinosas,
Têm o perfume das rosas,
As tuas densas madeixas
Caindo assim langorosas
Inspiram magas endeixas,
As tuas densas madeixas
Tão belas, tão cetinosas.

X

Nos olhos teus, minha amada,
Brilham dois astros de luz,
Como no olhar de Jesus,
Nos olhos teus, minha amada,
Há um clarão que seduz,
Brilhante como a alvorada:
Nos olhos teus, minha amada,
Brilham dois astros de luz,

XI

Nos teus lábios coralinos
Feitos d'auroras e beijos,
Há mundos... mundos d'almejos
Nos teus lábios coralinos
Que acendem n'alma desejos...
Há risos puros, divinos,
Nos teus lábios coralinos
Feitos d'auroras e beijos.

XII

No teu riso de donzela
Resplende a luz da bonança,
Há muita, muita esperança
No teu riso de donzela.
Semelhas essa criança
Que se chamou Graziela,
No teu riso de donzela
Resplende a luz da bonança.

XIII

Na voz possuis os trinados
Duma garganta divina,
Duma ária peregrina
Na voz possuis os trinados:
Parece uma cavatina³⁵
De belos sons encantados...
Na voz possuis os trinados
Duma garganta divina.

XIV

Às tardes, quando o sol desce
Por sobre os campos em flor,
E a brisa é toda frescor,
Às tardes quando o sol desce,
Por ti, ó pomba de amor,
A minha saudade cresce,
Às tardes, quando o sol desce
Por sobre os campos em flor.

XV

Eu sinto dentro do peito
A rubra flor da paixão.
Não penses que é ilusão
Eu sinto dentro do peito,
Ó bela rosa em botão,
Maior que um amor-perfeito
Eu sinto dentro do peito
A rubra flor da paixão.

XVI

Mas deixemos as tristezas,
Busquemos as alegrias...
Pra longe idéias sombrias...
Mas deixemos as tristezas...
Já cantam as cotovias
Por entre as grandes devesas³⁶...
Mas deixemos as tristezas,
Busquemos as alegrias.

³⁵ Cavatina é uma pequena ária e, por extensão, uma pequena peça instrumental.

³⁶ Devesa é um arvoredo ou terreno cercado ou murado.

XVII

No lago da fantasia
Deixa correr o Ideal,
Há um mundo original
No lago da fantasia
Feito de luz e cristal...
É tudo ali alegria...
No lago da fantasia
Deixa correr o Ideal.

XVIII

Hei de tecer-te de auroras
De noiva a coroa esplendente,
Grinalda tão resplendente
Hei de tecer-te de auroras...
Ó bela, bela inocente,
Entre harmonias sonoras,
Hei de tecer-te de auroras
De noiva a coroa esplendente.

A sesta ³⁷

*Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pálidos compus.*
Fagundes Varela ³⁸

Um dia a tarde descambava alegre,
Corria a brisa nos jardins em flor.
E além a orquestra original das aves
Trenós³⁹ compunha do mais puro amor.

Eu era longe do calor das festas...
Dum bosque à sombra descansava ali,
E em branca rede, num ledil⁴⁰ balanço,
Dormindo a sesta, meditando em ti;

Ó quantas vezes no correr dos sonhos
Sobre o teu colo repousava a fronte,
À luz da lua que surgia altiva,
Límpida e bela por detrás do monte.

Tu te sorrias - virginal, formosa,
Soltas as tranças ao soprar do vento...
Vinham perfumes do varzedo enorme,
Gemia o rio um ideal lamen' o.

Eras a imagem que seduz e atrai,
Lírio da vida enamorando as flores:
Eras a fada dos jardins divinos...
Noiva das noivas inspirando amores.

³⁷ Esse poema, com diversas modificações, havia sido publicado n' *O Caixeiro*, de 11 de maio de 1879.

³⁸ A epígrafe é feita com os versos iniciais do poema "A ...", do poeta romântico Fagundes Varela (1841-1875). Os versos citados também foram como epígrafe de "Aves de arribação", poema do livro *Espumas flutuantes*, de Castro Alves.

³⁹ Trenó é um canto plangente, lamentoso.

⁴⁰ Talvez variante do adjetivo ledó, que revela ou sente alegria, júbilo, felicidade; contente, risonho, prazenteiro.

Eu te contava meus afetos santos,
Róseas miragens que entrevi em cismas,
E os mil poemas que escrevi sorrindo
À luz brilhante de encantados prismas.

E a lua argêntea, no sendal do espaço,
Pálida a face solitária e nua,
Como tomada dum celeste afago
Beijava os fios dessa trança tua.

.....
Assim, em sonhos, eu passei a sesta.
E a brisa vinha nos jardins em flor
Sorver às rosas o perfume casto,
Num beijo infindo do mais puro amor.

Última página

Como um *bouquet* fantástico de rosas
Cujo aroma os seja ignorado;
Eis aí umas flores caprichosas
Dos jardins ideais do meu passado.

Não têm valor algum. - Foram colhidas
À luz celestial d'algumas luas;
Mas se forem com palmas acolhidas,
As palmas do cantor são todas tuas.

FIM

11. POEMAS DE AZEVEDO JÚNIOR EM PERIÓDICOS

Meditação ¹

Como é lindo ver das estrelas
O mago fulgor!
Em bela noite, que serena
Plácida e amena
Nos diz - amor?!

Que encanto me dá, Maria,
Um teu sorriso!
Quando te miro assim bela
Fúlgida estrela
Do meu paraíso!...

Não sabes? Ontem sozinho,
Numa visão,
Dormindo... Implorei-te um beijo
E tu por pejo
Disseste: - não!

E depois chorei, oh! Chorei
Com amargura
Mas tu rias e eu pedia
Querida Maria
A sepultura!

Porém mais tarde... perdoa, anjo
Eu t'ó furtei!
Mas tu coraste por pudor
Ouvi rumor
E despertei.

Que noite! Que mágico brilho
No firmamento!
Eu sozinho... mirando pensava
E meditava
No meu tormento!

Bateram horas ao longe
Mui devagar
Meia-noite! E ai! Maria
Que me inebria
Um teu olhar!

Setembro de 1874
J. J. T. de Azevedo Júnior

¹ *Social*. Porto Alegre, 4 out. 1874, n° 5, ano I, p. 3. A distribuição gráfica dos versos foi mantida, inclusive com a diferença entre os versos finais existente entre a primeira estrofe e as seguintes.

Uma página do livro íntimo ²

I

Por que tão cedo - na soidão umbruosa
 Me deixaste sozinho e sem arrimo,
 E nas densas brumas do passado
 Vos escondestes - sem dizer-me adeus?...
 Porque, no deserto estéril, vago,
 Afastado do canto - tão ameno
 Do rei das intrincadas florestas
 Onde, da fonte o rumorejo _fecido³
 Não repercute nos clarins do eco,
 Me deixastes - tristonho e pensativo
 Curtindo as dores dum cruel martírio
 E sem dó - como o pálido Ashaverus - ⁴
 De mim fugistes - nunca mais vos vi.
 Douradas visões - q'em longas noites
 Nas horas do cismar e do delírio
 Vínheis acalmar a intensa febre
 Da fronte cismadora empalecida,
 Por que vos escondestes entre sombras?...
 Nas áureas nuvens dum passado róseo
 Vos ocultastes - procurando asilo,
 Sem ao menos - ao pobre sonhador
 Apontar-lhe a entrada q'o conduza
 Ao pedestal da crença - à cruz da Fé...

II

Lua. Rainha das noites de silêncio.
 Por que não vens ao pobre albergue
 Visitar-me nas febres das insônias?...

.....
 Ah! ventos fatais da adversidade!
 Por que nos verdes anos da existência
 Viestes antepor-vos no caminho
 E à face do pobre que sonhava
 Um futuro esplêndido - sem sombras
 Atirastes os gelos da descrença?...
 Dissipastes as crenças que nutrias
 E lançastes ao mar dos desenganos
 As minhas esperanças de poeta!...
 No lodaçal imundo - as castas rosas
 Do jardim d'amores - uma por uma
 - Sem dó do jardineiro - as atirastes!...
 Viestes apagar a chama ardente
 Das piras do amor - sagradas, puras,
 Que num peito de jovem crepitavam!...
 Vieste desfazer essa miragem
 Que na mudez da noite - a altas horas
 Me aparecia - envolta em alvas gases -

² *Álbum Literário*. Porto Alegre, 15 abr. 1877, n° 5, ano I, p. 3.

³ No original, havia um traço no lugar da primeira letra.

⁴ Referência à lenda de Ahasverus, o judeu errante, amaldiçoado por ter negado auxílio a Jesus Cristo na via-crúcis.

Rodeada de nuvens azues-brancas.
 Tudo! Tudo num momento derruiu-se!...
 O céu de rósea cor tornou-se negro
 Os horizontes vestiram-se de crepe!...
 A fé, a crença que nutria outrora
 São hoje, palavras vãs, puras quimeras
 Que se reduzem num mesquinho - nada -
 E tu, mulher, estátua, alma de gelo
 Em troca desse amor que consagrei-te
 Ofereces-me o escárnio, o riso irônico,
 E apontas ao vate a negra campa!

Dezembro - 1876
 A. Júnior

Veneza⁵

Ó noiva do Adriático, nas águas
 Que resvalam-te às plantas suspirosas,
 Eu quisera juntar as minha mágoas
 Às estâncias d'amor - melodiosas.

Quisera em noite clara transparente,
 Num idílio de pérfidos anseios,
 Percorrer o canal aurifulgente
 Na barca dos eternos devaneios.

Quisera me prender, qual gondoleiro,
 Nos trêmulos ruídos do pandeiro
 Que recordam caprichos de espanhola.

E depois... e depois... cantando amores,
 Como o ébrio já farto de licores,
 Ao som adormecer da barcarola.

Azevedo Júnior

Duas palavras⁶ (Carta a Múcio Teixeira)

Eu venho, meu amigo, após uns oito dias,
 Da carta que enviaste à nossa Redação
 Dizer-te que o lirismo - amante das Armias,
 Nas terras de além-mar, - bradou, Revolução,
 Ergue-se com denodo o velho cataléptico,
 Julgado já defunto - ao golpe dos punhais;
 E busca se bater - com força de atlético,
 Em meio dessa luta - *aos novos ideais*.

E tu que és filiado a esses realistas,
 E dizes que o lirismo há muito que morreu;
 Que cantas a luxúria, *a cor das ametistas*,
As lepras do pecado, e as iras de Proteu;
 Não deixes s'estorcer - na vasca⁷ d'agonia,
 A tua enamorada - em meio de vulcões,
 Defende a *Idéia nova* - e vai em pleno dia
 Levar o armamento - os raios e trovões.

⁵ *Kaleidoscópio*. Porto Alegre, 10 abr. 1877, n° 2. ano I, p. 2. A cidade de Veneza é banhada pelo Mar Mediterrâneo, sendo por isso chamada de a "Pérola do Adriático" ou a "Rainha do Adriático". Em pesquisas em livros e na internet, não obtive nenhuma referência a expressão "Noiva do Adriático".

⁶ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 2 jun. 1878, n° 10, ano I, p. 2-3.

⁷ Vasca é uma grande convulsão, ânsia excessiva.

Conduz-te para a guerra enorme e pavorosa,
 E chama em teu auxílio - os nomes menestrelis.
 - Se vos tendes a lança e a verde capa-rosa,
 Nos temos o trabuco, aligeros corcéis.
 É tempo de seguir; - de atravessar barrancos...
 Já ouve-se a trombeta - ao mando do guerreiro.
 Mas leva sempre em mente a epístola do Campos,
 Mandada de presente aos versos do Junqueiro:

“Hei-lo na arena o mestre, empunha a palmatória
 [...]”⁸

Já vez que a velha musa, a musa *transviada*,
 Aquela que adormece ao lado dos *currais*;
 Não teme a baioneta - o aço duma espada,
 A lepra esverdeada - a fúria dos chacais.
 Podeis vos reunir as velhas dissolutas...
 Formar os batalhões - aos toques de rebate.
 Que a musa da anemia - e as virgens impolutas
 Ligeiras - correram à gema do combate.

Maio - 78
 Azevedo Júnior

À memória do grande historiador Alexandre Herculano ⁹

*Durmam na urna sagrada,
 Que os teus despojos encerra,
 Teus ossos em paz sagrada!
 Às cinzas frias a terra
 Nunca te seja pesada*
 A. Feliciano de Castilho ¹⁰

Eis mais um grande vulto - atleta do progresso,
 Exânime, tombado ao horrído arremesso
 Do vento ao furacão?...
 Eis mais um colosso - oh! Pátria de gigantes -
 Envolto no lençol da noite sem brilhantes...
 Tombado sobr’o chão!

No mar das ilusões - e ainda bem criança,
 Ao ver q’ a pátria arqueja, em fervida esperança
 Levanta-se de pé.
 Demanda a longa França, as ilhas d’Inglaterra,
 E - nos Açores - busca os Hércules da guerra,
 Os *alviões* da fé.

Na Ilha S. Miguel - lá partem atrevidos!...
 Nas praias do Mindelo aportam destemidos,
 Os nautas do porvir.
 Medonha ergue-se a luta! E rasga-se o cenário!
 E vêm já bem perto ao palco sanguinário
 A glória a lhes sorrir.

⁸ O trecho que seria a citação, com cerca de dez versos, não foi copiada integralmente.

⁹ *Álbum de Domingo*. Porto Alegre, 30 jun. 1878, n° 13, ano I, p. 101.

¹⁰ O português Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875) publicou, entre outras obras, *Cartas de Echo e Narciso* (1821) e também era conhecido pelo seu *Método português Castilho* (1850). Não foi pesquisada a fonte dos versos da epígrafe.

É então daí - que o vulto de Herculano¹¹,
Tomando em mão a pena e forte qual *Elmano*
Se junta a nova grei...
E mostra ao mundo em pasmo a voz do pensamento
Num livro que se iguala em seu merecimento
Às *Ruínas* de Volnei!

E vai sempre o caminho - estrada da vitória,
Despreza áurea conquista e o sorrir da glória,
As palmas e brasões!...
E vai sempre cantando, e o mundo admirado,
Contempla em Herculano o vate mais ousado
Das novas gerações!

Descreve qual poema os quadros do *Eurico!*...¹²
Arroja-se ao espaço - o seu talento rico,
Na *História*¹³ da Nação,
A crítica aparece! E trava-se a polémica!
Após vem a *Ciência árábico-acadêmica*...¹⁴
Anais de D. João.¹⁵

Destrói esse empecilho a lhe impedir o passo;
Caminha denodado e luta braço a braço,
Ao sol do progredir!
Porém, parte-se a pena! Enluta-se-lh'a lira!
E sobre o catafalco - ali, um vate expira,
Em meio do porvir!...

Debruça-se na campa o anjo da saudade!...
Deplora a grande perda - a triste humanidade
Em prantos de agonia.
E envolve-se no crepe a bela *Harpa do crente*,¹⁶
E chora o grande vate em som triste e pungente
De fúnebre elegia!

E o Monge de Cister¹⁷ - de negras vestimentas,
Soluços de seu peito - ao giro das tormentas,
Atira sem cessar.
Em febre encandecida¹⁸ - em fogo arde-lhe o crânio,
E chora de Herculano o vulto assaz titânico
Q'ao longe vê passar.

¹¹ Alexandre Herculano (Lisboa, 28 mar. 1810; Val-de-Lobos, 13 set. 1877) é um dos principais autores românticos portugueses.

¹² *Eurico, o Plesbítero*, romance publicado em 1844, “trata, dentre outras coisas, da sublimação do amor profano no divino, da insubmissão e inadequação dos sentimentos humanos à rigidez da disciplina da Igreja” (DURIGAN, p. 73).

¹³ Herculano, no prefácio da primeira edição do *História de Portugal*, editado em quatro volumes (entre 1846 e 1853), afirmava que esta é “a primeira tentativa de uma história crítica de Portugal”. Após uma polémica com a Igreja Católica, publica o folheto *Eu e o Clero*, em 1850.

¹⁴ A *Ciência Árábico-Acadêmica* é um folheto seu publicado em 1851.

¹⁵ Herculano foi o responsável pela publicação do manuscrito *Anais de D. João III*, até então inédito.

¹⁶ O livro poético *A Harpa do Crente* foi publicado em 1838.

¹⁷ Protagonista do romance *O Monge de Cister*, seu segundo romance publicado em 1848. Conforme Durigan (p. 73), o livro “tematiza a contradição entre votos sacerdotais e sentimentos pouco dignos de um padre (ódio, vingança)”.

¹⁸ Nos dicionários consultados, não consta tal grafia. Provavelmente seja uma variante de escandescida.

E ao longe vê-se em prantos as “Lendas Narrativas”¹⁹
Que arrojam ao porvir as impressões mais vivas,
Quimeras que sonhou.

E a Pátria desgrenhada, os membros inconensos,
Na pedra tumular, em vão chora de braços,
O cedro que tombou.

É mais um grande vulto - atleta do progresso,
Exânime, tombada ao hórrido arremessa
Do vento ao furacão.

É mais um lidador - oh! Pátria de gigantes -
Envolto no lençol da noite sem brilhantes
Tombado sobr’o chão.

26 de outubro de 1877
Azevedo Júnior

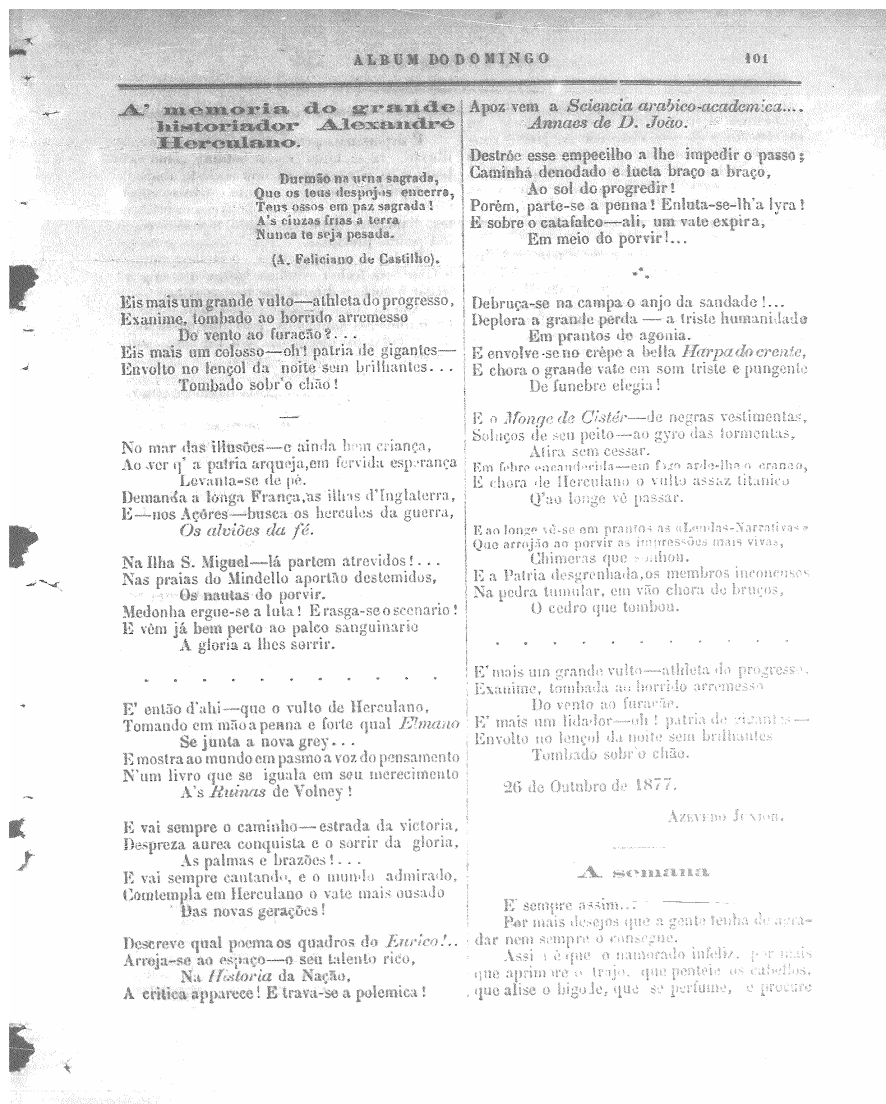


Imagem reduzida da página do poema

¹⁹ O livro de contos *Lendas e Narrativas* foi publicado em livro em 1851.

O louco²⁰

Ao amigo J. Moreira da Silva

I

Não te lembras, à tarde, pensativo,
Quando na rua o vias perpassar?...
A fronte cabisbaixa, o olhar tão vivo
Como a pérola que existe em fundo mar?...

Não te lembras do riso de ironia
Que quase sempre aos lábios lh'assomava?...
Dos cantos que em manhãs de ventania,
Nas calçadas da rua - a sós cantava?...

Não te lembras daquele q'a desoras,
Coberto por um longo e negro manto,
Caminhava na praça longas horas,
Causando à multidão terror, espanto?...

Pois olha!... Eu vi-o a vagar nas ruas,
De vestes sem valor esfarradas;
Trazia ao vendaval as carnes nuas...
E ao ar lançava juvenis risadas.

Fitava a multidão com pouco caso;
Olhava a vastidão da imensidade
Com o riso de desdém.
E o sol - que descambava no ocaso,
Buscava inda dourar as velhas grimpas²¹
Das torres de Belém!...

Pendiam-lhe do crânio desgrenhados
Os cabelos que ao vento flutuavam,
Em plácida nudez.
Nas órbitas - os olhos encovados!
E ns faces - de cor já desbotadas,
Pairava a palidez!...

E a turba - que renega a caridade,
Mandava ao companheiro da desgraça,
O riso estomacal!...
- Queimava-se o incenso da vaidade
Nas aras da fidalga jerarquia,
Dum modo bestial.

E o triste foi além! Caminho errado
Como o judeu da eterna maldição!...²²
Depois... soltou a voz e alucinado,
Depôs na vastidão pálido brado,
- Folha arrancada ao livro - o coração.²³

²⁰ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 15 set. 1878, n° 25, ano I, p. 5-6.

²¹ No contexto, grimpa significa o ponto mais alto de uma região.

²² Referência à lenda de Ahasverus, o judeu errante, amaldiçoado por ter negado auxílio a Jesus Cristo na via-crúcis.

²³ No original, esta estrofe tem realmente só cinco versos, sem adentramento.

II

“Não me lastimem! De meu crânio em fogo
Visões douradas, uma só não resta.
Fanou-se a crença que me dava alento,
No vil martírio duma lei funesta.

É negra a senda! Pedregosa estrada,
Toda coberta de urumbeba²⁴ e urzes;
E aonde ao termo da jornada - eleva-se
A sombra errante da mansão das cruzes!

É negra a senda desta vida ingrata,
Quando da taça se absorve o fel!
E em vão procura-se um remédio às chagas...
E a vida esvai-se num sofrer cruel.

Oh! Sonhos d’oiro - mocidade e vida,
Por que tão cedo me deixastes só?...
Lúcidas rosas - do passado - estrelas,
Surgi das antros do funéreo pó!

Surgi, mimosas, desse leito escuro!...
Vinde sorrisos, - ilusões d’outrora.
- Sinto que a vida me vem dar um beijo,
E o sangue as veias me circula agora.

Não me lastimes se ao sorrir das crenças,
Nas asas brancas de meus sonhos belos,
Eu arrojé-me - decantando amores,
E em doida cisma - levantei castelos!

No fogo ardente de seus olhos belos
Louco, abrasei-me no fatal queimor,
A - Náufrago errante procurava um porto
Cheio de afetos, de ilusões, de amor.

E o mundo ingrato, provocante e vário,
Quando a tortura decifrou em mim,
Em vez de alívio procurar p’ras dores,
Julgou-me um louco, sem juízo enfim!...

Não me lastimem se da vida em meio,
Rala-me as fibras infernal paixão.
- Morte eu julgo já de mim tão perto
Que às vezes cuida lhe tocar na mão!

Sinto que o peito se definha e morre,
Na garra forte de sofrer cruel.
Tântalo²⁵ novo - na aridez da vida,
Tive da taça de curvar-me ao fel!...

²⁴ Urumbeba, ou mandacaru, é uma espécie de cacto, comum na América do Sul. Esse termo também aparece no “O Vaqueano”, de Apolinário Porto Alegre.

²⁵ O *Aurélio eletrônico* explica ser uma “figura lendária, cujo suplício, por haver roubado os manjares dos deuses para dá-los aos homens, era estar perto de água, que se afastava quando tentava bebê-la, e sob árvores que encolhiam os ramos quando lhes tentava colher os frutos”.

Hoje, só peço por meu martírio,
Um lenitivo que contenha a calma,
- Bálamo santo que mitigue as dores
Das fundas chagas que circunda a alma.”

III

E o pobre louco - no caminho incerto,
Maldiz a turba que passando vai
- Solta ao espaço maldições, blasfêmias,
Funda risada de seus lábios sai!...

Rasga os andrajos que lh'encobre o peito!...
Descrê da sorte - de riquezas nua!...
- Olha altaneiro a claridão dos astros...
E além caminha o *menestrel* da rua.

Maio de 1878
A. Júnior

Na estrada ²⁶

Como te chamas? - "Caçem".
Qual teu dom? - A honra pura.
- Sou filha da desventura...
Não tenho pátria também!

Nos antros da sepultura,
Sozinha, sem mais ninguém
Existe uma santa mãe,
Ao pé da saudade escura!...

Tive um pai. - Era soldado,
Velho - sim!... Mas inda forte,
Valente, sem medo, ousado!

Terrível tornou-se a sorte.
Partiu pra guerra!... E coitado!...
Na guerra - lá teve a morte!...

Abril - 78
A. J.

Atende ²⁷

Se inda podes lutar de encontro co'a desgraça,
Se não tens inda gasto o novel coração;
Arreda-te do vício e deixa a negra taça,
A taça que conduz à triste perdição!

Arroja para longe as torpes alegrias,
E foge do bordel ao forte gargalhar.
Esmaga o preconceito, as velhas fidalguias...
Não queiras uma esmola um dia mendigar!

²⁶ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 3 nov. 1878, n° 32, ano I, p. 4.

²⁷ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 3 nov. 1878, n° 32, ano I, p. 4.

Afasta-te criança!... Os ouropéis²⁸ escusa!...
 Ao riso belutino²⁹ envia-lhe a recusa,
 E marcha sem temor às raias do futuro.

Abraça da virtude o cetro aurifulgente
 E fita os arrebóis, a estrela refulgente ...
 Rebrilha em tua idéia o Deus por palinuro.³⁰

Outubro - 78
 A. Júnior

Perdida³¹

*No trepidar da orgia desgrehada
 Em vórtice a dançar - soltar as vestes -
 Ébria - endoidecida - às luzes pálidas.*

.....
 Álvares de Azevedo

Entregas-te mulher às lúbricas palavras,
 Chafurda-te no lodo atroz do lupanar,
 Não amas a virtude, a honra descalavras
 Na mesa da alcouce³², em face do altar!...

E corres apressada à tétrica enxovia³³
 Aonde existe a fome, a velha podridão,
 Vender o riso alvar, expôr-se à freguesia
 Dum velho sensual, moderno D. João.

E assim passa a vida. - Oh! Cortesã - devassa
 No meio do deboche, ao rir da populaça,
 Faminta dessa seita - os homens do punhal.

Se um dia essa beleza as faces abandonar...
 Terás de mendigar - como qualquer colona,
 Morrer sob uma esteira, em mísero hospital.

4 de junho de 78
 Azevedo Júnior

²⁸ Ouropel é um ouro falso, um brilho falso, uma aparência enganosa.

²⁹ O termo belutino não existe nos dicionários consultados. Provavelmente seja beluíno, que significa selvagem, rude.

³⁰ Palinuro é um sinônimo poético para piloto ou guia.

³¹ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 02 fev. 1879, n° 44, ano I, p. 6.

³² Alcouce é um dos sinônimos registrados para prostíbulo.

³³ Aqui, enxovia é uma metáfora moral e não diretamente um lugar físico (cárcere escuro, úmido e sujo).

À L*** 34

*Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pálidos compus*
Fagundes Varela

Quando risonha descambava a tarde
A brisa vinha nos jardins em flor,
Roubar os sonhos d'ilusória crença,
Trazer idílios do mais santo amor.

Longe do mundo, do fulgor das festas,
Dum bosque, à sombra, solitário, ali,
Na branca rede, num ledil³⁵ balanço,
Dormindo a sesta, meditando em ti;

Oh! Quantas vezes, no calor dos sonhos
Sobre teu colo repousava a fronte;
E a lua a medo, despontava alegre,
Bela e formosa por detrás do monte.

Tu te sorrias - Dejanira airosa,
Soltas as tranças ao soprar do vento:
- Corria aromas no varzedo enorme...
Soltava o rio perenal lamento.

Eras do Tarso a Leonora bela
Sonhando idílios no jardim d'amores:
Eras a estrela que sorri fagueira
Num céu coberto de negrentas cores.

Eu te contava meus afetos castos,
Altos castelos que formei de cismas;
Tredos poemas que escrevi com prantos,
Vistos em sonhos, através de prismas.

Depois, medroso, te pedia a custo
Da branca rosa o virginal botão
Que tu guardaras no virgínio seio,
Mas tu corando me dizias - não.

E a lua, altiva, no cerúleo espaço,
Mostrava a face, solitária e nua;
E a brisa vinha, tremulante e fresca
Beijar os fios dessa trança tua.

E a sesta em sonhos d'illusão passava,
E a brisa vinha nos jardins em flor
Roubar às rosas o perfume casto,
Trazer idílios do mais puro amor.

Janeiro de 1878
A. Júnior

³⁴ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 11 maio 1879, n° 3, ano II, p 6-7. Esse poema foi publicado, com diversas mudanças, no livro *Frisos de luz*.

³⁵ No original, constava 'bedil', termo não encontrado nos dicionários consultados.

Contraste³⁶

*As taças do prazer em punho ao céu erguiam,
Mas antes de beber saudando o rei sorriam!*
Teixeira Bastos - *Rumores Vulcânicos*³⁷

Nas palmas grandes do coqueiro hercúleo
Passa raivoso o relinchar do vento,
Dorme as nuvens no lençol cerúleo,
Da cor do chumbo dum negror poento!

O fogo fátuo, descaindo a rubro,
Salta da sombra da folhagem verde,
E deixa o brilho desse sol de Outubro
Que ao pé da noite devagar se perde.

A noite é fria, temerosa, horrível! ...
Ninguém à rua se aventura a ir...
Gelada chuva transversal, temível
Vai nos telhados com fragor cair!...

Ríspido ronca, deslocado e roto,
Por sobre a rocha o temporal desfeito,
E enlaça a rama do selvagem souto
Num forte abraço d'estupendo efeito!

Entanto, à mesa, numa sala extensa,
Começa a festa deslumbrante, airosa...
Vários convivas que o metal incensa
Formam a roda senhoril, pomposa!

Erguem-se brindes aos fidalgos nobres
Que têm nas veias inda o sangue azul,
Mas que se afastam do casal dos pobres,
Desses que a sorte nem lhes deu paul!

Depois, nos vivas ao monarca augusto,
Perde-se o fio dum febril discurso;
Aonde encontra-se o elogio injusto
Chegar ao termo do mais vivo curso.

Mas quando estava a terminar a fala,
Todos em roda da soberba mesa,
Qual o ribombo do trovão que estala,
Cantava-se na rua a *Marselhesa!*

Março 1879
A. Junior

³⁶ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 18 maio 1879, n° 4, ano II, p. 6-7.

³⁷ Provavelmente seja o poeta e ensaísta português Francisco José Teixeira Bastos (1856-1901), Um dos introdutores e vulgarizadores do positivismo em Portugal e também militante republicano. Publicou *Poetas brasileiros* (1895), mas não se obteve o dado se publicou *Rumores Vulcânicos*.

Último Quadro³⁸

I

Vinha caindo a noite; a tarde agonizava
Em ondas de perfume e brisas festivas.
Elvira, junto à fonte, as águas contemplava,
Entregue ao turbilhão das cismas ideais.

Da velha catedral que o tempo destruía,
Ao som d' *Ave Maria* a moça despertou;
Sentiu-se amedrontada e como quem suspira
Aos campos d' esmeralda os olhos alongou.

E a noite ia caindo. A lua esbranquiçada,
Erguia a cabeleira enorme e prateada
Olhava sobranceira a fonte de cristal.

E a moça, pensativa, em doloroso anseio;
Beijava uma aliança e comprimia o seio...
Um seio transparente, alegre, escultural!

II

Tinham batido as onze. A noite era excitante.
Um pouco além da fonte ouvira-se um sinal;
Par'cia duma trompa o toque retumbante,
Em mão dum caçador do tempo medieval.

Elvira estremeceu; contente, apaixonada,
Correu a procurar a *fúlgida visão*...
A lua lhe mostrava a face afogueada
Como a lava que sai do seio dum vulcão.

Depois, a sós com *ele*, ardendo em mil desejos,
Abraça-o contra si ao retumbar dos beijos
E diz-lhe, delirante, em lânguida postura:

Escuta meu amor, na quadra venturosa,
O *lírio* que apaixonou uma encantada *rosa*
Não deve retardar-lhe o néctar da ventura!...

1879
A. Junior

³⁸ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 25 maio 1879, n.º 5, ano II, p 6-7.

Requerdo³⁹

Ao amigo Pedro Vianna

Deves lembrar-te ainda a tarde era formosa,
 Como a Vênus de Milo erguida em pedestal...
 Perdia-se na brisa o fresco olor da rosa,
 Sereno deslizava o lago de cristal!...

O *trem* que se movia à força tenebrosa
 Da máquina tremenda, enorme e genial,
 Rodava pelo trilho à luz já langorosa...
 Soltava um assobio altíssimo e brutal.

Depois... tu te apartaste e achei-te mais mimosa
 Quando a medo me deste aquela flor sedosa,
 Que par'cera nascida em plaga oriental.

Guardei-a, delirante, em caixa perfumosa,
 E disse ao colocá-la: - Esta nevada rosa
 Será o despontar da noite conjugal

1879
 Azevedo Junior

Dormindo⁴⁰

A distinta poetisa D. Julieta de Melo Monteiro

I

Morre a tarde. O fim do dia
 A virgem loira namora,
 Canta alegre a cotovia
 Nos verdes campos de Flora.

As Náiades legendárias,
Como as filhas de Istambul,
 Vão de roupas argentarias
 Banhar-se no lago azul.

E ali, na relva, indolentes,
 Dormem sonos transparentes,
 Envoltas em branco véu.

E o dia que vai morrendo
 Deixa a lua ir apar'cendo
 Na grande esfera do céu.

³⁹ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 3 ago. 1879, n° 10, ano II, p 6.

⁴⁰ *O Caixeiro*. Porto Alegre, 08 set. 1879, n° 11, ano I, p. 6-7. Esse poema foi publicado posteriormente no livro *Frisos de Luz* com correções e mudanças em alguns versos.

II

A noite é linda e formosa
Como um sonho angelical;
Vaga o perfume da rosa
Na brisa celestial.

A lua pálida, amena,
Espalha uns flocos de luz
Tão gentil e tão serena
Como a face de Jesus.

O canto das timoneiras
Juntando-se ao das remeiras...
As barcarolas de amor;

Resvala às águas dormentes
Como as estrofes cadentes
Da lira de um trovador.

III

Ela, na alcova, sentada
Sobre um macio divã,
Toda languê, requebrada,
Lendo as *Visões* de Ossian,

Deixa entrever um sorriso
Nos lábios de carmesim...
- É forrado o *Paraíso*
De rosas e azul-cetim.

Ao lado um vaso com flores,
Modelo de mil primores,
Solta um perfume sutil.

E a lua, sempre suspensa,
Clareia a cúpula imensa...
Saúda as noites de Abril.

IV

Como a sultana indolente,
Movida pela paixão,
Nas horas de amor ardente,
Nos serralhos do Sultão,

Ela estava abandonada,
Toda entregue ao ideal,
Co'a face ruborizada,
Num desejo sensual.

E assim, naquela indolência,
Quebrada de sonolência,
Já de leitura se esquece.

Fecha o livro e se reclina,
A fronte na mão inclina...
Solta um suspiro e adormece.

V

Como é linda adormecida
Nos arroubos do lirismo,
Tendo a cor embranquecida
Dos lírios do romantismo.

Ao vê-la assim solitária,
Naquela postura estranha,
Disséreis - fada lendária,
Dos aldeões da Alemanha.

Tinha o roupão meio aberto
Que deixava a descoberto
Um colo de pura neve

E a trança, num torvelinho,
Descaindo em desalinho,
Descia aos ombros - de leve.

VI

Do teto vê-se pendente,
Por um delgado cordão,
Uma lâmpada esplendente
Que solta um dúbio clarão.

A noite sempre serena,
Como um lago de cristal,
Distende uma sombra amena
Pelos fragedos do val.

E a bela, erguendo se a medo,
Conta um íntimo segredo ...
Mostra um riso de esperança ...

E em face a tanta poesia,
Um piano além gemia:
- *O sonho de uma criança.*

Agosto - 1879
Azevedo Júnior

A Luís de Camões⁴¹

Hoje que a multidão desperta do marasmo
Que há três séc'los dormia, oh! Mísero fadário!
E fita a luz do sol, febril de entusiasmo,
Pra deveras saudar um grande centenário;

Hoje que se festeja a glória do soldado
Que à gruta de Macau a sorte arremessou;
A fama do cantor que fora desterrado
E mesmo no exílio a pátria celebrou,

É justo tributar ao rei da poesia
Um canto varonil, repleto de harmonia,
Que vá repercutir nas vastas solidões;

Pra que um dia o futuro, a geração vindoura,
Relembre a epopéia assaz imorredoura
Do velho Portugal: as OBRAS DE CAMÕES.

10 de junho de 1880
Azevedo Júnior

Romantismo⁴²

É noite. A brisa que passa
No copado da floresta,
Como um grito que perpassa
Preso ao sorriso da festa;

Vai, na senda descuidosa,
Entre os lírios virginais,
Depor as folhas da rosa
Que esfolhou nos roseirais.

Depois, correndo apressada,
Beija do lótus a flor;
E, qual virgem namorada,
Modula frases de amor.

No livro da natureza
Que revela o que é real,
Paira a máscula grandeza
Dum poema colossal.

O esplêndido azul da esfera,
Cravejado de rubis,
É o manto da primavera
Todo bordado a jasmins.

⁴¹ *Telefone*. Porto Alegre, 10 jun. 1880, n° 23, ano I, p. 2. Consta na capa como “Número comemorativo do tricentenário de Camões. (Oferecido aos nossos assinantes portugueses)”.

⁴² *O Lábaro*. Porto Alegre, 30 jan. 1881, n° 05, ano II, p. 3-4. Posteriormente, foi incluído no livro *Frisos de Luz*, com mudanças pouco significativas, principalmente vocabulares, em doze versos.

Existe nesta utopia
Sem valer e sem verdade,
Um quê de galanteria
Que provoca a hilariedade.

Eu sinto que na minh'alma
Fulgura um lúcido almejo,
Como a luz serena e calma
Que brota de um bom desejo.

Vou ver se desenho a traços
Esta noite sem rival...
Pelo vácuo dos espaços
Corre um perfume ideal.

A lua - irmã carinhosa
Das noites do mês de abril,
Mostra a face esplendorosa
Duma alegria infantil.

Na sombra, à margem dos campos,
Lá para as bandas do Sul,
O bando dos pirilampos
Acende a lanterna azul.

E ali, tão sós, os coitados
Naquelas paragens mansas,
Formam soberbos bailados
De bonitas contradanças.

Na encosta da cordilheira
É à sombra dos palmeirais,
Brinca a loira feiticeira:
A noiva dos ideais.

E nesse entretenimento
Duma inocência sem par,
Mostra a luz do sentimento
Nas chispas do seu olhar.

É que na funda alegria
Que lhe vai no coração,
Passa o ai de uma agonia
De tristíssima paixão.

Ao vê-la tão entretida
Naquela postura assim,
Eu cuído ver Margarida
Entre as flores do jardim.

E a natureza adormida
No seu berço colossal,
Repousa da grande lida
Num sonho patriarcal.

Devaneio⁴³
(À L. ***)

Tens a candura dos lírios
Expostos à viração,
Olhando o azul dos empírios
Segredando à solidão...

Quando te vejo indolente,
Formosa deusa do amor,
Soltar um riso atraente,
Saudando os campos em flor;

Sinto na mente uns desejos
De tão estranha alegria
Que eu digo: “és feita de beijos
E laivos de fantasia.”

E fico todo enlevado
Fitando teu belo rosto
Que é mais gentil e inspirado
Que um poema de Ariosto.⁴⁴

E assim, nos meus devaneios,
Nascidos da excitação,
Há tão sublimes enleios
Duma tão grata emoção;

Que eu sinto que no meu peito
- Íris de amor e bonança -
Como um grande amor perfeito,
Abre-se a flor da Esperança.

Azevedo Júnior
13 - 6 - 1881

Devaneio

(A' L. * * *)

**Tens a candura dos lyrios
Expostos á viração,
Olhaado o azul dos empyrios
Segredando á solidão.....**

**Quando te vejo indolente,
Formosa deuza do amor.,
Soltar um riso attraente,
Saudando os campos em flôr;**

**Sinto na mente uns desejos
De tão estranha alegria
Que eu digo : « és feita de beijos
E laivos de phantasia.»**

**E fico todo enlevado
Fitando teu bello rosto
Que é mais gentil e inspirado
Que um poema de Ariosto.**

**E assim, nos meus devaneios,
Nascidos da excitação,
Ha tão sublimes enleios
D'uma tão grata emoção;**

**Que eu sinto que no meu peito
—Íris de amor e bonança—
Como um grande amor perfeito,
Abre-se a flôr da Esperança.**

AZEVEDO JUNIOR.

13—6—1881

Imagem recortada
da página do poema

⁴³ *O Lábaro*. Porto Alegre, 19 jun. 1881, n° 24, ano II, p. 2.

⁴⁴ O poeta italiano Ludovico Ariosto (1474-1533) é autor, entre outros, de *Orlando Furioso* (1516), que tematiza as guerras de Carlos Magno.

Ao Partenon⁴⁵
13º aniversário

I

Quem és batalhador da esplêndida cruzada
Que tens o nome teu na História popular?
Quem és batalhador que à luz da madrugada
Ao seio do Futuro a treva vais tirar?

Pelas noites sem fim, terríveis, assombrosas
Espalhas sobre a terra a claridão dos sóis
Que vai além dourar a púrpura das rosas,
Descobrimo ao passar a tumba dos heróis.

Refere a Nova História, o livro dos profetas
Que assinala ao Porvir os feitos das nações,
Aquele em que se escreve a vida dos poetas
De Byron, Lamartine, Homero e mais Camões;⁴⁶

Que tu, ó lutador, há treze longos anos
Ergueste em pleno dia um brado colossal,
Sem mesmo te importar os grandes desenganos
Que soem⁴⁷ apar'cer nas lutas do ideal.

Que foste à deusa treva - o grande abismo fundo,
Sondar a enormidade e a vasta profundez;
Tranqüila a consciência, a te sorrir no mundo,
Como outrora, no mar - Colombo, o genovês.

Que partiste nas mãos as duras gargalheiras⁴⁸
Que os pulsos apertava à triste escravidão;
E viste aparecer as hostes mais guerreiras
Ao cérebro derruir da noite da razão.

E foste sempre além, no agigantado passo,
Em busca do Progresso, em prol da educação;
Conheces Laménais⁴⁹ e Shakespeare e Tasso,
Os livros de Voltaire e a espada de Catão.

Por isso, ó lutador, me conta a tua história,
O Sol já vai deixando as virginais cecéns,
Me diz o que passaste em teu caminho à Glória...
Eu quero só saber - quem és e donde vens.

⁴⁵ *O Lábaro*. Porto Alegre, 26 jun. 1881, n.º 25, ano II, p. 3.

⁴⁶ O inglês Lord Byron (1789-1824) e o francês Alphonse Lamartine (1790-1869) são ícones da literatura romântica europeia. O filósofo grego Homero (século IX a. C.) e o português Luís de Camões (1524-1580) são autores, respectivamente, das epopéias *Odisséia* e *Os Lusíadas*.

⁴⁷ O verbo soer é sinónimo de costumar, no sentido de “ocorrer geralmente”.

⁴⁸ Gargalheira são as coleiras (ou algemas) com qual se prendem os escravos.

⁴⁹ O padre francês Robert de Laménais (1782-1854) é considerado como o precursor do Catolicismo Social, doutrina adotada pelo Leão XIII na *Encíclica Rerum Novarum* em 1891.

II

Não perguntes quem sou. Errante peregrino
Eu vou sempre seguindo a luz no meu fanal;
Nos mistérios da sorte eu li o meu destino,
Trabalho sem cessar nas lutas do Ideal.

Foi num dia de Junho. Ao céu azul d'América⁵⁰
Eu fiz surgir da noite imensa claridão;
E fui como o condor numa ascensão homérica
Em busca do Porvir - o sol da redenção.

Eu dei a liberdade a míseros escravos,
Eu dei-lhes a oficina e disse - trabalhai;
E vi se levantar a legião de bravos
Como à voz de Moisés do alto do Sinai⁵¹.

Mas se queres saber quem sou e donde venho,
As luzes que eu espalho, a crença que eu sei dar;
Aqui eu deixarei num rápido desenho
Exposta a minha história à terra e céu e mar.

Caminho pro Futuro e venho do passado,
Do passado sem luz, buscando o Hiperion⁵²,
Hasteio uma bandeira igual a do soldado,
Só procuro vencer - meu nome é Partenon.

Junho - 18 - 1881
Azevedo Júnior

Amor do século - Fotografias I⁵³

Ela era moça ainda, altiva e deslumbrante
Como um lírio que abre a cálix⁵⁴ virginal;
E deixava após si o aroma embriagante
Dessas rosas gentis do solo oriental!...

Chamava-se Corina. O mundo do ideal
Pairava-lhe no crânio assaz febricitante...
E sonhava, talvez, na grande saturnal⁵⁵
Mostrar-se como nunca - IMPÉRIA delirante.

Olhara-a um rapaz, um lírico poeta
Que escrevia ao luar, um miserando asceta,
Refratário insensato à grande idéia nova.

E tanto apaixonou-se ao ver a Dejanira
Que depois de quebrar a antiquária lira,
Foi repousar por fim na solitária cova.

Abril - 1881
Azevedo Júnior

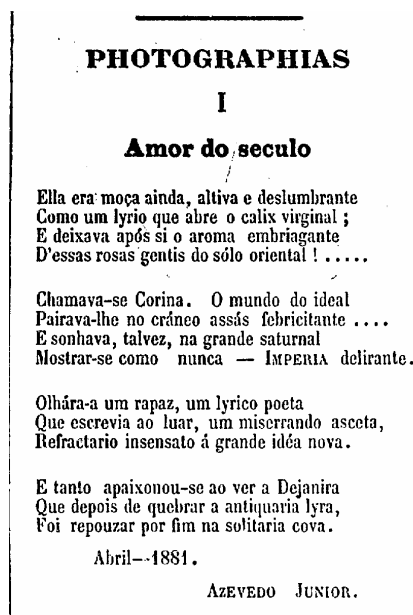


Imagem parcial da página do poema

⁵⁰ O Partenon Literário foi fundada em 18 de junho de 1868, na cidade de Porto Alegre.

⁵¹ Referência a passagem bíblica do Êxodo, em que Deus teria conversado com Moisés no Monte Sinai.

⁵² Hiperion é um dos nomes do Sol, um dos titãs da mitologia grega.

⁵³ *O Lábaro*. Porto Alegre, 10 jul. 1881, n° 27, ano II, p. 4.

⁵⁴ Cálix é sinônimo de cálice; pelo contexto refere-se a parte do lírio que se assemelha a um cálice..

⁵⁵ Saturnal, no contexto, é sinônimo de festa, orgia.

Amor caboclo - Fotografias II⁵⁶

Ela estava à janela distraída,
Toda cheia de lânguidos desejos,
Presas talvez duma ilusão querida.

A brisa da manhã dava-lhe beijos
Com tanta morbidez, tanta ternura,
Que ele cuidou ouvir doces arpejos

Da harpa do amor e da ventura.
Era um dia festivo. Ao contemplá-la,
Molde talvez de olímpica escultura,

Sentiu tantos desejos em amá-la
Que ficou como um réu, silencioso,
Ao ouvir do juiz tremenda fala.

E amou-a febril, mas receoso
De mandar um olhar implorativo
Que fosse arrebatá-la a aquele gozo;

Deixou ficar o coração cativo,
Qual escravo vergado a seu senhor;
Sem ao menos lhe dar um sinal vivo
Que pudesse saber do seu amor.

Abril - 1881
Azevedo Júnior

O estróina - Fotografias III⁵⁷

Passa a vida na orgia assim como um devasso,
Entrega-se ao licor, ao vício, ao *lansquenet*⁵⁸;
Adora as seduções e sempre arrisca um passo
Em busca dum sorriso... um beijo de Friné.

Não tem o que gastar. Recusa-se ao trabalho,
A vida é para ele eterno gargalhar.
Detesta da oficina a música do malho
E quase sempre vai à noite ao Alcazar⁵⁹.

Afirma que pisara as terras d'Alemanha
E fora um D. Juan: - Uma beleza estranha
A ele se rendeu - pedindo o seu amor.

Andara por Paris - pertence a fidalguia,
É ainda morgado enquanto a jerarquia⁶⁰
E tem muito dinheiro em mão... dum seu credor.

Julho - 1881
Azevedo Júnior

⁵⁶ *O Lábaro*. Porto Alegre, 17 jul. 1881, n.º 28, ano II, p. 3.

⁵⁷ *O Lábaro*. Porto Alegre, 24 jul. 1881, n.º 29, ano II, p. 3.

⁵⁸ *Lansquenet*, ou lansquenete, é um jogo de cartas, semelhante ao trinta-e-um. Na edição original, estava *lasquenet*.

⁵⁹ Alcazar Lyrique Français era uma casa de espetáculo noturna criada em 1857 no Rio de Janeiro. A referência pode ser por influência dos autores românticos ou ser uma outra casa de espetáculo com o mesmo nome em Porto Alegre.

⁶⁰ Jerarquia é sinônimo de hierarquia.

O jesuíta - Fotografias IV ⁶¹

Anda sempre a falar na cruz do velho Deus
E diz nos seus sermões: eu sou, caros irmãos,
Aquele alto ministro a quem reserva os céus
Um prêmio ao meu sofrer - o maioral dos bons.

Arvora-se em Justiça e Cristo e Humanidade
Acurvando ao Missal e ao SANTO breviário,
A rude multidão que espera a Liberdade
Duma BULA farsal, dum simples relicário!

Nunca deixa a batina - escudo da impostura -
Que lhe oculta o rancor dos grandes malfeitores
Bem como a nódoa vil da consciência impura.

E vai sempre trilhando a estrada dos horrores
Pela noite fatal, sinistramente escura,
Elogiando o Papa e os mãos inquisidores.

Julho - 1881
Azevedo Júnior

Os saltimbancos - Fotografias V ⁶²

Ei-los! No meio da praça
Abancam, vão trabalhar,
Já reúne a populaça
Pra vê-los cabriolar.

O *clown* que é moço gaiato,
Para chamar a atenção,
Faz aparecer um sapato
Num chapéu de papelão.

Depois, um dos saltimbancos,
Numa expansão jovial,
Mostrando uns sorrisos francos,
Vai dar um *salto mortal*.

E a turba entusiasmada
Solta ao ar a gargalhada
Nos delírios do prazer;
Sem lembrar que muitas vezes,
Nestes pobres entremezes⁶³
Se oculta a flor do sofrer...

Maio - 1881
Azevedo Júnior

⁶¹ *O Lábaro*. Porto Alegre, 31 jul. 1881, n° 30, ano II, p. 4.

⁶² *O Lábaro*. Porto Alegre, 07 ago. 1881, n° 31, ano II, p. 4. Posteriormente, esse poema foi incluído no livro *Frisos de Luz*.

⁶³ Entremez é uma pequena peça que se apresentava na frente da cortina dos teatros de revista durante as demoradas trocas de cenário

No baile (Quadro) - Fotografias VI ⁶⁴

Eles estavam sós, numa conversa íntima
 Ao canto do salão... A branca luz do gás
 Refletia indecisa e clareava a custo
 A face avermelhada a um lépido rapaz.

O baile, o grande baile há muito que tendia
 A ir-se terminar... Os músicos com sono,
 Haviam descansado os graves instrumentos...
 Tudo ali respirava um lânguido abandono.

E eles, sempre a sós - como pombinhas mansas -
 Segredavam de amor e as loiras esperanças
 Desfiavam sorrindo em lúcido almejo...

E o baile terminou... depois, - que fantasia! -
 Um ai! se confundiu... Vinha raiando o dia...
 Olharam-se por fim... ao estalar dum beijo.

Janeiro - 1881
 Azevedo Júnior

Nenê - Fotografias VII ⁶⁵

É mais bela do que a lua
 Quando num frouxo desmaio
 No azul de esfera flutua,
 Nas noites grandes de Maio...

E tem tanta gentileza
 Naquele corpo franzino,
 Que eu penso, - delicadeza! -
 Ver um molde florentino.

Depois... há nessa criança
 A viva luz da esperança,
 Uma epopéia de amor...

Sonha com lírios e rosas,
 E canta em horas saudosas
 A ária - do *Trovador*.

Agosto - 1881
 Azevedo Júnior

Noivado - Fotografias VIII ⁶⁶

São duas belas crianças
 Cheias de amor e desejos;
 Têm um mundo de esperanças
 Na febre dos bons almejos.

Ele - apenas vinte anos...
 Tem um olhar jovial...
 Desconhece os desenganos
 Da sorte horrível, fatal!...

⁶⁴ *O Lábaro*. Porto Alegre, 14 ago. 1881, n° 32, ano II, p. 4.

⁶⁵ *O Lábaro*. Porto Alegre, 21 ago. 1881, n° 33, ano II, p. 3.

⁶⁶ *O Lábaro*. Porto Alegre, 28 ago. 1881, n° 34, ano II, p. 3-4.

Vai com toda a elegância,
Nos lábios, risos de amor
Semelham doce fragrância
Do cálix de muita flor.

Ela - é formosa qual ninfa
Das lendas orientais;
Leva os cabelos à linfa
Que passa soltando - ais!...

Traja de branco. A capela
Preso num véu d'escumilha⁶⁷,
Enfeita o rosto a donzela
Duma inocência que brilha.

E após o par tão ditoso,
Direitos, enfileirados,
Vão a passo vagaroso
Os carros dos convidados.

Chegam à casa. Os vizinhos
Vem recebê-los nos braços
Com *bouquets* e mil carinhos,
Em troca de dois abraços.

E os bons criados, contentes,
Ao vê-los chegar assim;
Soltam flores aos nubentes;
Num regozijo sem fim.

Parece reina a desordem
Naquele ninho de amores...
Na mesa, - tudo por ordem -
Brilha o cristal dos licores.

Seguem-se os brindes repletos
De muita semsaboria.
Todos estão inquietos...
Num excesso de alegria.

Depois principia o baile,
Com estranha animação...
Por baixo de muito xaile
Vicejava a flor da paixão.

Tudo folga, tudo dança
Num delírio d'encantar,
Nasce ali muita esperança
Que vai bem breve murchar.

E a lua - virgem saudosa -
Como uma amante louçã,
Beija as pétalas da rosa
E rosa chama-a de - irmã.

⁶⁷ Escumilha é um tecido muito fino e transparente, de lã ou de seda.

Mais tarde o baile termina;
Despedem-se os convidados,

.....
Cerra-se a branca cortina
Do leito dos dois casados.

Azevedo Júnior
Agosto - 1881

Mendigo - Fotografias IX ⁶⁸

Mal pode caminhar. A dor e os desenganos
Na fronte veneranda as rugas lhe imprimiu,
Tingiu-lhe a cabeleira a gelidez dos anos...
Idólatra da sorte, à sorte sucumbiu.

Descai-lhe do pescoço ao peito emagrecido
A mísera sacola... A todos que ele vê,
Estende a sua mão e pede comovido
Em nome de Jesus - esmola se lhe dê.

Depois vai a caminho... A régia fidalguia,
Ao passar nos *coupés*, um riso de ironia
À face do mendigo atira sem pudor.

Respinga-lhe de lama a roupa esfarrapada...
E ele, o pobre velho - a palmilhar a estrada,
Deixa cair no chão as lágrimas da dor!

1880
Azevedo Júnior

Um esboço - Fotografias X ⁶⁹

A casa é mais que sombria...
Sobre o chão ébrios, deitados,
Dormem no centro da orgia
O sono dos desgraçados.

A um canto, despedaçados,
Rolam na velha enxovia,
Tristemente abandonados
Os copos daquele dia...

E a luz que está sobre a mesa,
Nuns tons de infinda tristeza
Solta uns lampejos finais...

Vem apar'cendo a alvorada...
As aves, numa esplanada,
Vibram canções ideais.

Setembro, 1881
Azevedo Júnior

⁶⁸ *O Lábaro*. Porto Alegre, 07 set. 1881, n° 35, ano II, p. 3.

⁶⁹ *O Lábaro*. Porto Alegre, 18 set. 1881, n° 36, ano II, p. 4.

A cortesã - Fotografias XI ⁷⁰

Era moça e formosa. A setinez das faces
Desenhava nuns tons de mágico rubor
A febre da paixão por quantos Lovelaces ⁷¹
Lhe falassem de amor.

Entregara-se ao luxo, ao grande *demi-monde*,
Aos ricos *soirées* de estranha polidez;
E sonhou conquistar um típico visconde,
Herói dum entremez.

Fascinou-a o delírio indômito das salas
Onde caem por terra as flores virginais,
E deixou-se prender nas estudadas falas
E risos joviais.

Ali, era a rainha. Em casa, na tristeza,
Nessas horas fatais de cismas melancólicas,
Abria a flor do riso à luz da natureza,
Numas canções bucólicas.

Passara-se algum tempo. Os *D. Juans* da moda
Que só trazem no crânio a idéia - sedução:
Fizeram-lhe sentir em meio duma roda
O ímã da atração.

Gostou do galanteio. As valsas excitantes
Produziram-lhe um quê de idéias sensuais;
Pensou em querer ver os líricos amantes
Mandar-lhe madrigais.

Tornou-se cortesã. Amava a fidalguia
Que comprava a dinheiro os risos sedutores
Dessas pobres Frinés que em meio duma orgia
Adoram os licores...

Um dia, num salão riquíssimo, esplendente,
Em meio do fulgor dos diamantes falsos,
Obrigou a pensar um triste inconsciente
Nos tristes cadafalsos!...

Proseguiu nessa vida... A pérfida beleza
Lhe fazia pensar numa esperança vã...
Impossíveis sonhou! Julgou-se uma princesa,
Apenas cortesã.

Julho - 1881
Azevedo Júnior

⁷⁰ *O Lábaro*. Porto Alegre, 25 set. 1881, n° 37, ano II, p. 4. No original, as palavras “DEMI-MONDE, SOIRÉES, D. JUANS E FIDALGUIA” estavam grafadas todas em maiúsculas. A mudança foi apoiada na versão publicada posteriormente no livro *Frisos de luz*.

⁷¹ Lovelace é um sedutor com comportamento escandaloso, personagem de *Clarisse Harlowe* (1769), de Samuel Richardson (1689-1761), romancista inglês.

Duas épocas - Fotografias XII ⁷²

Ontem, na quadra saudosa
Dos teus alegres cantares,
À brisa fresca dos mares
Que oscula o cálix da rosa:

Contavas os teus amores,
Os teus mimosos idílios...
- Pois não conhece martírios
Quem colhe *bouquets* de flores.

Depois... q' vida!... Que enlevo!...
Na tua alcova, em segredo,
Num riso doce de amor;

Sonhavas com teu amante:
O sol - o noivo constante -
Das brancas rosas em flor

-

Hoje, por Deus! não mais digas
A ninguém teus pensamentos...
Guarda contigo os tormentos,
E as puras crenças antigas.

És moça. Os teus devaneios
Cheios de amor impossível,
Num momento irresistível
Podem manchar os teus seios.

Reflete. Há muitos enganos
Na primavera dos anos,
Na febre duma paixão;

Há muita fala mentida...
Muita crença poluída
No livro do coração!...

Setembro - 1881
Azevedo Júnior

⁷² *O Lábaro*. Porto Alegre, 2 out. 1881, n° 38, ano II, p. 3.

Os primos - Fotografias XII ⁷³

Sentado sobre o sofá,
N'alegre sala espaçosa,
Numa conversa amorosa,
Estão - Lulu e Sinhá.

Dela o severo papá,
N'agradável preguiçosa,
Com voz um tanto fanhosa
Manda que sirva-se o chá.

Brinca além, entretidinha
Nédia, loira criancinha
Fazendo ao gato alguns mimos;

Enquanto que dois criados,
Vendo os primos abraçados,
Olham-se e dizem: - são *primos!*...

Outubro - 1881
Azevedo Júnior

Dor e prazer - Fotografias XIII ⁷⁴

Na sala, um moço assentado,
Perto dum móvel de pinho,
Faz sepultar seu passado
Num copo rubro de vinho.

Ao lado, - bela esperança! -
Brincando toda entretida,
Jaz uma linda criança,
Sublime encanto da vida.

E o moço diz tristemente:
“A sorte, a sorte inclemente
Lançou-me à fatalidade!...”

Sorria então a criança...
- Era o nuncio⁷⁵ da bonança
Sobrevindo à tempestade.

Nov. 1881
Azevedo Júnior

⁷³ *O Lábaro*. Porto Alegre, 23 out. 1881, n° 41, ano II, p. 4. A contagem do subtítulo está errada.

⁷⁴ *O Lábaro*. Porto Alegre, 13 nov. 1881, n° 43, ano II, p. 4.

⁷⁵ Nuncio era um mensageiro incumbido de anunciar, transmitir a vontade de outrem, repetindo-a.

A imprensa ⁷⁶
À inteligente cantora Cleonice Ciarlini

Eu que admiro o talento
D'aqueles que à História vão,
Que presto minha homenagem
Aos filhos da inspiração
É justo que à luz do dia,
Radiante de alegria
A vós, eu venho saudar;
Pois não pode o vil sarcasmo
Abater o entusiasmo,
Reter as ondas do mar.

Sim, não pode; a mocidade
Que se abrasa na ciência,
Oferta sempre umas palmas
Aos que têm inteligência...
Segui à nobre conquista
Vós que sois moça e artista
Podeis marchar ao porvir;
Pois há sempre a recompensa
Da Glória - essa luz imensa
Que ilumina o progredir.

- E tu, ó povo brioso,
Filho de tanto heróis,
Que tens escrito epopéias
Ao vivo clarão dos sóis;
Sim, tu que nasceste à sombra
Desse gigante que assombra
Chamado - o grande Brasil;
Entre ruidosos victores,
Junca-lhe o palco de flores,
Saúda a artista gentil.

20 de setembro de 1882
Azevedo Júnior

⁷⁶ *Mercantil*. Porto Alegre, 20 set. 1882, n° 213, ano IX, p. 1. A atriz Cleonice Ciarlini apresentou-se no Teatro São Pedro (Porto Alegre) em 20 de setembro de 1882, “em benefício da imprensa”.

*Tenebra et lux*⁷⁷

Era lúgubre a história. Em meio da senzala,
 - Ó cólera brutal das feras carniceras -
 Assim como um ruído uníssono que estala,
 Ouvia-se o chicote e o som das gargalheiras⁷⁸.

Calcava-se a Justiça, a virgem do direito,
 Aquela que antecipa um raio de esperança.
 Erguia-se bem alto o amor do preconceito,
 Apenas se adorava o gênio da Vingança!

Porém era demais. - Tão fero despotismo
 Havia de cair ao fundo dum abismo,
 Após o irradiar da grande claridade.

Chegada foi a hora. Ergueram-se alguns bravos.
 Vencera-se a batalha. E a frente dos escravos
 Inunda-se de luz - a luz da LIBERDADE!

7 de setembro - 1884
 Azevedo Júnior

*Contraste*⁷⁹

As portas do palácio rendilhadas
 De par em par se abriam triunfais,
 Como abrem-se à luz das madrugadas
 Os cálices dos lírios virginais.

Tinha lugar os anos da marquesa...
 Entre danças e festas singulares
 Levantavam-se brindes à nobreza
 Dos austeros e velhos titulares.

Era noite de orgia - As alegrias,
 Casavam-se às mais doces harmonias
 Dum piano de Pleyel marchetado.⁸⁰

Mas não longe dali, miséria sua!...
 Uma pobre mulher, em plena rua,
 De fome erguia um clamoroso brado!

Azevedo Júnior

⁷⁷ *Mercantil*. Porto Alegre, 07 set. 1884, n° 207, ano XI, p. 3. A expressão latina do título significa “Treva e luz”.

⁷⁸ Gargalheira é a coleira com que se prendiam os escravos e, figurativamente, significa opressão e tirania.

⁷⁹ *O Popular*. Arroio Grande, 26 abr. 1906, n° 7, ano I, p. 1.

⁸⁰ Pleyel era uma das marcas de piano muito comuns no Brasil.

12. POEMAS DE PINTO MONTEIRO EM PERIÓDICOS

À Doca ¹

Sonhei-a um anjo peregrino e ledó
 Vindo em segredo me apertar a mão...
 Ou dentre a alfombra da manha saudosa
 De rubra rosa virginal botão.

Depois, mais tarde, delirante achei-a
 Meiga sereia - sedutora e linda,
 Não mais o anjo, nem a flor singela
 Mas virgem bela... bem me lembro ainda!

Na fonte angélica ao virginal mormaço
 Vermelho laço transluzia pura,
 Cingido em beijos - veludosas castas
 As tranças vastas do cabelo escuro.

E amante e louco, consagrei a vida
 A luz querida de um celeste olhar,
 Tanto! Que juro - morrerei por ela
 A doce estrela, que me vem salvar!

Perdoa, Doca, o meu sonhar de moço,
 Bem vês, não posso retrair-me, não
 Dá-me o teu sim, - e não terei ciúmes,
 Dá-me perfumes - virginal botão.

Pelotas 1874
 Pinto Monteiro

Ao meu amigo Felinto Perry ²

Ao fim nos encontramos. O passado
 Foi sonho que murchou, febril delírio,
 Hoje te encontro de lauréis coroado,
 Tu me encontras coroado de martírio.

Que mudança tamanha!... ambos da infância
 O caminho trilhamos sem saber,
 Té que um dia o destino separou-nos,
 E pensei jamais te poder ver.

¹ *Eco do Sul*. Rio Grande, 18 jan. 1874, n° 14, p. 2.

² *Eco do Sul*. Rio Grande, 25 jan. 1874, n° 20, p. 1.

O título do poema refere-se ao Comandante Felinto Perry (Rio Grande, RS 16 jan. 1844 - 02 abr. 1892) que participou de batalhas na Guerra do Paraguai, tendo recebido por isso o título de cavaleiro da Ordem de Cristo, além de medalhas e condecorações. Ao morrer, era Capitão dos Portos do estado e Administrador da Barra do Rio Grande. A fototeca da Biblioteca Rio-Grandense possui uma fotografia desse militar. O NSS Felinto Perry, único navio de socorro submarino brasileiro, tem esse nome em homenagem ao seu filho homônimo (Rio de Janeiro, 12 fev. 1871 - 2 dez. 1929), que chegou ao posto de almirante.

Mas mudaram-se as quadras da existência
 No caminho encontramos-nos ainda;
 - A vida minha,... - escuridão completa!...
 E a tua vida fulgurante e linda.

Pela pátria no meio do perigo
 Alçaste o pavilhão da liberdade,
 E firmaste com as balas do inimigo
 Tua história gentil na mocidade.

Eu te saúdo pois, e jubiloso
 Irmão lanço-te as flores do talento,
 São pobres sensitivas que desabrocham
 Do amigo no sincero pensamento.

Pelotas, janeiro de 1874
 Pinto Monteiro

Agonia ³

Se amanhã, negro esquife da morte
 Arrastar-me ao repouso final. -
 Rosa branca de amor, minha noiva,
 Vem prantear no meu leito de cal.

Vem sentida, c'os soltos cabelos
 Enxugar-me os orvalhos da lousa,
 Se na vida tu foste o meu anjo,
 No sepulcro serás minha esposa.

Há de à noite vestida de galas
 Alvos mantos na terra espargir,
 E as roseiras de amor suspirantes
 Sobre nós virão rosas abrir.

Quando à beira das fontes prateadas
 Soluçar á pombinha inocente,
 No mistério da noite... quem sabe?...
 Penderei minha fronte demente.

Não chores meu amor! Se a despedida
 Tem o plangente som de um dobre horrendo,
 Talvez feliz eu sinta-me, morrendo...
 Já que o deixar-te e desprezar a vida,

1875 abril 17
 Pinto Monteiro

³ *Álbum Literário*. Pelotas, 03 maio 1875, p. 37-40.

À maviosa poetisa D. J. N. de M. ⁴

*Meu Deus, Senhor meu Deus o que há no mundo
Que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante
E sofre até morrer!*

Gonçalves Dias⁵

Donzela divina, há homens que nascem
Com estrela fatal, de amor e sofrer!
Que jamais encontram sob a terra um anjo
Que lhes mitigue as dores que lhes dê prazer.

Que choram com riso, que riem chorando,
Ao mundo enganando, porque ele os engana;
E sempre descrentes vegetam, não vivem,
Pois seus peitos ardem em hórrida flama!

E que a primavera de cantos, de flores,
De santos amores que almas inspiram,
São neles bem agra e pungentes dores,
Quais notas saudosas que tristes suspiram.

Eu sou desses homens! Aqui desprezado
Sem ter os afetos da virgem querida,
Sentindo minh'alma despida de crenças,
Maldigo este mundo! Desprezo esta vida.

Perdoa, donzela, estes loucos delírios,
São ecos perdidos de imensa paixão!
São queixas sinceras dum'alma que sofre
São trovas sentidas de meu coração!

Rio Grande, maio de 1875

Salve! ⁶
(Ao meu amigo Lobo da Costa)

Salve! Profeta e turbas
Mais soberbo que os oceanos,
Que ao brotar dos verdes anos
Saltaste o vôo imortal!
Salve imenso paladino,
Soldado da inteligência
Que do mundo a reverencia
Colhes do teu pedestal.

⁴ *Álbum Literário*. Pelotas, 24 maio 1875, n° 13, p. 49-52. No original, não há assinatura no poema. Supõe-se ser de Pinto Monteiro pelo título, que seria dedicado a Julieta N. de Melo, então sua noiva, e pelo fato de ele ser constante colaborador desse jornal, tendo diversos textos em números próximos a este.

⁵ A epígrafe é a primeira estrofe do poema "Sofrimento", incluído no livro *Primeiros Cantos*.

⁶ *Eco do Sul*. Rio Grande, 05 set. 1875, n° 202, p. 1.

Quem te ouve os cantos, poeta,
Estremece de entusiasmo,
- Enches de assombro e de pasmo
As almas da multidão;
Tens uma lira formosa
De ouro e, meiga pedraria,
És grande na poesia,
Quão nobre no coração.

Como o condor arrojado,
Rasgas o céu no improviso
Um gênio imenso eu diviso
No teu cérebro de luz.
Honras as letras e as terras
Que te embalavam criança
Como uma grande esperança
Das palavras de Santa Cruz.

Eu, português que admiro
O arrojo da inteligência
Presto subida obediência
Ao teu diadema imortal;
E lanço flores e palmas
No teu caminho sagrado,
O poeta abençoado
Deste império de Cabral.

Salve! Amigo, salve atleta,
Salve! Cantor brasileiro,
Salve escritor feiticeiro
De Castro Alves⁷, - irmão
Tu que com a pena atravessas
Os infinitos espaços
Deixando brilhantes traços
Da soberba inspiração.

1874
Pinto Monteiro

⁷ Castro Alves (14 mar. 1847 - 06 jul. 1871) é um dos mais importantes poetas românticos brasileiros. Pela data de escrita ou de publicação, não é possível identificar se o poema foi feito em alguns dos aniversários de sua morte, ocorrida alguns anos antes.

Cantos e flores⁸
(À minha esposa)

Felicidade, és o sonho do crente,
És a chispa de um crânio inspirado;
Tu habitas ao lado do esposo
Que se embebe num culto adorado.

Quando após os enganos do mundo
Foge o tempo a febril mocidade,
É no lar, entre afagos e amores
Que se encontra a gentil f'licidade!

Não me embalam quimeras falazes,
Desse egoísmo da terra que ilude;
Tenho os beijos dum ente querido
Que me inspira co'a luz da virtude!

Se infeliz pranteei isolado,
Sem ventura, proscrito de amores,
Vivo agora de todo esquecido,
Reclinado num leito de flores.

É bem doce escutar-se as carícias
De uma esposa dileta querida,
Cujo encanto transforma em venturas
As maiores tristezas da vida.

Há seis meses que vivo ditoso
Entre sonhos celestes de amores,
Derramando a seus pés peregrinos
De minh'alma as puríssimas flores!

Pinto Monteiro
Rio Grande, 1877

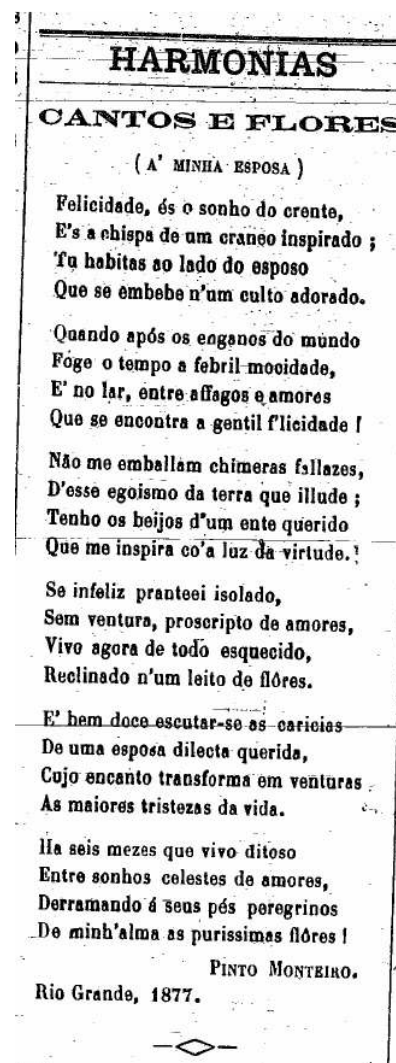


Imagem parcial
da página do poema

Minha terra⁹
Ao amigo e poeta Lobo da Costa

*Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
- É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: - não tem rival!
Casimiro de Abreu¹⁰*

⁸ *O Trovador*. Pelotas, 29 abr. 1877, n° 3, ano II, p. 2.

⁹ In COSTA, Lobo da. *Flores do campo*. Pelotas, Rio Grande: Livraria Comercial, 1904. p. 83-84.

¹⁰ A epígrafe é a estrofe final do poema homônimo de Casimiro, extraído do livro *As primaveras* (1859).

Minha terra é o velho mundo,
Mundo de amor sem igual.
Tem primores, melodia
Nas horas do fim do dia,
Em noites de calma...
Minha terra é - Portugal.

Não há terra mais formosa
Do que aquela em que nasci.
Tem rouxinóis que descantam.
Roseiras que se levantam,
E monumentos que encantam
Plantados no chão de ali.

Nem a América nascente
Tem tanto brilho e fulgor:
Minha terra é um paraíso,
De Deus mimoso sorriso,
Em tudo ali eu diviso
Graça, beleza e primor.

Os seus filhos são valentes,
Que o diga o cerco de Ormuz¹¹;
São soldados destemidos,
Na luta nunca vencidos,
Que se não prostram rendidos
Senão diante da cruz.

Onde um mais alto portento
Do que a serra do Pilar?!
O Douro não tem irmão,
É livre, correndo então,
Porque não teme o grilhão
Que vão-lhe aos pulsos lançar.

Portugal é minha terra,
Terra de amor sem igual!
Ali as aves suspiram.
E as aragens que deliram
Aos infinitos atiram
Os seus hinos - Portugal! *

¹¹ Durante as grandes navegações, Ormuz era uma importante ilha do Golfo Pérsico (hoje pertencente à Goa, Índia) no comércio da Europa com Arábia, Pérsia e Índia. O cerco de Ormuz foi uma batalha marítima ocorrida de 11 a 24 de fevereiro de 1625, na qual Portugal retomou a posse da ilha, invadida por tropas anglo-holandesa em 1622.

* Nota original do autor: “Para que os leitores conheçam a poesia que inspirou a Lobo da Costa os patrióticos versos com o título ‘Minha terra’, juntei à presente edição a inspirada poesia de Pinto Monteiro, como se verifica acima. Agradeço à Exma. Sra. D. Julieta de Melo Monteiro a gentileza de me haver fornecido cópia dessa excelente poesia. F. DE PAULA PIRES” (COSTA, 1904, p. 83).

13. POEMAS DE ROCHA GALO EM PERIÓDICOS

Num álbum¹

I

É triste a natureza deste ermo,
 onde a alma esmorece;
 Não suspira a folhagem ao meigo afago
 Da brisa que resvala à flor do lago,
 quando o dia fenece.

II

Nem canta o sabiá nas longas noites
 em que a lua desmaia;
 Não palpita indolente o vítreo seio
 Da onda, que num casto desvaneio²
 expira sobre a praia.

III

Que deserto, meu Deus, que solo estéril,
 varrido dos tufões,
 Nas areias, o sol incende a chama,
 Que cresta a pobre flor e o ar inflama
 nas quentes estações.

IV

E onde a poesia destes lares,
 à hora do sol posto?
 Um crepúsculo aqui é mais sombrio
 Que um riso a despontar árido e frio
 palidez do rosto.

V

Bem como o ermo descrito,
 Meu seio só tem ardores,
 Centelhas de fundas mágoas
 Que crestaram as flores
 De minhas aspirações;
 Saudara o sol da esp'rança
 Nos horizontes da vida,
 Se minh'alma dolorida
 Tivesse ainda ilusões.

Mas sem essa linda c'roa
 Que do vate a fronte enflora,
 Que posso deixar nas páginas
 De vosso álbum, senhora?!

Deixo um nome sob um treno³
 Que minhas mágoas traduz,
 Como um goivo que viceja
 À sombra de uma cruz.

Santa Isabel, janeiro de 1874
 José Antônio da Rocha Galo

¹ *Eco do Sul*. Rio Grande, 11 jan. 1874, n° 08, p. 1.

² Desvanecer é dissipar e esvanecer-se, portanto desvaneio seria variante de desvanecido e não de devaneio (caprinho da imaginação, fantasia).

³ Treno é, conforme o *Aurélio eletrônico*, um canto plangente; uma elegia.

Languidez ⁴

Eu sou moço, meu Deus, porém eu vejo
Que minh'alma resvala na tristeza,
Como o cisne vogando⁵ à flor do lago,
Levado sem sentir à correnteza.

É por isso talvez, qu'eu amo a lua
E o suave palor⁶ de sua tez,
Porque caso as tristezas de minh'alma
Com a sua dormente languidez.

Meiga virgem do céu, desata as tranças,
Que eu quero adormecer nos teus palores;
Os teus raios talvez, passam no seio
O negrume desbotar de minhas dores.

Magnólia celeste, os teus perfumes
São as ondas de luz que tu derramas,
Só os sentem minh'alma, quando à noite
Encontra a embrihez⁷ em tuas chamas.

Quero os sonhos da minha juventude,
Adormido aqui aos teus clarões;
O passado não volve, mas é belo
Revê-lo no tropel⁸ das ilusões.

Vem ó lua, gentil, banha-me a fronte,
Desata no meu seio a tua trança
Porque amo os teus pálidos reflexos
Como raios do astro da esperança.

Santa Isabel, janeiro de 74

Desafogo ⁹
(Humorística)

Amei-te outrora, é verdade,
Com esse amor violento
Que nasce no pensamento
Mas não fere o coração
De tuas formas airosas
A fantasia foi presa;
Amando a tua beleza
Cede à fascinação.

⁴ *Eco do Sul*. Rio Grande, 18 jan. 1874, n.º 14, p. 2.

⁵ Vogar: deslizar na água

⁶ Palor: palidez

⁷ Embriaguez: êxtase

⁸ Tropel: desordem

⁹ *Eco do Sul*. Rio Grande, 25 jan. 1874, n. 20, p. 1.

Não penses que deslumbrado
 Pelo brilho de teus olhos
 Me ferisse nos abrolhos¹⁰
 De uma espinhosa flor.
 Na ilusão dos sentidos
 A razão foi providente,
 Mostrando que és um ente
 Que não conhece o amor.

Não te crimino por isso
 Inda és muito criança;
 Canta, folga, ri e dança,
 Que o teu viver é assim,
 E mais tarde quando a alma
 Sentir sede de amores,
 Se buscares amadores
 Recorda-te só de mim.

Neste século, menina,
 É *egoísmo* convenha,
 Querer que uma moça tenha
 Um namorado *somente*.
 Mas se vamos em *progresso*
 Não devemos ser *carranças*¹¹,
 Abaixo velhas *usanças*¹²,
 Namore-se a toda gente.

Mas por hora não te envolvas
 Nas procelas amorosas,
 Ai, não desfolhes as rosas
 Do teu pudor virginal.
 Estuda primeiro o século,
 Onde, para bem viver-se,
 É necessário saber-se
 Distinguir o bem do mal.

É um conselho prudente
 De quem bem conhece o mundo,
 - Este oceano profundo
 Em que mareando vou;
 Não te fies em mancebos
 Que fazem juras ardentes;
 Pra variar, esses entes,
 São volúveis como eu sou.

.....
 Amei-te outrora, é verdade,
 Com esse amor violento,
 Que nasce do pensamento
 Como a lava do vulcão.
 Se seguires meus conselhos
 Pode, em dias felizes,
 Esse amor criar raízes
 Neste duro coração.

Santa Isabel, janeiro de 74

¹⁰ Abrolhos: planta rasteira e espinhosa e, por extensão, um espinho qualquer.

¹¹ Carrança: pessoa apegada ao passado.

¹² Usança: hábito antigo e tradicional.

Chorar!...¹³

Possam meus prantos orvalhar as flores
Da murcha c'roa d'ilusões já frias,
Quando a saudade me pungir¹⁴ o seio,
Lembrando os gozos de passados dias.

O pranto é gota de um orvalho santo
Quando das faces no palor reluz;
Sente-se alívio no chorar, embora
Seja abraçado no martírio a cruz.

Choram as brisas na floresta escura,
Choram as aves como o gemer das fontes,
Quando o crepúsculo se avizinha¹⁵ lento
E o sol s'esconde por detrás dos montes.

A vaga chora no areal deserto,
Vertem as flores o vaporoso pranto,
Se o dia exala no horizonte infindo
A nota extrema de seu belo canto.

E sob a copa do olmeiro umbroso¹⁶
Chora o regato dos murmúrios seus;
Doe-me deveras não sentir as faces
Também sulcadas pelos prantos meus.

É que a fonte desse puro bálsamo
Secou-a a fama de terríveis dores
Não poderiam reviver, meus prantos,
Das minhas crenças as pendidas flores.

Que desalento! Na manhã da vida
Sem fé, sem prantos, sem amor, sem luz!
Valha-me a esp'rança que o vivente encontra
Lá sob as plantas da funérea cruz...

Santa Isabel, janeiro de 1874

A virgem órfã¹⁷

la a noite em meio. Na rama da floresta
Suspirava docemente a branda viração,
Tremiam os castos seios das virgens da campina
Na volúpia dormente da grata emanação.

Um raio de luar pendia frouxo e lânguido
Sobre o colmo¹⁸ fumoso de solitário lar,
Corria fugitivo, ao pé, manso regato
E distante, o lago quieto a dormir.

¹³ *Eco do Sul*. Rio Grande, 25 jan. 1874, n° 20, p. 1.

¹⁴ Pungir: atormentar

¹⁵ Avizinhar: aproximar

¹⁶ Olmeiro umbroso: árvore que faz sombra, própria da Europa e ausente nos trópicos.

¹⁷ *Eco do Sul*. Rio Grande, 05 fev. 1874, n° 28, p. 1.

¹⁸ Colmo: cabana

Eis que aos umbrais do pobre e ermo albergue
Assoma branca virgem envolta em níveo véu,
Afaga as negras tranças no seio palpitante
E crava os lindos olhos no vasto azul do céu.

Madalena contrita, os piedosos olhos,
Erguera-os no Calvário do Salvador à cruz,
E ela, visão pálida no seio do mistério,
Embebe-os langorosa na estrela que reluz.

Volve-os depois à terra e tímida percorre
Do horizonte claro, o dorso azul sem fim;
Um suspiro lhe entreabre a flor dos lábios
E a virgem cismadora; a sós, murmura assim:

"Estrela errante dos sendais celestes,
Gota mimosa de fulgente luz,
Do meu presente nos vergéis¹⁹ agrestes
Verte o teu raio em que Deus transluz.

Não me abandones deste abismo à margem
— Órfã e sem crenças no futuro meu;
Ampara a virgem na fatal voragem,
Branca açucena dos jardins do céu.

Dá-me a esperança que o teu brilho inspira
— O caos inunda de teus castos lumes;
— Bem pode a rosa que no ermo expira
Erguer a fronte a tressuar²⁰ perfumes.

Sou bela e moça, mas faminto abutre
Embebe as garras e meu ser consome,
Ai, esta hiena que o meu seio nutre
É um espectro que se chama — a fome.

À caridade do fiel que passa
Imploro a esmola que m'inflama o pejo,
Bem como à brisa, que veloz perpassa,
Pede a florinha receosa, um beijo.

E o pobre deixa sobre o meu regaço
Parte do pouco que o Senhor lhe deu:
Oh! A esmola é um santo laço,
Que liga o homem generoso ao céu.

Dá ouro o rico, se a destra estendo,
C'um riso torpe que m'inflama a tez,
Vaidoso, pensa que meu corpo vendo
Por esse ouro que lançou-me aos pés.

Jamais, da fome na voraz vertigem,
À vil riqueza estenderei a mão;
Não troco as flores da capela virgem
Por um pedaço de esmolado pão,

¹⁹ Vergéis: jardins

²⁰ Tressuar: suar muito

.....
 Estrela guia meus incertos passos,
 Se és centelha do Divino Ser,
 E da desonra nos lascivos braços
 Dá que a donzela senão vá perder."

.....
 Quando mais tarde na extrema do horizonte
 Romperam as névoas densas os clarões do dia,
 Uns pastores encontraram junto à pobre choça
 Estendida no solo, a virgem inerte, fria.

Santa Isabel, janeiro de 74

Repouso ²¹

Vou repousar debaixo do salgueiro,
 na triste solidão
 - viajero²² exausto de fadiga
 busca sempre a sombra que mitiga
 a frouxa lassidão.

Terei um leito mole de verdura,
 um teto de folhagem;
 por orquestra, o bosque que suspira
 - essa harpa que canta e que delira
 vibrada pel'aragem.

Sultão entre flácidas odaliscas
 viverei de perfumes.
 Se fujo deste sol que cresta²³ as flores,
 abraço-me²⁴ doutro sol — o dos amores —
 nos poéticos lumes.

Embalado por esta fantasia
 tranqüilo dormirei;
 E a sós, dos amigos deslembado
 as douradas delícias do passado
 contente sonharei.

Sonhar é ser feliz, reler a página
 de livro infantil,
 é passar do inferno ao paraíso
 ver o pranto secar, nascer o riso
 como um raio gentil.

Um sonho pra alma qu'enlanguesce
 é vida; pois não é?
 Embora reclinada a fronte ardente
 num colo palpitante e transparente
 de pálida Friné;

²¹ *Eco do Sul*. Rio Grande, 19 fev. 1874, n° 40, p. 1.

²² Viajante: que é dado a viajar, que viaja, viajante.

²³ Crestar: queimar a superfície, de leve, tostar; secar, queimar, por efeito do frio ou do calor.

²⁴ 'Abraço-me' no original, sendo improvável a atualização ortográfica para 'abraço-me'.

Muito embora aceso pelas larvas
 d'espumante licor:
 quando o corpo sem tino cambaleia
 e o lábio sedento tremeleia
 como flácida flor.

Esta vida não vale uma centelha
 do sol das ilusões.
 Existir é sofrer lento martírio,
 é a alma que padece de delírio,
 nas mundanas prisões.

.....
 Vou repousar à sombra do salgueiro
 no regaço do ermo;
 e ao doce murmurar das frias águas
 talvez um sonho acalente as mágoas
 do meu peito enfermo.

Santa Isabel, fevereiro de 1874.

A Caceli²⁵

Recordações do baile
 Na primavera da vida,
 na quadra das ilusões,
 o homem tem tantos sonhos,
 tem tantas aspirações...
 que, embora as tempestades
 lhe açoitem a esperança,
 logo após vem a bonança
 a embalar-lhe as visões.

Por isso não desespero
 de renovar os amores,
 o sentimento inspirado
 por teus olhos tentadores.
 Se imprevista discórdia
 se envolveu de permeio
 não esfriará neste seio
 os primitivos ardores.

Traidor não fui, bem o sabes
 que não podia trair,
 queria saber apenas
 se poderia fingir.
 Foi fatal o meu ensaio,
 nunca mais me meto nessas
 saiu-me o trunfo às avessas,
 e tu ficaste a sorrir.

Mas teu riso, Caceli,
 bem me dava a entender
 que buscavas, simulando,
 certas mágoas esconder.
 Não o negues, todos viram
 que até na contradança
 pedindo-te uma esperança
 nem quiseste responder.

²⁵ *Eco do Sul*. Rio Grande, 20 fev. 1874, n° 41, p. 1.

Perdoa-me, se ofendi-te
o coração tão sensível;
que eu fingia no baile
é coisa que foi visível,
perdoa, pois tu bem sabes
o que somos, nós rapazes.
Quanto ao fazermos pazes
não digas ser *impossível*.

Impossível é ouvir-te
e ver-te sem adorar-te,
é passar um só momento
sem as falas escutar-te.
Impossível é viver-se
sem tua imagem querida.
Impossível é a vida
do ente que não amar-te.

Santa Isabel - fevereiro de 74
Galo

Uma noite de luar ²⁶

I

Na face do lago que dorme indolente
Que linda sultana se embala a fulgir;
As tranças esparsas no colo tremente
São fios de prata
Que a bela desata
Morosa, a sorrir.

II

Que fadas aéreas de brancas roupagens
Perpassam acismando a noite ao luar
São gênios dispersos, são alvas miragens
Do Éden fugidas
Sem norte, perdidas,
Pairando do ar.

III

E as harpas dos bosques no coro dos ventos
Que notas exalam nas meigas canções
São hinos agrestes, suaves acentos
Nas asas d'aragem,
Saudando a passagem
Das lindas visões.

²⁶ *Eco do Sul*. Rio Grande, 24 fev. 1874, n° 44, p. 2.

IV

Que noite mimosa, que meigos fulgores
 No lago, no bosque, na lua e nos céus!
 Há vozes que cantam, que falam de amores
 E erguem seus hinos
 Nos lares Divinos
 Ao seio de Deus.

Santa Isabel, fevereiro de 1874

Minha terra ²⁷

*Todos cantam sua terra
 Também vou cantar a minha
 Casimiro de Abreu*

I

Portugal é minha terra,
 O berço de minha infância,
 Onde as flores dão fragrância
 Sob um céu da cor de anil;
 Tem penedias gigantes
 Em que serpeia a cascata
 E as suas noites de prata
 São iguais às do Brasil.

II

O sabiá, esse enlevo
 Da palmeira que flutua,
 Que geme ao palor da lua
 E canta ao nascer do sol,
 Lá não há; porém em troca
 Nos seus vergéis e campinas
 Suspira canções divinas
 O saudoso rouxinol.

III

Pelas horas do repouso
 Na rama dos arvoredos
 As brisas dizem segredos,
 As aves falam de amor;
 E aos pés do velho olmeiro
 A fonte chora queixumes;
 Cintilam fulgentes lumes
 Em cada fronte de flor.

²⁷ *Eco do Sul*. Rio Grande, 03 mar. 1874, n° 50, p. 1.

IV

Os seus bosques verdejantes,
As suas balsas e montes;
O gemer de suas fontes,
Que melodias não têm!...
A minha terra é sultana
Sempre bela e donairoso,
Que passa por mais formosa
Entre essas terras d'além.

V

Da princesa americana
Na soberba natureza
Não encontro mais beleza
Que lá, na do meu país,
A minha pátria é mais linda:
Tudo ali canta e suspira,
Se é verdade ou mentira
A saudade é que m'diz.

VI

Tenho saudades de tudo
Do meu lar hospitaleiro,
Té da sombra do pinheiro
A que brincava criança.
Ai! Esse tempo volveu-se
Com a página querida
Em que luz, amor e vida
Nuns risos de esperança.

VII

Essa época da vida
Fica impressa na memória
— Fragmento duma história
Escrita nos corações.
E a saudade que dói
No seio de quem almeja
É uma flor que viceja
Em todas as estações.

VIII

Bem hajas flor que me alentas
Com um raio de esperança
E transformas em bonança
A tempestade da dor.
Em paga de teus perfumes
Dou-te o meu pranto sentido
Esse orvalho decaído
Da alma do trovador.

IX

Dai, Senhor, que o peregrino,
 Sacudindo o pó da estrada,
 Vá repousar da jornada
 Sob seu teto natal,
 Que deixando meu exílio
 Onde me ralam pesares,
 Eu vá respirar nos ares
 Do meu velho Portugal.

Santa Isabel, fevereiro de 74

Adeus²⁸
 (A ela...)

*Num adeus brilhou-me a esperança
 Que no seio repousa;
 Não luzira se o eco se quebrasse
 Na pedra duma lousa.
 (Vozes d'alma - inédita - 8º autor)*

I

ADEUS é uma nota débil, trêmula
 A expiar nos lábios do proscrito,
 Que deixa o pátrio lar,
 Quando o barco veloz, soltando as velas,
 Vai no leito das ondas palpitantes
 As mágoas lhe embalar.

II

É a brisa suave da esperança
 Resvalando nas fibras, que estremecem
 À lânguida canção,
 E passa a tremer a fala incerta
 Ao delirante afogo²⁹ da saudade
 Que rala o coração.

III

É talvez um suspiro, um ai perdido,
 Modulando no lábio as melodias
 Da clave da dor,
 Como a folha perdida da ramagem
 Sussurra no ralar de seus lamentos
 Ao vento gemedor.

IV

No silêncio da cisma a alma chora
 Se a mente relê em sonho flácido
 O livro do passado;
 E a mágoa do brando pesadelo
 É triste como o ADEUS que balbucia
 O poeta exilado.

²⁸ *Eco do Sul*. Rio Grande, 31 mar. 1874, n° 73, p. 1.

²⁹ Afogo: sufocação, aflição, opressão, pressa.

V

É tocante o ADEUS da despedida
 Como a queixa da rolinha
 À hora do sol posto,
 Quando as sombras da lânguida tristeza
 Tresnoitam, como a nuvem da procela,
 Na alma e no rosto.

VI

.....
 Ao dizer-te esse ADEUS, ó meiga virgem,
 O sentir abafou-me a voz tremente
 E apenas murmurei;
 E Deus sabe que anseios dolorosos
 Que lamentos da lânguida saudade
 Sufocado calei.

VII

Quando a musa saudosa se reclina
 E na harpa da alma vibra as cordas
 E murmura um ADEUS,
 A esperança lhe vem calar as dores,
 E num beijo beber-lhe as puras lágrimas,
 — Esse orvalho de Deus.

VIII

Foi assim que no leito da tristura
 Dos vapores febris ergui-me a medo
 E pude respirar.
 A saudade dizia-me ADEUS chorando;
 A esp'rança: *espera! Que há de a virgem
 Em breve regressar...*

Santa Isabel, março de 1874

Poesia e amor ³⁰
 (Devaneio)

Visões que à noite, em densos vapores
 Nos sonhos de moço meu leito embalais,
 Sois filhas mimosas dos astros, das flores.
 Ou sombras errantes de gênios fatais?!

Acaso descidas no raio da estrela,
 Sois fadas aéreas, sois rosas dos céus?!
 Ao ver-vos tão pálidas, a face tão bela,
 Murmuro tremendo: *são filhas de Deus !*

³⁰ *Eco do Sul*. Rio Grande, 01 abr. 1874, n° 74, p. 1.

Por que tão volúveis fugis de meu leito
 Se os véus nevoentos a aurora descerra?!...
 A vida é um sonho na tumba desfeito;
 O sonho é a vida do vate da terra.

Eu quero no seio de jaspe³¹, celeste,
 A fronte cansada, sonhando, pousar,
 Embora uma crença na alma não reste,
 Se o sonho é a vida ... eu quero sonhar.

Oh! Vinde, miragens dos sonhos dementes,
 Na fronte do vate um beijo depor.
 Tão meigas, tão belas, de seios trementes,
 Sois vós, bem o sinto - *poesia e amor!*

Santa Isabel, março de 74
 José Antônio da Rocha Galo

Meu cantar...³²
 No álbum da exma. sra. D. M. E.

*Canta, canta, minha lira
 Até que a tristeza expire.*

Do lago ó face, que dormita inerte
 Voga a barquinha e o remeiro canta;
 No lábio frouxo as melodias tremem
 Bem como as vozes de uma harpa santa.

E a brisa passa a modular lamentos
 Na franja solta do cipreste erguido,
 – Lira vibrada por visões do espaço
 Descanta as trovas dum cantar sentido.

Na branda orquestra, do silêncio a meio,
 Quanta tristeza a resvalar não vai!...
 Meu Deus, os cantos q'despertam lânguidos
 Têm notas tristes como é triste um ai.

Minh'alma é ermo, soidão sombria
 Onde a tristeza vem cantar assim;
 Ai, bem me pesa desbotar os risos
 Do meigo livro de um querubim.

Embora!... Eu canto e de tristor enluto
 Da branca folha a virginal pureza;
 – Ave do monte a exalar queixumes
 Numa toada que imita a reza.

Assim nas horas do silêncio, à noite
 Vem ler as trovas de meu triste canto;
 Se as pobres notas te ecoarem n'alma
 Verte sobre elas teu mimoso pranto.

29 de abril de 74
 Rocha Galo

³¹ Jaspe: quartzo opaco, de cores diversas, sendo a cor mais comum a vermelha.

³² *Eco do Sul*. Rio Grande, 03 maio 1874, n° 100, p. 1.

A caridade ³³

Há uma chispa divina
 Que pende lá das alturas
 No imo dos corações;
 É uma pér'la que rola
 Do diadema celeste
 No seio das multidões.

Ela, filha do infinito,
 Traz a luz nas densas asas,
 Na fronte traz a bonança;
 Habitando o céu, a terra
 É irmã gêmea da *Fé*,
 Companheira da *Esp'rança*.

Para a mísera viúva,
 O enfermo e infelizes
 Que gemem na orfandade,
 Quando expira a esperança
 Abre os seios, dá conforto
Ela, a santa *Caridade*.

Caridade! Áurea centelha
 Que os desgraçados alentas.
 E lhes dás o pão e a luz!
 É por ti que Cristo expira
 E a Judéia contempla
 Madalena aos pés da cruz.

É por ti, que neste templo
 Se alçam agora altares
 Formados de corações;
 É por ti, que a turba ardente
 Saúda da arte os filhos
 Com sinceras ovações.

Albano³⁴, hoje erigistes
 Na alma do nosso povo
 Um monumento subido;
 Enxugaste o pranto amargo
 Da viúva e do enfermo,
 Do órfão, do desvalido.

Em nome deles que sofrem,
 Que vivem desamparados,
 Sem teto, sem luz, sem pão,
 Recebe, ó artista ingente,
 Nestes meus humildes versos
 Um sinal de gratidão.

Rocha Galo

³³ *Eco do Sul*. Rio Grande, 14 nov. 1874, n° 260, p 2.

³⁴ Conforme o *Eco do Sul*, este poema foi recitado numa festa, com 1.400 espectadores, em 12 de novembro de 1874 (quinta-feira) em benefício do hospital da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo. O espetáculo contou com a apresentação de artistas de circo, incluindo o sr. Albano Pereira, e o recital do poema "A caridade". A ordem carmelitana localizava-se, provavelmente, em torno da Praça Sete de Setembro.

Quando a aurora ressurgue³⁵

Quando a aurora ressurgue
Nas franjas do horizonte
Das flores a rubra fronte
Iria-se³⁶ a luz do sol;
E no regaço dos bosques
A natureza indolente
Abre os seios docemente —
Aos beijos do arrebol³⁷.

Refulgem trementes gotas
Na esmaltada folhagem,
Onde canta a fria aragem
Um poema festival.
O infinito desperta,
A noite foge, descora;
E tudo saúda a aurora
No seu trono matinal.

Assim as turbas saúdam
Ao astro-rei do proscênio,
Porque no brilho do gênio
Está um raio de Deus.
O talento ou é estrela
Que fulge na fronte humana,
Ou é uma lava insana
No crânio dos Prometeus³⁸.

Villareal, quando surges
No puro sólio³⁹ da arte
O povo para saudar-te
Atira-te as suas palmas,
E se teu lábio modula
Uma nota, uma harmonia
Fere, enleva e extasia
Até embotadas almas.

Oh! Tu sabes os mistérios
Que a arte no seio encerra,
Porque ela te descerra
O seu lutulento⁴⁰ véu;
Com um sorriso nos lábios
Escutas da turba o grito
Como a rocha de granito
A zombar do escarcéu.

³⁵ *Eco do Sul*. Rio Grande, 25 dez. 1874, n° 293, p. 1. Sem título no original, este poema foi declamado no dia 23 de dezembro, após a encenação da peça *As filhas de Eva*, em benefício do artista Sr. Villareal.

³⁶ Nesse caso, verbo derivado do substantivo íris; e não flexão do verbo ir (conjugado como ir-se-ia).

³⁷ “Arrebol” é a vermelhidão do nascer ou do pôr do Sol.

³⁸ Segundo a mitologia grega, Prometeu é o titã que roubou o fogo do Olimpio e o deu aos homens, ensinando-os a empregá-los, razão por que Zeus o castigou, acorrentando-o no cimo do Cáucaso.

³⁹ Sólio é sinônimo do trono, poder real.

⁴⁰ Lutulento significa algo que tem lodo; lamacento.

Avante, artista! Prossegue
Pela senda das vitórias,
Vai conquistar novas glórias
E tens no teu gênio fé;
Ant'ele curva-se o tempo,
Que tudo, tudo consome.
– Na França caiu Vendôme⁴¹
Mas gênio ficou de pé.

Criança⁴²

Criança! Tu és áureo reflexo
Deste sol que incende os horizontes
Da terra brasileira;
Tu és filho dos gênios das florestas,
E nasceste de um ósculo de fogo
Na frente da palmeira.

Embalado num berço de harmonias
Aprendeste o mistério do sublime
Na muda natureza;
E rolam mil poemas de ternura
Quando vibras o mágico instrumento,
Que as turbas embeleza.

Paganini⁴³ moderno, tens um trono
Em cada coração que aí palpita,
No seio deste povo;
Porque vale um trono - e opulento -
O gênio que espantando o Velho Mundo
Nasceu no Mundo Novo.

Como a flor que entreabre
Ao sopro das vibrações,
Teu gênio - raio sublime -
Iria-se nos espíritos
Aos ecos das orações.

E as turbas eletrizadas
Curvam humildes as fronteiras,
Para adorar esse astro
Que assoma luzente e puro
Da arte nos horizontes.

Criança, caminha avante,
Que o destino é caminhar!
vai, estrela americana,
A outros povos estranhos
Com teu brilho deslumbrar.

⁴¹ A única informação encontrada é de que Vendôme é uma coluna em Paris.

⁴² *Eco do Sul*. Rio Grande, 21 mar. 1875, n.º 65, p. 1. Sem título no original. Há a nota de que o poema foi recitado por um espectador que assistia de um camarote a apresentação ao piano do menino Maurício Dengremot, considerado gênio.

⁴³ Famoso violinista genovês, Niccolò Paganini (27 out. 1782 - 27 maio 1840) aprendeu a tocar com menos de seis anos e teria composto sua primeira obra aos oito.

Vai dizer-lhes na linguagem
Que tu sabes proferir,
Que o Brasil é berço enorme,
Onde a glória rasga ao gênio
As cortinas do porvir.

Paganini moderno, tens um trono
Em cada coração que aí palpita,
 No seio deste povo;
Porque vale um trono - e opulento -
O talento que espantando o Velho Mundo
 Nasceu no Mundo Novo.

Hora de tristezas⁴⁴
(A ela....)

Quando pender a lágrima furtiva
E o triste coração carpir saudades,
E no ermo relutarem teus lamentos
Como o pó no tropel das tempestades,

Quando, a resvalar em tua mente,
Perpassar o cadáver da esperança,
E a sombra gentil do teu passado
Surgir-te pouco a pouco na lembrança,

Ah! Não chores, mulher, que as tuas lágrimas,
Em meu peito sulcando o pó revoltado,
Podem reerguer do amor o Lázaro
No sudário mortal ainda envolto.

Como os prantos do céu revivem flores,
Que o sol matinal afaga e beija,
Aos teus prantos minha alma se ergueria
Como a rosa do prado que viceja.

Eu não quero gemer à noite escura,
Desta vida que queima como a larva,
As angustias cruéis que me ralavam,
Quando louco de amor por ti chorava.

Nem um ai, um suspiro ou um lamento
Descarregue o teu seio a dor afeita;
Pode um eco subútil dos teus suspiros,
Reboar no silêncio do meu peito.

Aí pousa em paz, e no mistério,
Um poema fatal de agudas dores,
- A mirrada coroa de esperanças,
Que terei ao bater por ti de amores.

Nesses restos minha alma se reclina
- Pobre sopro que sente e soluça -
Como sobre o sepulcro do finado,
Solitário cipreste se debruça.

⁴⁴ *Eco do Sul*. Rio Grande, 05 set. 1875, n° 202, p. 1.

Deixa, pois, que a pobre aí repouse
E descarte o poema da tristeza,
Como a ave no topo das ruínas
Quando dorme na terra a natureza.

Eu gosto de reler, no teu silêncio,
As folhas em que tu deixaste um rastro:
Para a noite profunda do meu peito,
Cada trova fulgura como um astro.

Não chores, meu amor! Se a dor sombria
Resvalar como a nuvem por teu seio,
Tu dirás sufocando o terno pranto:
- Fui cruel, ó meu Deus: porém amei-o!

E se acaso toca-me o som querido
O som dessa voz que meu ser prende e enleia,
Eu direi a soluçar em minha lira:
- “Infeliz! Eu a amo como amei-a!”

3 de setembro de 1875

O baile⁴⁵
(Recitativo ao piano)

Vai bela noite. Nos salões festivos
A valsa incende com delirar sem fim;
O riso é máscara sobre faces lindas.
- Ai, quanto é triste um gargalhar assim!...

Os seios arfam. De volúpia o gozo
Coram as frentes onde a febre vai...
Aqui, um moço a devorar ciúmes;
Além, a virgem sufocando um ai.

Quantos segredos sob a gaze branca
Das vestes alvas, que a donzela cinge;
Quando o mancebo, que jurou-lhe afetos
Por dar-lhe zelos dissimula e finge!

A mocidade que desabrocha em risos,
Abrasa o seio no vulcão da dança:
- Palpita o moço ao enlaçar a virgem,
E a virgem cora... estremece...e...cansa.

Depois o lábio tremeleia... fala
Solta um poema de eternal amor.
No fim da valsa o desengano surge...
- Calça-se ainda o sentimento em flor.

Ai, borboletas dos vergéis da vida
Fugi do baile, ao festival enleio!
Lá, onde a alma em sensações desperta,
Fenece a rosa do pudor em meio.

Quem, sobre as lavas do vulcão do baile
Não requeimará da pureza às galas;
Se as flores pendem dos regaços alvos,
E vão de rojo pelo chão das salas!

⁴⁵ *Eco do Sul*. Rio Grande, 19 set. 1875, n° 212, p. 1.

Bem como as flores pelo chão esparsas
 - Soltas as pétalas no tropel festivo;
 No pó, no lodo de um gozar lascivo.⁴⁶

.....

Vai bela a noite. A vertigem cessa,
 E as turbas cedem a voraz fadiga;
 Uns tem a alma de emoções repleta!
 Outros, nem sombra de uma crença amiga.

Geme o piano as derradeiras queixas...
 A festa acaba...é chegada ao fim.
 A aurora surge desbotando os sonhos.
 - Ai, quanto é triste despertar assim...

Rio Grande, setembro de 1875
 Rocha Galo

Não posso amar-te não... ⁴⁷
 (A P...)

Não posso amar-te não, frágil menina,
 Que saltitas nos jardins da mocidade.
 Descuidosa a sorrir.
 Manchará a candidez de tuas asas,
 Se o verbo do amor, meus lábios frios
 Ousassem proferir.

Não posso amar-te não, e sinto na alma,
 Desfeitos um a um todos os sonhos
 Que a febre despertou;
 Se amei...foi um riso de criança,
 Que a nuvem pesada do desgosto
 No lábio dissipou.

Não posso amar-te não, és meiga, és linda,
 Tens nas faces a cor do branco lírio,
 A pálida beleza;
 Mas não tens a volúpia que arrebatava,
 A doce languidez que dá mais graça
 A cândida tristeza.

Não posso amar-te não, virgem esquiva,
 Que tens o coração ermo de amores,
 Vazio de ilusões.
 Se não fosses tão meiga, ainda poderás,
 Incender-me na alma, que palpita,
 Milhares de vulcões.

Não posso amar-te não, tu és tão pura,
 Que receio manchar a flor mimosa
 De tua mocidade.
 Meu amor é veneno que fulmina,
 É o raio que pende quando ruge
 A rouca tempestade.

Rio Grande 26 de maio

⁴⁶ No original, esta estrofe tem somente três versos. Provavelmente, seja galha tipográfica.

⁴⁷ *Eco do Sul*. Rio Grande, 19 set. 1875, n.º 212, p. 1.

Indecisão⁴⁸
(A)

*Eu fujo de ti ver e busco a sombra,
Porque amo-te ainda como outrora.*

I

Nem um astro, sequer, na noite escura
Do bardo que definha no silêncio,
E nem pode chorar!
A esperança - cadáver macilento -
Resvalou-lhe um dia pelo cérebro
Em insano cismar.

E o bardo sorriu no lábio frouxo,
Tremeu-lhe o coração em alegrias
E pode suspirar...
Cantou como o cisne sobre o lago
Como a brisa nas harpas da floresta
Por noite de luar.

Sentiu o doce enlevo do futuro,
Esse raio gentil, bater-lhe a fronte
Cansada de penar;
Sonhou o paraíso sobre a terra,
Em um mundo de venturas, dos reflexos
De um lânguido olhar.

Desengano fatal!...Como a tormenta
Derruba o arvoredado da floresta,
Rugindo pelo ar,
Veio o sopro cruel do desengano
Abater as esperanças,
As crenças desfolhar.

II

Que resta desse passado
Onde ferveu a ilusão?
Nela só indiferença,
Nele nem mais uma crença,
Frio o pobre coração.

Torva nuvem de tristezas
Enluta nele o olhar;
Ela sorri indolente,
Vive feliz e contente;
Ele, triste, a suspirar.

A lira que teve cantos
- Suaves hinos de amor -
Geme hoje tristerosa,
Uma toada saudosa
Um misto de pranto e dor.

III

⁴⁸ *Eco do Sul*. Rio Grande, 26 set. 1875, n° 218, p. 1.

E, contudo, meu Deus, há um mistério
No olhar e nos gestos dele e dela!
- Talvez o do amor -
Quem sabe se por entre as cinzas frias
Há o chispa que incende mil venturas,
Após o amargor!...

Setembro de 1875.
Rocha Galo

O paraíso dos gatos⁴⁹

I

Ele era gordo e belo o gato do vizinho.
Filósofo profundo, o tal animalzinho
contava por paixões
afetos a seu dono e raiva dos ratões.
Cumpria o seu dever e nada mais queria
senão o que comer - o “pão de cada dia”.

Era um gato feliz. Mas uma certa vez
vi-lhe no ardente olhar aos lumes coruscantes
sinais de languidez...
uns vagos pensamentos, uns ideais brilhantes...
talvez uma paixão por uma ingrata,
a qual devia ser a minha bela gata.

Amaram-se ambos dois d’um modo já usado:
tiveram certo encontro à beira do telhado;
e como uma mulher quisesse dar-lhes pão
bastou-lhes um olhar, bastou-lhes um “miau”
para que abraçados
os gatos namorados,
ficassem mutuamente. - Ai! quase por um triz
levarem cacetada o Dante e a Beatriz.

O desconcerto fez com que o frio medo
lhes desse aos “rendez-vous” uns laivos de segredo,
o temeroso par desd’essa ocasião
baixou-se do telhado às cinzas do fogão.

E como é lei fatal em todos os “rabichos”
que “elas” venham a ter asnáticos caprichos,
a gatinha exigiu
certa coisa boçal a qual “ele” cumpriu:
por isso logo os dois sem a mínima detença
passaram da cozinha ao quarto da dispensa.

⁴⁹ *Diabrete*. Rio Grande, 14 nov. 1880, p. 6. Agradeço a coleta desse poema a Fernanda Ávila Branco, que o republicou em sua dissertação de mestrado *A presença e o papel da literatura no jornal caricato O Diabrete (1875-1881)*, defendida na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2005.

II

Faustosa habitação! - Um céu d'aristocratas -
viviam por ali os ratos com as ratas
naquela doce paz, suave prazenteira
de quem isento está da negra ratoeira,
se por ali houvesse uns zéfiros e flores
podíamos chamar-lhe... a "ilha dos amores".

Suspensos, oscilando, uns panos de toucinho
lhes mandam ao focinho
aromas delicados, uns cheiros provocantes,
que vibram nos amantes
da gala insaciável as torpes tentações
e lhe despertam logo instintos de ladrões.

Dos altos dos jiraus seduz-lhes a cobiça
a serpe tentadora - a rosca de lingüiça -
mas serpe sem maldade, imóvel, muda, só,
que não provoca nunca agitações do pó
como essa fera, bruta,
traidora, má, astuta
que a guerra, a fome, a dor e todo o negro mal
uniu, sintetizou, no erro original.
Mas seja como for e diga mal ou bem
gozava o par ditoso um verdadeiro Éden.

III

Os olhos a brilhar nos altos embebidos
fuzilam das pupilas uns ávidos lampejos
- cintilações febris das setas dos desejos
fazendo pontaria aos frutos proibidos.

A gata mais astuta enxerga sem demora
do vermelho "chouriço" a forma sedutora,
um chouriço que é a fala a língua da serpente!
Um chouriço que diz: "me comam, minha gente!"

E ... zás! ligeiramente, à tentação cedendo,
a Eva lança ao pomo as unhas aguçadas
e ferra-lhe ali mesmo as sôfregas dentadas.
Um resto que ficara, ainda se lambendo,
o deu ao companheiro,
dizendo-lhe: "miau!...miau! miau! miau!...
e que no português castiço, verdadeiro,
quer dizer: "toma lá; o fruto não é mau."

O gato inconsciente há cerca de três dias
andava a suportar da fome as agonias,
porque o ingrato dono,
por causa dos amores o dera ao abandono.
Passa ao dente agudo o fruto proibido
com ânimo sereno
sem saber, pobre Adão! que o pomo oferecido
tem rábido veneno.

.
 Tivera o despenseiro as “raticidas” ganas
 de dar severo exemplo às pobres ratazanas;
 mas quiseram os fados, os fados inconstantes,
 que fossem vitimados aqueles dois amantes.

IV

Nas entranhas do par, roendo os intestinos,
 a morte põe um ponto aos seus fatais destinos
 e arranca-lhes de lá entre hórridos calóricos
 em raivas moribundas uns uivos hidrofóbicos.

Na hora derradeira o gato diz à gata:
 “Maldita sejas tu, ó Eva, ó Eva ingrata!
 que extingues em mim a nobre geração
 de fidalgos felinos com tua tentação...
 arremessem teu corpo em leite podre, impuro
 e roa-te o cadáver o verme do monturo.”

E expirou. E assim
 Teve o amor dos gatos um desastroso fim.

V

Se Deus no Paraíso a Eva pecadora
 houvesse envenenado a fruta sedutora,
 bem como o despenseiro a minha gata fez,
 este mundo talvez
 não houvera saído assim do infinito,
 bandido, esfarrapado, espécie de precito.

Nem de voz eterna aos mágicos eflúvios,
 para punir o crime, as hórridas trapaças
 dos filhos de Israel - escrupulosas raças -
 fôra mister dilúvios.

A cena do pecado é um trabalho inútil
 no drama universal. Somente um gênio fútil,
 que deu-nos sol, calor, a chuva, neve e frio,
 podia assim perder o tempo e o feitio.

Se eu fôra há seis mil anos o velho Padre Eterno.
 só para não criar o mal, a dor, o inferno,
 que hoje tanto afligem a pecadora essência,
 teria posto termo aos terreaux derriços
 mandando pôr “chouriços”
 na árvore fatal chamada ciência.

14. POEMAS DE JOAQUIM DE ALMEIDA EM ANTOLOGIAS

Rimas ¹

Silêncio! Lá vem a noite
Desenrolando o seu manto;
Cessa das aves o canto
Em meio da sinfonia.
Ouve-se o rumor suave
Do ribeiro murmurante,
Que passa ao longe, distante,
Num choro de nostalgia.

Como o regato saudoso
Que chora o monte da crença,
Assim minh'alma suspensa
Chora também, sem cessar,
Os dias da leda infância,
Que passam sempre risonhos,
Entre brinquedos e sonhos,
Entre os folguedos do lar.

Mas é tarde, a noite é negra!
O céu é todo toldado,
Como a imagem do passado
Cheio de sombras e horror!
Já não há riso nos lábios,
Serena, tranqüila e calma,
A descrença entrou-me n'alma
Com sorriso zombador!

Joaquim de Almeida (Rio Grande)

Os teus anos ²

Ouve bem isto, querida:
- são como as folhas de outono
os dias da nossa vida!

Soltos no acaso dos tempos
na fúria dos vendavais,
impelidos pelos ventos,
vão, sim, mas não voltam mais!
E mais um ano passado
é menos uma ilusão!
é mais um sopro gelado
que nos queima o coração!

Joaquim de Almeida (Rio Grande)

¹ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1889*. Rio Grande: s/ ed, 1888. p. 93.

² *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1890*. Rio Grande: s/ ed, 1889. p. 93.

Orgulhosa³

Por que passas tão altiva,
tão esquiva,
desdenhosa e sobranceira?
Ah! Vaidosa,
julgas-te, acaso, formosa?
Pois não és:
és como a rosa,
que hoje fresca e petulante
no jardim
tem perfume embriagante,
mas, colhida,
já sem vida,
perde todo o odor que tinha...
És assim!

.

A formosura é efêmera,
tem mui pouca duração
Assim tu,
hoje linda,
amanhã,
já sem encantos na voz,
nem no rosto,
da existência ao sol posto,
nada tens... nem coração!

Joaquim de Almeida (Rio Grande)

³ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul 1891*. Rio Grande: s/ ed, 1890. p. 179.

15. CEDRIM ¹Pátria nova
(Lido ao borralho da casa paterna)

Foi esse o povo que se ergueu um dia,
Cheio de vida, glória e majestade,
Ao mundo proclamando a liberdade,
Entre sorrisos, festas e ovações!
E disse então para a Mãe-Pátria: -

Ó Lusos!

De ser teu filho, já me basta a glória;
Mas hoje eu quero o meu lugar na História
Entre as grandes nações!

Tu me doaste um território imenso,
Das mais fortes nações alta cobiça,
E me adestraste dos heróis na liça:
Das batalhas o sol viu-me o perfil!
Por seis vezes a França foi batida; *
Da forte Holanda se quebrou a sanha,
E foi vencida a poderosa Espanha
Nas terras do Brasil!

Sim! Que as grandes nações que o mundo admira
Ao Teu solo trouxeram a conquista,
Mas, o invasor, em pugna nunca vista,
Ante o pendão das quinas se abateu!
E nesta livre América fulgente,
O Luso solo imenso se desata,
Desde o Oiapoque ao majestoso Prata:
- Hoje este solo é meu!

É meu! É o patrimônio portentoso
Que me transmites em penhor de glória!
E que hei de sublimar perante a História,
Grande, impoluto, qual me vem de ti!
Hei de lembrar que nunca estranho em guerra,
Calcou impune as nossas plagas santas:
Seja que for, - há de cair-me às plantas!
- Hei de rever-me em Ti!

Hei de lembrar que Teu pendão sagrado
Jamais dobrou cerviz entre metralhas;
Se por vezes foi roto nas batalhas,
Logo em triunfo flamejou ao sol!
Hei de lembrar que tudo o que há de belo
E útil, no mundo conquistado - achaste,
Fauna e Flora, - ave e grão, - entesouraste
No meu país de escol.

¹ COSTA, Albino. *Cedrim*. 1. ed. Lisboa: José Bastos, 1915.

O livro contém prosa e poesia, com algumas divisões internas. Os poemas coletados, ou pela temática ou por terem sido escritos no Brasil, estão incluídos nas divisões “Pátria nova”, “Em país distante”, “Quinze anos”, “Santa Luzia” e “Alguns versos antigos” (p. 103-142). Outros nove sonetos incluídos nessa obra foram publicados também em periódicos, constando na divisão apropriada. A segunda edição é fac-similar, havendo porém a inclusão de outros textos analíticos e biográficos e a exclusão da “Errata” final.

* Nota original do autor: “Em 1526 Bahia, 1530 Itamaracá, 1565 Rio de Janeiro, 1615 Maranhão, 1711 Rio, 1809 Caiena.”

Potentados da Terra! Após a Rússia,
 Sou a nação maior que o mundo conta, *
 O meu corpo gigante se transmonta,
 Pelos dois hemisférios terrenos,
 Tendo o Cruzeiro ao Sul por sentinela;
 - Do céu Austral todo o esplendor eu tenho;
 As constelações do Ártico, retenho
 Nos brilhos zodiacais!

Rios maiores do que o Mississipi, ²
 Que o Nilo, o Yang-Tsi, meu seio banham;
 Florestas gigantescas se desenham
 Meu ar enchendo de virgínio odor...
 Mais de mil léguas de extensão no Atlântico,
 Costas e céus de uma beleza extrema,
 E tenho poemas onde chorou Moema, ³
 De saudade e de amor!

Cataratas maiores que a do Niágara,
 Nós possuímos as das Sete Quedas... *
 Que tesouros, ó Luso, nas devesas
 Do solo, achaste em veios e aluviões!
 Minha riqueza o mundo admira e inveja,
 Desde a montanha à profundidade da onda;
 - Pedrarias de Ofir e de Golconda,
 Encontrei aos montões! -

Raça indomável, única na Terra,
 De heróis, - guerreiros e navegadores -
 Se um dia a espada infame de invasores
 O Teu berço apagar d'entre as nações, -
 - Hás de encontrar na riba austral do Atlântico,
 A Alma da raça, a eternizar-te a glória:
 Dois monumentos imortais na História, -
 - O Brasil e Camões!

Dentro de um século cem milhões de bocas
 Hão de falar a língua que me deste,
 No meu Brasil que tanto engrandeceste;
 É nossa: o impô-la ao mundo cabe a nós!
 Tua raça, há de, em mim glorificada,
 Refluir sobre o meu ossário antigo:
 Berço da minha História, - épico abrigo
 Da alma de meus avós.

Cedrim, 1902

* Nota original do autor: "Em 1822".

² Referência a três rios famosos: o norte-americano Mississipi, o africano Nilo (o mais longo do mundo) e o asiático Yang-Tsé (terceiro do globo em extensão, com 6.379 km).

³ Referência à índia Moema, da obra *Caramuru*, de Santa Rita Durão (1729-1789), que se apaixonou por um europeu e, cheia de saudades, morreu afogada quando este retorna à sua terra natal.

* Nota original do autor: "As cataratas do Iguaçu excedem 11 metros a altura das do Niágara (60 metros contra 48,80), em desenvolvimento tem aquelas 2400 metros mais do que estas".

Em país distante

I

Tudo em redor de mim floresce lindo
 Neste país de Sonho onde eu nasci!
 Nas tardes de ouro desce o Sol sorrindo,
 E andam carícias pelo ar, fulgindo;
 Mas, faltas tu aqui!

Faltas-me tu, cujo amor realvorece
 Na miragem nevoenta em que eu vivi:
 Este tardio Sol, que inda me aquece,
 Derradeira ilusão, que em mim floresce,
 Vem-me toda de ti!

Parece-me... Olha, que ilusão dorida!
 Que ando sem alma, que a deixei aí!
 E em meio desta região florida,
 Falta-me tudo: ar, alegria, vida...
 Faltas-me tu aqui!

II

Ouço das aves as risadas finas;
 O Sol, de manhãzinha, me sorri!
 Mas o meu coração tem só neblinas,
 E penso em nossas filhas pequeninas:
 Penso nelas e em ti!

.....
 - Papá!... Parece ouvir-lhe a voz, bem alto,
 Chamar-me! E a maiorzinha: - Vem, Papá!...
 Tu, leve, sobre o berço, vais de um salto!
 E eu pulo logo, para ver, de assalto,
 Quem seu primeiro beijo colherá.

Por vezes, nossas bocas se encontravam,
 Na luta... Ai! Vida que eu vivi aí!
 Quando sua boquinha lhe beijavam,
 Vermelha e doce, - as nossas se encontravam,
 Esquecidas, em longo frenesi!...

Quanto milagre um puro amor opera!
 Que mutações de fulvo resplendor...
 Eu sentia-me em plena primavera,
 Como se aos meus vinte anos eu descera!
 E tu desceras aos teus quinze, flor!

Às vezes, é a filhinha que reclama:
 - Papá!... Mostrando-me a boquinha: - aqui!
 Na palma da mãozinha se derrama
 Um beijo... Tu sorris?... A doce flama
 Do puro amor, ficou contigo aí!

Outras manhãs, se enleia, na cortina,
 O Sol, teu corpo breve a desenhar,
 Sob a camisa de cambraia fina,
 Quando tu vais beijar a pequenina,
 Leve, sutil, por não me despertar!

Tudo acabou! Uns rútilos marejos
Orvalharam-lhe o olhar, quando parti!
No cais, das garças aos gracis adejos,
Os seus dedinhos me atiravam beijos...
Teu lenço, ao longe, na amplidão, perdi!

III

Saudade: o pobre coração, coitado!
Ficou contigo, em nossa casa, aí!
E eu, divagando, tão desconsolado,
Entre flores e festas, desolado...
Faltas-me tu aqui!

Cedrim, 7 - XII - 13

Quinze anos

Quinze anos! Nessa idade, em nossas almas,
Nem ressaibos de penas há, sequer:
Puro cristal, que tine e se ilumina...
- A gente sabe que não és menina,
- Sabe o poeta que vais ser mulher!

Trago-te flores; mas vê bem: são beijos
Que te procuram, matinais e frescos,
Como um leve voar de pombas mansas,
- Alguma coisa da alma das crianças,
Feita de aroma e luz: - madrigalescos!

Vem trazer-te lufadas de perfumes.
De manhãzinha, ao doce rosicler...
- Por que é que a flor ao lábio se reclina?
Dize-mo tu, que não és mais menina!
Dize-mo tu, que não és bem mulher!

A crisálida fez-se borboleta
Abrindo ao Sol sua asa multicolor...
Quinze anos! Mas nem sei se a lira tanjo!
É essa idade em que a mulher é anjo,
É nessa idade que a mulher é flor!

Perfumes, auras, ilusões, gorjeios,
Tudo em tua alma canta: assim Deus quer!
- Desabrochando, a flor fez-se criança;
- A criança a sorrir fez-se mulher!

Quinze anos: um vergel todo florido
Onde o aquilão de leve nem roçou!
Inda a prima ilusão não balbucia!
De efêmeras visões a romaria
Inda o teu coração não perturbou!

Quinze anos, que idade! Ah! Se pudesses
Viver somente nesse rosicler,
Entre albores da aurora que declina:
- Ditosa por não seres mais menina,
E por não seres ainda bem mulher!

Flores, filha... Colhi-as orvalhadas,
 Nessa hora em que a manhã desponta além!
 Elas vêm procurar teu lábio amigo:
 Falas? - Parecem conversar contigo!
 Ris? - Eu as vejo te sorrir também!

Poeta, em minha mocidade finda,
 Amo cantar da vida o pleno alvor!
 Dizer ao viço de celeste origem:
 - Guarda o perfume do teu sonho, ó virgem!
 - Guarda a pureza do teu brilho, ó flor!

Quinze anos, que ventura! Se pudesses
 Viver somente nesse rosicler,
 Entre alvares da aurora que declina...
 - Feliz, por já não seres mais menina!
 - Ditosa por não seres bem mulher!

Rio, 23-IX-1901

Santa Luzia

I

Santa Luzia, Senhora nossa,⁴
 Luz dos meus olhos, - sede meu guia!
 Tendes um nicho na minha choça,
 E no alpendrado da minha roça
 Um reverbera vos alumia...
 - Santa Luzia! Santa Luzia!

II

São tortuosas, hoje as estradas,
 De minha vida na romaria!
 Há treva e insônia pelas noitadas...
 E o vento frio das invernadas,
 A rosa esfolha na terra fria,
 - Santa Luzia! Santa Luzia!

III

Conheço uns olhos, tão luminosos,
 Que me roubaram a luz do dia...
 Que dois malvados! Que criminosos!
 Ou dai-me aqueles vulcões radiosos,
 Ou dai-me a dona para meu guia!
 - Santa Luzia! Santa Luzia!

IV

Náufrago lasso do mar irado,
 Por vós fui salvo da vaga fria!
 Sois o santelmo do extraviado...
 Dai-me a centelha do fogo alado,
 Dai a minha alma, paz e alegria...
 - Santa Luzia! Santa Luzia!

⁴ Como o poema demonstra, Santa Luzia é invocada como protetora dos olhos.

V

Daqueles olhos, Senhora Nossa,
Mandai-me a dona para meu guia!
Encher de lumes a minha choça,
Pois, no alpendrado da minha roça,
Um revérbero vos alumia...
- Santa Luzia! Santa Luzia!

Rio, 1895

O banho matinal

Alegre rompe a aurora, colorando,
Do mar e céu a imensa profundez;
Do azul, - na remotíssima devesa -,
A esteira do luar vai desmaiando!

Surge na praia a moça, e perscrutando
Da vaga glauca a leve correnteza,
Molha o pé, de mansinho, toda presa,
De insólito pavor... Ao longe o bando,

Da passarada, na floresta, acorda,
Saudando o dia... E ela, hesitante, à borda
D'água, estremece à luz que a ruboreja!

E no mar cobiçoso, enfim, mergulha...
Toda se entrega e brinca... Após, se embrulha
Depressa, antes que o Sol surgindo a veja!

Pelotas, 1887

Volti súbito

Vejo-o partir, na extensa curvatura,
Do cais, cortando as ondas fugidias,
'Té sumir-se por entre as serranias
Que a Guanabara esplêndida emoldura!

Vejo-o singrar na vaga que murmura,
Toucando d'alva espuma as penedias...
- Abrem alas as garças erradias!
- Some-se a esteira de nitente alvura!

Mas, no convés do barco inconsciente,
Acenou-me um lencinho alvinitente,
E um beijo salta de pequena mão!

- Guarda bem fundo, ó mar, esta lembrança!
Desde então nunca mais se fez bonança
Neste profundo oceano - o coração!

Rio, 1895

Consultas

I

Diz-me o Coração: Não partas!
 A Razão: Deixa-a partir!
 Ambos põem-se a discutir,
 Se deves partir, ou não!
 Vê que dura contingência:
 - Parte! A Razão me replica!
 - Não partas, ó bela, fica!
 - Fica! Diz-me o Coração!

II

Como queres que eu decida
 Este dilema assim posto?
 Eu, que vivi, tão a gosto,
 Tão feliz ao lado teu...
 Mas, se o dever implacável,
 Ordena, que vás-te embora...
 Por que consultas-me agora,
 Depois que a Razão venceu?...

III

Pensaste no lar que deixas
 Imerso em véus de tristeza?...
 - Vou deixar de ver-te à mesa,
 Bela, a meu lado, a sorrir!
 Posso eu viver, doravante,
 Desolado, frio e mudo?...
 Pensaste bem, nisso tudo,
 Antes do *laudo* partir?...

IV

Chamas a isto consulta...
 Como? Se és tu que respondes!
 E os belos olhos escondes,
 Na breve, pequena mão!
 Mas, se eu não posso deter-te,
 Parte, pois, anjo querido!
 - Meu Coração foi vencido!
 Tu venceste: - És a Razão!

Porto Alegre, 6-VI-1897

O enfermeiro

Tens o teu frágil coração tão cheio,
 De mágoas e de dor,
 Que ao ver-te aflita assim, tenho receio
 Que estale como um coração de flor!

Tuas lágrimas são doridas pérolas
 Que de teu seio exôdas...
 Pudesse eu ir sondar as urnas cérulas
 Do coração, e as enxugara todas!

Qual médico solícito, eu iria
 Curar todo esse mal!
 E nunca mais a dor represaria;
 Que eu lhe estancara as fontes de cristal!

Deixa que o Sol fecundo da alegria,
 Que reverdece o galho,
 Volatilize a tua dor sombria,
 Como nas folhas se dilui o orvalho!

Banhe um sorriso essa alma tão magoada,
 Numa sagrada unção!
 Por não quebrar-se a urna delicada
 Desse tão doce e frágil coração!

Eu, que procuro diluir-te a mágoa,
 Ó carinhosa flor!
 Também os olhos tenho cheios de água
 E rio para minorar-te a dor!

Rio, 189.

A vizinha da grade

*Não sou casado, senhora!
 Se a outra dei a mão,
 Dei a vós o coração.
 Bernardim Ribeiro ⁵*

Ouve, vizinha da grade,
 Que me olhas com tanto afinco,
 Não te rias, que eu não brinco,
 Falemos com seriedade;
 O amor diz sempre a verdade,
 E eu te amo... és bela a valer!
 Mas, tu deves compreender
 Que esse gradil, que aborreço,
 É invencível tropeço
 Que precisas remover!

Não desgostas que te eu veja
 O corpo branco e perfeito,
 Quando procuras o leito
 Que entre essas grades alveja...
 Pois, quem tanto te deseja,
 Pode lá tais coisas ver?
 É caso de enlouquecer,
 Ó vizinha! Ó tentação!...
 Tenho o pobre coração
 Louco por ti, podes crer!

Soubeste que sou casado,
 E desanimaste, então...
 Que tolice! O coração
 Não se fecha a cadeado;
 Não ponhas nisso cuidado,
 São coisas mui sem valor;
 Pois tu não sabes que o Amor
 É livre como a avezinha?
 Não penses nisso, vizinha,
 Cuida de coisa melhor!

⁵ Poucas obras do português Bernardim Ribeiro (1482? - 1552?) chegaram ao presente: cinco écloas, uma sextina, a novela *Menina e Moça* (1554) e doze poemas incluídos no *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (1516). Os temas das suas obras andam à volta da infelicidade amorosa.

Vizinha! Por caridade
 Escuta: - vê, com afinco,
 Se encontras um fecho ou trinco
 Para abrir a tua grade...
 Eu não nasci para abade,
 Nem sei amar sem proveito...
 Dona do corpo perfeito,
 Não nos fica bem andar,
 Não, eu a olhar, tu a olhar...
 Não pode ser, nem tem jeito!

Sim, não tem jeito. Acho feio
 Mantermos um vão namoro:
 Verem todos que te adoro...
 Que tolice! É devaneio.
 Pois, ver-te despida a meio
 Quanto te vais a deitar...
 Que lucro eu, só em fitar
 Teu corpo de névoa clara,
 Se a grade que nos separa
 Não podemos arrancar?

Incoerência

- “Falam de nós... Está tudo acabado!”
 Indignada, me dizes gravemente,
 Mas vê, por Deus, ó coração ardente,
 Como acabar, se nada há começado?!

Há punições, no teu olhar magoado,
 - Ó cabecinha esplêndida, incoerente! -
 Considera que sendo tu inocente,
 De que delito posso eu ser culpado?...

Que fazer, se a calúnia nos oprime?
 Como fugir ao imaginário crime,
 Quando, sem crime, foste condenada?...

Mas, pensa bem, ó bela delinqüente:
 Se te puniram, sendo tu inocente,
 Mais vale a punição, sendo culpada!

Porto Alegre, 5-VI-1897

A costureira

Os teus braços estão exaustos de canseira...
 Põe de parte a costura!
 Eu tenho, no meu peito, ativa costureira,
 Que leva a casear, durante a vida inteira,
 Na minha sepultura!

Observa, meu amor, observa: Espontando,
 No coração, que é teu, vê tu como trabalha,
 Dia e noite, contando os anos e os minutos!
 Da mocidade colhe os saborosos frutos,
 Os dias encurtando...
 E tu sabes, da vida, o que ela vai talhando?...
 - É a minha mortalha!

III

Põe de parte a costura!
É tempo, é tempo já, de vires repousar!
Esta existência, filha, unicamente dura,
Enquanto a caseadeira,
Que tenho dentro de mim, tomada de canseira,
Tendo pronta, bem pronta, a minha sepultura,
Me mande descansar!

Porto Alegre, 12-VI-1897

16. AS EPOPÉIAS DA RAÇA ¹A EPOPÉIA DO AZUL
(PRIMEIRA PARTE)

*O meu poema tende a instruir os homens.
Homero, Iliada, Diálogo com Melingense*

*Os poetas são oráculos e cridos pelo povo, e eu me fiz poeta para
ensinar a verdade e ser crido.
Homero, idem.*

I

- Vamos, Gago Coutinho! Apresta o teu sextante²,
Antes que outra nação faça voar, adiante,
Por sob o nosso céu sagrado a antena d'ave,
A silhueta azul de uma estrangeira nave...

Há aprestos febris, faíscam forjas de aço,
Hangares abrigando as grandes naus do espaço.

Páreo de nações... Nós, de uma arrancada só,
De uma escalada ao céu qual não sonhou Jacó,³
Deixando Prometeu⁴ agrilhado ao rochedo,
- pois luso coração nunca soube o que é medo -
Iremos, os dois sós, num *raid* sem igual,⁵
À conquista de céus para o país natal!

Mundos, não os há mais, já hoje, a descobrir,
Mas, o infinito azul, no infinito porvir...

Caravelas de antanho!... E o nosso avião, que passa!
Fundam-se em bronze a arder na unidade da raça,
Numa epopéia só, sem outra igual no mundo!
Do mar o abismo atrai para o do céu mais fundo...
Caindo, - fique o gesto, o ímpeto, a memória,
Nosso nome a ancorar dentro da pátria história!

*

Vencendo, - Portugal, sobre imortais ações,
Retome o seu lugar de líder das nações!
Ícaro⁶ não voou; teve somente o gesto...

Ninho de águias, no hangar, estronda, formiga o apresto,
Numa ânsia de voar, onde ninguém subiu!

¹ COSTA, Albino. *As epopéias da raça*. Rio de Janeiro: O Farol, 1922.

² Sextante é um instrumento ótico constituído de dois espelhos e uma luneta astronômica presos a um setor circular de 60° (um sexto de uma circunferência) destinado a medir a altura de um astro acima do horizonte. Adaptado para viagens aéreas por Gago Coutinho (Lisboa, 17 fev. 1869 - 18 fev. 1959), foi usado até os anos 70 nos aviões comerciais. Aprestar, no mesmo verso, significa aprontar, prover do necessário.

³ Narra a Bíblia (Gênesis, 28, 10-13), que Jacó “viu em sonhos uma escada, que tocava no céu, e os anjos de Deus subindo e descendo por esta escada”.

⁴ Segundo a lenda contada por Hesíodo e Ésquilo, Prometeu, contrariando Zeus, deu o fogo aos homens. Seu castigo foi ficar preso num penhasco com o fígado sendo comido todo dia por uma águia, já que à noite o órgão regenerava-se.

⁵ O estrangeirismo “raid” significa uma façanha aérea ou esportiva.

⁶ Ícaro é um personagem mitológico que tentou voar com penas coladas nos braços.

II

- Sacadura, urge voar! Já Read⁷ retribuiu,
Do Lavrador ao Tejo⁸ em vôo triunfal,
A visita da nau de João Corte-Real...ⁱ

Meu sextante está pronto, a velha balestilha,⁹
Podem soprar tufões, não perderei a trilha!
Exemplo, dado ao mundo: a prioridade é nossa!

É a raça - alma de Anteu¹⁰ - que vibra, que remoça,
Por mares e sertões... e pelo azul, triunfante,
A ensinar o caminho, guiam! Sempre adiante!

A nau de Cão¹¹, cortando a linha equatorial,ⁱⁱ
Apagou de Platão¹² o anel de fogo astral...ⁱⁱⁱ

Zacuto¹³, judeu luso, emendou Ptolomeu^{iv}
E d'Aily, Monterégio¹⁴, e, para medir o céu,
Corrigiu o astrolábio ao Gama¹⁵. Assim Cabral,
De secreto roteiro à mão, em rumo austral,^{16 v}
E em reta, a navegar por vagalhões de prata,
Marcou em Vera Cruz a latitude exata!

⁷ Sacadura Cabral (18 jun. 1881; 15 nov. 1924) era aviador desde 1916, na 1ª Guerra Mundial. O primeiro cruzamento do Atlântico Norte foi feito em 1919 pelo almirante americano A. C. Read, saindo de Rockaway (EUA) até Plymouth (Inglaterra). Em maio de 1927, Charles Lindbergh realizou o famoso vôo Nova Iorque-Paris, sem escala, num avião especialmente equipado, o Spirit of St. Louis.

⁸ Lavrador refere-se provavelmente ao termo usado no século XVI para as terras ao norte dos EUA. Tejo é um importante rio português, de onde saiu o hidroavião de Sacadura e Gago Coutinho. João Vaz Corte-Real, no verso seguinte, foi um cartógrafo que registrou a Terra Nova, atual Canadá, em 1472, antes de Cristóvão Colombo, portanto.

⁹ Balestilha, constituído de duas hastes cruzadas, foi um dos instrumentos náuticos utilizados no século XVI ao lado do quadrante e do astrolábio, sendo este último o mais usado. A posição do navio era obtida através da altura dos astros.

¹⁰ Anteu - por ser filho de Poseidon e Gaia, a Terra - era invulnerável enquanto mantivesse contato físico com sua mãe. Hércules lutou com ele e ergueu-o do solo; desprovido da ajuda de sua mãe, ficou indefeso nos braços poderosos do herói. Anteu é citado na passagem do nono círculo, na *Divina Comédia*, de Dante.

¹¹ Em 1482, o navegador português Diogo Cão assinala sua viagem à África com dois marcos, os primeiros portugueses no hemisfério sul. Diogo Cão foi também cantado no poema "Padrão", do livro *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

¹² Platão (Atenas, 428 a. C - 348 a. C) e Pedro d'Aily, citado na estrofe seguinte, mantinham a idéia de que haveria uma "zona de fogo contornando a Terra no Equador" (COSTA, P. 20).

¹³ Abraão Zacuto, astrônomo, é autor de *Almanack Celeste* ou *Astronômico* (manuscrito de 1473 e editado em 1496, em Leiria), corrigindo as dimensões da Terra proposta anteriormente (por Ptolomeu e d'Aily), baseado no uso do astrolábio, instrumento então inovador para o uso marítimo.

¹⁴ O astrônomo e geógrafo grego Cláudio Ptolomeu (90-168) é autor de *Cosmografia* e *Almagesto*. Pedro d'Aily é autor de *Imagus Mundi* (1410). Esses livros calcularam a circunferência terrestre como sendo menor do que a real, iludindo Colombo em sua pretensa viagem às Índias. Johannes de Monterégio (ou João de Monterregio) também editou obras com erros que foram corrigidos por Zacuto.

¹⁵ O navegador português Vasco da Gama (1469-1524) descobriu a rota marítima até as Índias, em maio de 1498 ao aportar em Calicute (costa ocidental da Índia).

¹⁶ Conforme o autor, "a atuação de Portugal, quanto ao Brasil, desde o descobrimento, foi toda secreta, clandestina; assim convinha às Razões de Estado" (p. 21). Austral refere-se ao sul. Vera-Cruz, na mesma estrofe, é um dos nomes anteriormente dados ao Brasil.

Pacheco¹⁷ descobriu as leis da gravidade^{vi}
 E das marés austrais a periodicidade;
 Copérnico tomou de Magalhães¹⁸ o traço,^{vii}
 O anel com que mediu outros mundos do espaço!

Nunes¹⁹ deu-nos o nônio... e eu dou o meu sextante,^{viii}
 Que nos fará rumar por esse espaço adiante,
 Por esse infinito ar, nunca dantes sulcado,
 Que o albatroz e o açor²⁰ jamais hão devassado!

Por lufadas hostis, corramos à vitória
 Ou à morte: - melhor! - a apoteose da história!

Entre os astros e o mar - penas não há nenhuma -
 Ou o triunfo, a glória! Ou a mortalha de espumas!

III Os rochedos de S. Paulo²¹

- Faça alto!... Quem vem lá!...
 Sentinela avançada
 Do gigante Brasil, fiel vedeta²², eu sou!
 Desde que a Atlântida²³ nas vagas naufragou,^{ix}
 Fiquei eu só, neste deserto, desolada...

Atalaia²⁴ ancorada, em guarda ao Equador...
 Colhi bênçãos das naus da insígnia do Senhor!

Nem as águias vêm mais hoje pousar em mim!
 E o mar, onde detenho o ímpeto do *Gulf Stream*,²⁵
 Destrói, pela sizígia²⁶, a ervinha da barranca...

¹⁷ Duarte Pacheco Pereira (português, c. 1460 - c. 1533), cosmógrafo e navegador, é autor de *Esmeraldo de situ orbis* (1505). Os versos fazem referência às principais descobertas divulgadas nessa obra.

¹⁸ Nicolau Copérnico (astrônomo polonês, 1473-1543) afirmou que a Terra move-se em torno do Sol - o sistema heliocêntrico deu início à Astronomia moderna - a partir das medidas obtidas por Fernão de Magalhães (navegador português, 1480-1521), que foi o primeiro a dar a volta ao mundo, possibilitando a medida geodésica da Terra.

¹⁹ Pedro Nunes (matemático português, 1502-1578), cosmógrafo-mor nomeado pelo rei D. João III, fez importantes estudos sobre as distâncias terrestres. Nunes é autor de, entre outros livros, de *Tratado da Esfera* (1537) e *De Crepusculis* (1542), e teria inventado o nônio, instrumento que ajuda a medir subdivisões de uma escala, através de uma escala que se move ao longo de uma escala fixa. Em nota original, o poeta erra as datas de Nunes e do francês Pierre Vernier (1580-1637), inventor do verniê, instrumento semelhante ao nônio, mas no qual é impossível a precisão nas medida decimais.

²⁰ Açor (*Accipiter gentilis*), ave de rapina que na época dos descobrimentos povoava os Açores. Hoje habita as florestas da Península Ibérica. Os gregos denominavam esta ave por "astéria", estrela luminosa, por causa da fris amarela doirada dos seus olhos, de cujo vocábulo procede o latino astur e o português açor.

²¹ O título do poema, assim como seu eu-lírico, faz referência ao Arquipélago de São Pedro e São Paulo, um conjunto de dez ilhotas oceânicas localizadas a nordeste de Fernando de Noronha, já no Hemisfério Norte.

²² Vedeta, na primeira estrofe, é a sentinela em lugar avançado ou alto.

²³ O mito de Atlântida, uma terra entre Europa e América que afundou, é inicialmente narrado por Platão. Em nota, Albino Costa expõe que "talvez estes rochedos sejam restos da Atlântida" (p. 21).

²⁴ Atalaia um posto de vigia com a função de defesa, a palavra deriva do verbo *Táleia*, que significa subir, vigiar, olhar ao longe, descobrir com a vista. Uma freguesia portuguesa, localizada na zona central do país, por ter uma atalaia no seu território, é designada também por Atalaia.

²⁵ *Gulf Stream*, ou Corrente do Golfo, é o principal sistema de correntes oceânicas do Atlântico Norte. No poema, os rochedos de São Paulo é que impediriam da corrente chegar ao hemisfério sul.

Um dia ²⁷ surge um barco à vela, muito branca...
Homens pisar-me vi pela primeira vez!
Plantaram uma cruz como a que no ar Deus fez;
Nela o escudo; e, um pendão cor do luar, à mão!
Com uma cruz da cor do sangue de falcão!

E partiram, hasteando aos ventos a bandeira,
Rumo ao Sul, a talhar a pátria brasileira!
A mais linda, a maior de todas... Ela encerra
Gigantesca, todo um nono do arco da Terra! ^x

Tubalcains ²⁸, Titãs, de esforço sobre-humano
Foram moldar nações nas forjas de Vulcano!... ²⁹

Mas, foi por mar, em naus, que esses homens vieram...
Vermes! Filhos da Terra, esses, bem sei quem eram!

Mas, tu vens pelo ar! Como a águia ou a andorinha...
Faça alto - quem vem lá! - Aqui é pátria minha!
É o portal de entrada... Faça Alto! - Quem vem lá!

.....
E tua asa quebrou-se em minha escarpa... Assim!
Continência que Deus mandou fazer a mim! ³⁰

IV Brasil

Pátria dos meus avós! Vejo-te a andar sozinha
Na pugna, entre as nações; a tua glória é minha!

É minha! Ela surdiu no bronze de um versículo
De Homero, que escreveu seu primeiro capítulo,
Quando o Éden colocou no *Último Pôr do Sol*, ^{xi}
Onde, em campina idil, mais se alinda o arrebol... ³¹

Dos fenícios, colheu a tradição, tão boa,
Que Ulisses, seu herói, veio fundar Lisboa, ^{32 xii}
Na Tubalândia ³³ azul das ínsuas perfumadas, ^{xiii}
Dos pomares sem fim e das maçãs doiradas!
Milagre de Astartéia ³⁴: era o país divino! ^{xiv}

²⁶ Sizígia é, na astronomia, a conjunção ou oposição de um planeta, especialmente a Lua, com o Sol, o que se observa no plenilúnio e no novilúnio.

²⁷ A estrofe refere-se à chegada dos portugueses na América, à colocação da cruz e do marco portugueses (escudo da cor do sangue).

²⁸ Provável referência à lenda bíblica de Tubal-Caim sobre o direito de espalhar pelo mundo.

²⁹ Vulcano, deus romano do fogo e hábil ferreiro, é também conhecido por provar que a habilidade técnica supera o valor individual.

³⁰ A referência nessa estrofe é o acidente sofrido em 18 de maio, que resultou no afundamento do avião Lusitânia nos “Penedos de São Pedro e São Paulo”. Conforme Areias, partes desse avião encontra-se hoje no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco.

³¹ Idílio é um amor terno e cândido, um sonho, uma fantasia. Alindar significa tornar lindo, embelezar. Arrebol é a cor de fogo que as nuvens tomam ao romper da aurora ou ao pôr-do-sol

³² Consta a lenda fenícia que Lisboa, nome derivado de Ulyssipoa, teria sido fundado por Ulisses.

³³ Tubalândia refere-se ao personagem bíblico (Gênesis, 4, 22) Tubal, neto de Noé, e que seria o primeiro rei lusitano e fundador de Setúbal. Ínsua é uma pequena ilha formada num rio.

Seu rebanho, talvez, urdiu o Velocino
Que Cánopus buscou na Cólchida do Poente...³⁵

Astor sem navegar, fugiu de Tróia ardente,^{xv}
Galgou o Hermínio, aquém, de onde Hércules, o eleito,
Fez no fundo do mar as Colunas do Estreito...³⁶

Deslumbra um rol de heróis em teu berço natal...
Já Viriato tratou Roma de igual a igual!

E a história do país que à luz surgindo vinha,
Antes, um milenar, de nascer Roma, é minha!^{xvi}

Minha e tua! Nasceu de apoteose e esplendores:
Homero e Camões são seus geniais cantores,
Um do teu solo amado. Outro da tua gente...

Homero - em que ilha achou sua Calipso ardente?
Camões - onde situou nossa Ilha dos Amores?³⁷
No fundo, ambos iguais. Os seus eternos poemas
Ligam-se em elos de ouro - a unidade dos temas...

No alto poeta do Cós, as naus proam para o Poente
D'além Calpe: ao Elísio, extremo Oeste; ao mar, rente,
Um cabo, um promontório: é o Sacro Promontório!³⁸

É Sagres! Onde o Infante erigiu oratório
A Netuno³⁹, prosseguindo a fenícia epopéia,
Três mil anos depois: a descobrir os mundos,
Toda a terra em redor, todos os mares fundos!
No mapa de André Bianco⁴⁰, o Infante, mão gentil,
Põe lá mais para o Sul a palavra Brasil...^{xvii}

*

³⁴ A nota do autor mostra que Astartéa é, segundo a mitologia, “a deusa tutelar dos fenícios”. (p. 22)

³⁵ A estrofe sugere que os fenícios (o rebanho de Astartéa) também buscaram o Velocino de Ouro, descrito no texto lendário *Os Argonautas* como um carneiro voador com o pelo de ouro. Jasão, com o auxílio de Cánopus, timoneiro do navio Argus, foi até a Cólchida do Poente, região asiática onde se achava o Velocino de ouro, e conseguiu obter seu intuito.

³⁶ Conforme nota do autor, Astor é o “cocheiro de Menon” (p. 22). Após a morte de seu senhor na guerra de Tróia, Astor desloca-se para Lusitânia e seu nome dá origem a região das Astúrias e a um afluente do rio português Douro. Hermínio é o antigo nome da serra da Estrela, em Algarve, Portugal. Hércules, herói da mitologia grega, teria aberto comunicação do Mediterrâneo com o Atlântico, criando assim duas montanhas - chamadas de Colunas de Hércules ou Colunas do Estreito - que ladeiam o estreito de Gibraltar.

³⁷ Homero (filósofo grego, século IX a. C.) e Luís de Camões (poeta português, 1524-1580) são autores respectivamente das epopéias *Odisséia* e *Os Lusíadas*. Calipso, personagem de *Odisséia*, é a ninfa que prendeu - com sua beleza - Odisseu por sete anos em sua ilha. A Ilha dos amores é citada nos *Lusíadas* também como um local aprazível e que não se consegue abandonar.

³⁸ Cós é uma ilha grega próxima da Turquia. O Monte Calpe formaria, junto com o Monte Abílio, as lendárias “Colunas de Hércules”. Elísio refere-se provavelmente ao Campo Elísio, o céu, lugar onde repousavam os heróis e as almas virtuosas. Camões, n’*Os Lusíadas*, situa-o, neste passo, na Península Ibérica, talvez por aproximação fonética com Lisa (ou luso). Ver nota acima, sobre o texto de Homero.

³⁹ Os versos referem-se à escola de Sagres, construída para desenvolver as navegações portuguesas. Metaforicamente, a escola seria um oratório a Netuno, deus do mar, e seguiria o ímpeto fenício de navegar.

⁴⁰ André Bianco é o cartógrafo que, no seu *Atlas* de 1436, registrou a existência do Brasil junto a descoberta das Antilhas e do Mar dos Sargaços. Em 1448, registra que o Brasil está a 500 milhas entre as ilhas de Cabo Verde e o Cabo de São Roque.

Camões cantou o Gama, o Ulisses lusitano,
 Que foi do Capricórnio ao Calicute indiano,
 De Ofir de Salomão à Áurea Chersoneso,⁴¹
 Deixando todo o Oriente ao Ocidente preso...
 E, escalonado por padrões do Escudo, a Esfera!⁴²

Que raça! A gente de hoje é como dantes era...
 É o sangue fenício a arder dentro da raça!
 Gente de terra e mar... e do ar! Só Deus a enlaça.

Raça! Deste o primeiro homem que voou no espaço!
 E os que, contra os tufões, voam como águias de aço:
 - Gusmão, Santos Dumont, Cabral, Gago Coutinho -⁴³
 Só podiam nascer entre o Uruguai e o Minho!⁴⁴

.....

Gondoleiros do Ideal! Ide ao Além... Vogai!
 Fala Alguém a Moisés das névoas do Sinai...⁴⁵
 País em flor, país do Sonho - a Promissão... -
 Tendes a sarça ardente em vosso coração!

Brás Arantes... A Ipeca espera ainda o outro beijo...^{xviii}
 Frei Henrique benzeu-o ao divinal lampejo
 Da cruz: missal aberto, hóstia erguida... Ipeca,
 À missa florestal sob uma linda areca,⁴⁶
 Ajoelha e cora... A virginal liga quebrou-se!...^{xix}
 Primeira comunhão da raça consumou-se...
 Na apoteose do sol!

Um hino ao longe ecoou
 Na selva imensa, em verde mar, nas naus à vela...
 O céu, cúpula azul, abre infinita umbela,⁴⁷
 Ao inúbio racial que Deus abençoou!

⁴¹ Os versos fazem referência às viagens pretendidas ou feitas por Gama. No século XV, buscava-se a localização de Ofir, ilha de areias de ouro onde estariam as minas do rei de Salomão.

⁴² Nessa estrofe, Vasco da Gama é comparado a Ulisses devido a suas longas viagens pelo mundo. Os navegadores costumavam deixar padrões (marcos) com o escudo português por onde passavam, “escalonando” assim a Terra inteira (a “Esfera” no poema).

⁴³ Bartolomeu Lourenço de Gusmão (brasileiro, 16??-1724), inventor e sacerdote, é cognominado o “Padre Voador”. Foi suspeito aos olhos da Inquisição o seu próprio invento, pois nele perceberam obra de feitiçaria. O seu maior mérito está em haver sido o primeiro homem do novo mundo a apresentar um grande invento. Alberto Santos-Dumont (aviador brasileiro, 1873 - 1932) é considerado como o pai da aviação. Os dois últimos nomes referem-se aos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

⁴⁴ Uruguai é um rio localizado no extremo sul do Brasil e Minho é um rio localizado no extremo norte do Portugal. A expressão reúne, portanto, os territórios de Portugal ao Brasil.

⁴⁵ Monte Sinai é, no Êxodo bíblico, o local onde Moisés recebeu os dez mandamentos. Promissão, no verso seguinte, é o paraíso, a terra prometida por Deus a Abraão. Sarça ardente, nos versos seguintes, refere-se a cena bíblica (Êxodo 3, 2-4) em que Deus aparece para Moisés sob a forma de uma arbusto em chamas, avisando-lhe da sua missão divina.

⁴⁶ Conforme o autor, Ipeca, filha do cacique, “foi o primeiro coração de virgem americana que se abriu a um coração de Europeu, ou melhor, a um Português” (p. 23), o de Brás Abrantes, português da frota de Cabral. O Frei Henrique Coimbra, que realizou a primeira missa em 26 de abril de 1500, teria abençoado o breve namoro, já que o casal foi separado após oito dias, quando Brás Arantes voltou para Portugal. Areca refere-se à arequeira, um tipo de palmeira de origem asiática e portanto inexistente na primeira missa ocorrida no Brasil.

⁴⁷ Umbela é um pequeno pátio redondo, guarda-sol, sombrinha.

.....

E a raça fez Montijo, Luanda e Tuiuti, ^{xx}
Bahia, Itororó, Bussaco, Levantie! ⁴⁸

Raça que, em teu avião, tem seu augusto expoente
Os dois heróis que vem, nesse vôo imortal,

Peito ao sol, pelo azul, trazer-nos, sorridente,
O grande coração de todo Portugal....
Beijar a pátria irmã, que no Brasil formou!
Cantar na mesma língua em que Camões cantou,

Que, do Minho ao Chuí, ⁴⁹ a terra e o mar domina: ^{xxi}
A grandeza comum de seus heróicos filhos -
Na história, que a não há, de tanto lustre e brilhos...

Evoé! Cabral! Coutinho! Eu vos saúdo... Glória!
Vosso raid ao Brasil é a sagração da história!
É a posse do espaço e a do Céu, todo inteiro:
Desde o cristal do Tejo, que a Grande Ursa ilumina,
À Guanabara azul, onde brilha o Cruzeiro! ⁵⁰

Rio, 17 - VI - 1922

(Recitada na grande Sessão Cívica celebrada em homenagem ao Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral no Teatro Lírico, na noite de 22 de junho 1922, pelo artista do *Orfeão Português*⁵¹, Sr. Saul de Almeida. Publicada na íntegra no *Jornal do Comércio* do dia seguinte.)

⁴⁸ Em nota, o autor mostra que são sete batalhas vencidas conjuntamente por brasileiros e portugueses, como “heróis da raça” (p. 24). As batalhas de Montijo (1643) entre Portugal e Espanha, e de a Bussaco (1810), nas guerras napoleônicas, haveria brasileiros no lado português. Bahia refere-se à expulsão dos holandeses (em 1624), ajudada por um comandante português. As batalhas de Tuiuti (em nov. 1867) e de Itororó (em dez. 1868), na Guerra do Paraguai, teriam contado com a ajuda de portugueses voluntários. Luanda foi reconquistada com a ajuda de “português nascido no Rio de Janeiro” (p. 24). Em 1914, “Levantie ou Armentières, em que 7000 portugueses” (p. 24) ajudaram a Inglaterra a resistir ao exército alemão.

⁴⁹ Assim como o Uruguai e o Minho, citados nos versos acima, a metáfora pretende tratar os territórios português e brasileiro como um só. O autor calcula que - de uma foz a outra - 76 graus terrestre “é coberta pela nossa língua, equivalente a 21 1/3 por cento da redondeza da Terra” (p. 24).

⁵⁰ Nesses versos, o rio português Tejo e a constelação da Grande Ursa, que só é vista no hemisfério norte, opõem-se à Baía da Guanabara - na cidade carioca - e ao Cruzeiro do Sul, que só é visto no hemisfério sul.

⁵¹ Orfeão Português era, então, uma das dezenas de associações luso-brasileiras existentes no Rio de Janeiro.

A EPOPÉIA DO MAR

(SEGUNDA PARTE)

O Cruzeiro Austral ⁵² xxii

*Argonautas do Ideal: A promessa seduz...
Ide ao país do Sonho: Istar é Vera Cruz!*
Albino Costa

Como as águias, as naus, no Tejo baloiçadas,
Estão prestes a voar às plagas ignoradas.

Em seu palácio, El-rei, D. Vasco, Alves Cabral
Prescrutam as soidões desse hemisfério austral.

Graves, em torno à mesa, os três, portas fechadas...
- “Não entrem”, clama El-rei! Tem ali desdobrados
Os mapas de Frá Mauro e Toscanelli... ⁵³ Em vão
Se busca penetrar do mar a vastidão!
E sobre os portulões⁵⁴, diz D. Manuel, curvado:
- “Sabeis? Castela tem agente seus, cuidado!
Ela só descobriu as ilhas do Ocidente,
A mentida a Cipango, a Antilha. ⁵⁵ O continente

Que o Gama assinalou ao sul ninguém conhece.
Pacheco já voltou do Oeste e Nos parece
Que, interminável, vasto, enorme continente,
Fecha a porta a Catai das bandas do Poente...
Ao norte, a Terra Verde, emerge à fria vaga...
Tens arcanos, ó mar, em que razão naufraga!”

- “Ide, Cabral: levai por derroteiro o Dias⁵⁶...
Tendes do Gama o rumo: abri as gelosias,

Nevoentas do país que a derrota assinala.
Demarcaí-o. Depois, pondo proa a Çofala,
À Calicute do Kham. Que esse grão Samorim ⁵⁷
Seja vassalo Meu e que se curve a Mim!”

⁵² Em nota, o autor esclarece que “esta ode foi feita à vista do (...) roteiro de viagem de Cabral, feito por Vasco da Gama” (p. 27), publicado “em fac-símile pela primeira vez em 1900 (...). Depois desse documento, só continuará a negar a intencionalidade da descoberta do Brasil - quem preferir o sofisma à verdade histórica, provada por documentos e pelos fatos” (p. 28).

⁵³ Após receberem informações recém-obtidas pelos navegadores portugueses, Frá Mauro, em 1459, e Paolo Toscanelli (1397-1482), em 1474(?), desenharam mapas a pedido do rei português Afonso V, assinalando as possibilidades de se chegar à China pelo oceano Atlântico, através da África. O planisfério de Fra Mauro, ajudado por Andréa Bianco, é considerado como uma obra prima por uns, embora contenha muitos erros primários. Toscanelli, baseando-se nos relatos de Marco Pólo sobre a vasta extensão da Ásia e a localização da ilha de Cipango, descreveu a posição das ilhas Antilhas e Sipanga quase no meio entre a África e a Índia Oriental, com distâncias quase exatas. Colombo obteve essa informação e, após trocar correspondência com Toscanelli, levou em sua viagem um novo mapa feito por Toscanelli.

⁵⁴ Provável referência aos portulanos, textos com roteiros náuticos usados no século XIII e que deram origem às cartas e mapas náuticos usados a partir do século XV. Outra possibilidade é uma referência a pessoa (natural ou habitante) da cidade portuguesa de Porto.

⁵⁵ Cipango e Catai, citada nos versos seguintes, foram os nomes atribuídos respectivamente ao Japão e à China no livro de Marco Pólo. Antilha é, na realidade, um conjunto de ilhas no continente asiático.

⁵⁶ Em 1487, Bartolomeu Dias (navegador português, c. 1450-1500) dobrou o cabo da Boa Esperança, no extremo sul da África, comprovando a ligação entre os oceanos Atlântico e Índico. Após, participou de expedições com Vasco da Gama e Cabral. Gelosia é uma espécie de persiana com que se abrem as janelas.

⁵⁷ Çofala e Calicute são cidade litorâneas das Índias com quais os portugueses tinham contato. *Grosso modo*, Grão Samorim era um título equivalente ao de rei na Europa.

Sorriu. “Tenho Guiné e as Índias refulgentes...
 Mais que as ilhas do mar: eu tenho os continentes:
 Meu reino avassalou mais de metade do mundo!”

.....

Na alva seguinte, as naus, ao pélogo profundo,⁵⁸
 Aproam e lá vão, na ignota soledade,
 Como as águias no azul sulcando a imensidade.
 Depois, ao longe, além, nas névoas do horizonte,
 Sob o Cruzeiro Austral, que os nautas ilumina,
 Surge à proa uma plaga e se desenha um monte,
 Como pérola a flux da vaga diamantina...⁵⁹

O sol dessa manhã o brúmeo véu descerra...
 Ó divino painel, que surges do escarcéu!...

Inspirado Cabral, para saudar a Terra,
 Fez uma cruz igual à que Deus pôs no céu!

Rio, 3 - maio - 1900
 Da *Gazeta de Notícias* de 6-V-1900⁶⁰

Afonso Sanches⁶¹

O vendaval nas vergas tem rugidos⁶²
 Que o marinheiro audaz ouvir cobiça!
 E a história ainda te não fez justiça,
 Depois de quatro séculos volvidos!

Foste o primeiro desses atrevidos
 Que a América pisou em dura liça...
 Mas a seta do íncola, insubmissa,
 Te fez volver por mares raivescidos...

las contar ao teu país distante,
 As maravilhas das regiões remotas,
 Quando o naufrágio te colheu, gigante!

Colombo! Um Mundo Novo, cujas rotas,
 Aí tens!... Disse o piloto, agonizante:
 - Guarda o roteiro e aparelha as frotas!

Rio, 1900

⁵⁸ No verso, alva significa a manhã seguinte. Pélogo é um abismo profundo no mar.

⁵⁹ A expressão “a flux” significa em abundância, em profusão.

⁶⁰ Esse poema foi publicado no jornal carioca, mas no dia 13 de maio (p. 4), sem a epígrafe e sem divisões de estrofes. Havia a dedicatória “Ao Exmo. Sr. General Francisco Maria da Cunha” e outras pequenas mudanças.

⁶¹ No poema, o eu-lírico contemporâneo fala metaforicamente para Afonso Sanches.

⁶² Verga, no contexto, refere-se a uma peça do mastro do navio. Íncola, na estrofe seguinte, é o habitante, o morador. No caso, refere-se ao indígena.

Vasco da Gama ⁶³

Parte a frota do Tejo. Manhã clara...
 O que é que buscas nos abismos fundos?
 - Vai, diz-lhe a Pátria, vai descobrir mundos,
 Pelo infinito mar, que eu cobiçara!

Jamais humano ser se balançara,
 Nas solidões dos pélagos profundos;
 Lá, onde estão rugindo os iracundos ⁶⁴
 Monstros, que a lenda universal criara!

Singres as raias do desconhecido...
 Irás colher - pelos tufões batido -
 O ouro em Çofala, a pérola em Ceilão...

Catai? Antes Ofir... Vereis Golconda... ⁶⁵
 Nesse áureo Oriente colhereis da onda
 Um mundo para o luso pavilhão!

Rio, 1900

Cabral

Tempestade! Tempestade! Ó sinfonia
 Que o coração do nauta revigoras!
 Do vendaval às músicas sonoras,
 Todo o meu ser se alegra e se extasia!

Onde me levas, doida ventania,
 Na solidão das vagas rugidoras?
 Deus estendeu no céu tule de auroras!
 Luar de espuma as noites alumia!

Eis Cabrália! Que féerico espetáculo ⁶⁶
 Da Natureza! O santo tabernáculo,
 Aos olhos dos marujos se descerra!

Céu e floresta toda esta angra espelha...
 Cabral e toda a lusa gente ajoelha!
 Hosana... Glória ao Criador da Terra!

1900

⁶³ A armada de Vasco da Gama partiu para as Índias em 1497, tendo chegado a Calicute no ano seguinte.

⁶⁴ Iracundo é sinónimo de irascível, colérico, furioso.

⁶⁵ Çofala, Ceilão (atual Sri Lanka), Catai, Ofir e Golconda (cidade da Índia) são locais onde os portugueses navegavam. O eu-lírico nessas estrofes prevê o que Vasco da Gama irá fazer num futuro próximo.

⁶⁶ Cabrália é um antigo nome para o Brasil, assim como Vera Cruz.

Epopéia do submar⁶⁷
O espadarte^{xxiii}

Primeira nave portuguesa mergulhadora construída em Portugal por portugueses

Na ordem das conquistas: 1° a dominação de todos os mares, à superfície, pelas caravelas lusas. Séculos depois, o domínio do submar, o reino glauco dos peixes e das pérolas! Depois, o domínio dos ares, o reino azul das águias e das estrelas!

Albino Costa

Nesse momento o mar, doido de assombro, insano,
Com ímpeto os parciais⁶⁸ às praias atirou,
Vendo um homem descer ao seu profundo arcano,
Na voz do vendaval, surpreso, assim falou:

- “Quem és, que este meu seio inóspito aprofundas,
Onde o coral floresce e a pérola se gera?!”
- “Não me conheces, mar? Já me chamei monera,⁶⁹
Sai do lodo vil das tuas plagas fundas!

Circundavas, então, sombrio, este esferóide,
Quando, na tua praia, um feto palpitou,
Encheu o mundo, após, chamou-se pitecóide:⁷⁰
Dessa matéria vil - saliva ou lodo - eu sou”
- “Tudo o que me povoa e quanto em mim habita,
Nada respira no ar, nem tu tens a vida em mim:
Diverso é o meu ambiente; a alma que em ti se agita,
Não é minha... Pigmeu! Que enigma és tu, enfim?!”

- “Eu subjoguei o raio, a eletricidade, os ventos,
Falo de um mundo a outro em breve instante; e vou
Galgando o espaço azul, governo os elementos...
Ó fero Adamastor⁷¹, perguntas-me que sou!”

- “E eu dou o cloro, o sódio, o fósforo, o potássio,
Que vos enrija a fibra, ó organismos frágeis!
Julgais o mundo preso em vossas mãos, tão hábeis,
E as forças não podeis medir com um cetáceo!... ”

- “Há milhões de anos vens tragando em tuas garras, ”
Reinos⁷² e gerações, vingo-me agora, Oceano!
Centro de imensa vida... Eu que de ti dimano,
Zombo dos vendavais que sobre a terra escarras!

⁶⁷ Em rodapé, o autor esclarece que foi “escrita treze anos antes de Santos Dumont maravilhar o mundo dando direção no *Demoiselle*, no vôo em torno da torre Eiffel. Antes de conseguir o reino das águias, o homem conquistou o mundo dos peixes” (p. 33). Na mesma nota, o autor diz ainda que após uma tentativa francesa em 1864 e uma espanhola em 1888, “um oficial da marinha portuguesa inventou o *Espadarte*. Foi o precursor das naves submarinas” (p. 35). Conforme a Marinha portuguesa, *Espadarte* é considerado o primeiro submersível português e foi incorporado à frota portuguesa somente em 1913.

⁶⁸ Parciais são recifes, bancos de areia pouco elevado acima da água do mar.

⁶⁹ Monera, ou monere, seria um organismo unicelular desprovida de núcleo, que representaria o ser vivo mais simples, conforme teoria não comprovada pelo naturalista alemão Ernest Haeckel. No poema, simboliza a origem de todos os seres vivos, inclusive a raça humana.

⁷⁰ Pitecóide é relativo ao piteco, espécie de macaco sem cauda, um teórico ancestral humano.

⁷¹ Adamastor é o símbolo mitológico do mar.

⁷² Há novamente a referência indireta à Atlântida.

Coveiro! Eu fui monera... o lodo depurou-se,
E essa matéria hedionda, às praias arrojada,
Eterna, universal, no homem transmudou-se
E se dinamizou, no gênio conglobada!⁷³

.....

Silêncio, irado Mar! Basta de cataclismos!
És meu! Já posso, enfim, como senhor falar-te!
E, quando me aprouver, passeio em teus abismos,
Como o fez essa nau dos lusos - o Espadarte!”

1888
Albino Costa
d'A Pátria, de Pelotas

O ABRIR DAS PRIMEIRAS ASAS (TERCEIRA PARTE)⁷⁴

Subsídios para a história da Aeronáutica portuguesa

- I - Carta ao Sr. Ministro da Guerra, oferecendo um aeroplano em construção
- II - Ofício do Sr. Ministro, Coronel Correia Barreto, aceitando.
- III - Carta do Sr. Coronel Sá Cardoso, presidente do Senado, declarando o destino que ia ter o aeroplano.
- IV - Decreto do sr. Presidente da República, condecorando o autor.
- V - Ofício do Sr. General Ferreira Gil comunicando que o prêmio de 400 escudos fora concedido ao Sr. Tenente de Cavalaria Alberto Leal Portela ⁷⁵.
- VI - Ofício do Sr. Ministro das Relações Exteriores do Brasil.
- VII - O Relógio da torre de Cedrim, dando o porquê o autor doou à Nação um aeroplano.

⁷³ Conglobada é dar a forma de globo, juntar em globo.

⁷⁴ Essa parte não foi transcrita pois não se trata de material poético.

⁷⁵ Esse prêmio, oferecido por Albino Costa, deveria ser entregue “ao aviador português, que, em aeroplano português, no Setor português, maior proeza praticasse” (p. 47) na Primeira Guerra Mundial.

17. POEMAS DE ALBINO COSTA EM PERIÓDICOS E ANTOLOGIAS

Quando essas tranças desatas¹

Quando essas tranças desatas,
- Visão dos olhos azuis -
Despenham-se as cataratas
Sobre um dilúvio de luz...
O lavrador pelo escombro
Vai lento, de enxada ao ombro,
O grão na terra lançar!
Da luz no influxo titânio
A idéia rompe do crânio
As algas rompem do mar!...

Instrução!... Quando na mesa
De tua casta opulência
Sentar-se inteira a pobreza
Pedindo luz à ciência...
Verei correr pelo mundo
Um grande espasmo, profundo,
Uma oblação fraternal!
Então, na luta suprema
Brota do livro - o poema -
Num sorriso universal!

Um livro! - sorri no berço
A criancinha a dormir,
Sonhando o ritmo do verso
Para embalar o provir!
Um livro! cismava Homero
Acendendo a facho austero
Da Grécia n'alva penumbra...
Atleta que o grão semeia,
À flor do mundo tateia,
À flor das vagas ressumbra!

Como um vendaval, na frente
A idéia recresce e medra
Burlada sobre o monte
Em duas tábuas de pedra!
Dos idos no que trouxeste
Ouço a trova enorme, agreste,
Dos pescadores de Ofir;
Cantando: tu que semeias,
Dá luz... luz a mãos cheias
À infância que te a pedir !

¹ *Diário de Pelotas*. Pelotas, 18 mar. 1881, n° 64. No original, há um texto de introdução: “Por ocasião da inauguração do novo prédio da Biblioteca Publica Pelotense, foi oferecido àquele estabelecimento de instrução a bonita poesia que damos em seguida, e de que é o autor o inteligente jovem Albino Costa”. O poema possui onze estrofes de dez versos.

Ai quantos lábios sedentos
Não pedem luz, muita luz!
Ao azul dos firmamentos
Aos firmamentos azuis!..
Como rola a catadupa,
Que rãs quebradas se agrupa
Banhando choça e solar...
Assim a idéia suprema
Faz rebentar o poema
Que a todos brada: marchar!

O livro - barco da infância -
Que navega p'ro porvir
Das ideais na fragrância
Veloz, flutua a sorrir...
Ah! quando o vento da glória
Erguer aos erros da história
Frontes perdidas p'ro chão!...
Ver-se-á do crânio dos povos
Saltar luz, exemplos novos
É um livro aberto na mão!

Um livro - doce legado -
Que nos ensina a pensar...
Profundo azul, costelado,
Que o nauta canta ao luar!
O livro - germen fecundo
Que entorna, lança no mundo
As sementeiras de luz!...
Navega, marcha c'os ventos,
Esquife dos pensamentos
Dos séculos a branca flux.

Um dia eu vi Gutenberg
Roto, caído no chão...
Gigante que a história inda ergue
C'o livro eterno na mão!
Quando ele na luta imensa
Soltou a águia da imprensa,
Ao coro das multidões...
Logo a flux da enorme idéia,
Na grande nau da epopéia
Soltou Filinto e Camões!...

Um livro! ah quando penso
Nos tesouros que ele encerra!
- Gládio de fogo suspenso
Que nas idades se enterra! -
Um livro aberto na escola
É o grande cofre da esmola
Às turbas que pedem pão!
Depois... inda os lábios sedentos
Bebem mais luz, firmamentos
De um infinito - razão!

Quando a infância do almo sono
 Despertar, loira, louçã,
 Como o crepúsculo do outono
 Como as rosas da manhã;
 Erguendo os débeis braçinhos
 Pedir-vos luz, luz, carinhos
 - Estrelas a esvoaçar -
 Mostra-lhe as rosas singelas,
 Do céu nas brancas capelas,
 Ensinai-as pensar!...

A pensar sim! quem semeia
 Na seara da razão
 Tem sempre, sempre a mão cheia,
 Sempre alegre o coração!...
 Dai pois, apóst'los da infância,
 Alma, vida, luz, fragrância,
 - Tesouros que vem dos céus -
 Enchei o infante de esmolos,
 Dai-lhes livros, luz, escolas,
 Que aproximem de Deus!

Pelotas, 12 de março de 1881
 Albino Costa

Confidenzza ²

Quando minh'alma inquieta se debruça
 À beira de tua alma sonhadora,
 Da saudade tristíssima soluça
 Na febre abrasadora...

E quer, - num pensamento que a consola,
 Deste invólucro mau fugir librada...
 Até sorver do teu olhar a esmola
 - A luz imaculada!

O teu último sono - ir as bordas
 De teu leito num êxtase sondar...
 E no sonho juvenil que ao lábio acordas
 Sedenta mergulhar!

Pelotas, - dezembro 81
 Albino Costa

A escravidão ³

Quando hás de tu, misérrimo carrasco,
 Lançar por terra o látego maldito
 Que nas carnes desses páreas deixa escrito
 Uma legenda atroz de maldições?
 E pensar que esses filhos do deserto
 Raça outrora indômita de bravos
 A quem à vil traição fizeste escravos
 Têm o sangue das tribos dos sertões!...

² *Tribuna Literária*. Pelotas, 01 jan. 1882, n° 01, ano I, p. 4. O poema possui três quartetos.

³ *Tribuna Literária*. Pelotas, 22 jan. 1882, n° 4, ano I, p. 4. O poema possui seis estrofes de oito versos.

Quando hás de tu, espectro mercenário,
 Quebrando ignavos ferros desses servos,
 Proclamar da idéia os santos verbos,
 Que do Gólgota pairaram sobre a cruz?
 Em vez do sangue inútil desses páreas
 Que infamemente vertes sob o açoite
 Apontar-lhe a madrugada além da noite
 A redenção e a luz?

Quando hás de tu sentir a consciência
 Inclemente, sombria, atroz, medonha,
 Embebida na luz caudal, risonha,
 - Como lâminas de fogo em peito exangue -
 Erguer um templo augusto à liberdade
 Que Cristo batizou sobre a montanha,
 Transladá-la ao porvir, eterna, estranha,
 Sem mácula de sangue?

Não de Deus parte igual a tudo e a todos
 No esplêndido banquete do universo?
 Não enfeitou de risos nosso berço
 E lágrimas iguais não deu à morte?
 Não igual o rir de toda o infante
 Que a vida nos perfuma de alegria?
 Acaso há distinções na lousa fria -
 Não somos todos naufragos sem norte?

Que vale então, oh! Deus, tua arca santa,
 Teu verbo burilado sobre a pedra,
 Se em teus povos idolatras não medra
 A legenda das tábuas do Sinai?
 Que vale a voz do Cristo - as sãs doutrinas
 Legadas no Calvário - eterno exemplo,
 Se a turba mercenária sobre o templo
 Ri da lágrima santa que se esvai....

Bem sei que pouco a pouco a liberdade
 Dos povos vai entrando no sacrário⁴,
 Como os ecos do monge doutrinário.
 Que vagueiam sonoros n'amplidão!
 Esperai! esperai! pois que dos livres
 A estrela vem surgindo no horizonte...
 Nem pôde a humanidade erguer a fronte
 Em quanto houver na terra escravidão!

Pelotas - 1881
 Albino Costa

O Sol e a Lua⁵
 Alegoria

*Tu és o pólo da vida
 Eu sou o pólo da morte.*
 Victor Hugo

⁴ Sacrário é tanto um lugar onde se guardam coisas sagradas, como um lugar reservado e respeitável.

⁵ *Tribuna Literária*. Pelotas, 20 fev. 1882, n° 08, ano I, p. 4. O poema possui cinco estrofes de dez versos.

Corro a teu seio impelida,
Bebo a luz que me embriaga:
Eu sou inóspita plaga,
Tu és o pólo da vida.
Do insondável nas devesas
Lembro a vaga das tristezas
Aos peregrinos da sorte!...
Ó fronte abrasadoras:
- Das tempestades sonoras
Eu sou o pólo da morte!

Tu que insuflas vida ao largo
Pelo universo sem fim,
Nas sombras do meu letargo,
Ah! nem te lembras de mim!
Tu, que as roseiras enfloras,
Nas calmas abrasadoras,
- Centelha de um ser mais forte -
Vês-me aqui sempre impelida
Buscando o espectro da vida...
- Eu sou o pólo da morte!

Pensas em mim quando deixas
Da terra os combros desertos,
Soltando as ígneas madeixas
Aos infinitos abertos?
Que cismas tu, quando os mundos
Nestes báratros profundos
Formigam, doidos, sem norte?...
Ah! nesta enorme avenida
Procuro o espectro da vida,
- Eu sou o espectro da morte!

Quantas fronte pensativas
Cheias de sonhos, de auroras,
Vejo tombar fugitivas
Às tempestades sonoras!
Nas minhas noites serenas
Eu velo todas as penas
Soltas aos ventos da sorte!...
E sempre, à sombra das eras...
- Sou a virgem das esferas...
Mas sou o espectro da morte!

Ah, neste abismo insondável,
Em que te procuro em vão,
Detêm-me a força implacável
Das leis da gravitação!...
Tu que és o ignoto dilema,
Segue a harmonia suprema
Que traçou-te o Ser mais forte...
Nas plagas desta avenida
Tu és o pólo da vida
Eu sou o pólo da morte!

A Eloah⁶
(Impressões de um idílio)

Era uma noite lânguida, fulgente...
Um dilúvio de luz noval transborda...
De tua rede debrucei-me à borda
Para colher-te o sonho transparente!

Um frêmito de beijos cai do ambiente...
Diz minh'alma, estalando a última corda,
Num desmaio de amor: "Acorda... acorda...
Enlaça-me na trança recendente."

Doida, sedenta, a pobrezinha adeja
Em busca do ideal que ela deseja...
Da selva, doce Eloah, na solidão...

Entretanto, fumegavam no terreiro
Um churrasco bem gordo num braseiro
E uma cuia de mate chimarrão!

Março - 82
Albino Costa

Adeus⁷
Pelas sombras

São horas de partir! Ah! não descores
Que a força ao descer assim o manda:
Sou o barco que a sorte miseranda
Atira sobre as ondas, muito além!
E como o nauta triste na amurada
Contempla o rastro que deixará a espuma
Eu contarei as horas - uma a uma,
Nesses dias cruéis que a ausência tem.

Um dia me verás rindo a teu lado...
- Mas quando? diz-me esse ar com que me olhas?
Pergunta aonde irão as murchas folhas
Que a torrente ceifara no alcantil!
Quem sabe aonde irá a névoa triste
Que corre pelo azul do firmamento!
Pergunta se jamais contara ao vento
Em queixume sequer de amor gentil.

Não tem o peregrino herdade⁸ ou tenda
Exilado de tudo - vem do acaso...
A ansiedade cruel em que me abraso
Recresce neste - adeus - compungidor.
Partir! Ó meiga virgem que plantaste
Nos éramos do meu peito esta amizade...
Vai regá-la c'os prantos da saudade
Recorda-te do pálido cantor.

⁶ *Tribuna Literária*. Pelotas, 26 mar. 1882, n° 13, ano I, p. 4. O poema é um soneto. Esse poema é uma resposta a dois poemas publicados pelo pseudônimo Eloah e dedicados a Albino Costa no jornal pelotense *Tribuna Literária* (05 fev. e 05 mar. 1882). Pelo segundo poema, poderia-se deduzir que são casados e que Cory seria o pseudônimo de Albino Costa. Ambas hipóteses não puderam ser comprovadas com pesquisas.

⁷ *Tribuna Literária*. Pelotas, 16 abr. 1882, n° 16, ano I, p. 3-4. São 14 estrofes de oito versos cada.

⁸ O lusitanismo "herdade" significa fazenda, quinta.

Eu fui como a andorinha quando o inverno
Lançou muitas geadas lá no outeiro;
E partindo disse, adeus - o derradeiro...
Outros climas buscando muito além...
E cansada de voar por sobre as ondas;
Expirando procura a praia ou cerro,
Condoeu-te a solidão do meu desterro
Doce virgem - eu era assim também.

Adeus! - É bem cruel a despedida!
Quanto custa bem sei, pobre criança,
Dessas rosas gentis de tanta esp'rança
Lívidos goivos restarão, talvez!
Se breve eu não voltar talvez esteja
Dormindo o eterno sono na devesa...
Ajoelha junto à cruz modesta e reza
Que as preces para os anjos Deus as fez.

A grinalda das tuas rosas pálidas
Circunde o meu retrato. Do jazigo
Eu virei ao luar falar contigo,
Colhendo as tuas lágrimas de luz...
Altas horas te espero ao sol dos mortos,
E sob as rotas campas do valado
Dormiremos a noite do noivado
Cobrindo de geada os membros nus.

Pois que?! Acaso ao fim de um dia ardente,
Não mostra a rosa o viço, a cor, o essencial?
Será curta talvez a minha ausência
E breve me verás juntinho a ti...
Mas tu, que lacrimosa agora vês-me,
Sombrio e triste, aqui sobre o terreiro,
Hás de olvidar talvez o forasteiro,
Nem lembrarás sequer que eu existi.

Tu pensarás em mim um dia apenas!
A amizade na terra é tão falaz
Que tu mesma amanhã nem lembrarás
Um extremo sequer de teu cantor!...
Após a negra noite vem a aurora...
Muitas flores virão nos arvoredos...
Esquecida de mim - calmos folguedos
Encontrarás, quem sabe? Noutro amor!...

Quantas vezes vejo a mãe velar um filho,
Dia e noite chorando à cabeceira,
Chamar-lhe a sua esp'rança derradeira,
- Grande exemplo nos dar do amor materno;
Depois é tudo luto - a morte o leva,
A mãe lá fica imersa em pranto infindo...
Mais tarde vê-la-ás passar sorrindo
Pelo sepulcro onde esse filho dorme!...

Quantas vezes olhando as criancinhas
Formosíssimas, louras, inquietas,
Como um bando gentil de borboletas,
Dois esposos sorriem jubilosos;
Jurando pelos olhos desses filhos,
Eterno amor ardente - mas a morte
O pai levou à tumba, e a consorte
Procura noutro esposo estranhos gozos!

De manhã cedo irão contar-te as aves
As cantigas serenas da alegria...
Pergunta-lhes, saudosa: aonde iria
Meu pálido cantor errante e só?
Em que paragem dura, em que penhasco
Descansará a lânguida cabeça?
Talvez pensando em mim ai! desfaleço
Num sudário cruel de pranto e dó!...

Talvez nessa hora vaga, os passarinhos
Te encontrem inda imersa n'almo sono,
Enquanto o pobre filho do abandono
A esmo vagará na acerba dor!
Desperta d'algum sonho amargurado
Verás o teu casal nadando em festa,
Nos laranjais frondentes, na floresta,
Mil grinaldas verás de nívea cor!

D'afetos é mortalha o esquecimento
Poeira tumular que tudo cobre...
Quando ouvires nas campas triste dobre
Uma lágrima envia ao infeliz!...
Minh'alma se erguerá - lívida pomba
Alta noite das lousas sobre o dorso,
- Horas negras do crime e do remorso
Em que gemem as feras nos covis!...

Se um dia eu não voltar, guarda em teu seio
- Murchas c'roas pendentes de uma cruz -
Estes versos que pálidos compus:
Escreveu-os com sangue a sorte varia!
Vai sentar-te na lousa do cipreste...
Colhe um goivo molhado no relento
E dá-me a última prece - um pensamento,
De joelhos na campa solitária!

Abril - 82
Albino Costa

Duas épocas ⁹

Que é dos tempos de outrora? Aqueles belos dias
da quadra mais gentil da mocidade em flor,
quando tu, claro sol das minhas alegrias,
no turbilhão do baile ingênua enrubescias,
se ousava contar-te o meu amor?

⁹ A *Pátria*. Pelotas, 03 mar. 1888, n° 51, ano III, p. 1. O poema constitui-se de quatro quintetos.

Hoje pões-te a fitar a bela criancinha
que no berço sorri... Como endoideces tu,
enlevada a beijar essa ave que se aninha,
no teu colo chilreando e busca co'a boquinha
o bico escultural de um peito alto e nu!

E quando te surpreendo entregue aos desvaneios,
desse orgulho de mãe tão simples e tão bom,
sabes? Chego a sentir efêmeros receios
de que nesse explodir de graças e de enleios
esqueças de minh'alma o imarcescível dom!

Outrora no provir vias um ponto obscuro:
eras árvore em flor que o vento esfolha... Eu fiz
sazonar o que aí tens - um fruto prematuro,
vermelho, bom, sadio, a rir-se p'ra o futuro...
- Qual dos dois tempos, diz, tu julgas mais feliz?

Albino Costa

Lobo da Costa ¹⁰

- Mamãe, quem é esse moço
Que há tempos apareceu
Morto, deitado num fosso,
Às orvalhadas do céu?

Esse, que em noite gelada
Negra, atroz, de pesadelos,
Sentiu da morte arajada
Roçar-lhe pelos cabelos?

Quem foi, que em duro abandono
Aos uivos do vento sul,
Foi dormir o eterno sono
Na barranca do paul?

Afagando-o, na agonia,
Da enchente, os laivos retintos,
A amplidão nublada e fria
E ao lado corvos famintos!

Quem foi esse homem? Seu nome
É quase o mesmo que o meu...
De que morreu? Foi de fome?
Foi de frio que ele morreu?

Bóia em teu olhar absorto
Tristeza amarga! Diz, quem
É o grande poeta morto,
Quem foi esse homem, mamãe?!

¹⁰ A *Pátria*. Pelotas, 06 out. 1888, n° 222, ano III, p. 1. O poema possui nove quadras. O poeta Francisco Lobo da Costa, filiado ao Partenon Literário, faleceu em Pelotas em 19 de junho de 1888, pouco antes de completar 35 anos de idade.

Pondo de parte a costura
 A mãe beija a filha e a afaga
 Enquanto a mente divaga
 Pelo passado infeliz:

Corre o serão adiantado;
 Arde a lâmpada na mesa,
 E à loura órfã, surpresa,
 A pobre senhora diz:

- Queres tu saber a história
 Do que pelo mundo vai?...
 Do martírio é feita a glória...
 Esse homem - era teu pai!

Albino Costa
 Porto Alegre, outubro de 88.

Mário ¹¹

I

Ave, voa-te pelo azul, banhado
 de um grande e claro sol tranqüilo e doce...
 O pequenino berço transmudou-se
 num pequenino esquite perfumado!

Teu rosto docemente descorado
 aureolava num riso, qual se fosse
 um profundo dormir, onde evelou-se
 almo sonho de auroras constelado!

O alvo sendal¹² das minhas esperanças,
 mudado em ataúde de crianças,
 já para o túmulo em caminho vai...

Enfeitado de rosas desfolhadas
 levas contigo, ó filho, amortalhadas,
 p'ra cova, as minhas ilusões de pai!

II

Deve ser bom deixar a terra, quando
 abre em sorrisos d'ouro a pradaria,
 passar de eterna noite a eterno dia,
 se outro dia após este vem raiando.

Deve ser bom... Mas ver o louro bando
 das nossas ilusões, em romaria,
 exilar-se, como ave fugidia,
 outros climas melhores procurando...

¹¹ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1890. Rio Grande, p. 184, 1889. O jornal *Eco do Sul* de 19 de maio 1888 lamenta a morte de Mário, de cinco anos, filho de Albino Costa. São dois sonetos.

¹² Sendal deriva, provavelmente, de senda, que significa também hábito e rotina. Sendal seria portanto algo habitual, da rotina.

Nota dorida da existência humana;
ver cair para sempre a caravana
das ilusões, em pleno azul aberto...

Dizem que lá na solidão das lousas
goza-se a vida, a quietação das coisas,
mas teu berço, meu filho, está deserto!

Albino Costa (Pelotas - Rio Grande do Sul)

A partida¹³

Quando eu partia, nessa terrível hora
em que a visão da ausência nos doía,
a nossa filha pequenina ria,
perguntando: “Porq’ é q’ a mamãe chora?”

E eu, cavalgando pela estrada fora,
voltei-me a ver a doce companhia:
lá me acenava a filha que sorria,
lá estava a esposa que inda espera agora!

Ó lar! Sacrário de perenes brilhos,
é no teu seio que o sorrir dos filhos
às lágrimas das mães são um conforto!

Eu guardo da saudade esta lembrança:
os risos dela são minha esperança,
tuas lágrimas são um desconforto!

Albino Costa (Rio de Janeiro)

Cristo e a lenda¹⁴

Que mal fazias tu, ó doce Nazareno,
sarça ardente de fé, ó pálido Jesus,
nessa augusta mudez, fechado o olhar sereno,
e o corpo, onde passou a esponja do veneno,¹⁵
pregado numa cruz?

Não foste o amigo bom dos lázaros, dos pobres
famintos, seminus, cobertos de baldões¹⁶?
Não te venderam por uns míseros cobres?
Não sofreste, afinal, dos Césares, dos nobres,
a morte entre os ladrões?

¹³ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1892. Rio Grande, p. 200, 1891. O formato do poema é o soneto.

¹⁴ *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* 1893. Rio Grande, p. 203-4, 1892. Há uma republicação - com mudanças no uso de maiúsculas, travessões, pontos de interrogação e apenas uma vocabular - no *Almanaque Bertrand*. 1922. Lisboa, Paris, Rio de Janeiro, p. 109, 1921. O poema é feito com dez quintetos. Nessa revista, aparece a nota final: “Rio, março de 1892”.

¹⁵ Referência à cena bíblica da crucificação.

¹⁶ Baldão é má sorte, azar.

Tu que fazias ir a ti as criancinhas,
como pombas voando em torno de um pombal:
“Vinde a mim que vós sois as alegrias minhas”
dizias... Pois inda há no mundo almas mesquinhas
queousem querer-te mal!

Dos homens a justiça, a toga, o sacerdote
da lei e da moral, dá muito golpe em vão.
Que há de ser do galé¹⁷, Simão ou Iscariote,
se o não confora a crença, o sempiterno archote¹⁸,
ó Cristo, o teu perdão?

Bem sei que agita o mundo um vento de descrença,
seitas erguendo em vão sacrilégio clamor...
Quem nos canta mais alto esta balada imensa,
esse idílio do bem que o moço hebreu condensa,
os madrigais do amor?

Nesta eu ouço fervente a voz do doutrinário
nas grandes catedrais clamando às multidões;
exércitos salvando as cinzas do Calvário;
no deserto, na selva o monge solitário
andar entre os leões;

nas regiões ferais do mundo dilatado
passarem as legiões heróicas de Jesus,
afrontando o escarcéu do ignoto mar irado,
o gentio feroz, o tigre mosqueado,
com o missal e a cruz!

Em outros tempos, quando eu era pequenino,
entre os risos da infância e a benção maternal,
ouvindo as orações do ritual divino,
sentia um quer que fosse, imenso, peregrino,
e execrava o mal.

O que é feito de vós, doces visões fagueiras,
lendas que me trazeis à mente a infância além,
o castigo no templo aos vendilhões das feiras,
os peixinhos, a vaga, o chão das oliveiras
e as fontes de Belém?

É certo que a razão, armada da ciência,
os dogmas destronando, o mundo encheu de luz,
Ficou vazio o céu, os orbes, a consciência?
Sim! Mas deixai que doure a agrura da existência
a lenda de Jesus.

Março de 1892
Albino Costa (Rio de Janeiro)

¹⁷ Galé, como substantivo masculino, significa um indivíduo sentenciado a trabalhos forçados. No feminino, é um tipo de embarcação.

¹⁸ “Sempiterno” é o que não tem princípio, nem fim. “Archote” é uma espécie de tocha. Assim, “Sempiterno archote” significa o “fogo eterno”.

Regresso à casa paterna ¹⁹

I

Sob o dossel de uma videira antiga,
Eis que ressurge a casa onde eu nasci,
Como um presépio que a ventura abriga...
Milagre! O Deus-Menino andou aqui!...

Abre-se a porta do santuário, a amiga
Porta, que em sonhos tanta vez revi!
Soa, lá dentro, a maternal cantiga
Que, adormecendo, em outra idade, ouvi!

Cheguei! Enfim, ó Mãe!... Meu pai! Sou eu!
Vinde, os dois, vosso filho abençoar!
- Santa alegria, que nos vem do céu!

Surgi, visões da minha infância! Bando
Alado, vinde!... Vejo-vos chegar...
Todos sorriem... Só eu estou chorando!

II

Inda, nas frondes úmidas de orvalho,
Saudosamente o rouxinol gorjeia.
Inda o mesmo regato serpenteia;
Inda a mesma frescura tem o galho!

Inda, à tardinha, volta do trabalho,
De enxada ao ombro o camponês da aldeia,
E as campônias, aos bandos, pelo atalho,
Voltam, cantando a antiga melopéia.

Inda o povoado em festa é o mesmo... Ainda
O mesmo monte, a mesma seara infinda,
O mesmo céu, que a aurora doira a esmo...

Santa emoção! Eis me ressurge a casa...
Inda há bênçãos no sol de fluida gaza...
Nada mudou... Mas eu não sou o mesmo!

III ²⁰

Choupos do bosque, ninhos do arvoredo!
Rosas do monte, lírios do valado...
Guardei n'alma o dulcíssimo trinado
Do vosso adeus, ó aves do balcedo²¹!

¹⁹ *Almanaque Bertrand*. 1915. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 226-7, 1914. Há quatro sonetos na página 226 e dois na 227. Esses seis sonetos foram publicados inicialmente no livro *Cedrim* com os respectivos nomes: "Um presépio" (p. 87), "Aleluia" (p. 80), "Amigas Aladas" (p. 76), "Canaã" (p. 82), "Minha mãe" (p. 85), "Meu pai" (p. 84).

²⁰ Esse soneto foi também publicado anteriormente, em separado, no *Almanaque Bertrand*. 1914, p. 344.

²¹ Balcedo, no Aurélio eletrônico, é sinônimo de balça, mata espessa.

Nas noites do amaríssimo degredo,
 - Boas amigas do meu bando alado, -
 Vi-vos chorar por mim sobre o telhado,
 Sonhei-vos a buscar-me no olivedo.

Não me esqueci de vós, boas amigas!
 Porém, as vossas matinais cantigas
 Buscaram outros corações fiéis...

Voltei! Não vos encontro no balcedo...
 Emudecem os ninhos do arvoredos?!...
 - Não sou o mesmo... Não me conheceis...

IV

Já os meus olhos viram, d'arte rara,
 Templos, palácios, altos monumentos...
 Embalde! O mundo não lhes deparara
 Melhor paisagem de deslumbramentos!

Eis minha aldeia abençoada e cara...
 - A Canaã dos meus encantamentos!
 Mais valor do que o mármore de Carrara
 Tem, para mim, seus muros pardacentos!

Lar paterno... Eis a igreja pequenina!...
 Ouço-lhe o sino: à hora matutina,
 Já o povoado alegre despertando...

Surgi, visões do meu passado findo!
 - Na mesma nave, onde ajoelhei, sorrindo,
 Venho agora ajoelhar, quase chorando!...

V²²

Por que, boa velhinha, empalideces,
 se no rude estrangeiro me adivinhas?
 Tu que na mente o meu retrato tinhas,
 olhas-me agora. Não me reconheces?!

Já trinta vezes veio o fruto às messes,
 a flor ao galho, ao teto as andorinhas;
 todas as tardes, pelo atalho, vinhas
 evocando o meu nome em tuas preces!

Sou eu! Enxuga o pranto da saudade!
 Santa! Quero sentir a claridade
 da benção tua, como rosicleres...

Voltei! Num beijo vim pagar-te agora
 os muitos beijos que me deste outrora.
 Sejas bendita, ó Mãe, entre as mulheres!

²² Esse soneto, em separado, foi publicado anteriormente no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*. 1905. Rio Grande, p. 157, 1904. Há mais uma republicação no *Almanaque Bertrand*. 1914 (p. 334) com a nota final “Cedrim, 1902” e outra no livro *Cedrim*, com o nome “Minha mãe” (p. 85).

VI

Velho adorável! Vês-me, indiferente,
A interrogar-me, do portal da rua!
- Queres saber quem sou?... Carne, da tua
Carne; sou cimo do teu sangue ardente!

Saibas que, em mim, a fibra resistente
Do ingênuo e rude aldeão se continua;
Vem de ti o que eu sou, em mim atua
Labor e Sonho, - um misto incoerente!

Venho beijar-te a mão calosa, ó velho!
Que da vida ensinaste-me o evangelho,
Nas minhas remotíssimas manhãs...

Voltei! No exílio, não colhi tesouros,
Nem renome... Busquei virentes louros
Para adornar tuas honradas cãs!

Cedrim (Portugal)
03 setembro de 1902

Nostalgia ²³

I

Ligeiras andorinhas que, voando,
Buscais outras paragens mais amenas!
Andais em busca das regiões serenas
Onde o sol vos aquece o ninho brando!

Ide, irmãs aladas! Lá chegando,
À pátria azul das meigas cantilenas,
Folheai todo o missal das minhas penas
E das saudades, que fiquei passando!

Contai, lá no casal, onde a violeta
Mais perfumes rescende entre as ervinhas,
Das minhas mágoas a canção secreta!

Ide prender o ninho, visões minhas!
Onde eu nasci, - na aldeia predileta...
Irmãs da minha infância, ó andorinhas!...

II

Casinha branca, ao centro da paisagem,
Que em montes azuladas se remata;
O Vouga ao fundo, em murmure cascata,
Passa beijando a trêmula folhagem...

²³ *Almanaque Bertrand*. 1915. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 227, 1914. Esses dois sonetos haviam sido incluídos no livro *Cedrim* com os nomes de “Mensageiras” (p. 73) e “À espera” (p. 81), sem explicação de onde ou quando foram escritos.

Foi nessa remotíssima paragem,
 Que ouvi do berço a matinal volata...
 - Nesga de céu, que a mente me arrebatava!
 - Terra santa de fúlgida miragem!...

Lá me esperas, ó Mãe! doce velhinha,
 Que por mim rezas, súplice, à tardinha,
 Lançando à estrada o olhar angustiado...

Santa! Eu só peço a última ventura,
 De repousar, em rasa sepultura,
 Junto da tua, - à beira do valado! -

Livramento (Rio Grande do Sul)
 23 de setembro de 1883

O milagre de S. Pedro ²⁴

I

Eu canto o milagre da lenda remota,
 De uma Alma penada que no céu entrou,
 Porque de S. Pedro foi fiel devota...
 Quando a triste alou-se p'ra a mansão ignota,
 Fechadas as portas do Empírio achou...
 Pobre, consternada, a Alma assim falou:

II

“Meu Senhor S. Pedro, meu chaveiro d'ouro
 Vinde abrir-me a porta, permiti-me entrar!
 Pois guardais lá dentro meu melhor tesouro:
 - Um colo de cisne, supercílio louro,
 Que no vosso rênio se foi a habitar;
 Meu Senhor S. Pedro, permiti-me entrar!

Conheceis as penas que eu do mundo trago?
 Vinde ouvir, S. Pedro, vou-me confessar...
 - Era intensa aurora o seu divino afago...
 Não amaste tanto vossa rede, o lago,
 Peixinhos e barco? Tal me soube amar!
 Meu Senhor, S. Pedro, vou-me confessar!

Como ave canora que saudosa canta
 Endeixas mais tristes antes de expirar...
 Quando eu lhe fechei o seu olhar de santa,
 Um ciclo flébil lhe ouvi na garganta.
 “Vem! Oh, me deixes. Eu vou-te esperar!...
 Morta! As assucenas,
 Para a amortilhar,
 Tomadas de penas,
 Fizeram véus brancos da cor do luar...
 Eu entre as boninas a fui enterrar.

²⁴ *Almanaque Bertrand*. 1921. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 358-9, 1920.

Muito branca e pura, vi sua alma presa,
 Subindoo num raio do claro luar!...
 Ó noite! Ó mistério! Toda a natureza
 Genuflexa e triste, parece rezar!
 Vi os vagalumes
 Quais toucheiros mudos, juntos em cardumes...
 Para a alumiar,
 Câmaras ardentes lhe foram armar!

III

Passaram tempos. Amores abjectos,
 Vêem toda a pureza do meu céu delir...
 Sim! Eu tive amores mundanaes, secretos!
 Ai! Por que do fogo de uns olhos tão pretos,
 Meu Senhor S. Pedro, não pude fugir!
 Fui perjura e má! Não me quereis ouvir?

Foi grande o meu crime? Quem conhece o marco
 Que no amor bem possa o bom e o mau cindir?
 Vós, só adorastes vossa rede e o barco;
 Das paixões da carne nunca viste o charco,
 Porém, não deixaste de uma vez mentir!
 Vede... E vós sois santo! Me deveis punir?!

IV

Lá, junto à palhoça do meu vento eirado,
 Erigi capela, tendes um altar;
 Tendes reverbéro muito bem cuidado;
 E todos os dias um jasmin nevado,
 Úmido de orvalho vos ia levar...
 Meu Senhor S. Pedro, permiti-me entrar!

Sob o antigo alpendre, aonde geme a fronte,
 Tendes lago e rede, barquinho a boiar!
 Os peixinhos d'ouro formam bando insonte;
 Nas calmas do estio as aves do monte
 Vão as leves asas nas águas molhar...
 - Meu Senhor S. Pedro, permiti-me entrar!"

V

E o doce S. Pedro, o seu chaveiro d'ouro,
 Que essa Alma penada na Terra adorou,
 Deixou-lhe ir gozar o seu melhor tesouro:
 - A divina, a santa do cabelo louro...

.....
 Foi esse o milagre que a lenda narrou.

Adeus²⁵
(trecho)

- São horas de partir! ah, não descores!
Que a força do dever assim o manda:
Sou barco entregue à sorte miseranda
Vogando sobre as ondas, muito além!
- Qual nauta que ao luar sobre a amurada,
Contempla o rastro que deixara a espuma,
- Eu contarei as horas, uma a uma,
Nos dias tristes que esta ausência tem!

Ode²⁶
(trecho)

Jardineira, vai regar as flores
Que te sorriem de manhã cedinho!
Que será delas quando tu te fores?
Que será delas sem o teu carinho?

Sainha curta mal tocando os joelhos,
Ei-la correndo... Descrever mal posso,
Tanta lindeza, mas, meus olhos velhos,
Meus velhos olhos cuidam que sou moço!

Quadras²⁷
(trecho)

Meu coração sem cuidado,
Lhe dei em troca do seu...
E eis-me todo agonizado,
Sem o dela e sem o meu!

²⁵ *Almanaque Bertrand*. 1923. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 15, 1922. Essa estrofe consta dentro do artigo “Fernandes Costa” (p. 11-25). Em nota de rodapé, o autor explica que escreveu “sob a influência do meu mestre de poética, Francisco Lobo da Costa, grande poeta rio-grandense do sul (...). A oitava acima pertence a uma longa ode *Adeus*, feita pelo modelo de outra idêntica, do meu mestre (...)” A referência deve ser ao poema “Adeus”, de Lobo da Costa, escrito em oitavas e reproduzido na sua *Obra Poética* (1991, p. 107-109).

²⁶ *Almanaque Bertrand*. 1923. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 16, 1922. Essas estrofes constam dentro do artigo “Fernandes Costa” (p. 11-25), sem título e sem indicação explícita de autoria. Antes, há o seguinte texto: “Perpetrei, modernizando o tom e o estilo, uma ode que começa assim:”

²⁷ *Almanaque Bertrand*. 1923. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 19, 1922. Essa estrofe consta dentro do artigo “Fernandes Costa” (p. 11-25), sem título, com o seguinte texto antes: “[escrevi] em 1901 umas quadras que, com surpresa, vejo vinte anos depois que não são originais minhas! Estão no *Cancioneiro Andaluz*, que eu nunca li nem ouvi cantar! Eis uma das minhas quadras:”

Lucentia Spolia²⁸
(para a segunda edição do *Cedrim*)

De onde emergimos? - De que profundezas
De idades, veio esta Alma em nós florir?
Mas, o sereno Artista-natureza -
Levou milênios a nos produzir!

Também, o vil carvão, em gema acesa
Transmuda, - arte divina a reluzir;
E a estalectite, gota a gota, presa
Na rocha à estalagmite vem se unir...

Santo graal! Oficina! O caldeamento
De um progênie, por estádios mil,
Formou poliedros brancos, de cristal...

Dois nomes esculpiu o pensamento:
- Cláudio Manoel na musa do Brasil;
- Fernandes Costa na de Portugal!²⁹

II

- Dize, Cláudio Manoel: de que aduar³⁰ surgimos,
Tenda, choça, covil? - Dize, Fernandes Costa:
Que como o claro sol iluminaste os cimos
Do pensamento, toda a alta, florida encosta?

Trogloditas: quem sabe? Entre leões dormimos?
Beduíno: onça, chacal, sede e simum³¹, arrosta!
Com Cánopos, talvez, no mar do poente, abrimos
A Ulisses a angra azul da Tubalândia Costa? *

Depois, zagaes, zegueis: o velocino achamos
Nesse elísio país, que Homero, em verso ardente,
Das fenícias galés - para o porvir cantou...

Do aduar de Cedrim, o vôo exul formamos:
- Para a imortalidade ides vós, triunfalmente;
- Para a penumbra, o eclipse, obscuramente eu vou!

Albino Costa

²⁸ *Almanaque Bertrand*. 1923. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 18-19, 1922.

²⁹ A referência é ao poeta mineiro Cláudio Manoel da Costa (05 jun. 1729- 02 jul. 1789) e ao poeta português Fernandes Costa (05 jul. 1848 - 30 jul. 1920), autores que Albino Costa seguidamente atribui como seus parentes.

³⁰ Aduar é originalmente Povoação móvel mourisca. No contexto, toma o sentido de grupo, reunião.

³¹ No original, constava “simôum”. Simum é o “vento abrasador que sopra do Centro da África para o Norte”.

* Nota original do autor: “Tubalândia é a terra de Tubal, neto de Noé, e primeiro rei lusitano, que a lenda dá como fundador de Setúbal. / A angra de Ulisses é o Tejo sobre cuja enseada azul o herói de Homero formou a formosa cidade que tem ainda o seu nome. Nesse país do extremo pôr-do-sol põe a *Odisséia* o paraíso terreal./ Dominados os lobos e as panteras que faziam o homem se refugiar em cavernas antemuradas, foi possível ao colonizador fenício fundar rebanhos de carneiros, cuja lã, tecida, fez o *Vello d’ouro*, e para os redis se fizeram aduares; ao lado, os dolmens eternos, urnas funerárias, que são a prova real histórica da sua existência para toda essa velhíssima Lusitânia, cuja cidade principal Ulisses fundou há hoje [1922] 3711 anos segundo Odorico Mendes, o insigne tradutor de Homero.”

Rouxinol³²
(À embaixatriz d'Arte, D. Cacilda Ortigão)

I

Rouxinol, bem-vindo sejas
Ao país do sabiá!
Se é luso o sol que solfejas,
- Rouxinol, bem-vindo sejas
À Guanabara, e te vejas
Neste lindo sol de cá!
- Rouxinol, bem-vindo sejas
Ao país do sabiá!

II

Rouxinol, quando voltares
À plaga azul dos teus céus,
- Lembre a terra dos palmares.
Rouxinol, quando voltares
Pois levas nos teus cantares
Mil corações, que são teus
Rouxinol, quando voltares
À plaga azul dos teus céus!

III

Rouxinol, tua embaixada
Feita de tramas de sol,
Retorna muito aumentada
Rouxinol, tua embaixada
Volta em nave carregada
De simpatias de escol!
Rouxinol, tua embaixada
Feita de tramas de sol!

Rio, 13-VIII-21
Albino Costa

³² *Almanaque Bertrand*. 1923. Paris, Lisboa, Rio de Janeiro, p. 40, 1922. O poema é constituído de três estrofes de oito versos.

Notas originais do autor para o livro *As epopéias da raça*

ⁱ João Vaz Corte Real, 1464, ap. Antonio Cordeiro. Read em 1919 realizou pelo ar a mesma travessia em sentido inverso, ambos via Açores.

ⁱⁱ Diogo Cão lançou o primeiro padrão do domínio português no hemisfério Austral. Foi na foz do Zaire, a oito graus latitude Sul. Antes dele, os pilotos Santarém e Esteves haviam passado o Equador alcançando até 1 ½ graus latitude Sul.

ⁱⁱⁱ Era uma zona de fogo contornando a Terra no Equador, que os filósofos e geógrafos da Antiguidade diziam que separava os dois hemisférios. Pedro d'Aily, 1410, foi o último dessa opinião, iludindo Colombo, que o copiou.

^{iv} *Almanaque Celeste* ou Astronômico, 1473, Lisboa. Ampliou a dimensão da Terra que Ptolomeu, no *Almagesto*, e d'Aily, no *Imagus Mundus*, fazem muito menor. Antes de Zacuto e de Martin da Bohemia porem-se a serviço de D. João II, 1482, não há menção da aplicação do astrolábio à marinha. Estas descobertas conservam-se em segredo de Estado. A aplicação do astrolábio à navegação deve ser tão importante quanto à aplicação do sextante do almirante Gago Coutinho à navegação aérea.

^v Vide a nota X, adiante.

^{vi} *O Esmeraldo de Site Orbis*, dois séculos antes de Newton, diz sobre a redondeza da Terra: “Se se pudesse fazer na terra um buraco muito grande e muito fundo, tão grande e tão fundo que este buraco saísse do outro lado da esfera, e se se deitasse uma pedra neste buraco, esta não sairia do outro lado da esfera, ficava no meio!”

A periodicidade das marés antárticas aparece pela primeira vez no *Esmeraldo*, com as suas horas de cheias e vazantes, quinze anos antes da *Geografia* de Ensiso.

^{vii} Só depois da medida geodésica tomada pelas naus de Magalhães circunavegando a Terra, foi que Nicolau Copérnico pôde descrever a órbita dos planetas em redor do Sol.

^{viii} Os franceses confundem o nosso nônio, de Pedro Nunes, 1492-1577, com uma régua graduada usada ou inventada por Le Vernier, astrônomo francês, que veio três séculos depois, 1811-1876. São peças diferentes.

^{ix} Talvez estes rochedos sejam restos da Atlântida, que segundo Platão existiu a Oeste do Atlas.

^x 1/9 do arco terrestre são 40 graus: dos cimos do Jacutu [Yakoutou, na edição-fonte] aos seis graus de latitude norte à foz do Chuí, pelo 33 graus 45 sul vão 39 graus e 3/4.

A atuação de Portugal quanto ao Brasil desde o descobrimento foi toda secreta, clandestina; assim convinha às razões de Estado.

Portugal, com as mentiras sublimes da sua diplomacia, foi talhando nas *demarcaciones* de Espanha, além da linha de Tordesilhas, o colosso imenso do solo da pátria brasileira. Cerca de sete milhões de quilômetros quadrados foram conquistados fora da linha de Alexandre VI, a qual, segundo Humboldt e Varnhagem, que dão a medida portuguesa, vinha de Belém do Pará à boca da Laguna, deixando ao Brasil português apenas o litoral marítimo oriental, que pouco excedia a 1,5 milhão de quilômetros! Ficáramos com metade da extensão da Argentina!

Na medida dos geômetras espanhóis, as 370 léguas a oeste de Cabo Verde, recuavam a divisória do Maranhão à Cananéa. Tinham estes razão, porque D. Manuel não deixou mapa nenhum do seu reinado traçar a divisória ao sul da Cananéa.

Assim, essa epopéia do sertão é, a meu ver, maior, mais arrojadada que a do mar... Nela havia fome, a sede, as feras, os homens antropofágicos, as setas ervadas, os rios imensos, a peste...

Tudo isto foi afrontado, vencido, pelos bandeirantes, que não eram muitas de aventureiros, caçadores de escravos e de esmeraldas, como a mentira da diplomacia fez constar nas cortes espanhola e alhures, e se repete deploravelmente nas histórias escolares: nas verdadeiras expedições militares, protegidas pela bandeira real, que é o símbolo da pátria, para a conquista e demarcação do solo da futura nacionalidade.

Esta epopéia não foi escrita. Apenas Olavo Bilac nos deixou um lindo trecho no “Caçador de esmeraldas”. Virá mais tarde um Camões que a cante, numa segunda *Lusíadas*, que há de vir reconstituir esse terceiro capítulo das Epopéias da Raça!

^{xi} Homero, influenciado pelas vivas descrições dos fenícios, navegantes que vinham da Lusitânia, colocou o paraíso terrestre no último Por do Sol, isto é, no extremo poente da Terra então conhecida, que era a foz do Tejo e Promontório Sacro.

Santo Isidoro de Sevilha, não obstante no teu tempo já Strabão, Plínio e Plutarco terem feito recuar para as Granadas, hoje Canárias, o Paraíso, reivindicou para Andaluzia a descrição de Homero, como se, mais ao ocidente da *Hispalis*, não houvesse a velha Lusitânia, onde o herói da *Odisséia* fundou Lisboa. Richard Major estranha que os portugueses não tenham reivindicado a paisagem paradisíaca de Homero para sua terra.

^{xii} Os latinos chamavam Lisboa, Ulissipon (cidade de Ulisses). Depois, Júlio César denominou-a *Felicitas Julia*; com a queda da dominação romana, este nome caiu para voltar ao de *Ulissipon* ou Lisboa, em português.

^{xiii} Tubalândia, de Tubal, neto de Noé, primeiro rei de Lusitânia, segundo Orósio, Brito e Pedro de Mariz, assim também os historiadores galegos antigos.

^{xiv} Astartéa: a deusa tutelar dos fenícios.

^{xv} Astor, cocheiro de Menon. Morto seu senhor, veio para a Lusitânia e deu seu nome a Astúrias e à ribeira Astur, afluente do Douro.

O erudito Odorico Mendes dá a guerra de Tróia ocorrida por 1850 anos a. C., somando hoje cerca de 3800 anos. Será essa a idade de Lisboa?

^{xvi} [Há uma indicação de nota nesse ponto, mas - provavelmente por erro de tipografia - a nota não foi incluída no final do poema.]

^{xvii} São já de tipo português os mapas de Bianco e Frá-Mauro; dos muitos cartógrafos que o Infante de Sagres teve ao seu serviço, presume-se que os utilizasse na sua afamada escola de cosmografia e matemática. Refiro-me à edição de 1449, onde a ilha Brasil é posta mais ao sul.

^{xviii} Braz Arantes, moço Arraes da frota de Cabral, segundo Varnhagen.

Ipeca é a mocinha, filha do cacique que, no dia da chegada de Cabral, foi encontrado na piroga a pescar com a filha e pernoitaram na nau Capitânea, onde o almirante deu aos dois filhos da terra a mais pomposa recepção. Ipeca, que Pero Vaz Caminha acha mais linda do que as mulheres de Lisboa, apresentou-se nua a bordo. Cabral mandou vir uma capa e pôs-lha aos ombros. A donzela colheu-a graciosamente, dobrou-a, pô-la sobre o escabelo e assentou-se em cima da capa. No dia seguinte, Braz Arantes com alguns marinheiros foi a terra fazer lenha. Viu uma paca. Levou a arma à cara: matou-a.

Fizeram uma fogueira para assar a caça, quando chegou Ipeca, chorando a perda do animal de sua estimação. Braz Abrantes buscou consola-la, enxugou-lhe no rosto e no corpo nu os pingos de sangue que correu do animalzinho... e beijou-a. Nasceu ali um idílio, que Shakespeare podia ter cantado melhor do que o de Romeu e Julieta - porque este é autêntico, real, histórico e aquele é sonho! Pena que Varnhagen não dos desse a fonte onde encontrou estes nomes. Foi o primeiro coração de virgem americana que se abriu a um coração de europeu, ou melhor, a um português. No dia seguinte, Frei Henrique Coimbra, benzendo a terra nova, abençoou, sem o saber, o consórcio das duas almas, que oito dias depois, se separaram para sempre.

^{xix} Entre os indígenas, era costume, que ainda subsiste em algumas nações dessa raça, das meninas - quando entram na adolescência - atarem uma liga na perna, que é, entre elas, o símbolo da virgindade. Quando se casam, cortam a liga.

^{xx} Montijo, em 1643, primeiro choque do lusido exército espanhol com o recém-formado exército português, logo após a independência de 1640. Foi a batalha ganha por Matias de Albuquerque, pernambucano, bisneto da indígena que se casou com Duarte Coelho de Albuquerque.

Bahia. Sua restauração do poder dos holandeses evitou a invasão do Rio e todo o sul do Brasil. Foi uma vitória sem choque de forças, mas feita de duelos pessoais, em que D. Francisco Rolim, com cem portugueses e um esquadrão de pernambucanos, mataram os comandantes holandeses de terra e mar; de modo que os soldados batavos, não tendo quem os comandasse, embarcaram na sua esquadra, que foi depois destruída pelo almirante português. Repetição dos Doze da Inglaterra. Falta um novo Camões para cantá-la.

Em Bussaco, havia guerreiros naturais do Brasil.

Em Tuiuti, havia cerca de dois mil portugueses do comércio das cidades de Rio Grande, que o Barão de Caçapavas, general Andréa, presidente da província, havia feito marchar nos corpos que o general Osório formara. Aqui reproduzo um dos despachos do presidente Andréa, dado num dos requerimentos de recrutas lusos:

“Se sois português,
Eu também o sou!
Marcha para a guerra
Que eu também lá vou!”

Itororó, na marcha de flanco pelo Chaco. Foi maior a vitória de Caxias do que a de Napoleão em Arcole. Com os heróis brasileiros, havia portugueses, entre estes o ajudante de ordens, depois secretário, de Caxias.

Luanda. Foi o almirante J. Corrêa de Sá que, com portugueses e mestiços de africano e índios, levados do Rio, reconquistou, com a fortaleza de São Jorge, a cidade de São Paulo de Luanda na África portuguesa. Este português, nascido no Rio de Janeiro, tem uma estátua na cidade de Luanda, assim o brasileiro almirante Barroso, herói de Riachuelo, nascido em Lisboa, tem uma estátua no Rio de Janeiro.

Singular paralelismo histórico entre os heróis da raça!

Por último, Levantie ou Armentières, em que sete mil portugueses, campônios, não quiseram retirar, salvando, com a sua resistência, ultra-heróica a avançada sobre Calais, cuja tomada seria a destruição de Londres pela artilharia alemã.

É a epopéia da raça, que continua mais vibrante do que nunca na resistência de Levantie, pelos heróis anônimos do povo português, no raid aéreo entre Lisboa e Rio, dos atletas Sacadura e Gago Coutinho!

É a epopéia! Venham cantá-la tubas mais altas do que a minha.

^{xxi} Diz muito bem o ilustre general Correia Barreto M. D. Ministro da Guerra, no seu belo ofício, adiante reproduzido, que entre Portugal e Brasil, nenhuma língua fala senão a portuguesa. Assim é, excetuando as Canárias, que são adjacências do continente africano, toda a terra e todo o Atlântico, desde a foz do Minho à foz do Chuí, na extensão de 76 graus, é coberta pela nossa língua, equivalente a 21 1/3 % da redondeza da Terra!

^{xxii} Esta ode foi feita à vista do *Regimento* ou roteiro de viagem de Cabral, feito por Vasco da Gama, o qual dá assim:

“se tornarem antes a ilha de São Nicolau, no caso desta necessidade pela doença da Ilha de Santiago a popa, fazerem seu caminho pelo Sul. E se houverem de guiar sempre sobre a banda do Sudoeste. E tanto que neles der o vento escaso devem ir na volta do mar até meterem o cabo da Boa Esperança, a Leste franco” (Do regimento dado de Cabral por Vasco da Gama. Publicado em fac-símile pela primeira vez em 1900 com deficiências. Reproduzido agora com mais clareza na monumental *História da Colonização Portuguesa* no Brasil, de Malheiro Dias, no primeiro fascículo, com legenda de ouro no pórtico monumental da entrada)

“Até meterem o cabo a leste franco?”. Mas se, como se vê num mapa qualquer, é de 33’ latitude Sul do Cabo, pô-lo a leste franco, serão 35’. Sabia Vasco da Gama que Cabral não podia navegar no rumo Sul ou Sudoeste de São Nicolau até 35’, porque encontraria terra aos 8’ (Santo Agostinho) ou aos 17’ como encontrou, a Cabrália - Vera Cruz! Tanto Gama sabia disso, que o avisa, nesse Regimento, que Cabral não precisa tomar água em Cabo Verde, porque “como forem na dita paragem” (leste-oeste do Cabo da Boa Esperança) não lhe mingará tempo... com ajuda do nosso Senhor”.

Depois desse documento, só continuará a negar a intencionalidade da descoberta do Brasil - quem preferir o sofisma à verdade histórica, provada por documentos e pelos fatos.

^{xxiii} Escrita treze anos antes de Santos Dumont maravilhar o mundo dando direção no *Demoiselle*, no vôo em torno da torre Eiffel. Antes de conseguir o reino das águas, o homem conquistou o mundo dos peixes.

Em maio de 1922, diz Santos Dumont ao *Excelsior*:

“Imediatamente adaptei o motor ao dirigível que foi o Santos Dumont n. 1... Acabei por ter a *Demoiselle*, que me permitia pequenos vôos muitos baixos.

Mauricio Farman era de opinião que eu jamais conseguiria realizar outros. Uma noite, em seguida a uma aposta, partindo de Saint-Cyr, pousei diante do seu atelier, tendo executado um vôo de uns trinta quilômetros por cima de árvores e outros obstáculos. Ganhara. Ele pagou uns vinte almoços ou jantares...

As vezes, subo, como passageiro, em um dos aviões da Escola de Marinha e vôo à baía do Rio de Janeiro. Não sou mais piloto. É preciso saber abdicar. Domingo, tomarei lograr, como convidado, no esférico do Aeroclube. Isso me fará reviver o passado...” (d’*O Imparcial*, de 26 - VI - 22)

Quanto aos submarinos, a primeira experiência fez-se em 1863; depois, Peral, 1888, Goubet experimentou o *Nautillus* espanhol, que não passou de experiência. Veio depois um oficial da marinha portuguesa inventou o *Espadarte*. Foi o precursor das naves submarinas que, durante a guerra, os alemães levaram de Hamburgo a Nova Iorque com anilinas e do Báltico ao Bósforo pelo Atlântico a afundar encouraçados.

[Errata: Foi o nome de Goubet posto fora do seu lugar. A primeira experiência de que tenho notícias, feita com um barco submarino, foi o de Goubet, 1864, França. Depois, Peral, na Espanha, em 1888.]